

UNIVERSIDADE GAMA FILHO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

POR QUE FLAMENGO?

Marizabel Kowalski

Dezembro de 2001

FICHA CATALOGRÁFICA

(Catalogado na fonte pela Biblioteca Central da Universidade Gama Filho)

Kowalski, Marizabel

Por que Flamengo? Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2003.

392 p. : il., gráf.

Texto premiado no I Concurso de monografias, dissertações e teses, 2001 e incluído no CD-ROM do concurso.

Inclui bibliografia.

ISBN: 85-7444-047-7

1. Clube de Regatas do Flamengo - História. 2. Clubes de futebol - Rio de Janeiro (Cidade) - História. 3. Futebol - Rio de Janeiro (Cidade) - História. I. Título.

CDD 796.334098153

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	5
LISTA DE GRÁFICOS	7
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
INTRODUÇÃO	11
PARTE I – O QUE NÃO EXPLICA O FLAMENGO	33
1. O desempenho do clube	35
1.1 Flamengo e o Campeonato Estadual	36
1.2 Flamengo e o Campeonato Nacional	37
1.3 Flamengo e as Copas do Mundo	45
1.4 Flamengo e os campeonatos internacionais	48
2. Rivalidades dos clubes diante do Flamengo	57
2.1 Flamengo e Fluminense	59
2.2 Flamengo e Vasco	66
2.3 Flamengo e Botafogo	73
3. A concessão patrimonial na era Vargas	81
3.1 Além da política	93
PARTE II – FLAMENGO: UMA QUESTÃO SOCIOLÓGICA E HISTÓRICA	103
4. A invenção histórica do Flamengo	105
4.1 A construção histórico-social do Flamengo	111
4.2 A apologia do Flamengo	119
4.3 O bairro do Flamengo e o Flamengo de Regatas	122
4.4 Do grupo de regatas... ao Clube de Regatas do Flamengo	124
4.5 Flamengo entre o remo e o futebol	130
4.6 Flamengo da praça do Russel	138

5. O Flamengo e o novo sonho de viver do futebol	161
5.1 Flamengo: amador + profissional + popular = ISMO	168
5.2 O futebol que ultrapassa a simbiose dos “ismos”	171
5.3 Política, religiosidade e futebol	173
PARTE III – A INVENÇÃO POPULAR DO FLAMENGO	191
6. A expressão artística do Flamengo	193
6.1 Flamengo das caricaturas	195
6.2 Flamengo das fotografias	219
6.3 Flamengo das pinturas	234
6.4 Ética, estética e subjetividade na expressão artística do Flamengo	242
7. Flamengo como referencial musical	251
7.1 Flamengo e as canções populares	255
7.2 Sociabilidade e pertencimento	257
7.3 O desejo: carência ou potência	264
7.4 Nostalgia e esperança: romance e religiosidade	270
8. Flamengo dos carnavalescos aos poetas	285
8.1 O Carnaval do Flamengo: paixão e diversão	285
8.2 Meus versos... são versos teus, Flamengo	301
8.3 Identidade: coesão e identificação	303
9. Flamengo das crônicas e da literatura	323
9.1 A expressão pública e a invenção da tradição do Flamengo	323
CONCLUSÃO	359
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	371
Fontes	371
Livros	373
ANEXO – CONCLUSÃO PARTICULAR	385

LISTA DE TABELAS

1. Títulos dos clubes mais populares dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo	36
2. Títulos por clubes no Campeonato Brasileiro	37
3. Títulos do Campeonato Brasileiro por Estado	38
4. Copa do Brasil	39
5. Média de público: Estadual Rio/Estadual São Paulo/Brasileiro	40
6. Maiores públicos nos clássicos: Rio de Janeiro e São Paulo	41
7. Média de público: Fla x Flu, Fla x Vasco (RJ) e Corinthians x São Paulo, Corinthians x Palmeiras (SP)	42
8. As torcidas no Campeonato Brasileiro	43
9. Os vinte maiores públicos	44
10. Os dez menores públicos	45
11. Jogadores por clube e participações nas Copas de 1930 a 1994	46
12. Participação dos jogadores por estado	47
13. Número de gols por estado	47
14. Número de gols por clube brasileiro	48
15. Mundial de Clubes: títulos conquistados por clubes brasileiros	49
16. Títulos dos clubes brasileiros na Taça “Libertadores da América”	49
17. Mercosul	50
18. Conmebol – Confederação Sul-Americana	50
19. Títulos dos clubes mais populares do Rio de Janeiro e São Paulo	51
20. <i>Ranking</i> nacional de clubes	52
21. <i>Ranking</i> Fla x Flu por campeonato	60
22. <i>Ranking</i> Fla x Vasco por campeonato	67
23. Resultados Fla x Vasco	68
24. Índice de aproveitamento Fla x Vasco	69

LISTA DE GRÁFICOS

1. Média de público nas finais do Campeonato Brasileiro – Flamengo Campeão	41
2. Resultados Fla x Vasco	68
3. Índice de aproveitamento Fla x Vasco	69

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

CARICATURAS

Henfil e o Urubu	196
Lan e Henfil	217

FOTOGRAFIAS

Time do Bangu que disputou o I Campeonato Carioca de Futebol, em 1906	75
Time de Futebol do Flamengo, em 1915	76
Time de Futebol do Fluminense, em 1916	77
O Vasco da Gama, primeiro time brasileiro formado, em sua maioria, por negros (1923)	78
Rua Paissandu, 1864	150
Palmeiras da rua Paissandu, 2000	151
Praia do Flamengo, 1906 e 2000	152
Avenida Beira-Mar, Flamengo, 1925 e 2000	153
Praia do Flamengo, 27.4.1906	154
Praia do Flamengo, a grande ressaca (24.4.1906)	156
Praia do Russel, 1903	157
Beira-Mar, Flamengo, 1906	158
Muralha da Beira-Mar, Flamengo, 1906	159
Torcida rubro-negra	221
Cerveja Flamengo, 1928	222
Cervejas Flamengo, 2000	222
Baús funerários, 1998	223
Jogo de botão, 1998	224
Pebolim, 1998	225
Zico, 1998	226
Zico, 1998	227
Jogo de mesa (palitos de sorvete, cabo de vassoura), 1998	228
O torcedor do Flamengo, 1998	230
A camisa rubro-negra, 1998	232

PINTURAS

- José Sabóia. *Flamengo*. [s.d.]. Acrílico sobre tela, 33 x 46 cm.
Coleção Galeria Contorno 236
- Roberto Magalhães. *Zico*. 1984. Óleo sobre tela, 44 x 27 cm.
Coleção Andréa Campos Brown 237
- Rubens Gerchman. *Flamengo tricampeão*. 1982.
Acrílico sobre tela, 145 x 195 cm. Coleção Márcio Braga 238
- Cláudio Valério Teixeira. *Gol do Flamengo (Vermelho e Preto)*. 1982.
Óleo sobre tela, 80 x 140 cm. Coleção Max Perlingeiro 240

.1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como primeiro objetivo avaliar criticamente algumas explicações para a popularidade do futebol do Clube de Regatas do Flamengo, defendidas ou, até o momento, supostas por autores, jornalistas, cronistas e, como consequência, formular novas interpretações alternativas. Se, por um lado, o Flamengo é uma instituição esportiva como tantas outras no Brasil, por outro, chama a atenção pela grande torcida estadual e nacional, em dados estimados estatisticamente. Esses números são interessantes para despertar a análise e também pela atribuição ao clube de um espírito ou mística particular. A questão é simples: como se fez a popularidade do Flamengo e qual a relação da mesma com as características de sua identidade?

A intensidade com que os brasileiros apreciam o futebol compõe um arsenal de ritmos, canções e ritos, ensaios, crônicas, críticas, interpretações, credos e teorizações, histórias e estórias, ingredientes da tradição brasileira, instituindo-se como parte de um processo resultante em povo, país, nação, nacionalidade, civismo, brasilidade, descritos por autores de maneira a definir formas inusitadas e românticas sobre o clube.

O futebol é constituinte de propriedades e fatos que podem vir a justificar a relação entre o modo de vida do povo brasileiro e a força do esporte popular de massa em contornos especiais: no registro e na compreensão da forma pela qual a sociedade constrói as instâncias formadoras de hábitos,

crenças, paixões, condutas e, sobretudo, sua auto-imagem. O esporte oferece dimensões importantes, ainda não medidas e/ou mediadas pela interpretação científica. Acima de tudo, a compreensão do fenômeno esportivo recriado pela imprensa destaca o romantismo na relação com o futebol. Por isso, previne-se que a importância aqui dada à história não se restringe à enumeração de fatos, mas na interpretação, justificando em *Por que Flamengo?* que o objetivo da proposta é a explicação da integração do clube à estrutura social da comunidade carioca e à cultura popular do futebol no país.

A relevância também não se prende somente a uma alusão à história da fundação e à participação do time de futebol do clube em certames esportivos, mas na confirmação de que as conquistas não justificam, como explicação, a preferência popular. Afirmamos que o esporte possui normas, leis, regulamentos e uma história própria, inserida e dinamizada no cotidiano do cidadão, integrando-se como dimensão de história maior, mais abrangente. Assim, o objetivo aqui não se concentra em traçar uma linha divisória entre a cultura popular e o feito esportivo, pois temos o entendimento de que a história do Brasil e a do Rio de Janeiro passam “paralelamente” pela compreensão do fenômeno “futebol” e “Flamengo”.

Numa primeira hipótese negativa, podemos considerar que a popularidade do Flamengo não está correlacionada com o desempenho do time de futebol – número de títulos conquistados –, nem com o número de jogadores cedidos¹ para a composição da Seleção Nacional, nem pela participação estadual, nacional e internacional do clube.² Não se restringe também às rivalidades entre Flamengo e Fluminense, Flamengo e Vasco ou Flamengo e Botafogo, muito menos às concessões governamentais de créditos financeiros e/ou doações patrimoniais.

Entretanto, outros enfoques relevantes serviram para clarear as trajetórias do Clube de Regatas do Flamengo, no sentido de apreciar a própria crítica tradicional ao futebol. Buscamos na memória dos jornalistas esportivos revelada nos seus ensaios, nas crônicas e nas críticas sobre o futebol, uma fonte de pesquisa. Concordamos com Lovisolo, em que:

É bem possível que o esporte moderno não existisse se os jornais e os jornalistas o tivessem ig-

norado. (...). Para os pesquisadores em história e sociologia dos esportes, o jornalismo foi e ainda é uma importante base de dados e de interpretações. (...) O jornalismo é uma fonte insubstituível de conhecimento empírico e compreensão de processos. (2001, p. 77)³

Assim a versão jornalística está embutida de pontos de vista dependentes de opiniões, críticas, narrativas e descrições destes fatos com sentimentos de paixão, emoção e excitação sob a influência de multidões extasiadas de torcedores, e como torcedores. Parece estar aí o elo para a análise científica, em que se tem como objetivo explicar um contexto esportivo específico, transformando os fatos jornalísticos em mais uma fonte a ser explorada. Fazemos destas referências – as manifestações de adesão, o apego, a dedicação ao clube – um componente cívico, constituído por identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares, partes relevantes para as inter-relações da circularidade cultural do país em torno do futebol, “elos” que sustentam o entendimento de singularidade para a explicação da popularidade do Flamengo.

Destes símbolos e valores destacamos alguns que afloram na literatura dedicada ao Flamengo na relação entre futebol–torcida–Flamengo e literatos.

O Clube de Regatas do Flamengo foi o núcleo de onde irradiou a avassaladora paixão pelos sports. (João do Rio, *Pall Mall*, Rio de Janeiro, 1916)

Há no Flamengo esta predestinação para ser, em certos momentos, uma válvula de escape às nossas tristezas. (...) Ele não nos enche a barriga, mas nos inunda a alma de um vigor de prodígio. (José Lins do Rego – *O Globo*, 5.2.1955)

Quando o Flamengo vence, seus adversários se sentem menos derrotados, e quando perde, se sentem mais vitoriosos. (...) Há jogadores de dis-

creto rendimento que vestindo a camisa flamenga se revigoram, se desdobram e se superam. Onde o dever profissional se desfaz dos aspectos mercenários e se torna ideal. (Henrique Pongetti – *O Globo*, 30.11.1955)

O consumo de bebidas na cidade quadruplicou no domingo e a produção nas fábricas ficou reduzida quase à metade na segunda-feira; inimizades foram esquecidas e novas amizades feitas nas arquibancadas, irmanadas pelo sentimento comum de amor ao clube mais popular do Brasil. Do urubu levado a campo à lua que surgiu no finzinho do jogo sobre os refletores, todos homenagearam a vitória do Flamengo, que devolveu ao Rio de Janeiro o sorriso de seu povo. (Anderson Campos – *Jornal do Brasil*, 3.06.1969)

Ser Flamengo, não é sentimento de amor clubístico, de paixão esportiva, de predileção pela camisa, pelas cores, pela história deste ou daquele clube (...) Vá explicar uma coisa destas! Vá dizer que o Flamengo é a alegria do pobre, que o Flamengo é o ópio do povo, que o Flamengo é isto ou aquilo, que é mistura de carnaval, Flamengo é macumba, Flamengo é cachaça, Flamengo é esperança, Flamengo é reza, samba, trem da Central, sinuca, caixa de fósforo, asfalto, Flamengo é pandeiro, bandeira alegre, bandeira triste, palavrão, superstição, decepção, bofetão, frangeiro é a mãe, rabo de arraia, capoeira, briga no barbeiro, tudo isto é um Flamengo que se um fluminense quiser explicar – acaba maluco e a família não sabe. (David Nasser. *Flamengo – Alegria do Povo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1970).

Alma, garra, flama, gana
 Rubro-negro é meu mal
 (...)
 Sou cem mil na arquibancada
 Mais cem mil na Social
 (...)
 No gramado e no placar
 Sou um zero triunfal.
 (*Rei no Maracanã*, do poema *Rei sem sono*,
 Homero Homem)

Nestas alusões ao Flamengo, o clube é considerado o difusor dos *sports* por João do Rio, passa a ser “válvula de escape” para Lins do Rego, não justifica sua popularidade pela “tradição e sua história”, segundo David Nasser, é uma “construção mitológica” para Henrique Pongetti, é também “manifestação coletiva” para Anderson Campos e, por fim, Homero Homem é simplesmente um “anônimo” perante o seu clube.

A alteridade do Flamengo fornece condições concretas na permanente presença na história do futebol, dado que ela não pertence apenas a uma geração e não se restringe aos que vivem. Por isso, a condição de ter a popularidade como relação, os processos de mediações simbólicas não somente engendram, mas provocam uma fusão entre o sujeito e objeto, pois estes são a expressão entre o espaço dos símbolos e uma estrutura peculiar, ou seja, o cotidiano do torcedor e o clube numa relação entre carisma e popularidade. Assim, passamos a afirmar que tanto “carisma” quanto “popularidade” estão associados a um simbolismo, cujo aspecto peremptório da mensagem carismática – “Flamengo até morrer”, ou ao contrário, deliberadamente sensível e concreto “Pra sempre Flamengo” – sustenta-se na utilização mais ou menos suspeita do imaginário; entretanto, estas metáforas carismáticas não são produto de uma imaginação alienada.

Esse é o aspecto principal, mesmo que a verdade histórica (visão clássica) fosse desvelada, descoberta e provada, uma alusão “verdadeira” não traz nada de essencial para a compreensão ideológica da imagem do clube na sociedade, pois esta é sempre mais ampla, mais profunda, ligada à tradição

cultural dotada de uma lógica independente das alusões históricas. Portanto, temos como hipótese central que a tradição inventada é a verdadeira chave ideológica da imagem do clube, e esta confunde-se intimamente com as idéias românticas que deram origem ao Flamengo. Assim, apresentamos alguns pontos referenciais para a construção da popularidade do time de futebol do Clube de Regatas do Flamengo:

1) Com o surgimento do esporte, os grandes espetáculos começam a centralizar multidões, e a sociedade enfrenta novos estilos, modos que começam a ser assimilados e a se contradizer, como por exemplo, as mulheres trocam as saias e vestidos pelos *jeans*, calças e sapatos, num molde esportivo e de livre movimento. Os novos modos do comportamento são mais abertos e comuns. O tempo do trabalho é contado regularmente, em virtude do tempo livre. O *rhythm and blues* dos negros americanos e, no universo do esporte, a dança e o futebol ocuparam um lugar privilegiado. Estas concentrações públicas geraram os fã-clubes das estrelas e os torcedores do futebol. Estes lugares dão-lhes a ilusão, por um momento, de poderem ser uma dessas beldades, que começavam a surgir na classe operária ou na classe média baixa, como Mick Jagger, Peter Towshend, The Who ou ainda, John Stephen, onde operários se tornavam heróis da juventude da noite para o dia. Jogadores de futebol como Leônidas da Silva, Didi, e mais tarde, na década de 1960, Garrincha e Pelé, os gurus nacionais da geração moderna, jovem, ativa e romântica, arrebatando um estilo de vida de verdadeiro escapismo. Eram otimistas da transformação urbana, que acreditavam numa espécie de elevação social e cultural, tomando partido de tudo que era novo.

A materialização de uma aspiração de toda uma geração a outros valores culturais (os quais eram, na realidade, da classe média alta e culta, cujo discurso social era o debate entre os modernistas que se adaptavam e os integralistas que procuravam refúgio nos valores tradicionais), bolas de futebol, camisetas e *jeans*, seriam estes que no futuro, a cada feriado, desembarcariam nas praias para relaxar, encher os hotéis, os bares, os cinemas e os estádios de futebol. Com mais algumas codificações era o que a década de 1920 poderia prever. Esta juventude se tornaria, em breve, apreciadora e transformadora do futebol em esporte nacional pela afirmação dos valores operários, da virilidade e da masculinidade,⁴ muito menos do que a solidariedade, e com mais um pequeno toque, o prazer da emoção pelo futebol.

A mentalidade da juventude das décadas de 1930 a 1970 está contida numa gama de nuances de modas, de desejos, comportamentos e condutas que imperaram em definir cada estilo expresso na linguagem. Essa expressão contribuiria para reforçar as identidades e os modos de vida de muitas gerações futuras, fãs de *rock and roll* optaram por determinar a liberdade de escolha de seu próprio estilo de vida, seu esporte e sua tribo. Já as décadas de 1970 e 1980 foram tomadas por um verdadeiro movimento da juventude: os movimentos esportivos comunitários como Mexa-se e EPT, até quando o Brasil foi tricampeão mundial de Futebol (“Prá Frente Brasil”, “país do futuro”), além da alusão à repressão em “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

Helal compreende que:

Os eventos esportivos são vividos como momentos especiais, destacados da vida diária, ocorrendo em lugares apropriados que lhes conferem um caráter extraordinário. Essa tendência a se destacar da vida diária, a se construir em um momento de celebração e de festa, deve-se ao fato de que a própria sociedade costuma “eleger” o esporte para expressar seus sentimentos mais profundos. Isto porque os fazem diferentes e únicos a seus próprios olhos. O universo do esporte, com seu espírito de competição e um discurso meritório de conquistas e derrotas é um terreno fértil para estas exaltações e comemorações. Assim, a sociedade encontra aqui a oportunidade de revelar alguns de seus segredos mais profundos, fazendo uma representação de si para si mesma. Em uma análise sobre os momentos festivos Roger Caillois diz, por exemplo, que o indivíduo no seu cotidiano “vive na recordação de uma festa e na expectativa de uma outra, pois a festa figura para ele, para a sua memória e para o seu desejo, o tempo das emoções intensas e da metamorfose do seu ser”. (2000, p. 4)⁵

Parece evidente, que a formação normal de uma multidão torcedora implica a coincidência de desejos, de idéias, de modos de ser dos indivíduos que a integram. “Pode-se até arriscar a dizer que massa é todo aquele que não atribui a si mesmo um valor bom ou mau por razões especiais, mas que se sente como todo mundo e, certamente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais”, de acordo com Ortega y Gasset (1987, p. 35-49). Entretanto, não é toda concentração humana que constrói elos, o sentimento silencioso ou audacioso da participação coletiva. As pessoas dentro de um vagão do metrô, de um ônibus, apertadas na intensa concentração, estão em ambientes que nada geram além de irritação e fadiga. É necessário haver um centro de reuniões, um catalisador que estimule as multidões e lhes confira um caráter especial. As imagens de poder, a atração, os símbolos servem para sobrepujar o cotidiano, criar o imaginário de participação em um mundo mais vital, sensual e/ou carismático.

Formas comuns de participação retiram sua energia dos movimentos sociais, que incluem as figuras públicas, a idolatria aos heróis do esporte e de figuras ligadas ao mundo artístico que caracterizam a cultura ocidental moderna. Atletas, astros de cinema, cantores, artistas famosos, certos políticos e outros ícones, como os clubes esportivos, todos são considerados figuras carismáticas modernas (Lindholm, 1993, p. 206-207). Essa atribuição pode ser considerada correta, na medida em que todas estas figuras realmente proporcionam centros para reunião das massas e para a expressão de unidade carismática compactuada entre os fãs. Nestas condições, o carisma se tornou, como afirma Bryan Wilson (1957, p. 125), “um simples divertimento”, proporcionando às massas uma redenção momentânea do cotidiano, a participação de um momento vital de uma vida com poucas regras e uma oportunidade efêmera de excitação, sensações primárias, relações pessoais e uma materialidade imaginada.

Estas alternativas fornecem apenas divertimento circunstancial para o público de um modo geral, que se identifica por delegação com vidas vividas num ritmo frenético de emoções sem correr nenhum risco. Este é o carisma considerado como “válvula de escape”, pois conduz as energias reprimidas do cotidiano ao ritual e à fantasia, enquanto ao mesmo tempo abastece o emocional.

Portanto, sabemos que o carisma oferece a força e a imaginação para mudanças. Além disto, ele também pode ser, de acordo com o pensamento de Weber (1999, p. 323-330), um fator de manutenção da ordem e/ou rompimento do cotidiano. Nas condições de fragmentação e isolamento da modernidade, ameaças à identidade pessoal podem ser evitadas pelos participantes em coletividades reunidas ao redor de figuras carismáticas, sendo que o líder carismático pode levar a uma ordem que funcione. Tal participação pode oferecer um período de descanso ou um momento de transição, dando força e sustentação para a construção de uma nova identidade.⁶

Na essência, o carisma possui um conteúdo substantivo além de ser uma experiência momentânea de êxtase, proporcionando um momento profundo e transcendente, oposto à alienação e ao isolamento do mundo material, onde uma lembrança sobre a qual a vida comum pode ser construída. O paradigma estabelecido por Durkheim e Weber sustentado *pela teoria psicológica alega, de fato, que a sociedade se baseia numa comunhão profundamente evocativa do eu com o outro, uma comunhão que não oferece a razão, mas sim a vitalidade experimentada*. Sem esta dissolução eletrizante de fronteiras, a vida perde o seu sentido e sabor, a ação perde força e o mundo torna-se sem cor e monótono. Entretanto, percebemos que o importante não é saber se tais momentos de desprendimento e comunhão continuarão existindo. Eles fazem parte da nossa condição humana. A questão é saber que forma estes momentos terão e quais serão os “elos” de apreensão entre os grupos? O que determina os estilos do torcer pelo futebol, seus valores e símbolos?

2) Quando o esporte moderno surgiu no início do século, apareceu o jogo esportivo do futebol. O futebol, a música e a moda passaram a ser componentes de uma expressão, de um impulso fundamental, fora de qualquer contexto, um estilo de vida, um simples desejo de gozo. O esporte materializou-se pelo hedonismo, uma espécie de afirmação *ex-nihil*, sem razão de sê-lo, entretanto possuía uma mensagem: um estilo jovem e moderno. Seriam as restrições que iriam lhe dar e revelar nele um papel de aceitação social? Pela contestação e aparas, tornado consciente, teria como consequência aumentar ainda mais, o que parecia que iria, progressivamente e em breve, tornar-se símbolo. Ideologias, popularidade e democracia transformam as restrições em consciência de efeitos, antes fundamentos pejorativos, em bases aceitáveis e apreciadas por grande parte da população.

As circunstâncias do discurso em que nascera o futebol realçavam seu aspecto reativo: tratava-se apenas de uma outra interpretação possível de uma mesma realidade do jovem e o da sociedade em si mesma. Entretanto, ele não ficou sem seu efeito, já que delineou certos aspectos panorâmicos e, principalmente, reforçou sua democracia, privilegiando suas dimensões, contidas desde o início no esporte em estado de virtualidade, mas que até então não tinham sido exploradas. Associaram-no a dimensões de “afirmação étnica”, como ligariam a uma representação social e cultural “da marginalidade” e, mais tarde, à exaltação nacional. Em suma, eles dariam um novo impulso, depois de aceitá-lo, desviando-o para um outro registro de sentidos.

Num mundo onde os modismos e modelos são imprescindíveis, o futebol nasce como movimento de estilo e cria no tempo um lugar inusitado para elaborar uma espécie de resposta a uma evolução, onde é realmente uma maneira de construir elos entre as gerações. Ele permite que a mais global das sociedades como um todo possa fazer a expressão de novas atitudes, agindo como se elas fossem correntes, para ver quais são suas conseqüências e se é possível adotá-las ou, ao contrário, rejeitá-las e como modificá-las para torná-las mais verdadeiras, ou melhor adaptá-las. Assim, podemos notar que nada indica que tenham tido uma clara consciência do objetivo do estilo de vida esportivo, nem mesmo de sua importância. Eles agiram de qualquer maneira, seguindo sua inspiração. Será que faziam literalmente “qualquer coisa”, tudo o que lhes passava pela cabeça, mas unicamente por uma espécie de desejo de vida, de divertimento e de exagero da provocação? Não que estes atos fossem desprovidos de lógica, simplesmente eles não tinham uma estratégia propriamente dita, mas será que estavam imbuídos de uma atitude, que desde o início estava contida, condensada, estampada em seus trajes e comportamentos românticos, que já como forma definitiva enfrentavam a crítica radical dos valores, antecipando alguma revolução que fariam?

Para Lovisoló,

(...) estamos diante de relações supostas para as quais não são apresentados dados; apenas suposições criativas e inteligentes, mas que não podem ser tomadas como hipóteses ou inter-

pretações vinculadas com dados. Não é possível argumentar empiricamente. O que podemos dizer é que as analogias são muito fáceis, emergem espontaneamente, não se pretende discuti-las. Ao contrário, suas forças residem nas suas reiteraões nos trabalhos literários, jornalísticos e acadêmicos que levam água para a tradição inventada. (...) Poderíamos trabalhar com a hipótese de que a tradição inventada tem uma eficácia simbólica ou, em outros termos, o poder das profecias auto-realizadas. Ao serem enfatizadas determinadas características do estilo nacional, obriga-se a um desempenho que aspire estar próximo delas. Ênfato que é uma hipótese que mereceria ser trabalhada, embora as dificuldades metodológicas sejam consideráveis. (...) É mais que evidente que o romanticismo populista permeia a invenção da tradição: a cultura surge do povo e, sobretudo, da parte mais excluída ou marginal, o futebol leva a marca profunda da cultura, da música, da dança e da luta, dos que dela se apropriaram em cada contexto nacional ou regional. (...) As elaborações românticas e populistas, por vezes vinculadas a infantilização e vitimização do povo, pareceria que realizaram uma grande contribuição em termos de valorização da cultura nacional e da produção cultural dos populares. A valorização centra-se em tomar elementos da cultura expressiva, dança, música e as lutas estilizadas. O que se valoriza, então, são os traços estéticos da cultura popular: carnaval e samba, o tango e o futebol. Esta valorização pode no fundo ser produto de uma espécie de compensação da desvalorização no plano da razão e da vida instrumental, da condução e da gestão. (2001, p. 96-97)

Como se apenas sua aparência já esgotasse seu sentido e como se, no fundo, lhes bastasse permanecerem fiéis a ela, para operar a “revolução simbólica”. Uma fisionomia, uma sinfonia de cores, um sistema de mitos e idéias feitas, um panteão de heróis reais e imaginários, mas também um modo de vida que se imiscuía em todos os atos e legislava sobre todos os assuntos, assim como a escolha de um clube para torcer.

3) As histórias dos clubes são marcadas cada uma por suas lógicas e objetivos determinados, como sugere a relação entre a história da cidade do Rio de Janeiro e os clubes cariocas, tomando como exemplo os quatro maiores:

a) o Fluminense, nascido na Zona Sul do Rio de Janeiro, é reconhecido pela sua aristocracia. Nasceu como clube e sua função social e objetivos eram predeterminados. Permanece no local de fundação no centro urbano da cidade, ostentando uma arquitetura do século passado em sua fachada, e sua tradição de clube elitista ainda se mantém.

b) o Clube de Regatas e Futebol do Botafogo até hoje está situado na Zona Sul do Rio de Janeiro, no bairro de mesmo nome, junto à praia, também de Botafogo. Apesar de passar por grandes perturbações financeiras e de locações desde 1916, no início de década de 1980 retornou ao “ninho” do século passado, em definitivo. Porém, já teria nascido como clube de regatas. Ostenta uma fisionomia arquitetônica tradicional do século XIX, embora seu nascimento tenha sido ao redor de um grupo de estudantes não tão elitistas.

c) o Clube de Regatas Vasco da Gama não é um caso à parte na tradição. Nasce como clube de regatas e permanece em São Januário. Possui a segunda maior torcida do Rio de Janeiro e defende a égide sob o símbolo de democracia no futebol, onde os outros três clubes saíram do meio elitista, o time de futebol do Vasco da Gama foi formado por negros e brancos pobres e comandado por comerciantes portugueses. Foi marcado pelo “estigma luso” e permanece atrelado a ele atualmente. Assim, no folclore brasileiro do meio futebolístico, é comum expurgá-lo com piadas.

d) Já o Flamengo nasce na Zona Sul do Rio de Janeiro, como um grupo de regatas, em frente à praia do mesmo nome. Não possuía canoas para

regatas, nem campo de treinamento para o futebol, quem diria uma sede com aparência de clube. Não possuía sequer um terreno que suportasse fisicamente sua construção. No início, faz empréstimo do campo do Fluminense, depois passa a alugar um terreno da praia do Russel, logo arrenda o campo do Paissandu, mas é despejado pela família Guinle, proprietária do terreno.⁷ Na década de 1930 dirige-se ao subúrbio da Gávea, bairro popular que estava iniciando sua urbanização, cujo terreno era julgado inadequado para construção, necessitando de aterro. O Flamengo saiu da zona urbana, socialmente aristocrática, e acabou no subúrbio; hoje, com uma área esportiva comparável a qualquer grande clube, possui a maior torcida do estado do Rio de Janeiro e do País. É um dos clubes mais modernos em estrutura física, mas fica a dever em número de sócios para os outros três.

O caminho que seguiu o Flamengo materializa o próprio fluxo urbano dos grandes centros, o direcionamento dos indivíduos da periferia para o subúrbio. A nova estruturação da cidade do Rio de Janeiro, a transformação das áreas periféricas em habitáveis, modificando o olhar do comércio, estruturas modernas de moradia popular, trabalho e lazer levam o clube a se fixar no bairro da Gávea, em uma estrutura moderna, que jamais faz lembrar o passado, abandonando totalmente o complexo urbano da zona dos grandes clubes tradicionais. No período de 1895 a 1938, o Flamengo não construiu uma sede nem ostentou a tradição de marcar os locais de sua passagem – seus elos eram fixados nas relações sociais, e seu time visto por todos os recintos.

Entretanto, hoje os estudos destas instituições identificam valores e concepções como “o espírito do Flamengo”, que se infiltraram no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, na literatura, nas crônicas, nos jornais, no rádio e no próprio contexto social, percorrendo bairros, caracterizando um “ciganismo”, cujo estilo se parece com o da população no início do século.

Nessa época, o jornalismo tornou-se a grande literatura; cronistas e poetas eram participantes assíduos dos jornais, da mídia que ainda se compunha do rádio. Até então, o futebol do Flamengo era o da praça e da rua, nas quais pesa parte de referências a sua popularidade. Assim,

temos que cada literatura, cada crônica ou fala no rádio possuía e possui os seus mais variados apelos, o seu vocabulário próprio, a sua melodia, a sua entonação, isto é, a sua figura verbal e musical – todos estes elementos não estavam alheios ao cidadão comum e/ou popular e também à elite, pois se refletiam sobre esses o contexto da urbanização, e a vivência social, cultural, econômica e cotidiana da vida no Rio de Janeiro. Assim, por que os clubes estariam alheios a estes acontecimentos que imperavam na cidade? O caso do Flamengo, sem lugar para treinar, sem possuir ainda estrutura fixa, refletia o povo em suas idas e vindas a fim de buscar um lugar adequado para se estabelecer – da praça pública, da rua à Gávea? Todos estes elementos narrativos trouxeram o seu óbolo de contribuição à popularidade do Flamengo, ou à afirmação de uma tradição inventada a este respeito?

4) O universo literário é abundante em informações acerca dessa época, pois encontramos em crônicas, relatos, fotografias, poesias e telas dos mestres e dos torcedores do Flamengo, assim como nas descrições detalhadas de alguns jogos, a menção e a pintura de tudo que tem relação com o Clube de Regatas do Flamengo. Especificamente em relação ao time de futebol, as informações estavam e estão inteiramente dentro do espírito e do gosto da época. Sua melodia e seu ritmo são uma espécie de sinfonia permanente de reverência que ainda ressoa na cidade, no estádio, nas ruas e nas praças, deste tempo e de outros, que, de uma forma correlata, remanescente de outros, são vivos e inteiramente modernos, atuais. Assinalamos que as marcas de exagerações materiais positivas, encontradas em todas as épocas na literatura sobre o Flamengo, simbolicamente colaboraram para a mitologização do clube, cuja importância é revelada para a explicação da popularidade. Da literatura em forma de jornais, revistas, livros, crônicas, poemas, música, pintura, charges, desenhos, souvenirs, estas histórias e estórias de todas as épocas são formas de documentos nas quais podemos identificar o cotidiano da cidade, no sentido de que o futebol se afirma como esporte nacional e o Flamengo seria o mais popular e que faria parte na vida cotidiana na literatura das várias gerações, possuindo destaque como “acontecimento”⁸ na tradição da cidade.

5) Para Hobsbawm, “a invenção das tradições possui um traço cronológico situado de trinta a quarenta anos antes da Primeira Guerra Mundi-

al' (1997, p. 271).⁹ Coincidentemente, é o período do surgimento e da proliferação dos clubes esportivos e do futebol no Brasil. As tradições políticas surgidas em estados ou os movimentos sociais e políticos organizados, os grupos sociais e não-oficiais, assegurados por instrumentos novos, conseqüentemente expressam identidades e coesão, estruturando-se em relações sociais adotadas por instituições com objetivos políticos, ilustradas pela genuína repercussão popular. Seu objetivo maior é a unidade seguida da padronização e determinação da obediência, lealdade e cooperação. Como representação das tradições políticas e sociais, as invenções tradicionais aparecem sob a forma de institucionalização dos cerimoniais públicos e monumentos, expressadas como obras do Estado. O esporte também é visto com características institucionais e sociais. As questões centralizadas em Hobsbawm são em que momento a tradição se diferencia da passividade entre o uso e o costume, ou seja, quando ocorre a ruptura da tradição na história e no tempo? E ainda, por que certas tradições possuem fissuras na sua história e, entretanto, continuam a ser evocadas num tempo transcendental? E finalmente, o tempo determina o que é tradição, ou a tradição é determinada pelo tempo do uso e do costume popular? Isto aponta para o fato de que quando damos conta da tradição, do herói e do mito, estes já estão construídos e, portanto, em que tempo este pensamento fez criá-los?

Os acontecimentos parecem-nos ser uma esteira de um tal tempo, com um tal terreno. Os encadeamentos são fracos entre as situações, elos frouxos entre os espaços, aumentando a função do acaso. Emerge uma realidade dispersiva e este acaso encontra o acontecido. Os personagens flutuam em meio às situações. Desfaz-se a história, a ação e a reação e ressurge a tradição. Fica mais difícil dar uma imagem do todo do tempo – orgânica, dialética, espiralada. O próprio jogo (interstício) entre as imagens e as lembranças dos narradores, cronistas sobre o Flamengo, que por associação, visa o todo do tempo da tradição e da popularidade já surgidas, ou seja, o Flamengo de encontro com o acaso se dá por acontecido – criado e absorvido pelo uso e costume popular?

O presente coloca em xeque constantemente, através de seu regime dicotômico, o curso empírico do tempo na reconstrução da tradição, onde herói e mito reelaboram visões clássicas. Na sua busca do transcendental, a

forma moderna do tempo acaba sendo aspirada pela idéia de um exterior como qualquer exterior, mais interior que qualquer interior, matéria-prima do tempo. Podemos reiterar aqui a frase que caracteriza a filosofia de Deleuze (2000, p. 133-134) como um todo: “o específico de uma pesquisa transcendental consiste em que não podemos detê-la quando queremos. Como é que poderíamos determinar um fundamento, sem sermos precipitados para além, no sem fim de que ele emerge?”¹⁰

Os elementos percorridos pelos literatos em alusão ao *Flamengo* estão impregnados, em toda a sua diversidade, de unidade popular; eles desmistificam as bases de concepção de mundo que eles próprios fazem recuar para o passado e, ao mesmo tempo em que regurgitam de alusões e ecos da atualidade *política, ideológica e nacionalista, tradicionais e profundamente populares*, criam em torno do clube um ambiente importante de fatores de formação estilística, uma imagem alegre, ousada, licenciosa e franca. Esses gêneros literários preparam a atmosfera das formas e imagens de uma sociedade que está ligada ao futebol, mas especificamente faz do time de futebol do Clube de Regatas do Flamengo um acontecimento da tradição inventada – o *Flamengo*.

Para a comprovação da hipótese elaboramos o seguinte roteiro de trabalho:

PARTE I – O QUE NÃO EXPLICA O FLAMENGO

CAPÍTULO I – O Desempenho do Clube. Enfoca o levantamento estatístico, da representatividade do Clube de Regatas do Flamengo diante de eventos estadual, nacional e internacional. Foram considerados relevantes para a atual análise os seguintes fatos: Copas do Mundo (1930 – 1994), Campeonato Mundial de Clubes, Mercosul, CONMEBOL, Campeonato Brasileiro, Campeonato Estadual do Rio de Janeiro e outros de devida importância. O objetivo central é a confirmação de que os títulos conquistados pelo Flamengo, apesar de expressivos, não justificam a popularidade do clube.

No **CAPÍTULO II – A Rivalidade dos Clubes Frente ao Flamengo** destacamos a importância da rivalidade do Fluminense, Vasco e Botafogo para o Flamengo na construção da conjuntura de sua popularidade. O quanto os outros clubes contribuíram e contribuem para o Flamengo ser o mais popular?

CAPÍTULO III – A Concessão Patrimonial na Era Vargas, evocamos que as doações e favores aos clubes esportivos tornaram-se comuns em muitos governos. Quem levou vantagem na Era Vargas? Será que o Flamengo deve sua popularidade a estas concessões? O que acontece com o esporte – futebol – e o Flamengo **Além da Política**?

PARTE II – FLAMENGO: UMA QUESTÃO SOCIOLÓGICA E HISTÓRICA

CAPÍTULO IV – A Construção Histórica do Flamengo. Uma saga romântica na fundação do Grupo de Regatas do Flamengo – a boemia, a aventura, os tons de uma tragédia marcam as origens do clube. O Flamengo de heróis e malandros está também carregado pela tradição de um bairro da cidade do Rio de Janeiro entre histórias e lendas do povo carioca, entre a “casa do branco” e o “clamor”, o “grito”, os quais viriam marcar a história do clube nas mais expressivas alusões. Os ideais nacionalistas na data de sua fundação no dia 15 de novembro, os nomes indígenas dos barcos, não mais estrangeiros, não mais mitológicos; bem brasileiros, retirados das obras literárias de Tomás Antonio Gonzaga, da ópera *O Guarani* de Carlos Gomes, passando por Gonçalves Dias, José de Alencar aos relatórios das expedições de Cândido Rondon, tornando-se barcos inspiradores junto com seus remadores, personalizados nos poemas de Olavo Bilac, a ode à *Salamina*. Esta época é marcada pela adesão do futebol pelo clube em 1903, cuja participação em campeonatos aconteceu somente em 1912. É neste teor romântico que se constrói a história do Flamengo, entre o remo e o futebol, que a partir da década de 1920, com o profissionalismo esportivo, continua a ser o “clube mais querido” do Rio de Janeiro da época, onde os rapazes do Flamengo faziam ainda questão de manter o ar moleque, alegre das festas da República da “Paz e Amor”. As comemorações carnavalescas com reco-recos, cujo alvo preferido de suas arruaças e brincadeiras de “garajadas” era o Clube Vasco da Gama, adjetivamente “portugueses”. Do campo improvisado da praia do Russel, o terreno do Paissandu, o aluguel do Fluminense.

CAPÍTULO V – Flamengo e o Novo Sonho: Viver do Futebol. Neste capítulo, destacamos alguns temas a serem especulados na construção da popularidade dos clubes através do futebol. A urbanização das

idades e a ritualização dos movimentos de massa como o carnaval, o esporte, o trânsito, os comícios populares e as grandes festas de iniciativa estatal mudaram o hábito e o comportamento. Quais as conseqüências destas mudanças na sociedade brasileira, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo? Como se construiu o “novo estilo de viver”? Qual foi o papel do esporte? Nos primeiros anos da década de 1920, o futebol começa a manifestar mudanças que irão marcar a história do esporte no Brasil. Este envolvimento coletivo estabelece um nexo inextricável entre o espaço físico da cidade e o esporte. Concretiza-se o ápice da propagação e popularidade do futebol nos clubes, nas fábricas, nas indústrias, mudando o cotidiano urbano. Como se dá este processo? Quais suas causas e conseqüências para a cidade e o esporte? Como fica o futebol no início da profissionalização? E a posição dos clubes frente a isso?

1 – Flamengo: Amador + Profissional + Popular + ISMO. Com a estruturação política, social econômica e do regime trabalhista da era Vargas ocorreram mudanças gerais na sociedade brasileira e uma nova administração surgiu para o esporte. Estas mudanças desencadearam o início de estruturação para o futebol em relação à valorização do jogador, tanto social como economicamente, à regulamentação administrativa dos clubes como instituições esportivas de cunho social e profissional. A participação do Estado nas mudanças condicionadas ao futebol desperta o nacionalismo, o patriotismo, o civismo no povo brasileiro.

2 – O Futebol que Ultrapassa a Simbiose dos ISMOS. O ponto culminante da popularidade do futebol é enfocado como a alegria e a tristeza da Copa de 1950, no Rio de Janeiro, no destoamento entre a comoção de crédito antecipado à derrota de 16 de julho. Onde na construção do maior estádio do mundo para o Brasil brilhar, teve o Flamengo como foco primordial.

3 – Política, Religiosidade e Futebol. O futebol voltou a ser a alegria do brasileiro uma semana após a derrota, destacando a ênfase dada ao futebol e à concepção de uma época marcada pela “Simbiose dos ISMOS”, romantismo, populismo, profissionalismo, civismo, patriotismo e flamenguismo.

PARTE III: A INVENÇÃO POPULAR DO FLAMENGO

O futebol do Clube de Regatas do Flamengo, dos literatos (jornalistas, cronistas, músicos, poetas, desenhistas, pintores e fotógrafos) e da expressão pública, se fez referência de uma cidade já caracterizada pela alegria do seu carnaval sendo inventado como uma tradição – o Flamengo.

CAPÍTULO VI – A Expressão Artística do Flamengo – Flamengo das Caricaturas, Flamengo das Fotografias e Flamengo das Pinturas.

Artistas plásticos, fotógrafos e desenhistas inspirados pela repercussão do futebol do clube pintaram o Flamengo. As caricaturas de Henfil e o “Urubu” enaltecem o cotidiano do clube, da cidade e do país, que pelas charges tem-se a visão de uma época elaborada na mais dura das críticas, ou seja, quando é “cômica”. As fotografias mostram nos *flashes surrealistas*, instantes marcantes dentro e fora do estádio. Colaboram para a popularidade do Flamengo também as pinturas, telas que apreendem os momentos da emoção subjetiva do artista, seus sentimentos e apego ao clube.

CAPÍTULO VII – Flamengo como Referencial Musical. Flamengo e as Canções Populares. As canções populares dedicadas ao Flamengo formam um repertório vasto, realizado de modo voluntário ou não pelos autores, cujas canções foram adotadas e cantadas por simpatizantes, ativistas, torcedores e evocadas publicamente, contribuindo para a invenção popular do Flamengo.

CAPÍTULO VIII – Dos Carnavalescos aos Poetas. Sambas e músicas que animaram as festas no interior do clube e tomaram parte do carnaval tradicional da cidade do Rio de Janeiro. Neste tópico passamos dos carnavalescos aos poetas em **Meus Versos... São Versos Teus... Flamengo** aonde homens e mulheres poetaram o clube e seus heróis com seus enredos oníricos e rimas, colaborando para a sua popularidade.

CAPÍTULO IX – Flamengo das Crônicas e da Literatura. A Expressão Pública e a Invenção da Tradição do Flamengo. Cronistas, religiosos, escritores, literatos e jornalistas torcedores ou não, críticos e analistas do futebol e do Clube de Regatas do Flamengo contribuíram para a invenção de uma tradição – o Flamengo.

CONCLUSÃO – A alusão ao Flamengo os literatos (escritores, jornalistas, religiosos, poetas, músicos, carnavalescos e artistas, e também na história da fundação dos clubes esportivos) não fogem às alegorias da tragédia e da comédia, entre o drama do teatro e o revés da vida na alegria eufórica do final do século XIX aos nossos dias. Refletem na mística do magnetismo do rubro-negro, exaltam-no com versões nacionalistas, cívicas, no relacionamento entre o povo-nação e o clube. Das glórias às derrotas, dos contos, poemas e crônicas, da cultura de massa à erudição, encontramos nestas literaturas as mais distintas exacerbações, levadas às mais variadas manifestações culturais nas descrições caricatas, que recorrem à criação de tipos diversos, como símbolos e mascotes do clube: jibóia, sapo, urubu, galinha morta, Peladinho, Popeye, Zé Carioca, etc. Narram em suas descrições os teores românticos, a veemência ao mais querido, ao mais popular clube do país e inventam uma tradição – o Flamengo.

Notas

¹ Utilizamos este termo por considerar a cessão de jogadores um “favor” do clube para com a Seleção Nacional, e pelo devido respeito ao defender o mesmo no uso profissional do atleta, destacando o orgulho da empresa em “conceder” o jogador para representar o país.

² Ver 1.3 Flamengo e as Copas do Mundo.

³ LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R; SOARES, A.J. & LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

⁴ O termo “masculinidade” não aparece neste enfoque com teor pejorativo de dominância, pois parece uma hipótese de que as maneiras femininas também tomaram este rumo, devido às vestimentas (calças jeans, blusões e camisas masculinas eram usadas pelas mulheres). Assim como as maneiras “delicadas” deram lugar a atitudes mais objetivas, acompanhando a lógica dos homens.

⁵ HELAL, Ronaldo. “Campo dos sonhos: esporte e identidade cultural”, 2000, p. 3-4.

⁶ WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 1999, p. 323-330.

⁷ Ver COUTINHO, E. Zelins. *Flamengo até morrer*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p. 19.

⁸ Este “acontecimento” ocorre a partir da “idealização” do Flamengo como produto de uma tradição carioca.

⁹ HOBBSAWM, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

¹⁰ LINS, D. et al. *Nietzsche e Deleuze: intensidade e paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000; para Vico (1982, p. 31), “o verdadeiro (verum) e o feito (factum) são convertíveis”.

PARTE I

O que não explica o Flamengo

.1. O DESEMPENHO DO CLUBE

De acordo com os dados da *Folha de S. Paulo*, da revista *Placar* e da Rede Globo, o Flamengo possui a maior torcida do estado do Rio de Janeiro e também a mais expressiva em nível nacional.¹ Esses meios destacam o Flamengo como o clube preferido por 46% da torcida carioca, seguido do Vasco, com 23%, Botafogo, com 17%, e o Fluminense, com 13%. Para o Brasil, os percentuais são de 37% para o Flamengo, de 21% para o Corinthians e de 14% para o São Paulo (mencionados apenas os três clubes com maior torcida).

Entender o processo de construção da popularidade do Flamengo é um dos principais objetivos da pesquisa. A primeira hipótese a ser levantada é se a expressiva popularidade do clube poderia ou não estar relacionada com o melhor desempenho, medido pela quantidade de títulos conquistados pelo Flamengo ao longo de sua atuação. Assim, o primeiro passo é o da análise comparativa entre desempenho e popularidade.

Flamengo é considerado um clube de muitos títulos estaduais, nacionais e internacionais; entretanto, suas conquistas não justificam sua diferença, em termos de popularidade, diante das conquistas dos outros clubes. Como o futebol brasileiro cresceu em intensidade homogênea por todas as metrópoles nacionais, temos a presença de muitos outros clubes com igual e/ou maior número de títulos. Assim, procuramos demonstrar que não é a relação causal que explica a popularidade do clube.

As estatísticas disponíveis sobre o desempenho dos clubes abrangem: a) campeonatos estaduais, b) campeonatos nacionais ou brasileiros e c) torneios ou confrontos internacionais. Temos também a média de público em confrontos clássicos dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

As estatísticas revelam, ainda, a contribuição dos jogadores por clube e o desempenho em termos de gols, na formação da Seleção Brasileira de Futebol nas Copas do Mundo. Incluímos a representatividade nos campeonatos Mundial de Clubes, Taça Libertadores da América, Conmebol, Copa Mercosul, entre outros eventos nos quais destacamos as presenças de clubes brasileiros.

As fontes utilizadas para o levantamento dos dados fazem parte de pesquisas já elaboradas em forma de literatura (livros, artigos científicos, jornalísticos e revistas especializadas), estatísticas de opinião, histórico dos títulos conquistados dos quatro maiores clubes do Rio de Janeiro e três de São Paulo. Para isso, partimos para uma comparação moldada da seguinte forma: Flamengo e o Campeonato Estadual; Flamengo e o Campeonato Nacional; Flamengo e as Copas do Mundo e Flamengo e os campeonatos internacionais.

1.1 Flamengo e o Campeonato Estadual

Os dados da Tabela 1 destacam os clubes mais populares do Rio de Janeiro e São Paulo que tiveram o maior número de conquistas nos campeonatos estaduais. No Rio de Janeiro, o Fluminense aparece com 28 títulos, seguido do Flamengo com 26, Vasco da Gama com 21 e Botafogo com 17. No estado de São Paulo, temos Corinthians com 24 títulos, Palmeiras com 21 e São Paulo com 19.

TABELA 1

Títulos dos clubes mais populares dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo

RIO DE JANEIRO				SÃO PAULO		
Flamengo	Fluminense	Vasco	Botafogo	Corinthians	S. Paulo	Palmeiras
27	28	21	17	24	19	21

Fonte: *Placar*, n. 1189 A, ago. 2001, p. 24, 32, 44, 48, 76, 104 e 112.

1.2 Flamengo e o Campeonato Nacional

A Tabela 2 ilustra o número de títulos conquistados pelos clubes no Campeonato Brasileiro. O Flamengo (RJ) possui 5, o Palmeiras (SP) 4 títulos de campeão e 2 de vice, o Vasco (RJ) com 4, o São Paulo (SP) com 3 títulos de campeão e 5 de vice; Internacional (RS) e Corinthians (SP) com 3 títulos de campeão e 2 de vice, respectivamente.

TABELA 2

Títulos por clubes no Campeonato Brasileiro

CLUBE/ESTADO	TÍTULO CAMPEÃO	TÍT.VICE-CAMPEÃO
Atlético -MG	01	03
Bahia-BA	01	---
Bangu-RJ	---	01
Botafogo-RJ	01	02
Bragantino	---	01
Corinthians-SP	03	02
Coritiba-PR	01	---
Cruzeiro-MG	---	03
Flamengo-RJ	05	---
Fluminense-RJ	01	---
Grêmio-RS	02	01
Guarani-SP	01	02
Internacional-RS	03	02
Palmeiras-SP	04	02
Portuguesa-SP	---	01
Santos-SP	---	02
São Paulo-SP	03	05
Vasco - RJ	04	02
Vitória - BA	---	01

Fonte: *Almanaque Abril*, 2001, p. 278.

Conforme a Tabela 3, dos 30 campeonatos brasileiros disputados, os estados de Rio de Janeiro e São Paulo conquistaram 22: 11 pertencem aos clubes de São Paulo e 11 aos clubes do Rio, demonstrando a representação hegemônica do futebol na concentração das conquistas nestes estados.

TABELA 3
Títulos do Campeonato Brasileiro por Estado

ESTADO	TÍTULO CAMPEÃO	TÍT. VICE –CAMPEÃO	TOTAL
Bahia	01	01	02
Minas Gerais	01	05	06
Paraná	01	---	01
Rio de Janeiro	11	06	17
Rio G. do Sul	05	03	08
São Paulo	11	15	26
Total	30	30	60

Fonte: *Placar* n. 1189 A, *Guia Brasileiro* 2001, ago. 2001.

Obs.: Dos 11 de campeão que o estado do Rio de Janeiro possui no Campeonato Brasileiro, 5 foram conquistados pelo Clube de Regatas Flamengo, 4 pelo Vasco da Gama, 1 pelo Fluminense e 1 pertence ao Botafogo.

Na Tabela 4 retratamos a Copa do Brasil, quando o Grêmio (RS) aparece com 4 conquistas, o Cruzeiro (MG) com 3; Flamengo e Palmeiras com uma conquista, juntos com o Corinthians, Criciúma (SC) e Internacional (RS).

TABELA 4
Copa do Brasil

ANO	CLUBE CAMPEÃO
1989	Grêmio RS
1990	FLamengo RJ
1991	Criciúma SC
1992	Internacional RS
1993	Cruzeiro MG
1994	Grêmio RS
1995	Corinthians SP
1996	Cruzeiro MG
1997	Grêmio RS
1998	Palmeiras SP
1999	Juventude RS
2000	Cruzeiro MG
2001	Grêmio RS

Fontes: DUARTE, 1998, e *Placar*, n. 1189, ago. 2001.

Reafirmamos que o interesse da pesquisa concentra-se na comparação de títulos dos maiores clubes do Estado do Rio de Janeiro, sendo que evocamos os títulos dos clubes paulistas, como Corinthians, Palmeiras e São Paulo. Entretanto, no encontro entre estes clubes e a inter-relação com a comunidade, destacamos a *média de público* dos campeonatos brasileiros e estaduais do Rio de Janeiro e São Paulo, realizados entre 1971 e 2000. Chamamos a atenção para estes dados, pois é no início da década de 1970 que se tem uma referência mais fidedigna da média de público nos estádios de futebol. A *média de público* nos confrontos clássicos entre Flamengo e Fluminense (Fla-Flu), Flamengo e Vasco (Rio de Janeiro) e Corinthians e São Paulo, Corinthians e Palmeiras (São Paulo), torna-se significativa para a equivalência entre desempenho e popularidade.

O que pudemos verificar, segundo os dados, é que nos encontros do Fla-Flu ou entre Flamengo e Vasco acontecidos nestes últimos anos, durante os campeonatos estaduais e nacionais, em comparação com os confrontos paulistas, o Flamengo colabora para o aumento significativo do público. Ao levarmos em consideração o Campeonato Brasileiro, podemos observar que a *média de público* de 1979, cuja decisão foi entre o Internacional (RS) e Vasco (RJ), equivalia a 9.136 espectadores pagantes, em contraposição ao ano de 1980, quando esta média subiu para 20.792 espectadores, quando o Flamengo decidiu o campeonato com o Atlético Mineiro e, em 1981, tornou a cair. A média se manteve em ascensão em 1982, 1983, 1987 e 1992, anos em que o Flamengo foi campeão (Tabela 5).

TABELA 5

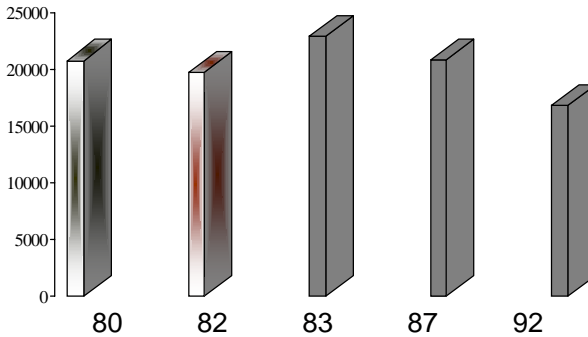
Média de Público: Estadual Rio/ Estadual São Paulo/ Brasileiro

ANO	EST/RIO **	EST/SP **	BRASILEIR**
1971	35591	12735	28368
1972	43747	12664	17591
1973	32313	5758	15460
1974	42095	10487	11599
1975	39995	8940	15984
1976	41841	9077	17010
1977	37687	14214	16472
1978	42670	15916	10539
1979	39032	10400	9136
1980	27683	10373	20792
1981	29127	7785	17545
1982	31276	6849	19808
1983	31895	7578	22953
1984	27909	7040	18523
1985	28293	6185	11625
1986	33439	7312	13423
1987	22531	8647	20877
1988	13485	7129	13811
1989	20490	8879	10857
1990	8012	4963	11453
1991	17472	5283	13760
1992	10646	9887	16814
1993	17764	10387	14851
1994	25376	7493	10292
1995	16740	6712	10332
1996	19909	5917	10913
1997	11635	7739	10898
1998	12321	11834	11834
1999	10789	9854	17018
2000	11934	10756	11546

Fontes: ASSAF & MARTINS. *Campeonato Carioca – 1902 a 1997*; BRUNORO & AFIF (1997); *Placar*, n. 1189 A, ago. 2001.

GRÁFICO 1

**Média de Público nas Finais
do Campeonato Brasileiro – Flamengo Campeão**



Fontes: ASSAF & MARTINS. *Campeonato Carioca – 1902 a 1997*; BRUNORO & AFIF (1997); *Placar*, n. 1189 A., ago. 2001.

Já a Tabela 6 demonstra o maior público nos jogos do Rio de Janeiro e São Paulo, cujos clubes se destacam por uma acirrada competitividade por títulos e merecedores de grande estima por parte das torcidas. Ilustramos também, na Tabela 7, a média de público destes clássicos.

TABELA 6

Maior Público nos Clássicos: Rio de Janeiro e São Paulo

DÉCADA	FLA/FLU*	FLA/VAS *	COR/SP**	COR/PAL**
1971-80 ANO	155.116 (76)	174.770 (76)	103.887 (71)	120.522 *** (74)
1981-90 ANO	153.520 (84)	169.989 (81)	109.474 (90)	110.887 (90)
1991-99 ANO	109.204 (95)	107.199 (94)	106.142 (91)	104.401 (93)

Fontes: * ASSAF & MARTINS. *Fla-Flu e Fla-Vasco* (1999); ** STORTI & FONTENELLE. *Campeonato Paulista* (1998); *** Recorde paulista.

TABELA 7

**Média de Público: Fla-Flu, Fla-Vasco (RJ) e
Corinthians x São Paulo, Corinthians x Palmeiras**

DÉCADA	FLA/FLU*	FLA/VAS*	COR/SP**	COR/PAL**
1971-80	110.835	122.433	91.232	93.465
1981-90	92.907	94.210	78.764	88.085
1991-99	64.589	83.387	46.594	52.109

Fontes: *ASSAF & MARTINS. *Fla-Flu e Fla-Vasco* (1999); ** STORTI & FONTENELLE. *Campeonato Paulista* (1998).²

Nesta comparação, o Flamengo pertence ao grupo dos maiores clubes do país. Está à frente nas conquistas dos títulos brasileiros, porém perde para o Fluminense em número de conquistas estaduais. Entretanto, dois destes dados distanciam-se significativamente dos demais: o percentual de público nos jogos do Flamengo, considerados a média de público do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro (Taça Guanabara, 1.º Turno e Taça Rio, 2.º Turno), Campeonato Paulista e Campeonato Brasileiro. Cada vez que o Flamengo entra em campo, este é responsável pelo aumento da média de público, quer em preliminares, quer em turnos, classificação e obviamente nas decisões.

Nas Tabelas 8, 9 e 10 demonstramos algumas comparações com relação às torcidas dos Campeonatos Brasileiros. Na Tabela 8, o recorde de público da história do Brasileiro aconteceu em 1983: 22.953 pagantes por jogo. No mesmo ano, a decisão entre Flamengo e Santos registrou 155.523 espectadores, número inatingível até hoje em jogos pelo torneio.

TABELA 8

As torcidas no Campeonato Brasileiro

Ano	Público Total	Jogos	Média
1971	4 662 247	229	20 360
1972	6 191 982	352	17 591
1973	10 141 674	656	15 460
1974	5 184 783	447	11 599
1975	6 873 358	430	15 984
1976	6 991 291	411	17 010
1977	7 955 984	483	16 472
1978	8 347 432	792	10 539
1979	5 308 459	581	9 136
1980	6 383 303	307	20 792
1981	5 368 962	306	17 545
1982	5 764 252	291	19 808
1983	7 391 013	322	22 953
1984	5 742 207	310	18 523
1985	5 393 973	464	11 625
1986	7 221 574	538	13 423
1987	2 630 502	126	20 877*
1988	4 005 190	290	13 811
1989	1 889 118	174	10 857
1990	2 366 400	204	11 600
1991	2 696 960	196	13 760
1992	3 631 807	216	16 814
1993	2 772 261	254	10 914
1994	3 168 868	310	10 222
1995	2 910 805	282	10 332
1996	3 164 890	290	10 913
1997	3 684 353	351	10 497
1998	4 005 700	297	13 487
1999	4 254 615	250	17 018
2000	3 810 076	330	11 546

Fonte: *Placar*, n. 1189 A. Agosto, 2001, p. 129.

* Apenas Módulo Verde (Copa União)

Na Tabela 9 demonstramos que o Flamengo está presente nada menos do que 13 vezes, entre os vinte maiores públicos da história do Campeonato Brasileiro.

TABELA 9
Os Vinte Maiores Públicos*

Data	Jogo	Estádio	Público
29/05/83	Flamengo 3 X 0 Santos	Maracanã	155.523
01/06/80	Fla 3 X 2 Atl-MG	Maracanã	154.355
05/12/76	Flumin 1 X 1 Corinth	Maracanã	146.043
18/04/82	Fla 1 X 1 Grêmio	Maracanã	138.107
19/04/81	Botafogo 3 X 1 Fla	Maracanã	135.487
27/05/84	Flumin 0 X 0 Vasco	Maracanã	128.781
19/07/92	Botafogo 2 X 2 Fla	Maracanã	122.001
08/05/83	Flamengo 1 X 1 Vasco	Maracanã	121.353
11/04/82	Fla 2 X 1 Guarani	Maracanã	120.441
28/07/74	Vasco 2 X 2 Inter	Maracanã	118.777
20/05/84	Flumin 0 X 0 Corinth	Maracanã	118.370
29/11/87	Fla 1 X 0 AtlMG	Maracanã	118.162
06/05/84	Corinth 4 X 1 Fla	Morumbi	115.002
12/05/83	Santos 2 X 1 Fla	Morumbi	114.481
15/05/83	Atlét. MG 0 X 0 Santos	Mineirão	113.479
21/11/76	Corint 2 X 1 Inter,	Morumbi	113.286
01/08/74	Vasco 2 X 1 Cruzeiro	Maracanã	112.993
01/12/79	Fla 1 X 4 Palmeiras	Maracanã	112.047
05/05/83	Vasco 1 X 2 Flamengo	Maracanã	111.260
27/02/83	Santos 3 X 2 Flamengo	Morumbi	111.111

Fonte: *Placar*, n. 1189 A., ago. 2001, p. 129.

* Jogos com público divulgado.

Na Tabela 10 não encontramos o Flamengo entre os dez, entretanto, o Vasco, Fluminense, Botafogo e América do Rio estão entre os menores públicos do Campeonato Brasileiro.

TABELA 10

Os Dez Menores Públicos*

Data	Jogo	Estádio	Público
03/12/97	Juvent 2 X 1 Portugue	Olímpico	55
28/11/94	Vasco 1 X 0 Paraná	São Januário	71
24/06/78	Atlét.PR 1 X 1 Figueir.	Couto Pereira	74
11/11/93	Fluminense 0 X 0 Sport	Laranjeiras	129
22/06/78	Uberaba 3 X 2 AméRN	João Guido	134
17/04/85	Vila Nova 0 X 2 Bangu	Mineirão	146
08/11/97	Flumin. 0 X 2 Grêmio	Rua Bariri	162
20/11/96	Botafogo 3 X 3 Vitória	Caio Martins	162
09/11/88	América RJ 1 X 0 Palm	São Januário	177
27/10/93	Goiás 0 X 0 Fortaleza	Serra Dourada	187

Fonte: *Placar*, n. 1189 A., ago. 2001, p. 129.

* Jogos com público divulgado.

Reafirmamos que o Flamengo possui a maior torcida do Rio de Janeiro e do Brasil e também é responsável pela maior frequência de público nos estádios.

1.3 Flamengo e as Copas do Mundo

O objetivo deste tópico é destacar a participação do clube na cessão de jogadores para a composição da Seleção Nacional de Futebol, diante da representatividade que o evento tem para o Brasil, apoiada no argumento da importância de o Flamengo estar presente, corroborando com a atitude de afirmação nacionalista entre o povo, futebol e popularidade.

A Tabela 11 traz dados a respeito das Copas do Mundo entre os anos de 1930 a 1994. Não citamos a Copa de 1998, na França, devido ao fato de que o número de jogadores atuantes no estrangeiro predominou, decrescendo a representatividade de jogadores dos clubes brasileiros relevantes para a pesquisa. Como dados gerais, os números de jogadores atuantes nas Copas do Mundo perfazem um total de 327. A média é de 22 jogadores por Copa – com algumas exceções, como no ano de 1930, com 26 jogadores escalados, em 1934, com apenas 17, e em 1938 com 20 –, pertencentes aos mais variados clubes, alguns destes hoje não mais existentes ou não expressivos no contexto nacional.

O clube que mais contribuiu com jogadores para a Seleção Brasileira de Futebol em Copas do Mundo foi o Botafogo do Rio de Janeiro, com 44 atletas. Este número equivale à composição de duas seleções, com a média de 2,9 jogadores/Copa. Seguem-lhe o São Paulo (SP), com 39 jogadores, o Vasco (RJ), com 33, e o Fluminense e o Flamengo com 30.

TABELA 11

Jogadores por clube e participações nas Copas de 1930 a 1994

CLUBES	N.Jog.	MJC/Co	%J.C/Co
Botafogo/RJ	44	2.90	13.2
Corinthians/SP	18	1.20	5.50
Flamengo/RJ	30	2.00	9.10
Fluminense/RJ	30	2.00	9.10
Palmeiras/SP	25	1.70	7.60
Santos/SP	23	1.50	6.70
São Paulo/SP	39	2.60	11.8
Vasco/RJ	33	2.20	10.1
Estrangeiros**	29	1.90	8.80

Fonte: DUARTE, 1998.

Legenda: N.Jog. – Número de jogadores por clube nas Copas.

MJC/Co – Média de jogadores por clube nas Copas.

%J.C/Co – Percentagem de jogadores por clube nas Copas.

** Brasileiros, jogadores de futebol em clubes no exterior, que fazem parte da Seleção Brasileira somente para jogar a Copa do Mundo.

Na Tabela 12, “Participação dos Jogadores por estado”, dos 327 jogadores, 153 pertenciam aos clubes do estado do Rio de Janeiro. Equivalem a 46,8% do total e perfazem uma média de 10,2 por Copa. Este dado difere nos eventos de 1990 para cá, havendo mais jogadores brasileiros atuantes nos clubes estrangeiros. Entretanto, nas quatro primeiras Copas, a base da Seleção Brasileira foram os jogadores do Rio de Janeiro. Na década de 1980, houve uma melhor distribuição, quando o selecionado foi composto por jogadores de vários estados do país, descaracterizando a concentração na convocação de jogadores dos clubes paulistas e cariocas.

TABELA 12
Participação dos jogadores por Estado

ESTADOS	N.Jog	%JOG./EST./Co	MED.JOG/EST/Co
Rio de Janeiro	153	46.80	10.20
São Paulo	117	35.80	7.80

Fonte: DUARTE, 1998.

Legenda: N.Jog. – Número de jogadores por estado nas Copas.

% Jog/Est/Co – Percentual do número de jogadores por estado, por Copa. Med.Jog/Est/Co – Média de jogadores por Copa e estados, considerando quinze eventos.

A Tabela 13 demonstra que dos 159 gols feitos nas Copas entre 1930 a 1994, os jogadores dos clubes do estado do Rio de Janeiro marcaram 75 (47,16%) e os clubes do estado de São Paulo perfizeram um total de 61 (38,37%).³

TABELA 13
Número de gols por Estado

ESTADOS	N.GOLS/EST	%GOLS/EST/Co	MED.GOLS/JOG/EST.
Rio de Janeiro	75	47.16	0.4716

Fonte: DUARTE, 1998.

Legenda: N.Gols/Est – Número de gols por Estado.

% Gols/Est/Co – Percentagem de gols por Estado, em relação ao total das Copas (159).

Med.Gols/Jog/Est – Média de Gols por jogador, por Estado.

Na Tabela 14, temos o aproveitamento de gols na relação jogadores/clubes/Copas. Os clubes que mais marcaram gols entre as Copas de 1930 a 1994 foram o Botafogo e o Vasco, do estado do Rio de Janeiro, com 23 cada. Junto com o grupo dos jogadores estrangeiros, está o Flamengo, ambos com 18. O Palmeiras, do estado de São Paulo, fez 17 gols. Os melhores aproveitamentos na comparação jogador/clube/Copa são os do Vasco e do Corinthians, com a média de 0,7 gols/Copa.

TABELA 14

Número de gols por clubes brasileiros

CLUBES	N.Jog.	N/G/J/CL	%/G/J/CL	M/G/CL
Botafoogo/RJ	44	23	14.5	0.55
Corinthians/SP	18	12	7.60	0.7
Flamengo/RJ	30	18	11.3	0.6
Fluminense/RJ	30	09	5.60	0.3
Palmeiras/SP	25	17	10.7	0.6
Santos/SP	23	15	9.40	0.65
São Paulo/SP	39	10	6.30	0.3
Vasco/RJ	33	23	14.5	0.7
Estrangeiros**	29	18	11.3	0.6

Fonte: DUARTE, 1998.

Legenda: N.Jog: Número de jogadores dos clubes distribuídos pelas Copas.

N.G/J/Cl: Número de Gols por jogador nos clubes.

%G/J/C. Percentagem de Gols por Jogador nos clubes.

M/G/Cl: Média de Gols por clube.

M/G/Co: Média de Gols por jogador nas Copas (159/327) = 0,5.

A representatividade do Flamengo resume-se a uma participação considerada na média dos cinco maiores clubes do Brasil e não se destaca, expressivamente, em dado algum que possa reverenciar qualquer ídolo isolado do clube, e que este dado possa comprovar a correlação entre desempenho e popularidade nos eventos das Copas do Mundo de Futebol, entre 1930 e 1994.

1.4 Flamengo e os campeonatos internacionais

Os dados da Tabela 15 destacam os clubes no Campeonato Mundial de Clubes Campeões entre os anos de 1960 e 2000. Do total de quarenta títulos disputados, o Brasil conquistou nove, igualando-se com a Argentina e a Itália. Dos nove títulos de Campeão dos clubes brasileiros, os que mais se destacam são o Santos e São Paulo com dois títulos de campeão cada um. O Flamengo com um título de campeão e o Grêmio com um título de campeão e um de vice. Palmeiras e Corinthians com um de campeão cada e o Cruzeiro (MG) com dois vice-campeonatos ganhos.

TABELA 15

Mundial de Clubes: títulos conquistados pelos clubes brasileiros

CLUBE	TÍT/CAMPEÃO	TIT./VICE-CAMPEÃO	ANO
Cruzeiro MG	-----	02	1976 e 1997
Flamengo RJ	01	-----	1981
Grêmio RS	01	01	1983 e 1995
Santos SP	02	-----	1962 e 1963
São Paulo SP	02	-----	1992 e 1993
Palmeiras SP	01	-----	1999
Corinthians SP	01	-----	2000

Fonte: DUARTE, 1998. *Placar*, n. 1189 A., ago. 2001.

Na Tabela 16, temos os clubes campeões e vice da Taça Libertadores da América no período compreendido entre 1960 e 1999. Dos 18 de campeão e vice dos clubes brasileiros, o São Paulo (SP) possui dois de campeão e dois de vice, seguido do Grêmio (RS), com dois e um, respectivamente, Cruzeiro (MG) e Santos (SP), com dois títulos de campeões cada; Palmeiras, Vasco e Flamengo possuem um título de campeão cada um.

TABELA 16

Títulos dos clubes brasileiros na Taça Libertadores da América

CLUBE	TÍT/CAMPEÃO	TIT./VICE-CAMPEÃO	ANO
Cruzeiro MG	02	01	1976 E 1997
Flamengo RJ	01	-----	1981
Grêmio RS	02	01	1983/1995 E 1984
Santos SP	02	-----	1962 E 1963
São Paulo SP	02	02	1992/1993 E 74/94
Inter RS	-----	01	1980
Palmeiras SP	01	02	1999/1961 e 1968
Vasco RJ	01	---	1998

Fonte: ASSAF & MARTINS. *Anuário Estatístico Oficial do Vasco*, 1997 e 1999.

Na participação dos clubes na Mercosul, a Tabela 17 traz os títulos dos clubes brasileiros, onde dois pertencem ao São Paulo e um ao Grêmio (RS), para o Cruzeiro, Vasco, Flamengo e Palmeiras e mais um vice-campeonato para o Botafogo.

TABELA 17

Mercosul

ANO	CLUBE CAMPEÃO	CLUBE VICE-CAMPEÃO
1989	Nacional URG	Racing Club ARG
1990	Boca Juniors ARG	Nacional COL
1991	Olimpia PAR*	
1992	Colo Colo CHI	Cruzeiro BR
1993	São Paulo BR	Cruzeiro BR
1994	São Paulo BR	Botafogo BR
1995	Independiente ARG	Vélez Sarfield ARG
1996	Grêmio BR	Independiente ARG
1997	Vélez Sarfield ARG	River Plate ARG
1998	Palmeiras BR	Cruzeiro BR
1999	Flamengo BR	Palmeiras BR
2000	Vasco BR	-----

Fonte: DUARTE, 1998.

* Por ter sido Campeão da Taça Libertadores da América e da Supercopa, o Olimpia do Paraguai foi declarado campeão.

A Tabela 18 ilustra os dados da Conmebol – Confederação Sul Americana – disputada de 1992 a 1999. Dos oito campeonatos, quatro pertencem aos clubes brasileiros: o Atlético Mineiro conquistou dois títulos de campeão e dois de vice, seguido do São Paulo e Botafogo, com um campeonato cada.

TABELA 18

Conmebol – Confederação Sul-Americana *
(competição extinta em 1999)

ANO	CLUBE CAMPEÃO	CLUBE VICE-CAMPEÃO
1992	Atlético MG–BR	Olimpia PAR
1993	Botafogo RJ–BR	River Plate ARG
1994	São Paulo SP–BR	Peñarol URG
1995	Rosário Central ARG	Atlético MG – BR
1996	Lanus ARG	Independiente ARG
1997	Atlético MG - BR	Lanus ARG
1998	Santos BR	
1999	Talleres ARG	CSA BR

Fonte: DUARTE, 1998.

Os dados da Tabela 19 são alusivos aos títulos conquistados pelos clubes dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo no futebol. Destacamos o Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo, Corinthians, São Paulo e Palmeiras, por considerar estes clubes mais expressivos e pelo fato de estarem em confronto direto com freqüência. Escolhemos sete campeonatos para a comparação entre os clubes. Esta tabela compõem-se dos seguintes eventos: Torneio Rio-São Paulo, Copa do Brasil, Campeonato Brasileiro, Mundial de Clubes, Taça Libertadores da América, Mercosul e Conmebol (Confederação Sul Americana).⁴

TABELA 19

Títulos dos clubes mais populares do Rio de Janeiro e São Paulo

CAMPEON	FLAM	FLUM	VAS	BOT.	CORINT.	S.PAULO	PALM
Rio-S. Paulo	01	02	03	04	04	01	05
C. do Brasil	01	---	---	01	01	01	04
Brasileiro	05	01	04	01	03	03	04
Mund.Clubes	01	---	---	---	01	02	01
Libertadores	01	---	01	01	---	02	01
Mercosul	01	---	01	---	---	02	---
Conmebol	---	---	---	01	---	01	---
Total	10	03	09	08	09	12	15

Fontes: DUARTE, O. *Enciclopédia do Futebol* e revista *Placar*, n. 1189 A., ago. 2001.

O destaque é o clube São Paulo, o único a conquistar os sete campeonatos escolhidos, sendo um indicativo de regularidade. Em seguida estão Flamengo, Palmeiras, Vasco e Corinthians. Na comparação dos dados estatísticos, podemos afirmar que a explicação para a popularidade do Flamengo, em relação ao número de títulos e à participação de seus jogadores em Copas do Mundo, são fatos expressivos, mas não suficientemente significativos para a explicação da conjuntura popular que o Flamengo expressa de ser reconhecido, reverenciado em níveis estadual e nacional, ou seja, o vitorioso nem sempre é o mais popular, a julgar pela história do clube.

Afirmamos que a popularidade dos clubes não se explica pelas conquistas nem pela regularidade. Temos como exemplo o Atlético (MG), que possui somente um título no Campeonato Brasileiro e está em primeiro lugar no *ranking* das revistas *Placar*/2001 na soma de pontos ganhos em todos os Brasi-

leiros (1971-2001), cujo critério é distribuir dez pontos para o campeão, nove para o vice-campeão, oito para o terceiro e assim sucessivamente. O time mineiro chegou treze vezes às semifinais – foram três vice-campeonatos, seis terceiros e três quartos lugares – feito inédito entre todos os participantes da história do torneio. O São Paulo participou de oito finais (recorde), mas só chegou dez vezes entre os quatro melhores.

Segundo comentário da Revista *Placar*: “Quem se dá mal com isso é o Flamengo, recordista de títulos brasileiros, com cinco taças, mas que jamais chegou entre os quatro melhores, a não ser nos anos em que ganhou o título” (n. 1189 A., ago. 2001, p. 124).

TABELA 20

Ranking nacional de clubes

Clas/P.G	Camp	Vice	3.o	4.o	5.o	6.o	7.o	8.o	9.o	10.o
1 Atlético MG-129	71	77 80 99	76 83 86 87 91 96	85 94 97	90	—	74 95	79 89	98	88
2 S.Paulo SP- 127	77 86 91	71 73 81 89 90	99	93	75 83	82 87 92 94	—	—	72 80	74
3 Palmeiras SP- 124	72 73 93 94	78 97	—	79	89 95 98	77 90 91	71 76 96 2000	87	75 83 86	99
4 Corint. SP-120	90 98 99	76 94	93	71 72 82 84	80 91 92	75 89	86	77	—	83
5 Inter RS- 118	75 76 79	87 88	72 78 80 97	73 74	71	2000	91	81	95 96	85 92
6 Vasco RJ 105	74 89 97 2000	79 84	92	78	81 88	83 99	72	80	—	82 87 98
Cruzeiro MG 103	—	74 75 98	73 89 95 2000	87	96 97	72 79	—	71 86 88 92	—	78 80 90

TABELA 20 – Continuação

Ranking nacional de clubes

Clas/PG	Camp	Vice	3.o	4.o	5.o	6.o	7.o	8.o	9.o	10.o
8 Grêmio RS 101	81 96	82	84 90	88 2000	73 74 87	71 76 78 80	—	98	—	72
9 FLA RJ 98	80 82 83 87 92	—	—	—	76 84 97	74 81 88	93	75	77 85 89 91	—
10 Santos SP 79	—	83 95	74 98	—	93	73	80 82 90 92 97	72 91	71 81 84 94	—
11 Botafogo RJ - 69	95	72 92	71	81 89	77 94	—	—	—	73 78 87	97
12 Guarani SP - 60	78	86 87	82 94	—	—	93 96	—	99	92	76
13 Flumin. RJ - 56	84	—	75	76 91 95	82	86	87	—	2000	—
14 Coritiba PR - 45	85	—	79	80	72	98	—	73 84	76	71
15 Sport Rec.- 40	87	—	—	—	85 2000	—	88 98	78 83	82	81 96
16 Portug. SP - 38	—	96	—	98	—	97	84 89	—	88 93	75 86 91 94 95
17 Bahia BA - 34	88	—	—	90	86	—	78 94	76	—	—
18 Bragantin 27	—	91	—	92	—	95	—	90 94	—	—
19 Vitória - 24	—	93	—	99	—	—	—	78	79 97	73
20 Goias - 22	—	—	—	96	—	—	79 83	95	90	89 200 0

Fonte: *Placar*, n. 1189 A., ago. 2001, p. 124.

O Flamengo aparece em nono lugar, diferentemente do Corinthians (primeira torcida estadual paulista e segunda nacional), o clube que mais subiu nos anos 1990, década em que conquistou seus três títulos brasileiros, foi vice-campeão uma vez e chegou em terceiro em outra ocasião. O Internacional, que chegou a liderar o *ranking* de *Placar* no início dos anos 1990, está apenas na quinta colocação, como mostra a Tabela 20, na qual nenhum clube carioca se encontra entre as cinco primeiras colocações.

A popularidade não encontra respaldo no desempenho do clube. O Palmeiras e o São Paulo são, no presente, os clubes com o número semelhante de conquistas no estado de São Paulo e, nem por isso, são mais populares do que o Corinthians, que permaneceu mais de vinte anos sem título no Campeonato Brasileiro e possui a segunda maior torcida do país. Também não se explica a questão do São Paulo, cuja regularidade expressa a história de um clube tradicional e forte perante o público, e que nem por isso é mais popular. Enfim, a popularidade do Flamengo não se explica pelas conquistas e títulos.

Notas

¹ Dados retirados do Ibope/Placar/1993; Folha de São Paulo – 28.12.1997; Revista Placar – nov. 1997 e Rede Globo/Ibope – 11.5.99. Ranking estadual: Flamengo – 46%, Vasco – 23%, Botafogo – 17% e Fluminense 13%; ranking nacional: Flamengo – 37%, Corinthians – 21% e São Paulo – 14%. Considerando ainda em nível nacional: primeiro Flamengo, seguido de Corinthians, São Paulo, Vasco, Fluminense, Palmeiras, Botafogo, o destaque do futebol carioca encontra-se entre os sete mais populares do Brasil, considerando que o futebol brasileiro concentra-se entre estes dois estados.

² Observamos que o estado de São Paulo possui estádios com capacidade máxima para 100.000 espectadores.

³ Este dado demonstra uma maior participação efetiva tanto de jogadores atuantes no Rio de Janeiro como em relação ao número de gols marcados nas Copas (1930-1994). Serão realmente os jogadores atuantes no Rio de Janeiro mais eficientes que os atuantes no estado de São Paulo? Esta questão não será desenvolvida nesta pesquisa.

⁴ Excluimos os dados dos campeonatos estaduais, uma vez que as conquistas já foram comparadas entre os clubes do Rio e de São Paulo. Também encontramos clubes como, por exemplo, o Bahia, com 42 títulos de campeão estadual, o Grêmio com 33, Internacional com 33, concorrendo para a descaracterização da pesquisa estatística em nível nacional.

.2.

A RIVALIDADE DOS CLUBES DIANTE DO FLAMENGO

Se o desempenho do Flamengo não explica sua popularidade, pas-
samos à construção da conjuntura da rivalidade com os outros clubes.
O que seria do Flamengo sem eles? O quanto esses “rivais” colaboraram
e colaboram para o futebol do Flamengo e do país serem o que são
hoje? Parece-nos óbvio que sem um grande adversário não ocorre um
grande jogo, nem a vitória se torna expressiva e válida. Foram os “glori-
osos rivais” que, em grande parte, contribuíram para construir a popu-
laridade do Flamengo? Será que ainda continuam trabalhando para
mantê-la? Fluminense, Vasco e Botafogo são clubes à altura do
Flamengo, conquistando títulos tanto quanto o Flamengo, o mais po-
pular da Gávea, do Rio de Janeiro e do país. Quem seria o “maior rival”
do “mais querido do Brasil”? A hipótese apresentada aqui é que as
rivalidades dos clubes cariocas, construídas por estas narrativas, junta-
mente com o enaltecimento de proezas esportivas, não parecem explicar
a popularidade do Flamengo diante do Fluminense, Vasco e Botafogo.
Estes seriam igualmente merecedores da popularidade destinada ao
Flamengo pelo contexto histórico e pela mediação dos resultados frente
ao Flamengo. Por que não Fluminense, Vasco ou Botafogo?

Helal¹ faz uma colocação expressiva, que vai além nesse sentido, quan-
do afirma que:

Os fortes sentimentos antiflamenguistas, muitas vezes unem os torcedores adversários. E mais: sempre que o Flamengo enfrenta um outro grande do Rio, a mídia refletindo o sentimento da cidade destaca frases do tipo: “O Vasco enfrenta hoje o seu rival mais tradicional – o Flamengo”, ou “O Botafogo está pronto para a partida com seu arqui-inimigo – o Flamengo”. Ora, sendo assim quem é o maior rival do Flamengo? (1999)

Expressar a rivalidade destes em relação ao Flamengo não é supor somente uma questão técnica de resultado, de títulos e craques (bons jogadores). Se assim fosse, responderia através de uma tática: o maior rival do Flamengo seria ele mesmo. Sim, o próprio Flamengo! Se dependesse somente de um jogo que resultasse na vitória ou na derrota por um certo número de gols marcados, resolveria o problema em treinamento, mantendo-se no nível mais adequado técnica e taticamente para a situação que o jogo necessita.

Do nosso ponto de vista, não se trata de uma questão técnica. Na verdade, concordando com Helal, que afirma que “o maior rival do Flamengo não se forma a nível estrutural. É uma questão de conjuntura. Hoje pode ser o Vasco, amanhã o Fluminense e depois o Botafogo; e assim por diante” (1997).² A questão de Helal está além da quebra de “tabu” como sinal de ruptura da possibilidade da mudança do irreal, do imaginário. Parece-nos expressar uma construção mitológica. Os adversários que enfrentam o Flamengo colaboram com esta construção, por esse enfrentamento representar uma diferença em relação ao fato de competir com outro clube, cujo objetivo é fazer apenas gols, fazer resultado. Enfrentar o Flamengo é tentar destituí-lo da “aura” que envolve toda a construção do irreal relegada ao clube pela sua popularidade, em que o centro da conjuntura está tão-somente na continuação, na manutenção, na reafirmação do mito.

Se pensássemos que o futebol se caracteriza pela oposição, o Flamengo tem um importante argumento – ou seja, a maior torcida – e este fator, por si só, já o torna o inimigo dos demais. Entretanto, esta situação de confronto é presenciada com perspectiva de se manter no futuro ou não, ou ainda se romper no instante do jogo em que estes clubes se encontram esportivamente.

te com o Flamengo, absorvidos num simbolismo cuja rivalidade vai além do resultado nos estádios entre o Flamengo e Fluminense... e Vasco e... Botafogo.

Os confrontos entre Flamengo e Fluminense, Vasco e Botafogo, tomados por legiões de torcedores, são destacados aqui como parte da história da popularidade do próprio futebol. O objetivo é a desmistificação das rivalidades inerentes aos supostos adversários, pois a trajetória de popularidade de todos é positiva. Por isso, buscamos o surgimento dos clubes esportivos no final do século XIX, inseridos na sociedade brasileira ao lado do movimento físcio-esportivo que viria a se consolidar com o futebol no início do século XX. Entretanto, nesse enfoque, vamos nos deter nas histórias e estórias do imaginário popular, no surgimento e enaltecimento das rivalidades e proezas dos esportistas na defesa do seu clube. As descrições e comentários jornalísticos ou a sua reprodução na literatura atual colaboraram para o saudosismo romântico e a invenção do mito, na defesa de que certas rivalidades contribuíram para a construção da popularidade do Flamengo. Assim, citamos três pontos de enfoque: Flamengo e Fluminense, Flamengo e Vasco e Flamengo e Botafogo.

2.1 Flamengo e Fluminense

Flamengo e Fluminense são clubes fundados na última década do século XIX, com a finalidade da prática de esportes náuticos. Em 1902, o Fluminense Football Club era praticante de futebol, mas no Flamengo ainda predominava o remo. Os clubes eram vizinhos e seus esportistas coabitavam os dois ambientes, jogando futebol pelo Fluminense e remando pelo Flamengo. Em 1911, o Flamengo funda a Divisão de Esportes Terrestres, comandada por Alberto Borgeth, ex-jogador de futebol do Fluminense. Muitas histórias e acontecimentos envolvem esta passagem de parte dos jogadores do Fluminense para o Flamengo, que veremos mais adiante, estando ligados a eventuais ocorrências e a inúmeras curiosidades.

O objetivo aqui se prende à mística envolvendo o Flamengo e o Fluminense, nos seus 328 confrontos esportivos, os quais dão aos muitos leitores a impressão de que a quantidade de jogos entre os dois clubes serviu como meio de disputas de títulos. Entretanto, demonstramos que em apenas oito ocasiões os times estiveram envolvidos em confronto direto no Campeonato do Rio de Janeiro. O

Fluminense venceu em 1936, 1941, 1973, 1984 e 1995, e o Flamengo, em 1963, 1972 e 1991. O Fluminense levou vantagem de 5 x 3 no confronto direto. Mas, no confronto geral, dos 328 jogos realizados até 1998, o Clube do Flamengo ganhou 118, fazendo 487 gols; o Fluminense venceu 104 partidas, marcando 437 gols; houve 106 empates, como mostram as estatísticas a seguir:

ESTATÍSTICAS DOS FLA x FLUS

Período: 1912 a 1999

Títulos estaduais: Fluminense – 28; Flamengo – 26

Jogos: 328

Vitórias do Flamengo: 118

Vitórias do Fluminense: 104

Empates: 106

Gols do Flamengo: 487

Gols do Fluminense: 437

Fonte: ASSAF & MARTINS. *Fla Flu*, 1999.

TABELA 21

Ranking Fla x Flu por campeonato

CAMPEONATO	JOGOS	VITÓRIAS FLA	VITÓRIAS FLU	EMPATES	GOLS FLA	GOLS FLU
Carioca	212	75	67	70	320	283
Nacional	22	7	9	6	20	21
Cidade Maravilhosa	1	1	0	0	2	1
Cidade do Rio de Janeiro	1	1	0	0	2	1
Guanabara	12	5	2	5	16	14
Tereza Herera	1	0	0	1	0	0
Aberto	5	1	1	3	5	7
Extra	3	3	0	0	6	2
Internacional	1	1	0	0	5	2
Municipal	9	2	6	1	13	15
Relâmpago	4	1	3	0	6	13
Rio-São Paulo	20	8	6	6	26	22
R.G.Pedrosa	3	0	2	1	2	6
Prata	1	0	0	1	1	1
Brasília/97	1	1	0	0	2	1
Amistosos	32	12	8	12	61	48
TOTAL	328	118	104	106	487	437

Fonte: ASSAF & MARTINS. *Fla Flu*, 1999.

Além de contar com os confrontos dos calendários estadual e nacional, muitos jogos foram encontros esportivos amistosos entre Flamengo e Fluminense. Essas partidas foram promovidas de forma particular entre os clubes, e buscavam a arrecadação de rendas e popularização esportiva e política e, minimamente, o acirramento da rivalidade entre os clubes, contada e cantada por muitos escritores, jornalistas e cronistas, no uso popular do Fla-Flu.

A expressão “Fla-Flu” surgiu quando Joaquim Guimarães e Francisco Bueno Neto, treinadores responsáveis pela seleção carioca, escalaram um time formado por jogadores do Flamengo e do Fluminense para disputar o Campeonato Brasileiro. Torcedores dos demais clubes e jornalistas da época passaram a chamar a equipe de “*scrush* Fla-Flu”.³ O fato é que o apelido do clássico da atualidade, antes pejorativo, entrou para a história. Os jogos entre Flamengo e Fluminense, durante quase noventa anos, passaram a ser o principal ponto de referência do futebol do Rio de Janeiro. Esses confrontos descaracterizaram a união da composição do selecionado estadual, passando para uma rivalidade em campo.

Como não poderia deixar alheia esta “rivalidade mitológica” entre o Flamengo e Fluminense, por considerar que não se fala em futebol no Rio de Janeiro sem se destacar este clássico, autores como Assaf & Martins colocam a “rivalidade” como uma afirmação da popularidade dos clubes e do próprio futebol,

(...) afinal, todos os Fla-Flus das temporadas tiveram casa cheia e muita renda. Será que há rivalidade entre os jogadores dos clubes ou é somente o imaginário popular, a invenção do mito dos torcedores nas narrativas das proezas dos jogadores de futebol? (1999, p. 47)

Coutinho, em *Grandes clubes do futebol brasileiro: Nação Rubro-Negra*, faz referência ao uso do termo:

Fla-Flu foi nome inventado pelo povo carioca. Inicialmente, como gozação ao escrete do Rio de

Janeiro de 1925, formado para enfrentar o de São Paulo. Sócios dos outros clubes apelidaram de Fla-Flu ao time carioca, porque só haviam sido escalados jogadores do Flamengo e do Fluminense. Assim, no começo, a expressão não significou rivalidade, desavença. Ao contrário: Fla-Flu, na dor-de-cotovelo dos demais, querendo dizer muito claramente Fla-Flu unidos. (...) Os cariocas venceram os paulistas em 1925. O gozo acabou, mas o nome Fla-Flu, curto e fácil de pronunciar, pegou. (...) Com o tempo, Fla-Flu adquiriu a conotação de rivalidade, disputa nos Fla-Flus da vida. (1980, p. 101)

Para Alencar,

(...) em 1927, o Fla-Flu ainda não tinha esta conotação. (...) depois da formação do escrete carioca, houve apenas dois jogos em 1926, entre o Flamengo e Fluminense, cujo resultado foi um empate e uma vitória do Flamengo. (1970, p. 109-118)

Nessa mesma data, localizamos, em *Coleção memória do Brasil – história do futebol brasileiro, vol. 1, Flamengo*, o seguinte enunciado:

O Flamengo é campeão. Todos os domingos são organizados grandes jogos com o profissionalismo. O Fla-Flu começa a apaixonar a cidade, enquanto o futebol torna-se o grande esporte nacional, com a irradiação a partir do Rio de Janeiro. (1981, p. 67)⁴

Na imprensa escrita, o termo Fla-Flu designando jogo entre Flamengo e Fluminense somente foi encontrado no jornal *O Globo* em 1934, quando

anunciava os jogos do Campeonato Carioca daquele ano, na seguinte manchete: “A rodada de amanhã do Extra oferece dous grandes matches: Fla-Flu e América e Vasco” (*O Globo*, 22.10.1934). Entretanto, Assaf & Martins nomeiam Fla-Flu todos os jogos do livro estatístico desde 1912, cuja conotação vai aparecer anos depois.

No início dos anos 1930, a imprensa deu pouca atenção aos campeonatos regionais. Nesse período, o que mais se discutia era o profissionalismo, quando encontramos parte da mídia contrária ao regime remunerado, adotado em 1933. Combatentes ardorosos do Campeonato da Liga, disputado por apenas seis clubes – América, Bonsucesso, Flamengo, Fluminense, Jequié e Portuguesa –, alegavam alguns jornais que a competição fora manipulada para que os dois poderosos, Flamengo e Fluminense, pudessem fazer a final. Apesar das evidências, o público não dava importância à imprensa (Mário Filho, apud Coutinho, 1980, p. 68). Em primeiro de junho de 1933 realiza-se o primeiro jogo definitivamente profissional entre Flamengo e Fluminense.⁵

Após a formalização do profissionalismo, a década de 1930 é o período da concretização patrimonial dos clubes esportivos.⁶ Expressa também a valorização do esporte de maneira geral no contexto brasileiro: os clubes crescem e se organizam pela intervenção estatal.

Os anos 1940 são marcados por assuntos em torno da exigência do diploma para treinadores e da proibição da gratificação, o popular “bicho”, paga aos jogadores profissionais, nas resoluções previstas no decreto-lei nº 3.199, baixado pelo presidente da República em 14 de abril de 1941. Ameaçava-se pôr em prática essa determinação⁷ e, a partir dessa data, foi liberada a transferência de jogadores de clubes da mesma praça, tendo como incentivadores o Flamengo e o Fluminense, na passagem de Norival do tricolor para o rubro-negro. Para Coutinho, “a renda foi adquirida num jogo Fla-Flu, cuja rivalidade é benéfica somente para atrair público, retornando o teor do ‘Fla-Flu’ de 1925, ‘Fla-Flu’ unidos, onde a rivalidade é substituída por uma convivência fraterna” (1980, p. 101).

Logo, o futebol transforma-se de uma simples diversão em uma fonte de renda. Em 1942, Jaime de Carvalho oficializa a primeira torcida organizada do Flamengo, que atua na Copa de 1950, como convidada de honra a

incrementar e incentivar a Seleção Brasileira. Em 1949, precisamente a 11 de setembro, foi realizado o último Fla-Flu da história do estádio das Laranjeiras, antes da inauguração do Maracanã. A proximidade da Copa do Mundo era assunto obrigatório. Neste mesmo mês (10 de setembro), a CBD anunciava a formação das subcomissões para tratar da organização da Seleção Brasileira que iria disputar a Copa. Os jornalistas Luís Mendes e Mário Filho integravam a subcomissão técnica. Alberto Borgeth e Píndaro de Carvalho, craques do Flamengo nos primeiros anos do amadorismo, pertenciam agora à subcomissão médica do evento. O ex-goleiro do Flamengo, Gomes Pedrosa, era dirigente da subcomissão observadora. Coube a estes indicar, na continuidade, Flávio Costa como técnico da Seleção Brasileira (Coutinho, 1980, p. 178; Alencar, 1970, p. 77-82).⁸

No ano seguinte, o Brasil perde a Copa do Mundo no Maracanã. O estádio é uma nova praça esportiva colocada à disposição dos campeonatos de futebol, enaltecendo novamente a “rivalidade” entre os clubes. Após a Copa, é realizado um jogo entre o Flamengo e o Bangu, a fim de angariar fundos para a compra de um jogador, pelo rubro-negro, no novo Estádio do Rio de Janeiro (o fato se repete – a “rivalidade”).

O primeiro Fla-Flu no Maracanã aconteceu somente em 14 de outubro de 1951, com a presença de Getúlio Vargas, eleito presidente da República pelo voto popular em 1950, acompanhado do prefeito do Rio de Janeiro, João Carlos Vidal. O chefe da torcida do Fluminense, Paulista, desfilou pelo grama-do vestido de “cartola”, símbolo do clube. Jaime de Carvalho, chefe da torcida do Flamengo, correu em volta do campo ao lado do cantor Blecaute, trajado de “General da Banda”. Os tricolores exibiam faixas: *O Fluminense também é do povo* e *O Pó-de-Arroz saída a turma do Popeye*. Os rubro-negros lançaram balões coloridos sobre os torcedores do Fluminense. Houve batalha de confete e serpentina, samba e muita batucada no Maracanã. Podemos considerar que o torcedor desta época ainda guardava uma certa ingenuidade romântica.⁹

A década de 1950 foi vantajosa tanto para o tricolor, quanto para o rubro-negro. O Fluminense venceu os campeonatos estaduais de 1951 e 1959, e o Torneio Rio-São Paulo de 1957. O Flamengo fez uma excursão à Europa e retornou invicto, vencendo também os campeonatos estaduais de 1953, 1954 e 1955.

Em 15 de dezembro de 1963, o Maracanã recebeu 177.020 espectadores, o maior público da história dos jogos entre os dois clubes (recorde estadual). O título do Flamengo foi comemorado com a *Marcha do remador*, sucesso de Antônio Almeida e Oldemar Magalhães que ainda embalaria muitos carnavais. Nelson Rodrigues começava a preparar as linhas em que enalteceria a torcida do Flamengo: “Amigos, o berro da legião flamenguista, ao soar do apito final, comoveu o Maracanã em suas raízes eternas.”¹⁰

Enfim, os jogos de futebol constituíam a efervescência de muitos setores, uns mais outros menos. No Campeonato Carioca de 1969, o Fla-Flu recebeu 171.599 pagantes, um grande espetáculo na descrição do comentarista Hugh MacIllvaney, correspondente do *Observer*, publicado no *Jornal do Brasil* a 15 de junho:

Enorme, esmagador, capaz de transformar em carnaval um espetáculo de futebol, o Maracanã já é uma lenda. A realidade, contudo, é muito maior. A memória que em mim, para sempre, ficará do Fla-Flu e, mais, do próprio futebol brasileiro, será desta enorme, pungente, feliz experiência humana.¹¹

Na década de 1970, o Campeonato Carioca é reformulado; a Taça Guanabara é válida pelo primeiro turno. Em 1971, entra em cena Zico, com dezoito anos, e o Maracanã presenciava, em 1976, a “Zicovardia”.¹² O Flamengo também tem Vanderlei Luxemburgo aos vinte anos. A nova era do futebol passa por outra fase de exportação de jogadores brasileiros para clubes estrangeiros e, em 1978, ocorre a primeira tentativa de negociação de Zico com o futebol árabe, mas o acerto é realizado com Rivelino, então no Fluminense.

Em 1981, o Flamengo conquistou os dois títulos mais importantes do clube: a Taça Libertadores da América e o Mundial de Clubes. Em 15 de novembro, Fluminense e Flamengo encontravam-se em mais uma final do Estadual Carioca. Mais de cem mil pessoas pagaram ingresso.¹³

Em 1983, Zico é vendido para a Itália, depois para o Japão, onde é consagrado. Em 1985, volta ao Brasil e abandona o futebol profissional

em 6 de fevereiro de 1990. Torna-se secretário especial de Esportes do governo Collor e inicia a mais contundente reforma do futebol brasileiro: o “Projeto Zico”, que mais tarde se consolida na “Lei Pelé” ou “Lei do Passe”, transformando os clubes em empresas, numa união que relativiza a “rivalidade” entre times, dentro e fora do campo. Flamengo e Fluminense construíram juntos um dos períodos mais ricos do futebol carioca e marcaram a história do futebol brasileiro; no entanto, o Flamengo se tornou mais popular que o Fluminense, ambos percorrendo o mesmo caminho. Por que o Flamengo e não o Fluminense ou o Vasco?

2.2 Flamengo e Vasco

Quando fazemos a comparação com os títulos do futebol de outros clubes, o crédito do Flamengo não encontra respaldo no número de títulos de futebol conquistados. Levando em consideração as estatísticas, o Vasco seria o clube com conquistas equivalentes ao Flamengo; na realidade, poderíamos supor que fosse o mais popular pelo seu passado histórico. É o clube que mais se fez presente em finais de campeonatos e eventos esportivos desta modalidade no estado do Rio de Janeiro, daí as suas conquistas: cedeu 33 para as Copas do Mundo entre 1930 e 1994, que marcaram 23 gols, possuindo uma média percentual de aproveitamento gols/jogadores/clube/Copa de 14,5%.¹⁴

O Vasco, atualmente, pode ser considerado o “rival número um” do Flamengo. Os confrontos esportivos de futebol entre Flamengo e Vasco, desde 1923 a 1998, em todos os Campeonatos e Copas, constam em torno de trezentas partidas. O Flamengo venceu cento e quatorze vezes contra cento e quatro do Vasco, ocorrendo oitenta e dois empates. Entende-se que esta pode ser considerada uma rivalidade à altura da popularidade do Flamengo, principalmente na questão de títulos, conquistas e presença constantes em finais; o Vasco da Gama é mais regular que o Flamengo.¹⁵

ESTATÍSTICAS ENTRE FLAMENGO E VASCO

Período: 1923 a 1999

Títulos estaduais: Flamengo – 26, Vasco – 21

Jogos: 300

Vitórias do Flamengo: 114

Vitórias do Vasco: 104

Empates: 82

Gols do Flamengo: 419

Gols do Vasco: 406

Fonte: ASSAF & MARTINS. *Fla x Vasco*, 1999, p. 251.

TABELA 22

Ranking Fla x Vasco por campeonato

Campeonato/ Torneio	Jogos	Vitórias/ Fla	Vitórias/ Vasco	Empates	Gols/ Fla	Gols/ Vasco
Carioca	188	74	64	50	256	242
Nacional	26	08	07	11	32	32
Amistosos	25	09	13	03	48	51
Rio-S. Paulo	17	06	03	08	22	15
Guanabara	10	05	02	03	12	08
Municipal	08	02	04	02	14	20
Relâmpago	04	01	02	01	07	11
R.G.Pedrosa	04	02	01	01	06	04
C.R.Janciro	02	01	00	01	03	02
R.C.Meyer	02	01	01	00	02	02
Int.Verão	02	02	00	00	03	00
Aribóia	01	01	00	00	02	01
Cid.Marvilh.	01	00	00	01	00	00
C.Cabo Frio	01	00	01	00	01	02
E.M.Pedro	01	00	01	00	00	01
Internac.	01	00	01	00	02	05
Capital	01	01	00	00	02	00
Extra	01	01	00	00	04	01
Gil.Alves	01	00	00	01	00	00
J.Havelange	01	00	01	00	00	01
Oct.Intern.	01	00	01	00	00	01
E.Santo	01	00	01	00	02	03
IV Centen.	01	00	01	00	01	04
TOTAL	300	114	104	82	419	406

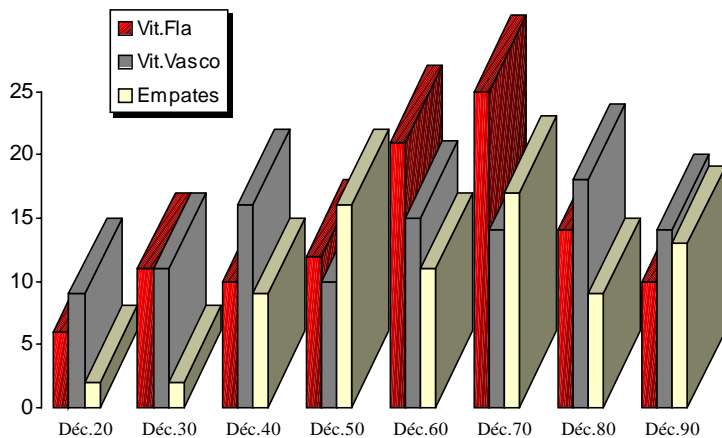
Fonte: ASSAF & MARTINS. *Fla x Vasco*, 1999, p. 251.

TABELA 23
Resultados Fla x Vasco

Resultados	Décadas							
	20	30	40	50	60	70	80	90
Vitórias Fla	06	11	10	12	21	25	14	10
Vitórias Vas	09	11	16	10	15	14	18	14
Empates	02	02	09	16	11	17	09	13
JOGOS	17	24	35	38	47	56	41	37

Fonte: ASSAF & MARTINS. *Fla x Vasco*, 1999, p. 252.

GRAFICO 2
Resultados Fla x Vasco



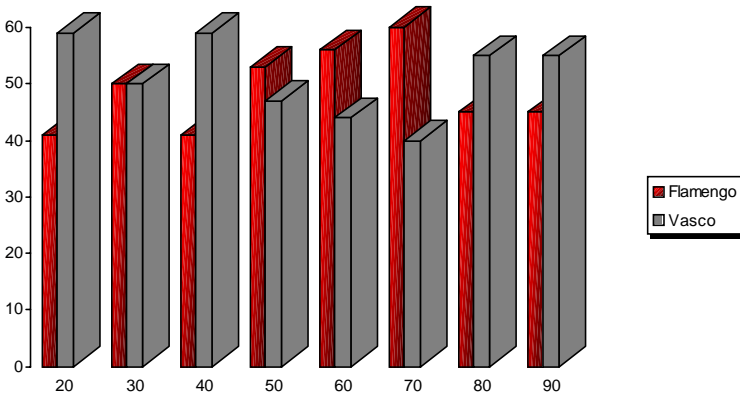
Fonte: ASSAF & MARTINS. *Fla x Vasco*, 1999, p. 252.

TABELA 24
Índice de aproveitamento Fla x Vasco

Resultados	Décadas/Índice de Aproveitamento/%							
	20/I.A %	30/I.A%	40/I.A %	50/I.A %	60/I.A %	70/I.A %	80/I.A %	90/I.A%
Vitórias Flamengo	41.1	50.0	41.4	52.65	56.4	59.8	45.1	44.65
Vitórias Vasco	58.9	50.0	58.6	47.35	43.6	40.2	54.9	55.35
JOGOS	17	24	35	38	47	56	41	37

Fonte: ASSAF & MARTINS. *Fla x Vasco*, 1999, p. 252.

GRÁFICO 3
Índice de aproveitamento Fla x Vasco



Fonte: ASSAF & MARTINS. *Fla x Vasco*, 1999, p. 252.

Flamengo e Vasco, Vasco e Flamengo, “Clássico dos Milhões” é, na realidade, uma rivalidade que mexe com as emoções dos cariocas e de muitos torcedores fora do Rio de Janeiro, há 76 anos. Esses dois times encontraram-se em mais ou menos trezentas partidas de futebol, em vários campeonatos oficiais ou amistosos, sendo que as decisões entre esses são em

números mais reduzidos. Destacamos alguns destes momentos históricos para expressar o teor da “rivalidade” rubro-negra e cruzmaltina. Reafirmamos que o foco central desta parte da pesquisa ainda se concentra nas estatísticas entre vencedores e vencidos, conquista de títulos e a regularidade em finais de campeonatos oficiais dos dois clubes. Entretanto, não descartamos o conjunto de histórias sobre o Flamengo e o Vasco, que muitas vezes trazem fatos relevantes para a pesquisa, assim como outras tantas fazem o contexto mítico, místico, popular e prosaico do futebol, pois “cada conto aumenta um ponto” na história de cada clube.

A rivalidade creditada aos dois clubes não surgiu no futebol como atualmente se pensa e presencia nos estádios. Flamengo e Vasco surgiram como clubes náuticos quando o esporte ainda se iniciava no Brasil. O Flamengo foi fundado em 1895 e o Vasco, em 21 de agosto de 1898. O surgimento dos clubes caracterizava a efervescência esportiva e as regatas eram o *must* dos finais de semana. Nesse tempo, não somente as competições começaram a chamar atenção, como também os encontros da sociedade carioca à beira-mar, proporcionados pelos eventos das regatas. As reuniões (de *rowing*) na Marina da praia do Botafogo e nos clubes tornaram-se pontos de referências socioculturais.¹⁶

As competições de regatas fizeram que estes dois clubes logo se tornassem tradicionais. Mas foi em 1900, quando o Vasco venceu o prêmio “Clube de Regatas do Flamengo”, em comemoração ao aniversário do rubro-negro em 15 de novembro, que houve um aumento na competitividade entre os clubes. A evolução da modalidade foi enorme, pela utilização de barcos modernos, importados ou de fabricação nacional. Flamengo e Vasco dividiram os títulos do esporte náutico na cidade do Rio de Janeiro, vencendo, ambos, dez campeonatos estaduais entre 1905 e 1922.¹⁷

Nessa época, Flamengo e Vasco já tinham adotado o futebol. No Flamengo, era praticado desde 1903, mas foi somente em 1912 que o clube entrou na disputa do Campeonato Carioca. Já o Vasco, até 1915 vivia exclusivamente para o remo. O futebol iniciou-se no Vasco quando uma seleção de Lisboa exibiu-se em gramados do Rio de Janeiro, e o entusiasmo da colônia portuguesa originou alguns clubes de futebol. Todos tiveram vida curta, com exceção do Lusitânia, que logo se fundiu ao Vasco, criando um departamento exclusivo para a prática do futebol.

Em 1916, o Vasco filiou-se à Liga Metropolitana e passou a disputar a terceira divisão. Em 1920 foi promovido à segunda e, em 1922, à primeira. Ao ingressar na divisão de elite em 1923, o Vasco levou para os estádios a cultivada “rivalidade” que mantinha com os rubro-negros nas regatas. Com jogadores brancos, negros e mulatos do subúrbio, os cruzmaltinos conquistaram o título carioca da primeira divisão no seu ano de estréia na liga. América, Botafogo, Flamengo, Fluminense reagiram e expressaram-se de maneira a punir o clube, exaltando que “a essência do futebol estava sendo agredida pelo regime remunerado imposto pelo Vasco”.¹⁸

Na realidade, a existência de remuneração era comum desde 1915, onde os grandes clubes praticavam não um profissionalismo oficial, mas pagavam os jogadores de futebol, os quais também não eram considerados atletas, mas “esportistas”. Estes eram pagos, mesmo que de maneira disfarçada, através de prêmios por vitórias, algumas vezes com dinheiro, objetos de valor, títulos dos clubes e outros supérfluos da época (Pereira, 1998, p. 284-5).¹⁹

De qualquer maneira, o Vasco, com seus quase dez mil sócios da colônia portuguesa e das camadas menos favorecidas da comunidade carioca, não podia ser mais ignorado. Assim, em 1925, por iniciativa do Botafogo, os cruzmaltinos ingressaram na Associação Metropolitana de Esporte Amador; adquiriram um terreno no bairro de São Cristóvão, onde construíram o Estádio de São Januário, para 45 mil pessoas, num período de dez meses (entre junho de 1926 e abril de 1927), permanecendo na primeira divisão até hoje.

O Vasco cresceu com São Januário, pois agora possuía um campo de treinamento e de jogo, um “estádio”, e o Flamengo ainda tinha de alugar locais. Essa tal “rivalidade” subiu mais alguns pontos com a construção do Maracanã, nos anos 1950, desencadeando novas competições nacionais e internacionais. Nessa década, surgiu a expressão “Clássico dos Milhões”, enfatizando os encontros esportivos entre os dois clubes, os quais atraíram multidões desde os primeiros eventos. Os desafetos entre Flamengo e Vasco são observados por Coutinho (1980) e Alencar (1970), na partida amistosa do dia 8 de julho de 1923:

(...) além da afamada rivalidade das regatas, um sentimento de desforra contra o Vasco, que ou-sara desafiar, vencendo o Campeonato Carioca

do ano, com seus negros, brancos pobres e mulatos, cuja regra estabelecida no começo do século, de que a prática do futebol, na divisão de elite estava reservada apenas aos moços de boas famílias; continua valendo para o Vasco no decorrer das décadas, onde o clube continua fazendo e cumprindo seus desafios.

Alguns períodos são marcantes para os dois clubes. Durante a etapa amadora, que vai de 29 de abril de 1923 a 16 de outubro de 1932, o Vasco levou vantagem: obteve 13 vitórias contra oito do Flamengo, além de três empates, marcou 49 gols e sofreu 33. Já no profissionalismo, que se inicia oficialmente em 25 de junho de 1933, há quatro épocas distintas nas quais, pelo menos em teoria, um time foi superior ao outro. Para Assaf & Martins (1999, p. 22-23), o período do “Expresso da Vitória” do Vasco foi de 1945 a 1952, precisamente de 8 de abril de 1945 a 14 de dezembro de 1952, quando os cruzmaltinos e rubro-negros disputaram 27 partidas. O Vasco venceu 18 e perdeu três, marcou 65 gols e levou 40. O “Rolo Compressor” do Flamengo, tricampeão carioca em 1953, 1954 e 1955, fez 14 jogos contra o time de São Januário, entre 3 de fevereiro de 1953 e 18 de março de 1956: ganhou cinco e foi derrotado em três ocasiões, marcou 27 gols e sofreu 26.

Na “era Zico”, o maior período de glória da história do Flamengo, os rubro-negros e o Vasco disputaram 23 jogos, entre 17 de setembro de 1978 e 8 de maio de 1983. O Flamengo obteve nove vitórias, perdeu sete, fez 24 gols e levou 23, ocorrendo sete empates. Nos anos em que o Vasco conquistou seu primeiro tri-campeonato estadual (1992, 1993 e 1994), houve 12 partidas, entre 29 de março de 1992 e 13 de novembro de 1994; dessas, os cruzmaltinos ganharam quatro, perderam três e empataram cinco, marcaram 16 gols e sofreram 14.

Na época do “Expresso da Vitória”, o Vasco estabeleceu um recorde que, para Assaf & Martins (1999, p. 24), dificilmente será superado, permanecendo por vinte jogos consecutivos sem perder do Flamengo. O drama rubro-negro começou a 13 de maio de 1945 e acabou a 16 de setembro de 1951, ou seja, durou seis anos, cinco meses e oito dias. Já o Flamengo manteve-se invicto em

dois períodos distintos, ambos por 11 partidas: entre 1º de junho de 1941 e 19 de março de 1944 e entre 9 de junho de 1971 e 10 de fevereiro de 1973. O Vasco já obteve oito vitórias consecutivas sobre o Flamengo: de 19 de julho de 1947 a 13 de novembro de 1949. Os rubro-negros só chegaram a cinco, entre 16 de setembro de 1990 e 24 de novembro de 1991.

Flamengo e Vasco já disputaram vinte decisões em confrontos diretos. Há empate na Taça Guanabara: o Flamengo venceu em 1973, 1982, 1986 e 1999, e o Vasco em 1976, 1992, 1996 e 1998. Os rubro-negros venceram mais finais contra o Vasco no Campeonato Carioca/Estadual em 1944, 1974, 1978, 1981, 1986, 1996 e 1999, contra os títulos cruzmaltinos conquistados em 1958, 1977, 1982 e 1988. O Flamengo venceu na estatística geral: de trezentos jogos realizados, possui 114 vitórias, contra 104 do Vasco, além de 82 empates, marcou 419 gols e levou 406 do Vasco. Contudo, há um absoluto equilíbrio entre o número de triunfos efetivos do Flamengo e Vasco. O Flamengo tem 25 campeonatos estaduais, quatro invictos (1915, 1920, 1979 e 1996), e o Vasco 21, sendo quatro invictos (1945, 1947, 1949 e 1992). Mas desde que o Vasco começou a disputar a competição em 1923, quando o Flamengo já possuía quatro títulos, o Flamengo possuía um título a mais que o Vasco (22 para o Flamengo e 21 para o Vasco).

2.3 Flamengo e Botafogo

O Botafogo é o terceiro em conquistas de títulos e, na comparação dos confrontos com o Flamengo, fica com percentagem equivalente a 28% das vitórias contra 42% do Flamengo e 25% de empates. Entretanto, muda de figura com relação aos ídolos e ao número de jogadores e gols em Copas do Mundo. É o clube que mais se destaca em ídolos e craques através da história do futebol no Brasil. O Botafogo, além de fornecer jogadores para a Seleção Brasileira nas Copas do Mundo entre 1930 e 1994, num total de 44 em todos os tempos, também forneceu 728 pessoas ao selecionado brasileiro, de assistentes a dirigentes técnicos das mais diversas funções, nas mais distintas participações do Brasil, em vários encontros esportivos do futebol internacional. Possui um elenco de craques e ídolos, nada menos que Garrincha, Amarildo, Zagalo, Jairzinho, Perácio, Nilton Santos, Rildo, Josimar, todos encontrados entre os artilheiros das Copas do Mundo.

O Botafogo é seguido pelo Vasco, clube que vem com Leônidas, Ademir, Alfredo, Maneca, Pinga, Roberto Dinamite, Dirceu, Edmundo e Romário, vindo do Flamengo. Ainda citamos o Fluminense, com Pinguinho, Romeu, Didi e Branco. Já o Flamengo apresenta Moderato, Júnior e Zico, mais tarde Sócrates (vindo do Corinthians, SP), que traz Baltazar e Rivelino, e Romário, que retorna ao clube de origem, o Vasco. Outra parte dos ídolos divide-se pelo São Paulo (SP), com Gerson, Oscar, Serginho e Careca; o Santos (SP), com Pelé, Zito, Clodoaldo e Carlos Alberto; o Palmeiras (SP), com Chico, Jair, Vavá, Mazola; a Portuguesa de São Paulo, com Julinho e Djalma Santos. No Bangú e no São Cristóvão, entre os anos 1930 e 1950, também se destacam alguns craques. E mesmo assim, o Botafogo é o terceiro na preferência do torcedor carioca.

Os clubes caracterizam a rivalidade com o Flamengo de maneira singular: competitivamente, numa busca simultânea de uma vantagem, uma vitória, um prêmio emulativo. Entretanto, a popularidade do Flamengo pertence por direito de contigüidade aos torcedores e, no nosso entendimento, a “rivalidade” entre os clubes cariocas colaborou e colabora para isso.

Passamos para mais uma tese elaborada por Mário Filho, creditada por Cláudia Mattos em *Cem anos de paixão* (1997), que afirma ter sido a popularidade do Flamengo conquistada pelo envolvimento político do clube com o populismo da era Vargas, presidente que, por sua preferência clubística, facilitou a aquisição patrimonial do clube – hipótese que refutamos, por atestarmos que os clubes cariocas receberam tratamento equivalente neste período. O esporte, especialmente o futebol, foi alvo da política nacionalista de Vargas, e seus incentivos não atingiram somente o Flamengo, mas o esporte brasileiro em sua totalidade: a regulamentação profissional, a evolução organizacional e o desenvolvimento cultural, vindo a culminar com a massificação esportiva do futebol.



Time do Bangu que disputou o I Campeonato Carioca de Futebol, em 1906.

Os moços, cheios de vida, não se contentavam em ver. Tinham de jogar: entrando para um clube, fundando outro, de qualquer maneira, num campo de verdade, numa pelada, num recreio de colégio, no meio da rua, os moleques se confundindo com os meninos de família direita.

Como acabaria aquilo tudo? Bastava olhar para o Bangu. Os ingleses ficando de fora, pouco a pouco. Mais operários no time, menos mestres. Preto barrando branco. Não seria o destino do futebol?

Mário Filho



Time de Futebol do Flamengo, em 1915.

Paixão que eleva e consome o povo brasileiro há mais de 100 anos, nem sempre o futebol foi entendido e amado pela massa. Começou doutoral e elitista. Basta lembrar o time principal do Flamengo, campeão de 1914, quase todo composto por estudantes de medicina e direito.

Edilberto Coutinho



Time de Futebol do Fluminense, em 1916.

Para alguém entrar no Fluminense, tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família. Se não, ficava de fora, feito os moleques do Retiro da Guanabara, célebre reduto de malandros e desordeiros. Os moleques debruçavam-se na cerca de arame para ver os treinos: se a bola ia para fora, podiam correr atrás dela, dar um chute. Mas nada de demora.

Mário Filho



O Vasco da Gama, primeiro time brasileiro formado, em sua maioria, por negros (1923).

Notas

¹ HELAL, R. Uma tribo chamada Flamengo. *Revista do Flamengo*, v. 2, n. 16, fev. 1997.

² Ibid.

³ Ver ASSAF & MARTINS. *Fla-Flu: o jogo do século*. Rio de Janeiro: Letras e Expressões, 1999.

⁴ História do futebol brasileiro, volume 1, Flamengo 1895-1980. Rio de Janeiro: Sociedade Cultural/Faculdades Integradas Estácio de Sá/Universidade Gama Filho, 1981, p. 67. (Coleção *Memória do Brasil*.) Observamos nestes documentos que já se falava abertamente na imprensa sobre o profissionalismo dos jogadores de futebol no ano de 1915. Veremos este assunto adiante.

⁵ Situaremos as dissidências sobre o profissionalismo e os clubes cariocas no capítulo 4.

⁶ Ver capítulo 3, A concessão patrimonial na era Vargas.

⁷ MANHÃES. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

⁸ Ver capítulo 4, *A construção histórico-social do Flamengo*.

⁹ Ver ASSAF & MARTINS. *Fla-Flu* (1999), *Fla-Vasco* (1999) e *Campeonato Carioca* (1997).

¹⁰ Ver crônica de Nelson Rodrigues (2.5.1964), no capítulo 4. Nesse mesmo ano, segundo Coutinho, os militares demonstraram alguma prepotência. No dia 1º de agosto, um capitão do CPOR interrompeu o treino do Vasco da Gama, alegando que seus soldados precisavam de parte do campo de São Januário para ensaiar o desfile que fariam mais tarde, durante cerimônia do batalhão. Em Minas Gerais, a Polícia Militar divulgava o sucesso da campanha contra o “palavrão” nos estádios, iniciada no jogo entre Cruzeiro e Atlético, no Estádio Independência (Coutinho, 1980, p. 331-338).

¹¹ A Copa do Mundo de 1970, realizada no México, marcou o prenúncio de uma nova era: a das transmissões ao vivo das imagens em cores das partidas internacionais para dezenas de países. É o início do megapetáculo que mais tarde viria a se confirmar, quando o futebol passa a ser organizado em função do interesse de patrocinadores e dos canais de televisão. ASSAF & MARTINS. *Campeonato Carioca – 1902-1997* (1997); *Fla-Flu* (1999).

¹² Termo inventado pela mídia. Ver Coutinho (1980), em capítulo especial dedicado ao jogador Artur Antunes Coimbra, Zico.

¹³ De acordo com Coutinho (1980, p. 455) o norte-americano Henry Kissinger, ex-secretário de Estado dos governos Richard Nixon e Gerald Ford, chegou ao Rio para participar de um seminário sobre política, deixou as malas no hotel e seguiu para o Maracanã. “*It’s very exciting*”, disse ao presenciar a multidão em festa.

¹⁴ Clubes nas Copas do Mundo.

¹⁵ Ver Tabela 14, no capítulo 1.

¹⁶ Ver capítulo 4.

¹⁷ Temos como referência COUTINHO (1980); ALENCAR (1970); ASSAF (1998) e ASSAF & MARTINS (1999).

¹⁸ Ver ASSAF & MARTINS (1999); ASSAF (1998); COUTINHO (1980); e ALENCAR (1970).

¹⁹ PEREIRA. L. A. de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, p. 284-285.

.3.
**A CONCESSÃO PATRIMONIAL
NA ERA VARGAS**

A constatação da utilização da troca de estímulos na relação entre esporte de massa e governo não é distinta somente em relação a alguns clubes, e característica de poucos governos; o que parece existir são características distintas nas maneiras de os clubes utilizarem as circunstâncias de cada governo para defender seus interesses. De acordo com Lever:

Podemos afirmar que o esporte e governo mais do que apenas convivem; é um relacionamento “simbiótico”. Os políticos estimulam o desenvolvimento dos esportes de massa e o esporte, em troca, tem ajudado os políticos a projetarem sua popularidade, contribuindo para que o governo brasileiro alcance seus objetivos nacionalistas. Carlos Lacerda, por exemplo, quando governador, manteve a preferência de seus eleitores do Rio de Janeiro, ao aterrar parte da baía para construir o Parque do Flamengo, um dos poucos lugares públicos da cidade com instalação para a prática de esportes, inclusive futebol. O governador de Minas Gerais, Magalhães Pin-

to, também ganhou votos, além da imortalidade, ao construir o Estádio Magalhães Pinto, em Belo Horizonte, com capacidade para 100 mil espectadores. (1983, p. 87)¹

Doações e favores concedidos aos clubes, nos planos local e nacional, tornaram-se comuns no Brasil em alguns governos. O presidente Dutra doou um terreno no centro do Rio de Janeiro ao Clube de Regatas do Flamengo; poucos anos depois, no início da década de 1950, o presidente Vargas concedeu um empréstimo ao clube, a fim de que pudesse construir no terreno doado um prédio de 24 andares, com vista para a baía da Guanabara. Os motivos políticos para tais generosidades parecem óbvios. Contudo, a partir da proibição de doações de políticos a clubes específicos, a simples declaração de fidelidade (ao clube mais popular, é claro), ainda vale votos, mesmo nas grandes cidades modernas da atualidade. Os sentimentos pelo futebol, como os sentimentos primordiais em que estão baseados, são fáceis de explorar politicamente, porque as pessoas estão conscientes deles e consideram que são legítimos (Coutinho, 1980).

O Fluminense, no incentivo à política e ao esporte, em suas várias comemorações e inaugurações no interior do clube (reformas, ginásios e piscinas), fazia alusão à presença de políticos, senão em discursos fervorosos, instigado pelas situações políticas de distintas épocas, desde Coelho Neto, descrito e criticado por Lima Barreto com as palavras pejorativas de que constituía uma “regressão à barbárie”, e principalmente nos anos em que os Fla-Flus dominaram a cena futebolística do Rio de Janeiro e do país, construindo e permanecendo na história do futebol carioca, como parte integrante da história do futebol brasileiro (*História do Clube de Regatas do Fluminense*, 1997).

A luxuosa sede do Botafogo de Regatas – projeto de Bahiana & Fortes, conhecido como “Palacete Mourisco” – teve sua pedra fundamental lançada em 1º de julho de 1919, quando o clube completava 25 anos, em plena euforia do Campeonato Sul-Americano de Futebol, realizado no Rio de Janeiro e vencido pelo Brasil. A sede foi solenemente inaugurada em 15 de agosto de 1920, com a presença do príncipe Aimone de Savóia, da Croácia. Destaca-se a presença de políticos do Rio de Janeiro na inauguração da sede,

que teve a cessãodo terreno consolidada nesse governo. O clube manifesta então suas honras aos nomes de Paulo Azeredo, Anselmo Mascarenhas, Emmanuel Sodré, Oscar Niemeyer, Flávio Ramos, Raimundo Ferreira Silva, Arthur César de Andrade, Augusto Paranhos Fontenelle, Miguel Rafael de Pino, Jucelino Kubistchek, Guilherme Arinos e César Maia (*Botafogo: o glorioso*, 1996).

Arthur Bernardes, presidente da República entre 1922 e 1926, sanciona decretos em 16 de agosto de 1926, doando os terrenos da General Severiano ao Clube do Botafogo. O Departamento de Copacabana é desocupado, devido ao alargamento da avenida Princesa Isabel e para a abertura da segunda galeria do Túnel Novo. O Botafogo, que tinha várias sedes em áreas ameaçadas pelo crescimento da cidade, foi levado a ceder seus espaços, em 1938 e 1954, a construções metropolitanas. Em 1954, com o projeto arquitetado por Oscar Niemeyer e doado ao clube, a sede é remodelada e o Palácio Pasteur cede mais algumas áreas para abranger todo o plano estrutural esportivo. Mais tarde, em 1970, perde os terrenos, mas não as áreas construídas na General Severiano, que estavam abandonadas. Em 1993, retorna a essa antiga sede, novamente com área doada pelo governo estadual, onde é edificado um dos mais modernos complexos esportivos; com a necessidade de mais áreas para abranger todo o projeto, estas foram doadas na primeira gestão do prefeito do Rio de Janeiro César Maia.²

O Vasco da Gama inaugura seu estádio em São Januário em 1927, precisamente em 21 de agosto – na ocasião, o maior da América do Sul –, trazendo para a celebração não menos que o presidente da República, Washington Luís, ministros de Estado e o presidente da CBD, Oscar Costa. O propósito era homenagear as personalidades pelas suas contribuições ao clube e ao esporte brasileiro, que estavam se iniciando em outros moldes: natação com piscinas térmicas e cobertas, ginásios, pistas, terrenos para campos de modalidades, quadras abertas, estrutura para a parte social, etc., realizadas no decorrer dos anos (*Anuário estatístico do Clube de Regatas do Vasco da Gama*, 1998; Assaf & Martins, 1999).

Até os líderes militares da década de 1970, que não dependiam de votos, beneficiaram-se de sua devoção proclamada a clubes populares. O general Emílio Garrastazu Médici, que ocupou a presidência de 1969 a 1973, tornou-se conhe-

cido como um torcedor fanático do Flamengo e um partidário patriótico da Seleção nacional. Sua presença freqüente no Estádio do Maracanã, sempre acompanhado por seguranças, atraía milhares de pessoas. O presidente Médici usou de sua influência política para ajudar seu clube predileto, da mesma forma como usou o clube para reforçar sua influência política. Aproveitou-se de sua posição de poder para interferir no lado técnico do esporte, de forma fora do alcance do torcedor comum. Médici estimulou os diretores do Flamengo a comprarem o passe de Dario, seu jogador preferido. Depois, como Dario não correspondeu em seu novo time, o presidente promoveu outra reunião com a diretoria do Flamengo, a fim de solicitar que deslocassem Paulo César para a ponta-esquerda e dar mais agressividade ao ataque (Lever, 1983, p. 87).

Dada a grande importância conferida à associação entre o futebol e personalidades políticas, alguns políticos podem afirmar serem torcedores, mesmo quando não o são. Quando Médici anunciou seu sucessor, o homem escolhido para ocupar a presidência não era muito conhecido do povo brasileiro. Sua fotografia apareceu no *Jornal do Brasil*, ocupando quase dois terços da primeira página, a 19 de junho de 1973. As informações relevantes sobre o homem: “Gaúcho de Bento Gonçalves, 64 anos, torcedor do Internacional em Porto Alegre e do Botafogo no Rio de Janeiro, irmão de dois generais, casado, e com uma filha. Ernesto Geisel será o 23º presidente da República”. Introverso e intelectual, Geisel não era fã de futebol, fato conhecido nos círculos militares e na imprensa da época. Mas não torcer por um clube tornaria Geisel diferente dos outros brasileiros. Identificar-se com um clube popular era uma maneira simples de declarar “eu sou do povo” (*Jornal do Brasil*, 19 jun. 1973, Política e Economia).

A Copa do Mundo no México é outro exemplo. No retorno ao Brasil, a primeira escala da Seleção Brasileira foi em Brasília. Os jogadores foram recebidos com honras presidenciais por Médici, declaração de feriado nacional, abertura dos portões do palácio presidencial, um almoço e mais uma gratificação de 18,5 mil dólares, livres de impostos, para cada jogador. Credita-se também que, pela interferência de Médici, João Saldanha teria sido afastado como técnico da Seleção em 1970.

Médici continuou a explorar o triunfo do futebol na marcha de Miguel Gustavo, “*Prá Frente Brasil*”, composta para inspirar a seleção que disputaria

a Copa do Mundo; passou a ser tocada por bandas militares em todas as solenidades oficiais, sendo transmitida constantemente pelas emissoras de rádio e televisão. O regime militar sobrepôs o seu *slogan* nacionalista “*Ninguém segura este País*” a uma fotografia de Pelé (Santos F.C., SP) em pleno ar, depois de marcar um gol, espalhando os cartazes por todo o país.³

Para Lever (1983), a simbiose entre esporte e política é talvez melhor ilustrada pela Loteria Esportiva nacional. A Loteria Esportiva foi criada em 1969 pelas autoridades financeiras, a fim de produzir receita necessária para financiar os programas do governo. A maioria das loterias esportivas do mundo é baseada no futebol; aproveitando o entusiasmo do jogo e a excitação de ganhar parte de uma fortuna, as pessoas são levadas a apostarem, contribuindo também para programas sociais e culturais. Os políticos brasileiros há muito acreditam que os projetos relacionados ao futebol, e ao esporte em geral, lhes valem mais popularidade que as obras públicas importantes, que exigem planejamento a longo prazo, além de um apelo para os eleitores com uma mentalidade mais voltada para o futuro, do que eles sentem possuir. A relação entre a identidade nacional e a cultura mostra que a nação é um contexto sócio-histórico dentro do qual o futebol se encaixa, salientando que o investimento emocional dos indivíduos nos elementos do contexto esportivo possui como fator fundamental a manutenção de símbolos.

E é nesta relação simbiótica que enaltecemos a popularidade dos clubes de futebol. Argumentamos ao redor da tese mais freqüente insinuada para explicar a popularidade de um clube muito especial: Clube de Regatas do Flamengo. Pelo fato de o time de futebol, em seus primeiros anos de afirmação, ter treinado no campo público da praia do Russel, segundo Helal⁴ e Mário Filho.⁵ Alberto Borgeth foi o primeiro a relacionar a possibilidade para a explicação da popularidade do Flamengo com o campo do Russel:

(...) o Flamengo treinava naquele descampado. Uma desvantagem? Daí surge uma grande vantagem: é o começo da galera rubro-negro. Nas tardes de treino, os jogadores trocavam de roupa na garagem dos barcos, no 22, da praia. Com suas chuteiras barulhentas, caminhavam até o

Russel. A garotada virava rubro-negra. Moleques, alvoroçados, acompanhavam o grupo, faziam perguntas a Píndaro de Carvalho, transformavam Armando de Almeida, o Galo, num autêntico ídolo. Estabelecia-se uma intimidade, que não seria possível com os finos e distantes moços do Fluminense. O Flamengo conquistava seu público e aprendia que era preciso permanecer junto dele. (1992)

Mário Filho considera que a relação entre a praça do Russel e a popularidade do Flamengo é “uma explicação primária plausível, não definitiva”, remetendo a se afirmar mais na onipresença do grupo, cuja fala resume “há um pedaço do Flamengo em toda parte”. (Parece que há em Mário Filho a tentativa de achar indícios que causaram a popularidade do Flamengo, talvez isto possa fundar um mito.)

No início, alguns anos após sua fundação, a estrutura física do Flamengo era precária, não era um clube; vivia dos aluguéis e empréstimos de espaços para treinamentos e não se concentrava em apenas um local, como atualmente, uma sede central. Nas primeiras décadas, ocupou o casarão 22, o campo da praça do Russel e o da rua Paissandu e uma segunda sede na atual avenida Rui Barbosa nº 170, também construída no terreno doado pelo governo, cuja construção não significou a perda da primeira sede. Somente cinco anos mais tarde (1917), seria arrendado um terreno na rua Paissandu, onde o time de futebol do Flamengo passaria a ter um esboço de sede. Mas, logo o contrato foi rompido e o espaço colocado à venda. Como o Flamengo não poderia oferecer a opção de compra, foi despejado e voltou para a rua. Passou a utilizar o estádio do Fluminense, que em troca ficava com um percentual da renda dos jogos.

Na Rui Barbosa, os quatro andares que formavam a sede, talvez por memória afetiva do 22, hoje é o apoio do edifício de cento e quarenta e oito apartamentos distribuídos em vinte e quatro andares. Uma sede náutica na lagoa e a sede para esportes terrestres na Gávea, construída praticamente aterrada na lagoa Rodrigues de Freitas. Para Mário Filho, além da onipresença

do Flamengo, a relação entre o populismo e o clube pode ser determinante para a sua popularidade. Foi o clube mais bem tratado pelos governos populistas brasileiros, principalmente na era Vargas. A estrutura física do clube só se definiu em 1930, quando da posse por doação efetuada pelo governo federal veio a se fixar na Gávea.⁶

As duas colocações de Mário Filho podem até parecer compor uma explicação para a popularidade do clube. Contudo, esta segunda hipótese – a relação entre o populismo e o Flamengo – desperta um quê de “tendenciosa”, por não possuir sobriedade de valores que se fixaram ao longo da história do clube e servir como base para a explicação de “popularidade”. Entretanto, levantamos alguns questionamentos a este respeito.

Até que ponto um governo populista, cuja preferência se deu pelo Flamengo, beneficia um clube? Em primeiro lugar, de acordo com os dados estatísticos relativos à presença dos clubes em Copas, a participação dos jogadores do clube em 1930, na I Copa do Mundo no Uruguai, foi apenas com dois atletas e, em 1934, na Itália, sem a convocação de qualquer jogador apesar da base da Seleção Nacional ser formada pelos clubes do Estado do Rio de Janeiro, são fatos que não justificam o apoio do governo federal a um clube sem representatividade na composição da seleção nacional.

Poderia supor, então, que não estaria longe das características do governo populista a proximidade das massas; porque, em contrapartida, era o que o Flamengo tinha a oferecer, a sua popularidade. Mas, se perguntássemos: o governo populista de Vargas foi Flamengo? Também poderia ser. Que mal haveria de ter sido. Mas se sobrepuséssemos uma terceira questão: o Flamengo foi populista? Esta explicação parece-me não se firmar para responder a relação da situação vivida pelos clubes na atualidade, mas para a política vivenciada na época do surgimento destes clubes, torna-se ainda mais complexa, quando Mattos⁷ correlaciona a situação política da era Vargas a uma terceira tentativa de explicação: a relação entre o Flamengo e “o mito da pobreza turbulenta”. Um dos pontos cruciais da autora está quando afirma:

Esta parcela discriminada da população tornou o Flamengo “o mais querido do Brasil”, como

costuma dizer há décadas, porque se identificou com o comportamento arruaçeiro dos primeiros atletas rubro-negros. E, com o agravamento das tensões sociais, o Flamengo foi sendo cada vez mais identificado com os morros. Os tumultos moleques, as travessuras dos atletas rubro-negros foram deixando de ser vistas como estudantadas, à medida que este comportamento foi sendo absorvido por sua torcida.⁸

Desacreditamos que o Flamengo foi responsável pelas arruaças e passeatas de toda uma era governamental. Sendo um grupo pertencente à elite, pouco tinha a reclamar dos salários e direitos humanos. O clube constituído iniciava o objetivo de dar vazão aos constrangimentos da época e, com certeza, não para promover desordens.⁹ Ligar a popularidade do clube a este contexto parece-me precipitado. O Flamengo continua tão ou mais popular do que na era Vargas, pela adesão não só da pobreza, mas de todas as classes, pobres e ricos, elitistas ou não. Mas será que a “pobreza” continuou “pobre” e a “turbulência” da década de 1930 tornou-se um “mito” que permanecesse nas páginas da história brasileira?

Para dar mais abrangência ao assunto da mitologização da pobreza turbulenta, Girardet¹⁰ é um autor que considera o mito como “(...) o impulso psicológico, a inspiração ideal que pode conduzir os homens para o bem ou para o mal, mas que lhe é, de qualquer modo, indispensável”. E continua:

(...) é no quadro exclusivo da defrontação das doutrinas, do entrecruzamento ou do choque dos sistemas de pensamento que são percebidos os grandes debates onde se viram historicamente confrontadas as visões opostas dos destinos das cidades. (...) os debates ideológicos implicam de conteúdo passional (...) a análise se acha sempre, ou quase sempre, reduzida de certo número de obras teóricas, obras classificadas em função do

que a tradição lhes atribui em valor de intemporalidade e que se trata de situar umas em relação às outras, de explicar, comentar e interpretar (1987, p. 10).

É nesta condição que sustentamos que a relação citada pela autora está condicionada à irreverência dos componentes do “Clube de Regatas do Flamengo”, e não se justifica, a partir de então, à progressiva popularidade do clube na atualidade. Por isso, creditamos às palavras de Mário Filho, que relata na linguagem de romancista do jornalismo diário, episódios pitorescos que atestam a boêmia desenfreada, o espírito galhofeiro dos seus personagens, a alegria contagiante e o entusiasmo por vezes agressivo ou mesmo perverso nos seus objetivos de desforra ou na perseguição à vitória esportiva.

Na república da praia, de mais agregados que titulares como no café da rua São José, muitos desvarios eram simples rapaziadas, turbulência de moços que iam até à contravenção, sem motivação ou correspondência com o Flamengo. Incidentes desagradáveis aqui e ali eram atribuídos ao “pessoal do Flamengo”, que sempre davam um jeito de estarem próximos. Entretanto, outras tantas brincadeiras pesadíssimas, eram na verdade manifestações típicas de torcedores apaixonados que não perdoavam as picuinhas, as provocações, as preterições e mesmo algumas derrotas indiscutíveis. Tudo corria por conta do ímpeto ardoroso, folgazão, de moços entusiasmados que inegavelmente encarnavam a paixão flamenga (1970, p. 100).¹¹

Há no meio dessa recolha abundante muita coisa significativa, mesmo quando o fanatismo clubístico incidia em exageros condenáveis. A república “Paz e Amor” (modesta moradia de Gentil Monteiro e Aroldo Borges

Leitão, transformada sempre em albergue de seis, sete ou mais rapazes) e o Café Rio Branco foram na verdade terríveis fortins de torcedores e adeptos do Flamengo. Mas não podemos confundir alguns excessos, maldades e desordens com demonstrações de torcedores.

Para Lovisoló,¹²

As elaborações românticas e populistas, por vezes vinculadas a infantilização do povo, pareceria que realizam uma grande contribuição em termos de valorização da cultura nacional e da produção dos populares. A valorização centra-se em tomar elementos da cultura expressiva, dança, música e as lutas estilizadas. O que se valoriza então, são os traços estéticos da cultura popular: carnaval, samba, tango, futebol. Esta valorização pode no fundo ser produto de uma espécie de compensação da desvalorização no plano da razão e da vida instrumental, da condução e da gestão. Poderíamos chegar a pensar, se perseguidos pela dominação, que pode formar parte de uma sofisticada, embora não consciente, estratégia de poder (2001, p. 96).

O que podemos concluir é que o futebol do Flamengo da década de 1930 compunha-se de jogadores de certa irreverência e até hoje se compõe, mas levando em consideração as suas conquistas, sempre fizeram parte do seu elenco jogadores de “raça e determinação pela vitória” o que, segundo Helal,¹³ pode ter tido influência marcante com relação a sua legião de torcedores. Abre-se mais uma possível explicação para a popularidade do Flamengo.

Sendo um clube com jogadores de raça e determinados, qualidades indispensáveis para um jogador de futebol ser desejado por um clube, está estritamente ligado também à aceitação das massas, proporcionando a relação carismática entre torcida – jogador – clube. Sendo o Flamengo composto por jogadores com carisma, tornou-se um clube carismático e permitiu-se ao assédio populista da época. Porém, no uso de suas atribuições como

um clube “popular” perante as massas, também teve seus méritos no governo Vargas, como em qualquer governo outros clubes foram focos de utilização. Para Saldanha (1970), o próprio governo Vargas contribuiu para a aproximação da elite política com as massas, através do futebol, e também desta elite com o futebol, cujo resultado é a necessidade de se criar um canal de comunicação entre as classes. Ou acredita-se no objetivo de tornar “seus” “os discursos da massa, procurando apoiar-se nas camadas populares ou que parece, pretende protegê-las”.¹⁴

Afinal, que as elites sempre tentaram se apropriar dos discursos populares parece ser uma constatação comum. Mesmo assim, o que podemos considerar, a partir da explicação de Mário Filho e Mattos, é que se tratar de mais um consenso político-social da época, sem comprovação satisfatória. Assim, à relação governo Vargas e Flamengo podemos atribuir a ascensão patrimonial do clube, mas não a adesão crescente das massas elitistas e não elitistas de hoje, as quais deveriam repudiá-lo como populista, pela leitura de Mattos (1996); ao contrário, aderiram à popularidade de um Flamengo carismático, pela colocação de Alberto Borgeth, quando este afirma que “o Flamengo conquistava seu público e aprendia que era preciso permanecer junto dele”. Na versão de Borgeth, o Flamengo começava a despontar e explorar a simpatia e a simplicidade de seus jogadores, como líderes e heróis de uma comunidade através de um sentimento que começava a se estabelecer.¹⁵

Portanto, os pontos relevantes para a análise da popularidade do Flamengo fazem alusão à relação com o governo Vargas, o militarismo em comparação ao atual, a necessidade de populismo, onde a tradição estatal não representou uma referência firme e permanente. Esse patriotismo popular de base não pode ser visto como crescendo continuamente em direção ao patriotismo nacional moderno. Mas, na verdade, isso era muito pouco esperado pelos governos dos antigos regimes. O dever dos sujeitos em tais regimes, fora daqueles encarregados de deveres militares, era a “obediência e tranqüilidade da paz civil”¹⁶ e não lealdade e zelo. De um modo ou de outro, no entanto, a vinculação a um governo histórico (ou real), presente ou passado, pode agir diretamente sobre a consciência de pessoas comuns para produzir o nacionalismo, ou talvez algo próximo do patriotismo moderno, e nestes períodos os interesses estatais dependem da participação dos cidadãos comuns em um grau não considerado antes.

Na colocação de Mário Filho, a relação entre o futebol e o populismo da era Vargas teria sido uma consequência para a popularidade atual do clube, parece-me ser patente o apelo popular potencial de uma tradição estatal por um nacionalismo, cujo objetivo é estabelecer a nação como um Estado, conforme o conteúdo da propaganda nacional do governo Vargas. Pode também ser um guia confiável para descobrir o que as camadas populares realmente pensavam, antes de começarem a aderir à causa nacional; isto não significa negar que a identificação nacional, sobre a qual se podem construir nacionalismos posteriores, deixou de existir. Entretanto, onde existem ou parecem existir continuidades entre os nacionalismos, elas são muito artificiais no esporte de 1984 em diante, e não possuem conexão intrínseca com nenhum levante popular amplo. O que existe são grupos distintos. Todavia, é evidente que o futebol facilitou a tarefa das idéias nacionalistas de Vargas, apesar de grandes diferenças, na medida em que os símbolos e sentimentos existentes na comunidade poderiam ser mobilizados para uma causa moderna ou para um Estado moderno. Mesmo assim, isto não significa dizer que ambos eram a mesma coisa ou que um, lógica e inevitavelmente, deveria se seguir ao outro.

De fato, é possível observar a total incongruência entre o esporte e nacionalismo, mesmo quando ambos existem simultaneamente e combinados, como por exemplo, o reviver dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, no final do século XIX, precisamente, em 1896. Estavam, sem dúvida, inspirados pelo pensamento das antigas glórias helênicas, que também despertava o entusiasmo por cultos e rituais não só populares da prática do esporte, mas em nível de uma união mundial, na qual Olavo Bilac (1907) reverencia os remadores no início do século XX.

Parece que enquanto base nacional pode ser desejável e, até mesmo essencial para a afirmação de movimentos nacionais sérios que aspiram a um Estado moderno, embora em si mesma, não seja para criá-los, é essencial para a formação da lealdade e do patriotismo nacional, uma vez que o Estado tenha sido fundado; ou seja, estes são mais a consequência de um Estado estabelecido na época do que as suas fundações. Entretanto, sabemos muito pouco sobre o que acontece nas mentes da maioria dos homens e mulheres com relação ao governo Vargas, para podermos falar a respeito de nacionalidades às quais proclamam suas lealdades. As relações entre identificação nacional e o

patriotismo estatal ou nacional devem ficar abertas a interpretações sugestivas por essa razão. Sabemos que os movimentos e partidos nacionais têm, no apoio dado por essas pessoas ao governo, seu consentimento, mas não sabemos o que esses consumidores se tornam depois que compram a coleção destes bens, apresentados a eles pela política nacional. Algumas vezes, parece muito claro o que eles têm como conteúdo, mas estamos constantemente correndo o risco de dar notas às pessoas por um compêndio inusitado e vivido durante os anos 1930 a 1950, sem um exame que as mesmas não conseguiram realizar no momento.

3.1 Além da Política

Apesar de não ser possível detectar um projeto claro das várias esferas do poder público, no sentido de utilizar o futebol enquanto um legitimador da ordem política vigente, no sentido de reforçar a idéia da construção de uma identidade nacional, verifica-se também que setores da sociedade buscavam no futebol um fator de coesão nacional. Deve-se ter em conta que várias características deste esporte facilitam essa associação entre a sua prática e a idéia de nação, por exemplo, quando Nelson Rodrigues cita que “ainda é comum o fato das cores das bandeiras das nações estarem estampadas nas camisas das seleções nacionais”.¹⁷ Na utilização da história do esporte, da cultura de massa e, por fim, da existência real dos fatos, orienta a uma interpretação teórica sólida, que expressem com fidedignidade os pormenores incluso nos processos que envolvem a popularidade dos clubes e as emoções, sentimentos e dramas, elementos que arrastam multidões de torcedores para o futebol.

Recorremos a referências, contos, histórias e estórias da própria história do futebol enquanto uma possível explicação para o fenômeno popular expresso em nome do Clube de Regatas do Flamengo. Na busca de uma explicação plausível, das várias supostas para a expressiva popularidade do Flamengo, Helal¹⁸ aponta que

O que se segue são algumas pistas para um estudo sociológico mais profundo sobre o referencial simbólico que a torcida do Flamengo oferece (...).

Dizer que esta se deve ao caráter democrático do clube é uma falácia que não se sustenta com dados históricos: o Flamengo era no início tão elitista quanto Fluminense, Botafogo. Atribuir às cores vermelho e preto uma atração maior exercida sobre as pessoas é também uma explicação precipitada e sem comprovação empírica: outros clubes do Brasil possuem estas cores e não são os mais populares em seus estados. Talvez a explicação mais plausível encontra-se no fato de que o Flamengo, em um dado período da história, treinava em campo aberto, permitindo à população um contato mais próximo com os atletas, levando o jogo para o “homem comum”. *Ainda assim ficamos no terreno das especulações* [grifo nosso]. Portanto, mais do que tentar buscar explicações para uma popularidade, torna-se fundamental entender as diferenças e singularidades que emanam desse fato.

O autor esmera-se em não se distanciar das fontes sociológicas primárias criando uma abertura de possibilidades, de introdução a novas interpretações a respeito do referencial simbólico que a torcida do Flamengo oferece. Para Helal (op.cit.) “ser a maior significa ser diferente, de uma qualidade singular. A quantidade denota aqui, uma particularidade única de pensar, sentir, agir e torcer pelo Flamengo”. Para compreender esta singularidade do *ethos* cultural do clube, utilizamo-nos de algumas das colocações do autor. Ser Flamengo denota participar de uma complexa rede de torcedores das mais variadas classes, raças, cores, situações e intenções para uma análise. O futebol oferece uma estrutura comum de referências, significados e regras, transcende barreiras culturais, políticas e de linguagem. Seus fundamentos formam um cenário simbólico global, estabelecendo a cultura popular e de massa. Porém, se fôssemos aplicar uma análise rigorosa de meios e fins ao esporte, perderíamos uma grande atração pelo futebol e, talvez, até pelo esporte em geral. Mas vamos situar que o torcedor seja um conhecedor da história do futebol de seu clube: ele sabe a estatística do desempenho (pontos ganhos, perdidos, *ranking* de classificação), seus ídolos, craques, o

técnico, os títulos, e os elementos circundantes da política econômica do clube, o nome do novo contratado, quem se machucou, saiu da partida, está fundamentado técnica e taticamente e sente prazer em demonstrar o que sabe. Por um breve momento ele expressa o resumo do time, como uma lição na “ponta da língua”.

Os torcedores são testemunhas da história do futebol, ligando-os ao passado, vivendo o momento presente, cujo domínio é a paixão e a perspectiva do futuro título. Em contrapartida, o futebol oferece-lhes símbolos comuns, uma identidade coletiva e uma razão para a solidariedade numa comoção partilhada de ações e sentimentos, elaborando uma construção de conjuntura. O torcedor jamais está alheio. Está informado pela mídia, procura nos jornais, revistas e reforça o que ouviu dizer. Fala sobre o rival, pois também é conhecedor deste. Sabe o próximo jogo, critica, escala o time e sua opinião faz-se percebida no seu contentamento ou não. Às vezes cala e consente, e vai ao estádio conferir o resultado. É nesta ótica que apresentamos a *segunda hipótese*: o pensar, agir e torcer traduz a expressiva condição de pertencimento ao grupo. Contudo, ainda sombreadas de especulações sobre esta aderência e escolha de um clube para torcer. Podemos sugerir que o futebol não nasceu com o objetivo de ser popular, tornou-se, e neste contexto é que temos esperança de se chegar a um denominador comum, mas que ainda não explica a complexidade da popularidade do Flamengo.

O futebol, mesmo sendo uma modalidade peculiarmente nascida na elite, não foi difundido e propagado. Devido a outros fatores, que veremos adiante, disseminou e conquistou todas as classes e raças, partindo para uma comoção de emoções e sentimentos, nunca antes experimentados pelos brasileiros, abarcando comunidades e populações numa dimensão surpreendente. É na reconstrução histórica do futebol no Brasil que podemos localizar os primeiros fatos marcantes, os indícios para a popularidade dos clubes. A busca de um ponto de referência na história possibilita situar as especulações sugeridas no contexto do futebol, partindo-se da hipótese de que o Clube de Regatas do Flamengo já tinha uma certa popularidade com o remo, vindo a se afirmar com o futebol nas primeiras décadas do século XX. Passou a ser praticado por populares de todas as classes, negros, brancos pobres e mestiços, até o advento do profissionalismo, ao final dos anos vinte e concretizando-se nos primeiros anos da década de 1930. A

partir de então, muitos clubes e jogadores foram consagrados pela massa popular, sendo que o clube que mais se fez valer desta popularidade foi o Flamengo, objeto de estudos e paradoxo sociológico.

Entretanto, entender o processo de construção diferencial da popularidade de um time de futebol como o Flamengo é uma questão histórica e sociológica significativa. Sobretudo quando se leva em consideração a existência de uma constante: na grande maioria dos países, dois ou três times concentram as preferências nacionais e locais. A sociologia e a história da religião e da política colocaram-se questões semelhantes ao analisarem a constituição das lideranças locais, nacionais e especialmente internacionais no caso da religião. A categoria “carisma” é central para a análise das lideranças, como também a formação e relações entre ativistas, simpatizantes e organização. O “carisma” é habitualmente pensado como relação aos sentimentos, expectativas ou desejos dos seguidores do líder, quer este expresse essas características que estariam “latentes” quer lhes dê forma mediante o agir carismático que envolve discursos, gestualidade e símbolos entre outras possíveis dimensões constitutivas.

Para Max Weber, “os líderes carismáticos são portadores de dons específicos (do corpo e do espírito) considerados sobrenaturais, não acessíveis a todos, e cujo exercício corresponde às necessidades do grupo” (1982, p. 183-289).¹⁹ Em Weber, encontramos muito mais comumente o carisma ligado a uma pessoa do que ao grupo, entretanto o poder de um líder carismático pode, até certo ponto, ser estendido a sua equipe, geralmente formadas por pessoas ou indivíduos que concebem uma ideologia ou crença que a difundem ou representam.

Uma das condições dessa legitimação é que as referidas obrigações parecem justificadas pelo conjunto de valores que organizam o campo da experiência vista em uma dimensão abrangente. O fenômeno religioso²⁰ não se reduz à experiência subjetiva vivida por indivíduos particularmente dotados (“virtuosos”, diria Weber) de certas exigências existenciais, ou ainda, toda religião é uma organização mesmo como forma simbólica. Encontramos nela papéis diferenciados entre o meio interno, constituído pela sociedade religiosa, as relações entre as diferentes categorias de sujeitos que dela participam e o meio externo, a sociedade leiga e profana na qual se inscreve a sociedade religiosa. A maioria das sociedades religiosas possui caráter simbólico, à medida que representam uma causa, valores, idéias, modos de viver, qualida-

des ou virtudes. Possuem autoridade ou influência decorrente das crenças ou estruturas sociais, baseadas no passado e reforçadas pela tradição e existem indivíduos ou grupos cuja formação é, mais do que tudo, puramente símbolo. Podemos citar certos elementos que pertencem a este grupo: grandes proprietários e industriais, banqueiros, capazes de influenciar a vida econômica, social e política da comunidade, políticos famosos, pessoas do *jet-set* da mídia como artistas e esportistas, bem como uma instituição esportiva.

É possível demonstrar que a religião quer seja considerada no estado difuso do mundo primitivo e da religiosidade popular, quer especializada nas religiões universais, tem repercussões visíveis e inteligíveis nas diversas ordens da atividade humana: sobre a alimentação, a organização do espaço, a demografia, a estética, os costumes, a política e a economia. É dessa forma que são elaboradas pelas modernas “religiões seculares”²¹ as ideologias, interpelações mais ou menos arbitrárias, desmedidamente sacralizadas. É este o ponto decisivo, ou seja, a racionalização do mítico não desemboca espontaneamente no científico já que é necessário um salto qualitativo que pressupõe uma conversão intelectual. O *mítico racionalizado é reduzido a seus esquemas fundadores, não é o científico e sim o dogmático*. Todas as sociedades que passaram por uma estratificação social e que acumularam homens e recursos suficientes para que a minoria consciente pudesse consagrar tempos livres à especulação racional, todas essas sociedades sofreram a transformação do mítico em dogmático (Mosca, apud Boudon, 1995, p. 131; Outhwaite & Bottomore,²² 1996, p. 235-237).

Essa situação aparece nas morfologias humanas desde a tribo em transição para a chefia. Assim é que encontramos elaborações dogmáticas extremamente sutis um pouco por toda parte, fora das esferas de influência das grandes civilizações. Este apelo é suficientemente forte para que as crenças avançadas possam suscitar emoções e mobilizar a sensibilidade. É possível apreender a natureza dos dogmas centrais das religiões universais que são, ao mesmo tempo, racionais enquanto coerentes e plausíveis, não-científicos quando subtraídos de verificação experimental e mitologizáveis na medida em que podemos detectá-los, respectivamente, em algumas mitologias autóctones ou não, ou transcrevê-los em mitos, fábulas, lendas, contos para o uso das pessoas comuns. São inúmeros os mitos relatados pelas religiões

em seu estágio dogmático, que propõem regras de vida sob a forma de obrigações e proibições. No estágio mítico é difícil ou impossível distinguir as regras que resultam de uma prescrição religiosa e as que, de origens diversas, deram lugar à ulterior elaboração de uma pré-inscrição religiosa. Esses dogmas são racionais no sentido indicado, mas não são verificáveis de acordo com os protocolos científicos devido à imensa literatura da religião, a qual aparenta ser mais uma fabulação ulterior da experiência mística.

Essa ausência de congruência entre os ensinamentos sociológicos com relação à religião, a moderna religiosidade e a personalidade das lideranças como atores sociais que a ela aderem, permite que se considere a questão por um ângulo diferente e que nos interroguemos sobre os fenômenos sociais que poderão resultar da tomada de consciência pelos interessados na defasagem existente entre suas crenças e sua maneira de ser, de agir, de aderir e de pertencer a uma religiosidade.

Assim, a liderança na popularidade dos times entre os torcedores organizados (ativistas) e simpatizantes (de intensidade variada de adesão) poderia ser pensada como homóloga, em vários aspectos, à liderança religiosa e política e, então, às categorias sociológicas utilizadas para pensarmos o fenômeno no campo esportivo. Sob um ponto de vista mais histórico e processual, a liderança na popularidade poderia ser focalizada como tradição inventada e, neste sentido, o trabalho dos ativistas e, especialmente, dos publicistas da tradição ganharia destaque na análise.

Lembramos que, no Brasil, podemos constatar que o Flamengo é um exemplo de popularidade local e nacional. A partir de sua origem carioca formou-se uma tradição que fez do Flamengo o time de maior popularidade nacional a ponto de se afirmar que existem dois times: o Flamengo e os outros. Entretanto, temos a não confirmada explicação do torcedor. Não raro o torcedor do Flamengo explica a popularidade pela eficácia: seria o mais popular por ser o melhor e o principal indicador seriam os títulos conquistados ao longo de sua atuação.

Assim, impõe-se, como passo inicial, a análise comparativa entre desempenho e popularidade concluindo que: 1 – embora o Flamengo seja um clube de muitos títulos estaduais, nacionais e internacionais, suas conquistas não foram

suficientes para justificar sua diferença em termos de popularidade, diante dos outros clubes com igual ou maior número de títulos ganhos, 2 – as estatísticas de títulos ganhos em torneios e campeonatos, nacionais e internacionais, salientam que não há relação entre a sua popularidade e a conquista de títulos refutando essa hipótese como possibilidade de explicativa para entender porque o Flamengo é o mais popular e, finalmente, 3 – sob o ponto de vista comparativo podemos afirmar que a popularidade não pode ser explicada pelo desempenho, ainda quando torcedores e participantes, considerados como informantes nativos, a utilizem freqüentemente para dar conta da mesma. Desta maneira, constituímos o paradoxo aparente de que os times líderes em popularidade não necessitam liderar a conquista de títulos. Saímos do campo do desempenho para nos direcionarmos ao dos significados. O Flamengo seria uma tradição inventada por cronistas, jornalistas, poetas, músicos e artistas que, seguindo seus sentimentos, expectativas ou desejos expressariam e ajudariam a constituir valores sociais na comunidade carioca.

Como acreditamos que os fundamentos da sociologia da religião e da política têm um “viés heurístico”, ajudou-nos a descobrir significados interpretativos, passando a olhar o futebol do Flamengo desempenhando um papel social no Brasil. Afirmando, então, que torcedores e simpatizantes aderiram a um time que não é vencedor em títulos.

O Flamengo parece ter assumido uma identidade definida historicamente encarnando um sistema virtualmente múltiplo de significações. Assim, passamos na PARTE II desta pesquisa, à construção histórica do Clube de Regatas do Flamengo.

Notas

¹ LEVER, J. *Loucuras do futebol*. Rio de Janeiro: Recorde, 1983.

² A sua inauguração, em 8 de fevereiro de 1993, contou com a presença de João Havelange.

³ COUTINHO, E. *Onze histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; SALDANHA, J. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

⁴ HELAL, R. Uma tribo chamada Flamengo. Artigo Jornal em 19 jul. 1992.

⁵ COUTINHO, Edilberto. Nação Rubro-Negra. In: *Grandes clubes do futebol brasileiros e seus maiores ídolos*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1990, p. 102.

- ⁶ MÁRIO FILHO. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1946, p. 31.
- ⁷ Para melhor esclarecimento ver MATTOS, C. *Cem anos de paixão: uma mitologia do futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 71.
- ⁸ MATTOS, op. cit., p. 73.
- ⁹ Ver RIOUX. Associações Esportivas. In: *Para uma história política*. Ver também PRONI, Marcelo. *Esporte espetáculo e esporte empresa*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Unicamp, Campinas; e ELIAS, N. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*, 1995.
- ¹⁰ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ¹¹ Relato narrado por Mário Filho. In: ALENCAR, E. *Flamengo: alegria do povo*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1970.
- ¹² LOVISOLO, H. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R; SOARES, A.J. & LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- ¹³ HELAL, R. Nem sociólogo explica o gigantismo da nação. Artigo de jornal, 19.07.92.
- ¹⁴ SALDANHA, J. Estão matando o futebol. *Manchete*, n. 938, abr. 1970, p. 20.
- ¹⁵ Então, parece ser possível afirmar que o papel e os traços da identidade, ligando-os à criação da consciência nacional, mostra que o futebol provém da capacidade de criar uma identidade comum entre os membros do grupo, através do simbolismo e pelo ritual, na propagação e fixação dos sentimentos nacionalistas, como também explorar seus aspectos menos “racionalistas”, mas não menos importantes: os sentimentos e emoções. E, portanto, como um sentimento coletivo, a identidade nacional precisa ser apoiada e reafirmada em intervalos regulares. O rito desempenha um papel crucial neste caso; como podemos afirmar que as cerimônias civis e esportivas são processos utilizados para atingir esses resultados. Desta maneira podemos interpretar que os indivíduos, como um todo, são socializados e reunidos em um grupo localizado no espaço e no tempo. Valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas são transmitidos e reafirmados. O processo de identificação com os elementos da cultura específica implica um forte investimento emocional, onde certas partes de uma realidade cultural são escolhidas e impregnadas de significado simbólico, utilizando-a como meio de acesso a um fim. HOBBSBAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 271-316.
- ¹⁶ SCHWARTZMAN, Simon (org.). *O pensamento nacionalista e os Cadernos do Nosso Tempo*. Brasília: UNB. 1981. (Biblioteca do Pensamento Político Republicano.)

¹⁷ RODRIGUES, N. À sombra das chuteiras imortais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 maio 1964.

¹⁸ HELAL, R. Uma tribo chamada Flamengo. Artigo Jornal em 19 jul. 1992.

¹⁹ WEBER, M. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

²⁰ Retomaremos este ponto na PARTE II – Capítulo II.

²¹ Esses movimentos são, em boa medida, ambíguos, tanto em relação aos objetivos que buscam quanto ao estilo e as modalidades de sua intervenção. Pode-se, porém, chamá-los “religiões seculares”, desde que se tenha claro que se trata de movimentos descentralizados e, por isso, diferenciados do ponto de vista organizacional da Igreja romana e dos partidos à moda hitleriana e/ou stalinista. Ainda que recorram à violência, não são totalitários e não pretendem reconstituir a sociedade da base ao cume, seguindo um modelo único integralmente legitimado e racionalizado. O desenvolvimento recente do que se chamam “religiões seculares descentralizadas” ilumina retrospectivamente a evolução do conteúdo da tradição religiosa. Essa tradição, de início, talvez diga respeito principalmente à natureza física da qual, através dos ritos mágicos e dos relatos místicos, ela constituiu uma primeira e frágil tomada de posse. Assim, num outro exemplo, com a religião formou-se entre os gregos uma noção de destino trágico do homem, submetido ao combate dos deuses e de suas próprias paixões – também incompreensíveis para ele – e entre os hebreus, a noção de uma lei que fundamenta as obrigações num pacto com Deus. A síntese cristã combinou esses diversos elementos, reorganizando-os, já que os associa numa teodicéia, numa filosofia da história e numa moral (WEBER, M. *Economia e sociedade*. Brasília: UNB, 1999, p. 323-407).

²² OUTHWAITE, W. & BOTTMORE, T. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PARTE II

Flamengo: uma questão sociológica e histórica

.4.

A INVENÇÃO HISTÓRICA DO FLAMENGO

O objetivo aqui é o mapeamento da polarização que se estabeleceu no mundo esportivo, na construção amadora do futebol brasileiro, na passagem do século XIX para o século XX. A hipótese é que a conformação de uma cultura de massa no início do século XX redefiniu o sentido e a lógica de estruturação do esporte contemporâneo, com ênfase na mercantilização do esporte-espetáculo, em detrimento de uma versão romântica. Entretanto, ambas as concepções parecem congruentes: o esporte desencadeia uma paixão coletiva no povo brasileiro e o futebol, concorrendo à modernização através da profissionalização, não descaracterizou o teor romântico popular da modalidade – o pensar, agir e torcer na condição de pertencimento ao grupo.

A sociedade moderna e a dinâmica cultural apresentam elementos que contradizem uma organização puramente racional da realidade, sua constituição e evolução não podem ser explicadas somente em termos da difusão de uma mentalidade instrumental, que tenderia a promover a secularização das tradições, a burocratização de diversas relações sociais, a especialização de funções e a mensuração de atividades motrizes humanas. Não é difícil perceber que em várias modalidades esportivas foram reintroduzidos ou nunca deixaram de estar presentes elementos como a ritualização e a sacralização de certos torneios, a desigualdade nas condições de treinamento e na probabilidade de vitória, o comportamento imprevisível de atletas e a reação apaixonada dos torcedores.

Para Sevcenko, o esporte moderno fixa-se entre dois pólos:

A energia selvagem e o arco do triunfo, os cronometristas e o silêncio augusto, o arroubo impulsivo e a coroa da vitória, o entusiasmo e as palmas, os veículos motorizados e o herói antigo, a apoteose e as lágrimas; nesse espetáculo de intensidade emocional extrema, o estado de comoção autêntico das pessoas se ajusta com o artificialismo premeditado do cenário, com uma rigorosa mecânica de precisão e com fórmulas convencionais de rituais conhecidos e bastante ensaiados. O arranjo contingente entre a energia, a mecânica, a surpresa, a espontaneidade e as convenções são tão mais efetivas na exacerbação que provocam, quanto mais cada um desses elementos é arrastado para os limites máximos da sua consumação. Esse é o teatro dionisíaco do esporte moderno. Nele não há lugar para a contrição, o sacerdócio eloquente ou a meditação contemplativa. Suas expressões são a vertigem, o choque e o transe coletivo, sob o ritmo acelerado, alucinante dos gritos e ruídos compassados. (1992, p. 72)¹

Porém acredita que:

(...) nessa versão moderna, ao contrário da suposta liturgia antiga, ele não subsume o transe à totalidade cósmica, mas a um alinhamento parcial, a uma comunidade em especial, ao conjunto de valores e modelos que os vitoriosos acenam com suas flâmulas, cores, dísticos e atitudes. Os conflitos sociais, as aspirações e aflições encontram sua expressão dentro desse teatro; ele os exalta e ritualiza. Sobretudo ele sintoniza com automatismos, num

limiar estreito, em que as energias do corpo se extremam conforme os níveis de exigências de desempenho que se demandam das máquinas. Esse teatro extravasa pelos meandros da cidade. A cidade vai se tornando esse teatro. A metropolização tem sua sede nessa dimensão invisível, em que se interceptam a energia espontânea liberada e o movimento mecânico prescrito (idem, p. 73).

A experiência social da metropolização se funda na supremacia da tecnologia moderna, mas o efeito de aceleração de fluxo traz consigo o contraponto paradoxal da desmobilização de formas de consciência herdada de um mundo milenarmente sedentário, pois o autor afirma que

(...) no mundo da velocidade, da vertigem e da máquina, os latejamentos dos corpos, os reflexos dos nervos e músculos, são mais compatíveis com os novos ritmos da ação, que demandam, por isso, reajustes mais restritos dos entraves relutantes da razão. Onde essa pulsação de instintos fosse pronunciada, portanto, ela seria valorizada; onde ela se impusesse, seria estimulada; onde não houvesse, seria implantada (idem, p. 74).

Assim, o que se quer afirmar nessas interpelações é motivo de ser das atividades esportivas, justamente porque na nova civilização ocidental ocorre a constante vigilância das expressões instintivas e/ou sentimentais (na verdade, foram internalizados no indivíduo os mecanismos de controle das emoções). De acordo com Elias:

(...) há a necessidade de práticas esportivas e de civilizar as competições físicas tradicionais e esportivizar os passatempos das classes guerreiras. Entretanto a explicação da trajetória do es-

porte não deve se limitar ao avanço do processo civilizador, mas ser relacionada a outros processos de transformação social, que influenciaram na conformação de um amplo conjunto de práticas esportivas ao longo do século XIX e posteriormente do século XX. (1993, p. 185-6)²

Soares³ em sua análise “proppeniana”, cita que essa estrutura mais se aproxima do campo do romance do herói e suas provações se resumem nas seguintes etapas:

1 – ao herói impõe-se uma carência ou dano, uma proibição e o afastamento da comunidade; 2 – a proibição é transgredida, o herói nessa etapa é enganado e humilhado por seus antagonistas; 3 – o herói é submetido à provação, mas algo mágico lhe é doado, auxiliando-o a superar as adversidades; 4 – o herói consegue o triunfo sobre as adversidades, a carência ou o dano inicial são reparados, e assim retorna à sua comunidade reconhecido pelo feito. (1998, p. 22)

Para esse autor, a continuidade do conto levará sempre a uma nova imposição de dano e o herói passará por todas as etapas subsequentes – de segregado a incluído, de separado a integrado na comunidade. Soares também destaca que o paradoxo só se resolve porque a narrativa é construída sem que haja uma ordem temporal. “O leitor assim não perde a noção e as relações da temporalidade, de modo que a massa de estórias fornece a ilusão de um contínuo presente. O mito e o cotidiano confundem-se” (idem, p. 156). Em sua interpeleção ao modelo da narrativa de Sussekind (1996), afirma que:

(..) O presente e o passado do futebol ligam-se através de uma dupla narrativa que constrói a mitologia do futebol. Uma das narrativas é “épi-

ca”, aquela formada pela história dos feitos heróicos do passado de times e jogadores, por mitos de “carne e osso”, que se identificam com os clubes, os quais denominou de “instituições mito”. Essa narrativa é a que cria os vínculos entre gerações. A outra narrativa, a “romântica”, seria aquela que estimula o consumo instantâneo do espetáculo pela massa. (...) O “acúmulo do passado do futebol” lembrado e reiterado pelos narradores radiofônicos, cronistas e jornalistas e pelas velhas gerações de torcedores, formaram a “narrativa épica” sobre o futebol e suas instituições. A articulação das narrativas permite que as novas gerações liguem-se ao passado heróico de suas “instituições mito”, atualizando-as com as experiências do presente. (...) A narrativa do “romance” possui uma estrutura diferente, na medida que desperta o interesse no leitor pela imprevisibilidade do destino do personagem. (Soares, 1998, p. 22)

Uma história narrada mediante textos laudatórios, estórias, anedotas e reforçada na crônica, na poesia, na pintura, na música e, de modo geral, com uma forte presença na mídia. Assim, temos como proposta analisar, comparativamente, e neste texto de forma preliminar, a hipótese de estarmos diante de tradições inventadas por literatos, cronistas, músicos, carnavalescos, poetas. O que podemos afirmar é que o romance, o fantástico e a ficção impregnam radicalmente o espírito humano. Esse é um pressuposto do trabalho que temos empreendido e a ele arribamos diante do imenso material que constitui a invenção da tradição dos times de futebol e, sobretudo, suas referências ao excepcional, àquilo que está além da vida cotidiana, tanto nas fundações quanto na superação dos desafios e adversidades. Neste sentido, o romance, o fantástico e a ficção participam na constituição da realidade dos clubes. Isto pode ser visto no rico *corpus* de contos, anedotas e estórias destiladas no cotidiano dos bares e ruas da cidade do Rio de Janeiro, podendo ser igualmente visto no fascínio exercido pelo licenci-

so, lascivo, cruento, através da imprensa ou de jornais especializados a respeito do Flamengo.

Qualquer que seja o nome que se atribua à dimensão fantástica do dado mundano, esse atua nas sociedades e assim podemos tentar apreender algumas de suas características, que pretendemos antes abordar de forma alusiva do que definir rigorosamente, que pode nos oferecer um ponto de partida interessante para o nosso escopo. A sedução exercida pela mídia dirigida aos populares reside no fato de que oferece uma imagem precisa do real no qual, segundo a expressão popular, *a ficção é mais verdadeira que o real*. Ao mesmo tempo, permitindo, ao contrário, um devaneio preguiçoso e passivo em que, através da identificação com os jogadores e times, os espectadores podem desdobrar suas personalidades. Talvez a relação com o time encerre uma duplicidade mais ou menos consciente que permite preservar o fantástico.

Isso possibilitaria supor que, na vida cotidiana ou na vida banal, encontramos o que será uma importante dimensão fantástica, originada na brecha da duplicidade, do desdobramento? Ficar fora de si, como é freqüente ao se assistir a uma partida de futebol, a vitória ou derrota do clube preferido é uma atitude fantástica, mágica, que permite a resistência astuciosa à injunção da identidade que obriga a ser isto ou aquilo – operário, intelectual, homem, mulher. Esse desdobramento mágico, que possibilita navegar infinitamente num tempo e espaço livres, permite a compreensão de tudo que o curso existencial e social possui de caótico, imprevisto e aleatório, ao lado da direção linear e segura que a gestão política e econômica oficial tenta organizar. Neste processo de duplicidade e desdobramento existe um processo rico em acasos, que avança ao ritmo das paixões, encontros, coesões – aqui não existe porque: a causalidade é praticamente sem efeito.

Temos assim, uma característica ficcional citada por Halbwachs,

Seja através do eterno retorno, seja pelo mito da imortalidade, pela volta no tempo etc., todas as representações fantásticas com forte conotação mágica tentam deter a marcha do sol, que impede de viver a existência naquilo que esta possui

de mais concreto: rompendo a linearidade do tempo, a simultaneidade ontológica do mito, da ficção, centra a atenção sobre o presente social, sobre a vivência coletiva (1990, p. 131).⁴

O discurso literário se acha confundido na experiência comum dos escritores, jornalistas, cronistas e historiadores das mentalidades, mas acima de tudo, continuamos a acreditar que é um arquivo privilegiado para o mapeamento do imaginário coletivo, na identificação de categorias nascidas com o modernismo das novas formas de trabalho e de lazer de um povo. Nas diversas manifestações da imprensa do final do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, vemos uma nova forma emergente de vida. A urbanização das cidades e a ritualização dos movimentos de massa como o carnaval, o esporte, o trânsito, os comícios populares e as grandes festas de iniciativa estatal mudaram o hábito do comportamento.

4.1. A Construção Histórico-Social do Flamengo

A história da fundação do clube de Regatas do Flamengo enfatiza os ideais de um grupo de jovens no ano de 1895, cercada de uma aura de boêmia, por baladas românticas, tons de tragédia que marcam as narrativas sobre a origem do clube e sua trajetória no remo. Evocam também o destoamento da seriedade de uma sociedade europeizada, que vem acompanhada do nome de um tradicional bairro da cidade do Rio de Janeiro. Trazem ainda, os ideais nacionalistas concorrendo para a mudança da data de fundação do clube, no batismo dos barcos destacando nomes retirados das literaturas de Tomás Antonio Gonzaga, da ópera “o Guarani” de Carlos Gomes, passando por Gonçalves Dias, José de Alencar aos relatórios de Cândido Rondon, tornando-se inspiradores do brasileiroismo, juntamente com seus remadores, personalizados nos poemas de Olavo Bilac. As atividades eram divulgadas pelos jornais e por panfletos elaborados pelos próprios jornalistas da *Gazeta de Notícias* e, igualmente com os versos de Bilac e B. Lopes, além de Ferreira de Araújo, assinando crônicas como Lulu Senior. Os jornais estimulavam a publicação com anúncios de todo tipo: ⁵

Venham todos tomar parte
Neste baile sem igual;
Haja pilhéria que farte
Neste grande festival.
Haja lérias e dichotes;
Beliscões e piparotes;
Indo o mais que for folia.
Deixai o boato a mágoa;
Dai aos bombeiros água;
E o vinho à nossa alegria.

*(Gazeta de Notícias, s.d.)*⁶

Destacamos a irreverência e o teor insinuante do convite estimulando a alegria e a descontração do acontecimento de uma festa carioca. Esta comoção de alegria, diversão e irreverência se afirmariam na sociedade da época, apresentando seus primeiros sinais de aceitação ainda nas últimas décadas do século XIX, com o surgimento e fortalecimento gradual de novos esportes, como a pelota (frontões/paredão), as regatas e as corridas a pé. Parecia, enfim, que se iniciava o movimento nacional esportivo tão ardorosamente defendido pelos higienistas, e por não menos que o poeta. Para Olavo Bilac, o fenômeno era bem mais do que uma bem vinda fatalidade, contrariando a crítica ao esporte de Carmem Dolores.⁷ O crescente entusiasmo que os esportes despertaram na juventude no fim do século era já para o consagrado poeta uma prova de que o povo brasileiro tomava consciência da necessidade do exercício físico, que se expressava assim:

Temos consciência do depauperamento da espécie e do perigo que ela corre. E saudava a religião do exercício físico, que retardava a inevitável catástrofe da degeneração física da humanidade, cristalizando as vantagens vistas na atividade defendida pelos médicos e higienistas. Artigos como os de Bilac, faziam da crença nas vantagens dos exercícios atléticos uma verdadeira fé compartilhada por aqueles que, cientes da novidade,

estavam dispostos a moldar em seu próprio corpo as marcas da transformação da sociedade. Vendo no exercício físico uma causa nobre pela qual se deveria lutar, Bilac acaba então por saudar o surgimento dos “*sportmen*” aplaudindo “*a mania do sport*”. (*Gazeta de Notícias*, 24 fev. 1907)

Muitos destes hábitos das festas e práticas de esporte já existiam e estavam em vigência desde o começo do século. Mas é nessa conjuntura que adquirem um efeito sinérgico, que compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural, como fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida. Seu público é composto maciçamente dos que então passam a ser chamados, exatamente por serem adeptos dessas práticas e dessa mentalidade, “os jovens”, expressão especial e uma carga prodigiosa de prestígio. Os “clubes” que centralizam essas atividades surgem como modelos da elite no final do século XIX. No final da década de 1910 e início de 1920, estão difundidos pelos bairros, periferias, várzeas e se tornam um desdobramento natural das próprias reuniões sociais.⁸

No final do século XIX, quando o futebol apareceu, o remo já era consagrada a modalidade do momento e deu origem a quase todos os clubes do Rio de Janeiro. Era a elite do esporte e o esporte da elite carioca, compartilhando o sentido atribuído pelos diferentes grupos, na tentativa de dar às suas próprias modalidades a primazia da tarefa de transformação social.

No amplo processo de valorização do físico, o futebol acabava de aparecer apenas como coadjuvante que não mereceria da imprensa ou dos demais *sportistas* nenhuma atenção especial.⁹ Enquanto o remo vinha, ao longo do tempo, se organizando e tornando-se competitivo, disseminado por todo o país, tinha os campeonatos divulgados pela imprensa e era o esporte brasileiro da época, aclamado por jornalistas e poetas, como Bilac que alternava sonetos e crônicas poéticas como *Salamina* (1900), em alusão aos remadores do Flamengo:

Justos céus! Não será com minhas polainas e com as flores da minha *boutonnière*; pobre espírito roído e torturado pelos desregramentos da

imaginação; não será com este mirrado braço, apenas habituado a manejar uma pena; não será com estes olhos fatigados pela constante fixação no papel branco, e com estes míseros pulmões intoxicados pelo ar mal-são da rua do Ouvidor... Ah! Não será com tudo isto que o Brasil espantará o xerxes modernos. (...) Meninos! Foram músculos como estes que venceram a batalha de Salamina! Ao mar gente moça. (*Gazeta de Notícias*, s.d., apud Coutinho, 1990, p. 77)¹⁰

Alguns de seus defensores, como o jornal *Gazeta de Notícias*, resumiam em uma frase o sentido que atribuíam a Bilac, “*Tudo pelo sport e pelo físico da raça brasileira*” (Coutinho, 1990, p.75-76). Embora modalidades esportivas como o remo pudessem ter ainda uma imagem mais elegante do que o futebol, atraindo para seus eventos um maior número de rapazes e moças da juventude carioca, era o futebol que ia construindo para si a marca de jogo da higiene, da saúde, do progresso e conclamava a juventude à prática da nova modalidade esportiva. Apresentamos como hipótese que o pensar, agir e torcer traduz a expressiva condição de pertencimento ao grupo. Movimentos dos corpos e a ação da automatização urbana, a sintonia dos poetas e cronistas com a fragmentação dos focos visuais da vida na metrópole fazendo com que percorramos, dentro das possibilidades críticas, toda uma gama de experiências culturais diversificadas. Estabelecemos uma sintonia entre a quebra da identidade colonial e a construção da identidade nacional, coletiva, cultural brasileira, no testemunho dos literatos, no surgimento dos rituais comunitários responsáveis pela transformação de sensações encadeadas por impulsos amplos, que vêm de fora: do remo e do futebol, as corridas de carro, o carnaval, o espetáculo da emoção e o delírio das multidões.

Nesse período, de acordo com Toffler,

(...) surgiu um exército de outras organizações. ministérios do governo, clubes esportivos, igrejas, câmaras de comércio, sindicatos operários, organizações profissionais, partidos políticos,

bibliotecas, associações étnicas, grupos recreativos e milhares de outras surgiram na esteira da Segunda Onda, criando uma complicada ecologia organizacional com cada grupo servindo, ordenando ou contrabalançando outro, cujo ápice de dependência é a comunicação face a face e pessoa a pessoa. (1995, p. 45-46)¹¹

Gente vinda do meio do caos metropolitano e formada nele. O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. *“Todos para a rua: é lá que a ação esta.”*¹² Sob o ímpeto genérico das diversões e esportes, uma nova série de hábitos físicos, sensoriais e mentais, é arduamente exercitada. As latências do jovem o “novo homem” e da “idéia nova” se avolumam num contágio crescente e irreversível. Propaga-se do rápido no imediato horizonte de difusão ainda sem compreensão. Evoca o primado do físico sobre o espiritual, do aqui e do agora sobre o lá e o após, do holístico sobre o heurístico, das forças inexoráveis sobre o indivíduo, o livre-arbítrio da ação sobre o pensamento e do instinto sobre a consciência.¹³

Os modos e a irreverência de pensamentos, o diagnóstico não podia ser mais preciso. A plástica impecável, a vitória da forma e da exterioridade, do ideal clássico à evocação afirmativa do físico sobre o espiritual nas palavras expressas nos poemas de Bilac. Uma corrente estranha iniciava no curso de transformação no interior da sociedade, cuja natureza podia intuir quanto às posições que se entrelaçam e estabelecem compromissos voláteis, mas cujo desfecho era imprevisível e, de qualquer modo, indesejável.

A situação era, em definitivo, favorável aos mais jovens. Estes não tinham que aprender com o passado ou com a cultura herdada, atirando-se sem reservas ao turbilhão da metrópole, incorporando diretamente dele as novas potencialidades, sentidos e condutas infundidas pelos modernos sistemas e tecnologias metropolitanas, que além da sua heterogeneidade nacional, étnica, social, na cidade conviviam temporalidades múltiplas e diversas, simultaneamente. Em alguns casos, incomunicáveis na sua estranheza recíproca, em outros, mutuamente hostis, mas na sua maior parte ajustando-se e ajuizando-se, de maneira equivocada, umas sobre as outras.

O mito ajuda a organizar os fatos dispersos, conforme anotou o poeta do período. A ação ritualizada claramente precedeu e organizou, derivando o produto, cristalizando a ação. Congruentemente, os autores da época situam seus discursos nos pensamentos biologizantes. Isto leva a crer que se trata aqui de uma formulação mais acintosa do corriqueiro darwinismo social do século XIX, trata-se de fato de coisa diversa e nova.

Ao contrário daquela doutrina do individualismo extremado, que coloria de um dramático acento a ideologia liberal, tem-se agora uma concepção do sentido social coletivo, da ação desempenhada como dispêndio da verdadeira energia, aquela que coliga, coordena, compõe, conforma a energia física, o desenvolvimento orgânico, que só poderá ser medido e provado pela luta, pela competição. (Góes, 1999, cap. 1)¹⁴

Outro valor não tem o esporte, senão o de preparar o homem pela luta e para a luta, nas batalhas de Salamina e da própria guerra que acabava de findar.

Vestir uniformes roupas com cortes, cores ou acessórios militares torna-se um dos cumes da moda, tanto para adultos quanto para crianças. Aliás, neste período, era muito difícil distinguir as fronteiras entre o treinamento militar e uma atividade esportiva. Estes surgiram na conjuntura da Primeira Guerra, uma mania esportiva, reverenciada sob a forma dos “tiros de guerra”, raiz do nacionalismo militante. Como exemplo, temos Mário de Andrade – apesar de suas manifestações de paixões pacifistas, condensadas num livro escrito durante o conflito, *Poesias completas* – que embora sem expressar grandes sentimentos pelas atividades atléticas, alistou-se e atuou como militante do “tiro-de-guerra”, de cuja experiência resultou, por exemplo, *Flamingo*:

Rígido a levantar no blau a flama rósea,
Flamingo... Além da sombra o mistério de Flandres...
Sinos de coros polifônicos se expandem
Em cinza, em amplidão nítida e crua ardósia.

Quimera viva! Lança pelo infinito
 O bico em curva e o vôo arca sobre o deserto,
 Desce no areal. Heraldo o alto perfil inquieto
 Real... E a ridiculez do passo de Carlito.

Passam autos. Mulheres vão e vêm. Dengosa
 A tarde grande bate as asas do flamingo.
 Marés-altas de luxo. E o Flamengo domingo
 Abre nos céus o que não tem no Rio: rosas!... ¹⁵

Impulso original que não poderia deixar de se tornar um assunto de interesse geral dos cronistas, jornalistas, poetas e literários, que se apercebendo da curiosidade coletiva, passaram a especular. O esporte moderno será laureado por estes escritores, de modo geral, ao sabor da imagem do herói, ao mesmo tempo e pela mesma razão que as fórmulas discursivas das sociedades modernas, ou seja, política, econômica, popularmente religiosa (heurísticamente).

O herói por definição é uma criatura que se eleva por suas próprias forças a essa dignidade, mediante um gesto audacioso de conquista. Ele só pode ser concebido, como um ser em movimentação indômita. Suas virtudes únicas de mobilidade são a fonte mesmo do seu poder e a razão da sua veneração pelos homens. Seu espaço é a aventura, sua obra é a luta contra o meio, contra seus oponentes, contra seus próprios limites. (Campbell, 1990, p. 3-36)¹⁶

Essa imagem forte, aureolada de prestígio e amplamente difundida, oferece um apoio das fórmulas discursivas, desde a retórica até a imprensa popular, posta na contingência de se comunicar com os grupos sociais compostos das mais diversas origens, tradições e níveis de informação, determinantes para o uso de um fim. O corpo de cada aficionado tornava-se assim, foco de ação e o teatro no qual repercutiam, em profundidade, as

vicissitudes do combate simbólico absorvido como espetáculo. Preso de emoção intensa a um lance qualquer do jogo que se torna um eminente gol, como resultado, a platéia, ou o torcedor alheia-se inteiramente de tudo, é apenas nervos tensos: crispações, contorções, torcimento, e quando, por fim, advém uma explosão de entusiasmo e delírio.

Em relação a esta diferenciação do estilo de vida, Hobsbawm (1992, p. 255-256) esclarece como a prática esportiva tornara-se um indicativo de pertencimento social, tendo em vista que a prática de certas modalidades esportivas (*o rugby* e *o tennis*) estava condicionada ao acesso do sistema de ensino (as *public schools*) ou à participação em associações esportivas (os *clubs*), enquanto outras (*o soccer* e *o boxe*) vinham alcançando uma maior difusão social, sendo mais populares. Ao mesmo tempo, os jovens da tradicional aristocracia britânica mantinham-se fiéis aos “esportes aristocráticos”, associados à vida rural e à destreza com armas.¹⁷

A relevância desses esportes, o sucesso das novas competições esportivas, dos chamados esportes populares é uma clara demonstração de que a evolução do universo esportivo refletia agora uma nova estruturação social. Os esportes ganhavam dimensões sociais, econômicas e políticas e os clubes estendiam-se ao alcance do povo. As atividades esportivas se irradiavam por todos os lados e começavam a fazer com que clubes completamente relegados à representação esportiva, até então fechados, se transformassem em instituições reconhecidas e adotadas como símbolos alusivos de grandes torcidas.

O início deste período de efervescência social marca também a fundação do Grupo de Regatas do Flamengo, entre o remo e o futebol, do esporte amador que mantém o espírito moleque e alegre das festas da república da “Paz e do Amor”, destacando-se nas comemorações carnavalescas das vitórias com seus reco-recos, cujo alvo preferido da brincadeira era o clube Vasco da Gama, adjetivamente “portugueses”. Neste tempo, o Grupo de Regatas do Flamengo passa a clube e torna-se o mais popular do Rio de Janeiro, sendo que atualmente possui a maior torcida em nível nacional. O surgimento deste clube, mais do que para a explosão esportiva que viria a acontecer mais tarde, com a irrefreada paixão pelo futebol, marca um lugar no cotidiano popular brasileiro, de forma que estas manifestações são nar-

radas pelos mais variados setores da mídia e da literatura, na alegria e vibração, triunfos e angústias das decisões, nas derrotas, cujas expressões são revividas e recriadas, excedendo no júbilo incontido.

Assim, o objetivo aqui é a identificação de pontos de referência da popularidade do clube e sua história, cuja hipótese é a relação da trilogia bairro do Flamengo – Grupo de Regatas do Flamengo e o Flamengo do futebol – e a contribuição para a sua popularidade.

4.2 A Apologia do Flamengo

As diversas formas de expressões emocionais que a história da origem do “Mengo” traz são os traços de boêmia e aventura, sem perda de substância idealística que lhe revestem o nascimento. O espírito curiosamente democrático de sua organização e a simplicidade dos primeiros passos do grupo de regatas é o ponto de referência romântica repetido na literatura de Alencar, quando este narra a criação do clube:

Idealizado à luz dos lampiões do largo do Machado, nos intervalos movimentados e barulhentos do Parque do Fluminense, ou nas douradas manhãs de sol na baleeira – lotação que cortava a Baía de Guanabara, cristalizou-se no socavão escuro, onde nem a luz artificial espan-taria o lumiar do lampião, e as entranhas solícitas do casarão 22 da praia uma “República de Paz e Amor”. (1970, p. 37)¹⁸

Para este autor, a fundação do Flamengo é esmerada na idéia fixa de alguns jovens no final do século XIX em criar um grupo de regatas, com o objetivo de acompanhar a difusão do esporte. Esta geração buscava suprir suas angústias e necessidades cotidianas. Neste período, abria-se espaço nos jornais para os esportes náuticos sob as rubricas inglesas: *sport*, *rowing* ou *yachting* e ainda o *turf*. Na verdade, não havia no Rio de Janeiro da década de 1880 a prática de exercícios físicos, nem mesmo o esporte. O que se pode

anunciar é que desde 1882, Rui Barbosa, como relator da Comissão Estatal de Ensino, havia salientado a necessidade dos exercícios físicos nas escolas. Algumas iniciativas privadas já eram reconhecidas e começavam a mostrar interesse na formação de uma juventude esportiva. Eram idéias e ideais pioneiros que moviam os jovens para a fundação de um grupo de remo. Convenientemente, esta geração iniciava o esporte no Brasil, com o objetivo de acompanhar as novidades estrangeiras. Entretanto, já existiam nesta época, no Rio de Janeiro, alguns grupos de remo, como o Gragoatá Clube de Regatas Luiz Caldas, Clube de Regatas do Botafogo. De futebol sabia-se quase nada, a coqueluche esportiva do momento era o remo, ainda mais numa cidade como o Rio de Janeiro, à beira-mar.

Os indícios do Grupo de Regatas (ainda sem nome) deram-se quando alguns estudantes, moradores da praia do Flamengo, dirigiram-se para chegar a Ramos a fim de adquirir uma baleeira. O dinheiro foi coletado entre sete amigos, quantia que segundo Coutinho¹⁹ era de 250 mil réis. A compra efetuada foi de uma canoa de segunda mão, necessitada de uma reforma. No início dos clubes de remo no Brasil, encontramos muitas referências às condições das embarcações: “(...) seus primeiros barcos, de segunda, terceira mão, consertados e remendados, na maioria das vezes adaptados pelos próprios remadores (...), os grupos eram formados por amigos a custa de muito entusiasmo e aventura”. Involuntariamente ou não, arriscavam-se além do que podia ser permitido, colocando suas vidas em perigo. No caso do futuro Grupo de Regatas do Flamengo²⁰ “(...) sete amigos, depois de improvisar um bote, atiram-no ao mar para um teste, (...) apanhados por uma tempestade na praia do Flamengo, acabam por afundar; (...) são salvos por uma lancha vinda da Penha” (Coutinho, 1990, p. 122).

A revelia e a irresponsabilidade destacam a conduta marcante destes jovens do final do século XIX, que não seria, entretanto, exclusiva do Flamengo. A maioria dos clubes nascera da improvisação, vindo a se organizar no decorrer do tempo. Mas para este grupo, além do acontecido, o que feriu realmente foi o orgulho, quando o *Jornal do Commercio* contribuía para as primeiras notícias “esportivas”, narrando a aventura como simples incidente e um mero caso de polícia de estudantes desocupados (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 09.10.1895, p. 2). A notícia destaca quão

eram desconhecidos os estudantes universitários que estavam envolvidos na aventura. No entanto, segundo Alencar o episódio era o início da história do Flamengo:

(...) como filhos do Conselheiro José Spíndola, Mário e Álvaro, que não gostou do descaso, dirigindo-se ao Casarão 22, encontraram Felisberto Laport e seu pai, Nestor Barros e Maurício Rodrigues Pereira, todos lamentavam o pouco desfecho do caso. Deste momento em diante, possuindo o apoio familiar, chamam a atenção sobre os objetivos do fracasso cujo plano era criar um grupo de regatas (1970, p. 124).

Coutinho (1990) e Alencar (1970), unânimes, descrevem que a idéia da fundação de um grupo de regatas na praia do Flamengo partiu de uma suposta rivalidade com o Grupo de Regatas do Botafogo, quando os remadores aproximavam-se das casas de banho situadas no Flamengo, “(...) onde iam *grelar*²¹ as moças (...) e ao saírem da missa de domingo do Outeiro da Glória, levavam-nas para passear de barco ou para apreciar as regatas das quais participavam”. Estes autores demonstram que o esporte começava a se impor no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro. O Botafogo, tinha um grupo formado de remadores, participantes de regatas que disputavam competições com o fluminense Gragoatá. Em contrapartida, os remadores moradores do Casarão 22, utilizavam barcos alugados ao “velho Machado”, cujo custo somava “5.000 réis por dia”. Não tinham agremiação, por isso não participavam das regatas. Enfim, era necessário fundar um grupo (Coutinho, 1990, p.19-24; Alencar, 1970, p. 29-31).

O grupo de amigos do Flamengo formado por José Agostinho, Nestor de Barros, Mário e Álvaro Spíndola, Napoleão de Oliveira, Francisco Lucci Colas e Maurício Rodrigues Pereira tinha como ponto de referência de suas reuniões a Leitaria Itatiaia ou o Restaurante Lamas, no largo do Machado. A conversa corria em torno da criação do grupo de regatas; destacavam a importância de possuir uma agremiação, pois enalteciam a praia do Botafogo

e até Niterói por possuírem um clube de remo – o Flamengo não possuía nem uma agremiação, quer dirá um clube. Estes encontros acabaram por dar o resultado esperado: a fundação de um grupo de regatas. Utilizando-se dos argumentos históricos do bairro, tão expressivos como o novo grupo de regatas acabaria por se tornar, em 17 de novembro de 1895, o ‘Grupo de Regatas do Flamengo’, suscitando a importância do esporte no contexto da cidade, torna-se um grupo de remadores do bairro do Flamengo.²²

4.3 O Bairro do Flamengo e o Flamengo de Regatas

O Flamengo é um bairro localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro; já foi conhecido por praia do Flamengo e, atualmente, numa versão modernizada é chamado de “Aterro do Flamengo” e pode ser considerada uma praia que assistiu à construção da história do Brasil. Fazem parte desta história lendas, fetiches e descrições alusivas ao povo carioca. O local suscita as lutas de Estácio de Sá em defesa da cidade, que antes era habitada por guerreiros tamoios; ali também surgiu a primeira casa de pedra de cal do Rio de Janeiro erguida por Villegaignon, ocupante antes do juiz Pedro Martins Namorado, segundo Alexandre José Mello Moraes (1816-1882), na “Crônica Geral e Minuciosa do Brasil” (1886).

Essa parte do litoral carioca era conhecida como “Aguada dos Marinheiros” (nome da época da Guerra do Paraguai, 1865-1870), devido às correntes marítimas e ventos que conduziam as embarcações para o lado esquerdo da baía de Guanabara, indo aportar entre as futuras ruas Paissandu e Cruz Lima. Neste local desaguava o rio Carioca, onde os marinheiros bebiam e supriam as embarcações de água potável. Também era chamada de “praia do Carioca”. A palavra “Carioca” vem da língua tupi, cujo significado remete à “casa do branco” e/ou “casa de pedra”. Acredita-se que tenha sido o nome do primitivo arraial junto ao rio Carioca, fundado por Gonçalo Coelho na segunda expedição exploradora da costa brasileira, em 1503, sendo que o nome indígena da praia “Sapucaitobá” significaria a face do rio Sapucaia, tendo o sentido de “grito”, de “clamor”, ou ainda, “o lugar de bradar” (Rodrigues, 1940, p. 181).²³

Desta forma, impõe-se chamar a atenção para as coincidências psicossociais que fariam do clube de Regatas do Flamengo o mais popular

do Brasil. Primeiro, na subconsciência do povo com a patente ligação sentimental do vocabulário a uma luta decisiva da nacionalidade e, ao mesmo tempo, aos cariocas, denominação conferida a seus habitantes. O Fluminense, no entanto, é um nome erudito formado de *flumens*, rio em latim, criado pelo naturalista José Mariano da Conceição Veloso em 1795 e que começa a aparecer no século XIX (*Dicionário Moraes*).

Assim, o Flamengo e nenhum outro clube esportivo brasileiro teria raízes tão profundas ligadas à própria história do país e da cidade do Rio de Janeiro. O lugar passara a se chamar “praia dos Flamengos” ou do “Flamengo”, tendo sido antes conhecida como “praia dos Sapateiros” ou do sapateiro “Sebastião Gonçalves”. Mas por que “praia dos Flamengos” ou do “Flamengo”? Há quem afirme, como por exemplo, José Honório Rodrigues, que tal denominação terá sido derivada, talvez, das aves vermelhas e pernaltas de bico forte, habitantes do lugar, juntamente com índios, quando chegaram os portugueses. Este autor também cogita a versão de que tenha sido por causa dos “flamengos europeus”, ou seja, dos holandeses que, no século XVII, refugiaram-se no Rio de Janeiro quando da reconquista das terras do nordeste (Pernambuco e Paraíba) pelas tropas lusitanas. Já o pernambucano José Antônio Gonçalves de Melo, em *Tempo dos Flamengos* (1947), revela que quando os holandeses, primos-irmãos dos flamengos, tomaram conta primeiro da Bahia (1624-1625), depois de Pernambuco e outros territórios no nordeste (1630-1654), foram sempre chamados de “flamengos” e não de “holandeses”. No nordeste, ficou de uso corrente dizer “é do tempo dos flamengos”, em referência a qualquer coisa monumental que a imaginação popular atribuisse, pois “não acredita que seja portuguesa”. Os holandeses foram sempre chamados flamengos pelos espanhóis e portugueses. Assim, não seria diferente com os luso-brasileiros dos tempos de Nassau.²⁴

José Honório Rodrigues, em *Civilização holandesa no Brasil* (1940), ainda relaciona ao fato que quando os holandeses foram derrotados em Pernambuco, não havendo transporte para levá-los de volta à Europa, muitos deles fixaram-se no Rio de Janeiro, localizando-se na praia do Sapateiro. O tratado de Paz entre Portugal e Holanda (1661) permitiu que exercessem atividades comerciais no Brasil. Estes foram ficando aqui, acabando por dar nome à praia onde moravam: praia dos Flamengos ou praia do Flamengo.

A identidade de Flamengo e Carioca torna-se incorporada à palavra sonora cuja origem se liga a *vlan* (holandês) e *flamme* (francês), flama, paixão. Com o surgimento do Grupo de Regatas do Flamengo, a adoção das cores vermelha (sangue) e preta (luto), significando mais uma vez paixão e ligada à velha palavra indígena de “grito”, “clamor”, onde se destaca a raiz da luta nacional e, no momento de sua fundação, simbolicamente a data é mudada de 17 para 15 de novembro, dia da proclamação da República. (Lembramos que uma das razões desta pesquisa é compreender a penetração popular do Flamengo na formação da consciência coletiva do povo carioca e brasileiro).²⁵

Destacamos também que, na última década do século XIX, quando surgiu o Grupo de Regatas do Flamengo, o mar chegava até quase diante do casario da praia. Um areal de quase trinta metros de largura (como se observa a partir das fotos do Rio Antigo, p. 115 deste capítulo), ficava do outro lado da rua estreita e calçada com pedras largas, por onde passavam os bondes puxados por burros. Quem passar hoje na praia do Flamengo não pode imaginar como que era em 1895. Para Mário Filho, “a gente querendo ver o Flamengo de há 50 anos, tem que esquecer os arranha-céus”.²⁶ Perto dali ficava a praia do Russel, o mar era mais calmo e aonde o primeiro time de futebol do Flamengo viria a fazer os primeiros treinos, no início da segunda década do século XX. O “Casarão 22” era estratégico onde por algum tempo, em diferentes épocas, moravam Zacharias Monteiro, o *pierrrot* de velhos carnavais (primeiro *hors-concours* dos desfiles no Municipal) e Eptácio Pessoa, futuro Presidente da República.

4.4 Do Grupo de Regatas... ao Clube de Regatas do Flamengo

O grupo que começava alegrando ruidosamente a paz do domingo carioca, na praia do Carioca, na praia do Flamengo consagra a fundação do Grupo de Regatas do Flamengo em 17 de novembro de 1895.²⁷ Neste dia, no “Casarão 22”, a partir das três horas e cinco minutos, os amigos se reuniram. Estavam presentes na reunião da fundação: Nestor de Barros, José Agostinho, Francisco Lucci Colas, Napoleão de Oliveira, José Maria Leitão da Cunha, Carlos Sardinha, Eduardo Sardinha, George Leuzinger, Felisberto Laport, Mário Spíndola, Desidério Guimarães, Maurício Rodrigues

Pereira, José Félix Menezes e ainda Domingos José de Azevedo Marques²⁸ constam da Ata n° 1, onde está escrito:

O Grupo de Regatas do Flamengo, fundado em quinze de novembro de hum mil oitocentos e noventa e cinco, nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, onde tem sede e foro, é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, de entidade pública, com o objetivo de contemplar o divertimento náutico (Arquivo do Clube de Regatas do Flamengo).

Estes objetivos aparecem grandemente ampliados em relação a 1895, os quais espelham, em resumo, nos três mais importantes, em relação aos da fundação:

A – promover reuniões e diversão de caráter desportivo, social, cultural, cívico e recreativo;

B – promover atividades de caráter assistencial, educacional e filantrópico;

C – estimular a eugenia pela prática da Educação Física e dos Desportos, olímpicos ou não, na conformidade da legislação vigente e de acordo com suas conveniências. (Lei número 1516, de 08 de novembro de 1967). Art. 3. Estabelece que “o Flamengo nenhuma discriminação fará quanto à religião, raça, credo político ou condição social”.²⁹

Os primeiros anos do Grupo de Regatas do Flamengo iniciavam-se com um grande progresso a partir da data de fundação: antes ia-se ao “Casarão 22”, agora, ao Flamengo das cores azul-ouro. Para Mário Spíndola, essas cores é que deveriam ser o Flamengo: azul como o céu de Guanabara e ouro para lembrar as riquezas do Brasil. Foi idealizada uma bandeira de largas listras horizontais em azul celeste e ouro, mais o acréscimo sugerido por Felisberto Laport: duas âncoras vermelhas entrelaçadas sobre um fun-

do negro no canto superior, junto ao mastro, à moda da bandeira americana. Decidiu-se também o uniforme: as camisas em ouro e azul, bonés pretos, calças brancas, cinto e sapatos brancos. Um grupo formalizado e um novo barco – o *Syra* – para a regata de 15 de dezembro de 1895 (Coutinho, 1990, p. 74).

Mas as glórias tardariam a chegar e a volta da primeira regata foi desoladora num rebocamento por uma lancha do Botafogo. Durante muito tempo o Flamengo não passa do terceiro lugar e torna-se conhecido como o “Clube do Bronze”. É o Botafogo seu arquiinimigo, seu rival na canoagem, que vence o maior número de regatas disputadas em 1895 e 1896. O Flamengo deste tempo não ameaçava seus adversários e também não era o último dos quatro grupos de remadores (Gragoatá, Luiz Caldas, Botafogo e Flamengo, cf. *O Paiz, Jornal do Commercio e Jornal do Brasil*, 1895 e 1896).

Um ano após a fundação, o grupo de regatas iniciou mudanças radicais. No começo foi a aquisição de novos barcos, mas a principal mudança feita pelo Flamengo foi relativa às cores. Esta troca de cores foi decidida em Assembléia do dia 23 de novembro de 1896, juntamente com a eleição de Domingos de Azevedo Marques para um novo mandato na Presidência do Grupo (*O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1896. *Yatching*, p. 2). Na literatura consultada, encontramos duas versões para a mudança das cores: a primeira deu-se devido à dificuldade de obter o tecido azul e ouro no comércio do Rio de Janeiro. Estes eram importados da Europa e, além do preço muito alto, as cores desbotavam e perdiam sua vivacidade com facilidade, quando expostas ao sol e à salinidade das águas do mar. A outra versão é que coube a Nestor de Barros propor novas cores. Mas as razões expostas é que estas deveriam ser mais contundentes, marcantes. Cores que pudessem melhorar a situação do grupo e trouxessem esperança de melhorar as colocações nas competições; ou mais sorte! Então, Nestor de Barros sugere o rubro-negro (Coutinho, 1990; Alencar, 1970).

Os estatutos do Flamengo também são alterados diante da necessidade de oficialização das novas cores, estabelecendo que o uniforme seria calção preto, camisa preta listrada de vermelho, gola preta, mangas curtas, cinto branco de lona de seis centímetros de largura, com duas fivelas, sapatos brancos de lona, com solado de borracha preto, meias pretas e curtas e

casquete branco. As cores vermelha e preta permanecem até os dias atuais e conforme o estatuto (Art.129), “O pavilhão, a flâmula, os escudos e os uniformes do Flamengo deverão estar de acordo com os modelos aprovados pelo Conselho Deliberativo”. Quanto à bandeira do Clube de Regatas do Flamengo, determina o Art.127: “O pavilhão do Flamengo é constituído por doze listras horizontais alternadas em vermelho e preto com um campo preto no canto superior esquerdo, contendo uma âncora, dois remos entrelaçados e as iniciais C.R.F. em vermelho”. Pelo Art. 131: “Fica vedada a mudança do nome do Clube de Regatas do Flamengo, das cores vermelha e preta e da legenda: Uma vez Flamengo, Sempre Flamengo”. Já os escudos do Flamengo são dois (Art.128):

sendo o primeiro em tipo francês, contendo duas partes iguais – vermelha a superior e preta a inferior, tendo ao centro uma âncora, dois remos entrelaçados e as iniciais C.R.F. em dourado e o segundo, em tipo português clássico, contendo oito listras horizontais alternadas em preto e vermelho, com um campo vermelho no canto superior esquerdo e as iniciais C.R.F. entrelaçados em letras brancas. (Estatuto do Clube de Regatas do Flamengo, 1980)

Outra mudança foi o Flamengo abandonar a moda européia dos nomes dos barcos em inglês ou europeizados e supostamente mitológicos. No batismo dos novos barcos deu-se início a uma flotilha nacionalista. Começou por “Marília”, homenageando a musa da Inconfidência Mineira na adoção do pseudônimo de “Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão”, a amada de Tomás Antonio Gonzaga e inspiradora de suas liras, lançada ao mar na festa organizada pelo Clube de Regatas de Icaraí em 22 de novembro de 1896. Nesta data foi apresentada a idéia de formar uma entidade que pudesse estabelecer um código geral, para servir de norma a todos os grupos e clubes de Niterói e do Rio de Janeiro que se dedicavam aos esportes náuticos. Foi a primeira reunião dos representantes de todos os clubes e agremiações de regatas em um só encontro. Estavam juntos, sem contar os

sócios, quarenta e um representantes dos Clubes de Regatas do Botafogo, Gragoatá, Sul Americano, Escola Militar e Flamengo (*O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1896. *Yachting*, p. 2).

O nacionalismo dos clubes não cessou na empreitada de nomear apenas alguns barcos com nome brasileiro. Muitos outros assumem de maneira legislativa. No caso do Flamengo, este decide em Assembléia que seus barcos passarão a ter nomes indígenas, cuja temática se encontrava na ordem do dia.³⁰ O país inteiro começava a acompanhar as expedições de Mal. Cândido Rondon penetrando em terras indígenas nunca antes exploradas.

Em 16 de agosto de 1896, o Flamengo conquista um segundo lugar e é prata pela primeira vez após as mudanças radicais com a canoa “Cecy” na Regata de Paquetá. Um segundo novo lugar é obtido em 5 de setembro do mesmo ano com a canoa “Tupy”. Neste ano surge no Flamengo o projeto de regulamentação da canoagem elaborado por José Agostinho Pereira da Cunha e Domingos José de Azevedo Marques, que apresentam a proposta do Código a então recém-criada “União de Regatas Fluminense”, que a aprova após Assembléia como “Regulamento para todo o Esporte Náutico do Rio de Janeiro” (*O Paiz*, Rio de Janeiro, 1º ago. 1897).

Em outro documento desta mesma reunião, o Grupo de Regatas do Flamengo credencia seus primeiros representantes junto à União de Regatas Fluminense e propõe, através de Frederico Laport, a principal modificação que iria marcar a construção de barcos de regatas no Brasil, que consistiu em mudar esteticamente as canoas e baleeiras. Como sócio benemérito do Clube de Regatas do Flamengo, Laport construiu modelos especiais, como a canoa “Timbyra” e a baleeira “Ypiranga”. Estes barcos serviram de base à completa reforma das embarcações de regatas. A partir de 1897, iriam destacar-se entre os barcos flamengos pelos prêmios e presença constante nas regatas de “Cecy”, “Tupy”, “Yrerê”, “Jandaya”, “Timbyra”, “Ypiranga”, “Aymoré”, “Tabryjera”, “Iraty” e “Jura”, nomes inspirados nas leituras de Gonçalves Dias, José de Alencar e nos relatórios da Comissão Rondon. Possivelmente, entre as duas árias de “O Guarani” de Carlos Gomes, onde alguns destes barcos se tornariam carismáticos, recebendo homenagens, que não atingiam somente aos remadores, mas eram barcos ídolos, barcos personagens, onde dedicavam ofertas da Valsa Tupy, como por exemplo, a de Eliezer C. Telles, “(...) dedican-

do uma oferta para a embarcação laureada, pertencente ao Flamengo” (*O Paiz*, Rio de Janeiro, 9 jul. 1898, *Yachting*, p. 2).

Nos últimos anos do século XIX, os esportes náuticos ganham maior divulgação na imprensa refletindo a sua importância. Ainda não ocupam tanto espaço quanto as notícias do turfe. A proliferação dos grupos e clubes de regatas, à feição própria de um esporte que começava a se estruturar a partir de sua organização, sensibiliza a imprensa jornalística para o novo fenômeno que desponta: o esporte.

O crescimento do movimento esportivo no Brasil iniciava-se pelo fortalecimento e organização dos clubes náuticos. As competições aumentavam em qualidade e quantidade de competidores. Também acumulavam as vitórias do Flamengo. De 1901 a 1904 o clube venceu com barcos de fabricação estrangeira. Em 1902, na Assembléia junto à União de Regatas, passou a ser considerado “Clube de Regatas do Flamengo”. Em 1905, o barco “Timbyra”, de fabricação brasileira, venceu a Taça Sul América e muitas outras regatas tendo como ‘patrão’ (posição do remo) Alberto Borgeth entre os remadores do Flamengo. A partir de 1907, as vitórias do Rubro-Negro são infindáveis e fala-se em liderança no remo, inclusive organizando o Campeonato Brasileiro de Remo daquele ano (revistas *A Semana* e *Sportiva*).³¹

No final da primeira década, o Flamengo é chamado de “Glorioso” por suas conquistas no remo. O mesmo título é creditado ao Botafogo pela atuação no futebol. As glórias e a já então popularidade do Flamengo nos esportes náuticos chega a São Paulo. Em 13 de maio de 1912, o Rubro-Negro participa, pela primeira vez, de uma regata interestadual fora do Rio de Janeiro, em águas do rio Tietê. Mesmo sentindo a diferença entre remar no mar e remar em um rio, o Flamengo vence a regata e neste ano inscreve-se na Liga Metropolitana de Futebol. Na sua estréia fica com o vice-campeonato, considerando uma campanha de pouco mérito, pois possuía o time campeão do ano anterior, vindo do Fluminense e liderado por Alberto Borgeth.³²

Em 1914 e 1915 torna-se bi-campeão no futebol nos primeiros times (classificação dos grupos na época) e tri-campeão de segundos. Em 1916 consagra-se plenamente no futebol, no remo com a “Aymoré”, embarcação que recebe cento e dezenove premiações de primeiro lugar em dez anos. É

também campeão de tênis no primeiro Campeonato da Liga Metropolitana de Tênis do Rio de Janeiro. Em consequência destas performances do clube, quando Raul Pereira Serpa assume a Presidência do Rubro-Negro em 1915, em plena euforia do bi-campeonato do Futebol (1914 e 1915), faz o clube passar de sessenta para duzentos associados. Serpa, apaixonado pelo remo, importa cinco embarcações da Europa, consagrando-se campeão em 1916, 1917 e 1920. Em 1920, o Flamengo é campeão carioca de futebol, invicto, o que lhe vale o título de “Campeão de Terra e Mar”.

O Flamengo se estabelece como um clube forte. Além de campeão no remo, natação e no waterpolo, sem possuir piscina consagra-se tetra-campeão carioca. Também campeão no futebol sem possuir campo. Quanto aos outros esportes, o judô é implantado em 1954, as quadras de tênis e bocha são construídas em 1961 e 1965, o atletismo já existia desde 1919, basquetebol em 1919, voleibol em 1938 (de acordo com os arquivos do clube).

Mas o que nos interessa é o futebol no Flamengo. Deixado à sombra do remo, sem evocar suas conquistas, como esta modalidade veio a se estabelecer dentro do Clube de Regatas do Flamengo? Como ficou a relação entre o remo, esporte coqueluche do Rubro-Negro e o futebol mais popular do Flamengo? A hegemonia do remo, sua transformação, seus títulos – será que realmente o Flamengo deve sua popularidade ao remo ou ao futebol trazido pelo novo século, inserido como prática esportiva no clube em 1903, inscrevendo-se na Liga Metropolitana somente em 1911? Como ficou o Clube de Regatas do Flamengo entre o remo e o futebol?

4.5 Flamengo entre o Remo e o Futebol

A primeira década de existência do Flamengo foi de total domínio dos esportes náuticos, apesar do futebol já ser praticado em algumas regiões do Brasil, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Este não era oficialmente regulamentado em uma união ou associação de clubes de futebol ou times, nem grupos como os de regatas, neste início do esporte no país. Muito se tem escrito e discutido a respeito da implantação e adesão do futebol pelo Flamengo. Ou, ainda, muitos referem à data de implantação e adesão desta modalidade pelo Rubro-Negro, relacionando-o à inscrição na

Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, quando o clube passou a disputar o Campeonato Carioca de Futebol sem referenciar à prática do futebol já existente. Outros fazem da cisão do Fluminense um marco na história do futebol. Ou seja, constatamos que muitos autores afirmam que, antes de 1911, o Flamengo não tinha futebol e não se interessava por ele. Um destes autores e cronista é Nelson Rodrigues, em suas repetidas crônicas sobre o futebol. Rodrigues muito contribuiu para que se propagasse a meia verdade com o seu corolário de “Flamengo, filho do Fluminense”. Embora esta história não seja totalmente única, talvez possamos associá-la à participação competitiva do Clube de Regatas do Flamengo nos campeonatos cariocas como referencial, onde um primeiro time é formado para tal objetivo.

Nelson Rodrigues escreve, por exemplo, na crônica de 2 de maio de 1964 no jornal *O Globo*, “(...) o Flamengo nasceu em 1911 ou 1912.... Era o tempo do Kaiser, de Mata-Hari, tempo em que as senhoras tinham os quadris que precisavam se pôr de perfil para atravessar as portas”. Ora, como o Flamengo nasceu efetivamente em 1911 ou 1912, se estes trajes não eram mais usados pelas mulheres da década de 1910? O esporte contribuiu para isto, deixando como recompensa a elas e ao povo brasileiro em geral uma roupa mais leve, mais esportiva e condizente com o clima tropical. Mas se nos referirmos realmente ao ano de 1895, ano de fundação do Grupo de Regatas do Flamengo, aí poderemos associar este tipo de indumentária, mesmo assim não poderíamos afirmar ser o Flamengo “filho do Fluminense” e que nasceu em 1911 ou 1912. Nelson Rodrigues diminui dezessete anos de vida do Flamengo e é impreciso ao falar que o nascimento foi em “1911 ou 1912”.

Quanto ao Fluminense, Vasco e Botafogo, também encontramos divergências, não só em Nelson Rodrigues, mas em Coutinho (1990), Damo (1998), Assaf & Martins (1998 e 1999), Alencar (1970), Mattos (1997) em tantos outros autores, que confundem a data de fundação dos clubes com a data de adesão ao futebol como prática esportiva e a participação destes nos campeonatos oficiais, ou ainda com a inscrição e estréia especificamente no Campeonato Carioca, como é o caso da maioria dos clubes. Podemos iniciar citando a origem do Fluminense que, como clube, surgiu em 10 de janeiro de 1892, quando foi criada a *Union des Canoitiers*, também chamada de Sociedade dos Franceses. Ainda em 1892 surgiu o Clube de Regatas

Fluminense, formado por antigos membros do Cajuense e instalado no Caju, que desapareceu e mais tarde veio a praticar o futebol e fundou o Fluminense Football Club, em 1902.

Já Luiz Caldas, à frente de um grupo saído do Clube de Regatas Guanabareense, cria o Grupo de Regatas do Botafogo, que passaria a se chamar clube em 1894 e em 1904 funda o Botafogo Football Club, cuja união dos dois segmentos somente ocorreu em 1942, passando a se chamar “Clube de Futebol e Regatas Botafogo”. Em 1895 aparecem duas novas agremiações: em 5 de fevereiro, o Grupo de Regatas Gragoatá de Niterói e em 17 de novembro o Grupo de Regatas do Flamengo, passando a clube em 1902; praticava futebol em 1903, tendo entrado na Liga Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro em 1911 e disputado seu primeiro campeonato em 1912, acrescentando que nenhum outro clube de futebol filiou-se à Liga antes de 1905, obviamente porque esta foi fundada neste ano. Logo surge o Clube de Natação e Regatas em 13 de dezembro de 1896. Em 21 de agosto de 1898 aparece o Clube Vasco da Gama, que também já praticava o Futebol antes de 1923, ano que marca sua entrada na Liga. Em 1899 reaparece o Clube de Regatas Guanabara. Em 5 de julho deste mesmo ano surge o mais novo Clube de Regatas Cajuense, que viria a se chamar Clube de Regatas São Cristóvão. E, por fim, o Clube Internacional de Regatas   fundado em 16 de setembro de 1900.

Nelson Rodrigues não foi o único a ser tão contundente nas afirma es e a se equivocar como tantos outros autores, porém se não fossem tais conjunturas, até por uma questão de torcedor de outro time (Fluminense), não haveria a constru o destas versões históricas dos clubes e do futebol, gerando desta maneira uma reinscri o permanente da mesma história do esporte, cujas interpreta es fazem enriquecer tal constru o, unindo partes dilaceradas do centenário do esporte brasileiro iniciado com a ginástica, turf  e regatas e difundindo-se com o futebol.

Porém, retornando ao assunto, quando nos referimos a passagens dos muitos autores consultados, estes afirmam que o futebol no Flamengo somente foi aderido em 1911, com a cisão do Fluminense, podemos dizer que o Fluminense também surgiu por uma cisão, contudo não vamos insistir neste equívoco.³³ Os jornais, as revistas e a literatura³⁴ do começo do

século apontam o ano de 1903 – precisamente o *Jornal do Commercio* refere-se a uma nota dizendo o seguinte (nove anos antes da data geralmente oferecida, entra na história do clube, por ser o primeiro a falar de futebol praticado pelos jovens Rubro-Negros):

FOOT-BALL – (...) Realiza-se domingo, 25 do corrente, um importante *match* de *foot-ball* entre os Clubs do Flamengo e Botafogo (...). Em rodas esportivas nota-se grande entusiasmo por este *match*, ansiosamente esperado por todos os amadores deste interessante jogo. É-nos grato dizer que o jogo de *foot-ball* entre nós tem tomado um impulso, não só por parte dos distintos rapazes que tomão parte neste exercício, como também pelo público, que já ansiosamente espera ver anunciados outros jogos (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 out. 1903, *Sport*, p. 2).

Entre os anos de 1903 a 1914, principalmente o último, os títulos de futebol do Flamengo foram muitos, sem que isto fosse comentado por algum autor. Em 1904, consta na bibliografia dos “Grandes clubes Brasileiros: Flamengo”, que o futebol já exercia uma faceta política diante do contexto social e explorado por certos escritores. O que narra Coutinho, é que o governo federal de Rodrigues Alves está ameaçado por destituição governamental no feriado nacional de 15 de novembro, data também do aniversário do Flamengo. A situação é tensa, quando o Flamengo anuncia que será realizado um jogo de futebol e, em seguida, um carnaval em comemoração ao nono aniversário do clube. Sem imaginar que o objetivo fosse esfriar os ânimos da população, é isto que acontece realmente: “o povo se dirige ao jogo e o momento crítico da política passa despercebido” (1990, p. 94).

Carvalho (1987) afirma “que foi o futebol, o samba e o carnaval que deram ao Rio de Janeiro uma comunidade de sentimentos, acima e além das grandes diferenças sociais que sobrevivem”.³⁵ Numa interpretação próxima, DaMatta afirma que:

o sentimento de totalidade nacional, o valor do povo representado pelos seus ídolos e, mais importante que tudo isso. O sentimento quando o Flamengo é vitorioso, o gosto da vitória é pleno e sempre merecida. Se o Rubro-Negro é campeão, basta olhar a cara do povo: em cada olhar uma faixa, ou melhor, um facho de luz. (1979, p. 124)³⁶

Como podemos observar, desde 1904 o Flamengo expressa ter uma certa popularidade e possui também ares de moleque, jovem e sério como instituição. Em 1905 é fundada a Liga Metropolitana de Futebol (LMF), mas o Flamengo somente irá se inscrever em 1911 e disputará o campeonato em 1912 e 1913, sendo vice-campeão nos dois anos consecutivos. Até então, Fluminense e Botafogo dividem os títulos desde 1905. A entrada do Flamengo na Liga Metropolitana de Esportes Terrestres é descrita em várias versões. A principal é do Flamengo ser filho do Fluminense, ou do Fluminense gerar o Flamengo a partir de uma cisão do primeiro. O que podemos situar pelas leituras, é que não houve uma cisão do Fluminense, uma divisão do clube, mas o afastamento de alguns jogadores de futebol por desencontros de idéias. Esta cisão caracterizada pela literatura não gerou nem o futebol no Flamengo, muito menos o nascimento de um novo clube. O Flamengo já praticava o futebol desde 1903, como modalidade esportiva e reconhecida pelos seus títulos em muitas competições amadoras e sendo uma instituição sólida e comprometida com o esporte carioca. A entrada dos atletas (*canotiers* e *players*) do Fluminense para o Flamengo parece ser uma simples troca de clube, de entidade esportiva pelo time de futebol do Fluminense, onde este clube não mais correspondia aos objetivos dos jogadores vindo a formalizar a configuração do futebol como modalidade esportiva, assumida competitivamente a partir de 1911, com o Departamento de Futebol do Flamengo e, em conseqüência, entrando na Liga Metropolitana de Esportes Terrestres do Rio de Janeiro que, no ano seguinte, vem a disputar o campeonato carioca.

Segundo Coutinho³⁷ e Alencar,³⁸ os jogadores do Fluminense liderados em campo por Alberto Borgeth já cogitavam alguma mudança de

clube, caso a eleição da Presidência do Fluminense de 1911 não conviesse com os objetivos do grupo envolvido – o time de futebol. Em 21 de setembro, na Pensão Almeida da rua do Catete, onde moravam além de Píndaro, zagueiro do Fluminense, Emmanuel Augusto Nery, futuro zagueiro do Flamengo, Othon de Figueiredo Baena, jogador do Botafogo em 1910, do Fluminense em 1911 e do Flamengo em 1914 e 1915, e mais dois jogadores que seriam futuramente do Flamengo, reuniram-se pela primeira vez com Alberto Borgeth na intenção de se transferir de clube.

Apesar do Fluminense liderar o Campeonato Carioca de 1911 – onde, conseqüentemente, seria campeão, pois faltava somente uma partida contra o América – a política interna do clube não andava agradando seus sócios, nem ao menos os jogadores de futebol. Com o Fluminense seguindo invicto no campeonato, o capitão Alberto Borgeth divergia dos dirigentes do *Ground Committee*, uma espécie de Comissão Técnica. Tratava-se da política interna do Fluminense determinada pela demissão de Ernesto Paranhos e Harold Cox, antes da eleição à Presidência do clube. Oswaldo Gomes e Altair Antunes formavam dupla para a nova presidência e se apresentavam como candidatos. No dia da eleição, surgiu um terceiro candidato, Joaquim Guimarães empurrado por Borgeth, fazendo frente a esta dupla, ou seja, contra seu sub-capitão de futebol Oswaldo Gomes. O resultado foi o empate entre Gomes e Guimarães, quinze votos cada um. Seria vencedor pelos estatutos vigentes o mais velho, porém, ambos eram da mesma idade.

A eleição foi decidida em Assembléia elegendo Oswaldo Gomes, contrário ao que queria Borgeth. Infelizmente, não terminaram o impasse e as contradições. O ápice da ocorrência deu-se na escalação do time de futebol do Fluminense no último jogo contra o América. Para o jogo decisivo, o Fluminense foi escalado sem a presença de Alberto Borgeth no comando do time de futebol. No lugar dele, que era o centro-avante e capitão, colocaram Paranhos, que ocupava a posição de beque. Com a exceção de Oswaldo Gomes e James Calvert, os demais jogadores manifestaram-se contrários à Diretoria do clube, favoráveis à permanência de Borgeth no comando do ataque, exigindo a retirada de Oswaldo Gomes. A Diretoria do Fluminense manteve a sua decisão e, como medida de precaução, colocou-os no quadro de sobreaviso (Coutinho, 1990, p. 110-158; e Alencar, 1970, p. 56-71).

Mesmo assim, Borgeth pediu aos jogadores e companheiros do time de futebol do Fluminense que estivessem em campo no domingo e dessem o título ao clube. Estes venceram o campeonato. Houve comemoração em que não compareceram os nove jogadores do primeiro time. No dia seguinte, segundo Píndaro de Carvalho,

(...) foram convidados a deixar o Fluminense. Alberto Borgeth foi bater à porta do Flamengo, ou algo dizia que podia fazer alguma coisa que pudesse amenizar o problema dos ex-jogadores do Fluminense e contava que o Flamengo os receberiam de bom grado pois, além de jogadores de futebol eram remadores pelo Flamengo. (Coutinho, 1990, p. 70)

Era comum, no começo do esporte amador no Brasil, os atletas pertencerem a uma ou mais entidades, disputando várias modalidades e não era diferente entre os freqüentadores dos dois clubes. A vida de um clube, várias vezes, confundia-se com a vida do outro. Os jogadores de futebol do Fluminense eram remadores do Flamengo e os adversários eram o Botafogo e o Vasco. Temos ainda, o caso de Virgílio Leite de Oliveira e Silva que chegou ao mesmo tempo a ser Presidente do Flamengo (de 1901 a 1903) e Diretor de Esportes do Fluminense, depois de substituído por Arthur Lawrence Gibbons em 1904. De 1907 a 1911 volta ao Flamengo e é substituído por Edmundo de Azurém Furtado em 1912, reassumindo em 1913 e se reelegendo em 1915. Flamengo e Fluminense mantinham uma convívência fraterna. Mas para Borgeth,

(...) o Flamengo incorporava um espírito diferente do Fluminense. Sendo moldado pela República Paz e Amor, o clube nunca desejou ser um British clube. Nada britânico era uma inovação, uma versão brasileira em matéria de agremiação esportiva. O Flamengo já caracteriza-

va o carioca de alegria e riso fácil, moleque, sério e criativo. Quanto mais diferente do Fluminense melhor, é mais Flamengo, é mais povo. E é com a diferença que a vida começa e os novos valores também começam se afirmar. Para Borgeth ainda, a graça do Flamengo estava em ser diferente do Fluminense. (Coutinho, 1990, p. 50-51)

Entende-se aí a heterogeneidade como fonte de um novo estilo de vida. Fosse o Flamengo imitar o Fluminense, não teria a menor graça. Ao adotar novos valores e acompanhar a nova construção social, pode-se dizer que o Flamengo despertava uma certa curiosidade, pois desafiava a sociedade sisuda da época com seus comportamentos e também já tinha os seus admiradores. Para Mário Filho,

(...) certos modos e o comportamento geral dos rapazes do 22 escandalizavam os moradores do bairro. No 22, havia danças só entre homens em torno de barris de chopp da Brahma, principalmente quando o Flamengo venciam alguma regata, um cavaquinho, um violão e rolava o reco-reco.³⁹

Com o futebol, as festas dançantes e o reco-reco do Flamengo deixariam a garagem e sairiam à rua, criando uma das tradições Rubro-Negra, não se parecendo em nada com o recatado pudor das festas e jantares comemorativos do Fluminense.

À primeira vista, o Flamengo esnobou o grupo de Borgeth, o quase-time completo do Fluminense, campeões de 1911 do Campeonato Carioca. Relutou também em ser um clube de futebol. Mas Borgeth era incisivo, não desistia de querer impor o futebol no Flamengo. Depois de muita conversa, a diretoria do clube veio a aceitar, mas com algumas condições. Estas iam desde não jogar o futebol com a camisa dos remadores, mas poderiam usar as mesmas cores, até a mais dramática: deveriam se arranjar para treinar. O Flamengo não possuía um campo de futebol e nem sua estrutura era adequa-

da para uma construção desta dimensão. Não existia espaço físico em sua sede. Outro equívoco sobre a aceitação do futebol foi a relutância dos remadores, que consideravam o “remo o esporte para homens e o futebol um jogo de frescuras”, ou ainda, “o futebol daquelas corridinhas e pulos, saltos a perseguir a bola, é coisa de balé”, criticavam os remadores.⁴⁰ Para os remadores do Flamengo, o remo era uma questão de virilidade e masculinidade.⁴¹

O Flamengo continuava sendo notícia no remo, modalidade praticada como atividade esportiva principal no clube. Já no caso do futebol, somente em 1911 é incorporado como esporte, mas jamais seria incorporado ao nome do clube, como o Botafogo de Futebol e Regatas em 1942; seria sempre simplesmente “Clube de Regatas do Flamengo”, mesmo com a ascensão avassaladora do futebol. Com a aceitação e incorporação do futebol no Flamengo, cria-se grande expectativa na estréia de 1911, contra o time da Mangueira e o resultado consolida-se na vitória de 16 a 2 para o Rubro-Negro. Logo inscrito na Liga Carioca de Futebol, entra como favorito ao título de 1912. Aumenta, em consequência, o movimento social do clube com a entrada de novos sócios e novos integrantes das equipes juvenil e infantil, pois quando Borgeth saiu do Fluminense, levou consigo os dois times menores. Com o futebol para estrear no Campeonato, o Flamengo ainda não tinha resolvido o problema de campo para os treinamentos. Pensaram nas mais variadas formas e locais, mas a princípio foram parar nos arredores próximos à praia do Russel, ou seja, na praça do Russel.

4.6 Flamengo da praça do Russel

Na assembléia de 8 de novembro de 1911 do Clube de Regatas do Flamengo, última da diretoria de Virgílio Leite de Oliveira e Silva, na qual se elegeu a nova composição (com a Presidência de Edmundo de Azurém Furtado), Alberto Borgeth propôs verbalmente a criação de uma “Seção de Futebol”. Justificou oralmente a proposta, acentuando os benefícios que poderiam advir de sua concretização. Em vista da importância destacada pelo interventor Borgeth e da dimensão que já havia tomado o futebol – que exigiria inclusive a alteração dos Estatutos do Club – Virgílio Leite (ainda na Presidência) resolveu deixar a cargo da nova diretoria a autorização para estudar a proposta de inserir o futebol no Flamengo, nomeando uma comissão que deveria apresentar uma decisão em Assembléia Especial.

Sendo aprovada a sugestão presidencial, na primeira sessão da nova diretoria, realizada a 25 de novembro de 1911, o Presidente Edmundo de Azurém Furtado designou os sócios Souza Mendes, Virgílio Leite e Joaquim Magalhães para emitirem pareceres sobre a proposta de Borgeth, convocando para isso uma Assembléia Extraordinária que seria realizada em 24 de dezembro. O parecer foi favorável à criação não só de uma seção de futebol, mas de uma “Seção de Desportos Terrestres”, tendo sido designado para dirigi-la o próprio Borgeth (Coutinho, 1990, p. 100-101; Alencar, 1970, p. 69-71; Martins & Assaf, 1999, p. 20-21). Podemos dizer que foi talvez o passo mais decisivo do Flamengo, que o levaria às mais audaciosas conquistas, além dos inúmeros títulos que consagraria mais tarde como “clube mais popular do Brasil”.

O primeiro campo de treinos foi a praça do Russel (muitos relacionam à praia do Russel). Neste tempo sem estátuas, prédios ou monumentos e também sem balizas de futebol ou redes. Um terreno baldio próximo à praia cedido pela prefeitura do Rio de Janeiro com a intervenção de Júlio Furtado (Alencar, *op.cit.*, p. 71). Tal como sucedera quando surgiram as competições aquáticas, o Flamengo não possuía uma estrutura de clube como o Fluminense. Este se resumia ao “Casarão 22” como sede sem muros ou portões, por onde várias pessoas entravam e saíam. Um lugar do povo e para o povo, um campo de futebol sem cercas. Os meninos dos arredores acompanhavam o time até o Russel, espionavam os treinamentos e os jogadores foram também sendo conhecidos.

Quando filiados à Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, os encontros oficiais seriam realizados no Campo do Fluminense, cedido por sua diretoria em acordo com a divisão de renda, fiscalizada pelos dois clubes e dividida meio a meio. Alencar,⁴² ao relacionar a cobrança de ingressos para os eventos esportivos, discrimina a situação da época:

Um ordenado de 200 mil réis seria um bom ordenado. Muito acima do médio (dez anos depois Lima Barreto perceberia como amanuense da Secretaria de Guerra 184 ou 200 mil réis. (...)
Segundo as folhas, enxovais de noivas custavam

50 mil réis. Cortes de linho e flanela a 2 mil réis; (...), vinhos italianos a 800 réis, Bordeaux (finíssimo) e Colares de 3 a 4 mil réis, enquanto a francesa era oferecida a 2 mil réis (...). Feijão preto novo e especial a 240 réis o quilo. Os ingressos nos teatros variam de 2 a 5 mil réis e as pubs para as regatas custavam 5 mil réis; e os jogos de futebol variam seguido deste preço e o local do jogo. (1970, p. 15-18)⁴³

O remo, o futebol, assim como o teatro não era acessível ao povo de condição econômica inferior, tanto aos negros quanto aos brancos pobres; a este tempo ambas as classes estavam limitadas aos serviços mais modestos. Raro o artista entre eles, nem mesmo nos circos. Um ou outro destacado, como o cantor carnavalesco Eduardo das Neves ou o palhaço Benjamim de Oliveira, com mais frequência aparecia nas bandas, blocos e conjuntos musicais. De qualquer forma, a proibição não era explícita, ditada por promotores das regatas ou impostas pelas condições sociais. O que mais dava margem eram as piadas, a censura destes, ou as adversidades entre os desafetos de “proibidores” e “proibidos”. Como nos mostra o sucesso do carnaval de 1906, em “Vem cá Mulata”, que se cantava nas ruas do Rio de Janeiro:

Vem cá mulata,
Vem dançar
Vem com emoção
E reparte teu coração
(...)
Joguei na cabra
Deu Pavão
Negro não entra
No Pavilhão⁴⁴

O Clube de Regatas do Flamengo dá um importante passo, levando os seus jogadores de futebol para a praça – “a praça é do povo”, já dizia o poeta Bilac. Esta democratização do esporte ganhava maior vulto na mistura dos

futebóis: do clube com o da praça, da várzea da fábrica e do terreno baldio, formando uma das mais fortes correntes na penetração das massas e de sua popularidade, inclui a larga porta aberta à classe popular. Assim, o Flamengo de 1912⁴⁵ aceita jogadores de cor em seu time, ao contrário do que afirma a literatura sobre a entrada de negros no Flamengo, que somente acontece em 1930, que tanto haveria de salientar um clube elitista e preconceituoso, principalmente com o profissionalismo, comprando atletas de renome como Leônidas, Domingos, Fausto, Waldemar de Brito, Jarbas e Friendenreich, que vestiram a camisa rubro-negra no decorrer dos anos 1930.

Em 3 de maio de 1912, o Flamengo jogou o seu primeiro *match* oficial, com o Sport Clube Mangueira, clube formado na periferia do Rio de Janeiro, no Campo do América, tendo como árbitro Belford Duarte. O Flamengo venceu de 16 a 2 e, apareceria como favorito ao Campeonato carioca de 1912, jogando com as cores do clube, diferenciadas do remo por imposição da diretoria vestindo uma camisa de quadros vermelhos e pretos vindas da Inglaterra. Apesar da procedência, da qualidade e do custo do uniforme, estes foram apelidados de “papagaios de vintém”. Mudaram novamente, quando as camisas passaram a ter listras horizontais com uma estreita listra branca separando as cores vermelha e preta. Não escaparam de outra gozação – “cobras coral” – e como coincidissem no tríplice colorido com a bandeira da Alemanha, depois da entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, foram reduzidas a duas listras largas pretas e encarnadas. Somente na Assembléia de 23 de dezembro de 1920 ficou aprovada a forma definitiva da uniformização do emblema oficial, das bandeiras, flâmulas e camisas, como uniforme geral do clube, englobando todas as modalidades esportivas inclusive o remo, assim definidas:

O emblema oficial do Clube de Regatas do Flamengo será representado por um escudo heráldico de forma ogival com o campo dividido em oito listras, sendo quatro pretas e quatro vermelhas alternadas, equidistantes e colocadas horizontalmente. No ângulo superior esquerdo, haverá um retângulo de altura correspondente às três primeiras listras, tendo no centro as letras C.R.F. bran-

cas e entrelaçadas. A bandeira do clube observará os mesmos característicos do emblema tendo, porém, colocada ao centro do retângulo uma âncora e dois remos entrelaçados, ladeados e encimados pelas letras C.R.F. brancas. A flâmula será formada por uma faixa vermelha ladeada por duas linhas pretas. Sobre a faixa central, na sua parte superior, um monograma branco, formado pelas iniciais do clube. As camisas do uniforme serão formadas por quatro listras pretas e quatro vermelhas, tendo sobre o peito, do lado esquerdo, o monograma em branco formado pelas iniciais do clube (Alencar, 1970, p. 72).

Começando tão bem em 1912, o Flamengo não venceu o Campeonato Carioca do ano de sua estréia que coube ao Paissandu. Conquistou o segundo lugar, mais foi campeão dos grupos juvenil e infantil (segundos grupos da época). O Flamengo também perdeu em 1913, mas venceu seguidamente em 1914, 1915, 1920 e 1921, quando o futebol começou a conquistar as massas. A partir de 1919, ano em que o Brasil venceu o Campeonato Sul Americano de Futebol, somente um clube possuía hino – o Fluminense, composto por Paulo Magalhães. Neste tempo, surgiu o Hino Rubro-Negro, também de Paulo Magalhães. O autor foi feliz na sua composição, não somente na música ou nos versos, mas por ser para o Flamengo do qual era atleta e freqüentador das orlas sociais. Seu primeiro ensaio foi no Flamengo da rua Paissandu e sua estréia foi no dia 15 de novembro de 1919, no aniversário do clube:

Flamengo! Flamengo!
Tua Glória é lutar.
Flamengo! Flamengo!
Campeão da Terra e Mar, de terra e mar.
Saudemos, pois, com muito ardor
Preto e encarnado
Idolatrado

Dois mil campeões o vencedor
 Lutemos sempre com valor infinito
 Ardentemente com denodo e fé
 Que o futuro ainda será mais lindo
 Que o presente que tão lindo é.

Tornado oficial a pedido de Paulo Magalhães em Assembléia Geral, o Hino Rubro-Negro é hoje marcha conhecida. Foi gravado pela primeira vez em 1932, na voz de Castro Barbosa, já em evidência como cantor devido ao sucesso de *Ten cabelo não nega*. Os primeiros versos, “Flamengo! Flamengo! Tua glória é lutar”, tornaram-se uma das lendas do clube. O futebol já é esporte nacional por excelência no final da década de 1910 e o Clube de Regatas do Flamengo somente seria o Flamengo quando o futebol se tornasse parte dele. Apesar das glórias no mar e em outros esportes, sua grande força viria inegavelmente do futebol. Sem dúvida, a popularidade do esporte influiria e muito para a popularização do Flamengo – e porque não, do futebol – hoje uma das paixões, se não a maior do povo brasileiro.

Na continuação da construção da história do Clube de Regatas do Flamengo, enfocamos o profissionalismo do futebol brasileiro, a posição do clube diante do fato e a transformação do Clube de Regatas do Flamengo, em mais uma das reverências ao que atualmente é reconhecido popularmente, ou seja, o “Flamengo”.

Notas

¹ SEVCENKO, N. *Orfeu estático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

² ELIAS, N. Un ensayo sobre el deporte y la violencia. In: ELIAS, N. & DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

³ SOARES, A. J. *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de

Janeiro. O autor utiliza-se do *Conto maravilhoso* de Propp, na análise do livro de Mário Filho *O negro e o futebol no Brasil* pelos novos narradores da história do futebol, seguindo uma estrutura semelhante à do conto.

⁴ HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

⁵ ALENCAR, E. *Flamengo: alegria do povo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1970, p. 14.

⁶ Muitos destes anúncios não só convidavam como incomodavam parte da sociedade ainda sisuda da época, críticas ao esporte e principalmente ao futebol por Lima Barreto e Carmem Dolores.

⁷ Carmem Dolores. A Semana. *O Paiz*, 13 out. 1906.

⁸ Segundo Alencar, (1970, p. 18-19) no estado do Rio de Janeiro, em Niterói, um armador francês, Massière, também amador de remo, começava a fabricar embarcações tipo esporte. E foi justamente na capital fluminense que se fundou talvez a primeira Associação Esportiva Náutica do Brasil – o Grupo dos Mareantes, de que era patrono o capitalista João de Matos, e que realizou sua primeira regata a 3 de dezembro de 1851, com três páreos. Noutra competição, realizada em 14 de dezembro de 1852, uma das embarcações dos Mareantes naufragou, perdendo a vida o seu remador Américo da Silva e originado o desaparecimento da associação pioneira. O autor cita o livro de Alberto Mendonça, que narra as regatas entre 1860 a 1908 e daí talvez não se reporta a uma regata que teria realizado na enseada de Botafogo, a 27 de maio de 1855 ou 1858, segundo uma estampa da “História Política do Rio de Janeiro” (encontra alguma referência na Federação Brasileira das Sociedades de Remo). Em 1862 realizaram-se na enseada de Botafogo duas regatas promovidas pela Marinha de Guerra com o concurso de amadores. Um dos diretores e participantes da regata era A.C. Mariz e Barros, que morreu na Guerra do Paraguai em 28 de março de 1866, a bordo do navio hospital “Onze de Julho”. Em 9 de agosto de 1874 funda-se no Rio o clube Guanabareense, que promove sua primeira regata a 27 de agosto de 1876, em Botafogo. Em Niterói é fundado o clube Náutico Saldanha da Gama. Estas instituições desapareceram e reapareceram com outros nomes.

⁹ “O *football* é mais um interessante ramo do *sport*.” (*Jornal do Commercio*, 18 abr. 1904).

¹⁰ E era repetindo as palavras finais da ode à “Salamina”, como ficou conhecida a crônica, depois de João do Rio e Mário Filho, que Bilac entrava nas garagens de remo do Flamengo na beira da praia muito

cedo, surpreendendo os remadores ainda dormindo (Coutinho, 1990, p. 75-77).

¹¹ Ver Alvin TOFFLER. As revoluções: a segunda onda. In: _____. *A terceira onda*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

¹² O repouso é destituído pelas festas, corridas de cavalo no Jockey clube, partidas de tênis, regatas, corso na avenida, nas praças, matinês dançantes, carnaval nas ruas e futebol. Uma série de novos hábitos e diversões físicas, sensoriais e mentais faz parte destas práticas, agora indispensáveis da rotina cotidiana; concentrando-se nos finais de semana, mas a rigor incorporadas em doses metódicas como práticas da rotina diária: esportes, danças, não exclui os encontros sociais em cervejarias, uso de estimulantes, xaropes para as competições, idas ao shopping, desfiles de moda, chás, cafés, confeitarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo, de bicicletas, de motocicletas, de carros, aviões, tiros de guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversão, circos, boliches, patinação, passeios e corridas de barcos, saltos ornamentais, massagens, saunas, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes do jogo de futebol e nas principais praças da cidade, durante toda a semana (Coutinho, 1990, p. 84).

¹³ Ver LOVISOLO, H. Modernidade e conciliação (cap. 1) e Incrementalismo e molecularização, o modelo dos intelectuais (cap. 4). In: _____. *Educação popular: maioridade e conciliação*. Salvador: UFBA, 1990.

¹⁴ GOES Jr., Edivaldo. Os higienistas e a educação física. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. .

¹⁵ ANDRADE, M. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléia Zanotto Manfio. Rio de Janeiro: Villa Nova, 1993. Muitas outras poesias trazem temas do Rio de Janeiro e do futebol como, por exemplo, *Carnaval carioca*, p. 163-171, *Danças*, p. 215-223, *As cantadas*, p. 321-323, *Luar no Rio*, p. 323-324, *Canção*” p. 324-325, entre outras.

¹⁶ CAMPBELL, J. & MOYERS, B. *O poder do mito*. São Paulo: Associação Pallas Athenas, 1990.

¹⁷ HOBSBAWM, E. *A era dos impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

¹⁸ ALENCAR, Edigar de. *Para sempre Flamengo*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1970.

¹⁹ COUTINHO, E. *Nação Rubro-Negra*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1990. Outras fontes (ALENCAR. Arquivo do Clube de Regatas do Flamengo, 1980) indicam 500 mil réis.

²⁰ A trajetória do remo do Flamengo ainda será marcada por mais incidentes. No Campeonato Pan-Americano de Remo nos Estados Unidos, em 1959, Ronaldo Arantes, atleta do Flamengo, foi escalado para compor a equipe brasileira. Porém, não chegou a competir. Foi encontrado morto em seu quarto de hotel em Chicago, sem que jamais descobrissem as razões do crime e o criminoso. Outro mártir do remo do Flamengo foi Pablito. Em 1965, em um treino foi atingido com violência por outro barco, que veio a lhe rasgar o abdômen, comprometendo uma vida normal. Recuperado, retornou às competições em 1966, conquistando nove medalhas de ouro, mas durou muito pouco e veio a falecer neste mesmo ano, por complicações do acidente aos dezenove anos. O Flamengo faz alusões póstumas aos dois mártires do remo, o Rimbaud do Remo (em homenagem ao poeta francês Jean-Arthur Rimbaud que morreu aos dezenove anos em pleno ápice da carreira poética). Acervo do Clube de Regatas do Flamengo.

²¹ Termo da época para a paquera, azarar, etc.

²² Muitas histórias narradas vão além do objetivo da fundação de um simples grupo de regatas. Estas foram revividas e recriadas por escritores, cronistas e literatos com o passar dos anos e após a afirmação do Flamengo como clube. Podemos dizer que naquele momento não parecia ser previsível por aqueles jovens. Entretanto, no domingo de 17 de novembro de 1895, estes amigos resolvem fundar o “Grupo de Regatas do Flamengo”. Uma das primeiras providências, por sugestão de Nestor de Barros, foi a mudança da data de fundação para 15 de novembro, coincidindo com o feriado nacional da Proclamação da República. “Barros achava conveniente antecipar em dois dias, ficando assim o grupo ligado à história do Brasil e o seu natalício seria feriado todos os anos” (COUTINHO, 1990, p. 19).

²³ RODRIGUES, José Honório. *Civilização holandesa no Brasil* (1940). Arquivo Nacional/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839 em diante). Seção de Documentos Privados e Seção de Documentos do Executivo e do Legislativo.

²⁴ MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Tempo dos flamengos*, 1947. Arquivo Nacional/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

²⁵ Na consulta ao primeiro dicionário da língua portuguesa, o Moraes não registra holandeses. Dizia-se em francês “*flamengant*” ou “*flamengal*”,

“*flamand*” para designar os que falavam a língua de Flandres Francesa, belga ou holandesa, como em espanhol se dizia *flandres, fiandra, flandes*. No dicionário Aurélio, a palavra “Flamengo” está relacionada a Flandres Francesa, ao flamingo como ave e, consta também, a acepção de rubro-negro, de torcedor, adepto ou simpatizante do Clube de Regatas do Flamengo. *Novo Dicionário Aurélio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 786.

²⁶ MÁRIO FILHO. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1945, p. 47.

²⁷ Esta data é excluída do primeiro estatuto e no primeiro título Mundial de Clubes (1980), em parágrafo dos objetivos; Capítulo Único/Artigo Primeiro do vigente Estatuto do Grupo de Regatas do Flamengo, aprovado pelo Conselho Deliberativo em sessão na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1980; registrado no Cartório do Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob o número 59 715, livro A – 21; publicado em Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro em 25 de junho de 1980, p. 28, parte V. “A data de 17 de novembro de 1895 e, conforme o primeiro Estatuto desta mesma data, confirma-se como data de Fundação do Clube de Regatas do Flamengo em 15 de novembro de 1895”. Arquivo do Clube de Regatas do Flamengo.

²⁸ Na placa comemorativa da sede do Flamengo, situada à avenida Rui Barbosa, consta também o nome de Emydio José Barbosa, entre os fundadores presentes na primeira reunião. Esse nome, porém, não figura na relação “Memória Histórica”, organizada por Álvaro Zamith, abrangendo os primeiros trinta anos do clube. Álvaro Zamith fala em Emydio Pereira, também mencionado por Mário Filho. Já Alencar (1970) afirma que na enumeração de sócios iniciadores não consta nenhum Emydio e sim Edmundo Rodrigues Pereira, conforme registro em número de quinze pessoas. Ver COUTINHO, E. *Nação Rubro-Negra*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1990; _____. *Memória do Brasil: história do futebol*. V. I. Rio de Janeiro: Rio, 1990, p. 28; ALENCAR, E. *Flamengo: alegria do povo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1970.

²⁹ Na parte a que se refere à raça, preconceito condicionado à época da fundação, parece não estar cogitado em 1895. Pois para Alencar, “(...) por mais bons moços que fossem os integrantes do Grupo de Regatas do Flamengo, alguns deles filhos de liberais escravocratas, concentram na idiossincrasia da sociedade brasileira do final do século XIX. Muito menos seria aberto,

aos atletas negros e mulatos, ou mestiços o futebol, nem mesmo as portas do clube nos primeiros anos” (1970, p. 22-24).

³⁰ A adoção da nomenclatura incorporou-se ao regulamento do Flamengo em definitivo, prevalecendo até os dias atuais no Art. 133, de 22.04.1980.

³¹ Estas revistas eram publicações semanais da primeira década do século XX, que prestigiavam a prática de esportes no Rio de Janeiro, abrindo os primeiros espaços para o hipismo, regata, ciclismo, natação, pelota e patinação, além da novidade como o futebol, o automobilismo, nos primeiros anos da década de 1920, o pedestrianismo e o *Turfe*. Revistas *A Semana* e *Sportiva*, ambas do Rio de Janeiro.

³² Encontramos na literatura diferenças de grafia “Borgeth”. Em Alencar aparece Alberto Borgerth, em Coutinho como Alberto Borghet e nos jornais do *Comércio*, *Sports* e as revistas *A Semana* e *Sportiva*, Alberto Borgeth, que adotamos aqui.

³³ Ver página anterior e adiante também.

³⁴ Refiro-me aos jornais *O Globo* e *Gazeta* e às revistas do Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

³⁵ CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³⁶ DAMATTA, Roberto. *Carnaval, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

³⁷ COUTINHO, E. Nação Rubro-Negra. In: _____. *Grandes clubes e seus maiores ídolos*. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé de Cultura, 1990, p. 100-158.

³⁸ ALENCAR, E. 1970, p. 56-71.

³⁹ RODRIGUES FILHO, Mário. *As histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1946. O autor relata numa linguagem de romancista, episódios pitorescos que atestam a boêmia, o espírito galhofeiro dos seus personagens, a alegria contagiante e o entusiasmo por vezes agressivo ou mesmo perverso nos objetivos de desforra ou na perseguição à vitória.

⁴⁰ Comentário pernicioso da época, focado em três consultas, mas referente somente aos remadores do Flamengo. Ver COUTINHO, 1990, p. 103; MATTOS, 1997, p. 66-67; ALENCAR, 1970, p. 100-101.

⁴¹ Mal sabiam os remadores que já se falava desde o começo do século em remo feminino no Brasil, como por exemplo, a reportagem de *O Malho* (8

nov. 1902, p. 19) que relata o seguinte: “Em São Paulo, um grupo de mulheres resolveu fundar um Clube de Regatas para o sexo feminino (...), visto que o *rowing* é um esporte fidalgo por excelência. Portanto o remo começava a se transformar em esporte de ambos os sexos no início do século e, no caso do futebol, continuaria sendo exclusivamente masculino pelo menos por mais cinquenta anos.

⁴² ALENCAR, E., 1970, p. 15-18.

⁴³ Durante muito tempo as regatas e o *turfe* foram mais atração de jogo do que esporte. Verdadeiro frontão a céu aberto e de mar cercado. A venda das pules era franca, legalizada e propagada. Um ou outro clube fugia ao maremoto. Aderia ou desaparecia. Dominavam empresários e profissionais. E os amadores seriam apenas para despistar e confirmar a regra. Mas ganhavam caixas de charutos e talvez nem fumassem (cf. ALENCAR, 1970, p. 15-19).

⁴⁴ ALENCAR, 1970, p. 24.

⁴⁵ Ver MALCÓN & VIDAL. *Enciclopédia do futebol*: Brasil, n. 29-30, p. 583-601, 1973.

Rua

PAISSANDU

As imagens foram obtidas a partir do interior do Palácio Guanabara, em frente da Rua Paissandu.

O Palácio Guanabara, antigo Palácio Isabel, atual sede do governo do Estado do Rio de Janeiro, foi adquirido pelo Império de um proprietário particular em 1865, para servir de moradia ao jovem casal dos Condes d'Eu: Príncipes Gastão de Orléans e Princesa Isabel. Para isso, tanto a casa como o parque tiveram que sofrer grandes obras de adaptação e embelezamento.

Já a charmosa Rua Paissandu, conhecida pelas suas palmeiras, antes se chamou de Rua Santa Theresa da Glória, nos dias em que começava na Rua Marquês de Abrantes, quando então não atingia a Praia do Flamengo, como acontece hoje.

A denominação foi dada em louvor à conquista pelo Brasil, no Prata, do porto fluvial de Paissandu, sob o comando do Almirante Tamandaré, em 1864.

A Rua Paissandu está intimamente ligada à paixão nacional: o futebol. Foi no campo do Paissandu Cricket Club, que o filho de um inglês, Oscar Cox, em 1902, deu vida ao primeiro dos times de futebol do Rio e do Brasil, o Fluminense. Mais tarde, o mesmo gramado paissanduano das partidas de cricket seriam transferidos para o Flamengo, antes de sua mudança definitiva para o Estádio da Gávea.



BRÉSEL RIO DE JANEIRO * PALMEIRAS DE LA RUE PAISSANDU



Rua Paissandu, 1864.



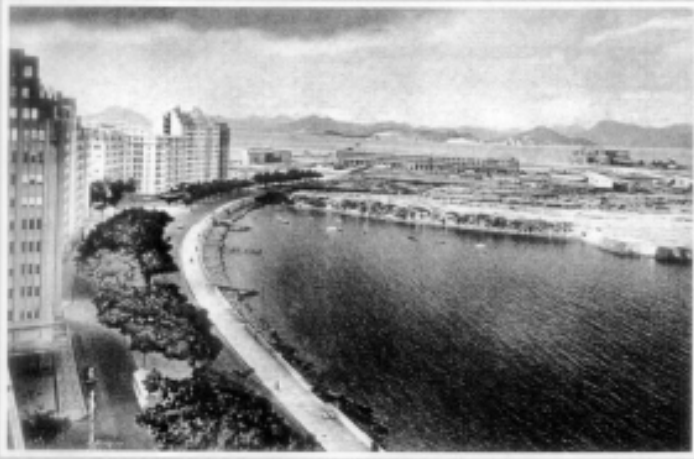
Palmeiras da rua Paissandu, 2000.



Praia do Flamengo, 1906 e 2000.



Avenida Beira-Mar, Flamengo, 1925 e 2000.



PR. FLAMENGO 1906



Praia do Flamengo, 27.4.1906.



Praia do Flamengo, 27.4.1906.



Praia do Flamengo, a grande ressaca (24.4.1906).

Praia do Russel? 1303

Quatro à direita é o da City Improvement, empresa de saneamento inaugurada em 1866, por iniciativa de João Frederico Russell, que deu nome à praia, pois era uma fazenda aliada, em 1862, inaugurou-se o Hotel Glória.



O chalet de três andares é o do Hotel Grand Chalet, Indústria de Sida Lemos - 1870 a 1875 - transformado em residência particular do dono do Hotel Guarabara, que ficou na Rua da Glória, hoje demolida, que dava fundos para a atual Avenida Augusto Severo e que também

foi hotel onde se agasalhavam políticos importantes. Em 1961, abandonado o terreno da Praia do Russel, que tem o nome praticamente ignorado de Praia Lemos de Gaudes, e foi ali que se fez um campo onde o Clube de Regatas do Flamengo iniciou a prática do futebol. A sede da City Improvement acabou na Rua Santa Lucia, quase equidistante da atual Calógeras.

O prédio de pedra, ainda existente, que pertencera à City Improvement, é da CEDAG (Cia. Estadual de Águas de Guarabara), depois CEDAL (Cia. Estadual de Águas e Esgotos), para a mesma finalidade. Em segundo plano, na mesma direção da fotografia, a igreja de N. S. da Glória de Curitiba.

A Praia do Russel em 1903. Foto: Arquivo

40



Praia do Russel, 1903.

Flamengo 1906

*C*onstrução da Avenida Beira-Mar e da Praia do Flamengo, antes dos alargamentos subsequentes, enquanto vias públicas, sobre espaço roubado ao mar, permitindo o futuro Aterro do Flamengo, as pistas de acesso direto entre Botafogo e o centro e os ajardinamentos e fitamentos citadinos que ali tiveram lugar, minipalcos de uma cidade que viria a se tornar cada vez mais polida. O logradouro em primeiro plano, já com início da arborização, é a Avenida da Ligação (do Flamengo e Botafogo), atual Oswaldo Cruz, segmento do cinturão viário que Pereira Passos planejara para diminuir as distâncias e facilitar as comunicações internas do Rio de Janeiro, a custo menor para a época do que o da sucessão de túneis que afinal se tornou inevitável, face ao surto demográfico e aos engarrafamentos automobilísticos.



Beira-Mar, Flamengo, 1906.

Flamengo 06

*C*onstrução de prolongamento na direção sul, da Avenida Beira-Mar, tornando a atual Praia de Flamengo. Na abscisa da Rua Cruz Lima, assina nomeada em homenagem ao comerciante José Dias Cruz Lima, abelgado na corte de D. Pedro II como encarregado de guarda-costa imperial. Até os aperfeiçoamentos introduzidos neste trecho final da nova praia, por Pereira Passos, havia aí apenas pontos de recolhimento de canoas e pescarias, bem como de encontro de pescadores, e depósitos de carvão vegetal e lenha, explorados por modestos comerciantes e intermediários. A fotografia é flagrante da inspeção da obra do cais, pelo Prefeito, acompanhado dos engenheiros Francisco de Oliveira Passos (seu filho e principal arquiteto do projeto do Teatro Municipal), Antônio de Sousa Rangel e Maria Rêgo, competentes e dedicadas colaboradores de Pereira Passos, ao levantar até a ponta máxima alcançável naquele momento o cais da muralha, atiradiz horizontalmente segundo residencial importante na vida da cidade. Na Praia de Flamengo das imediações do Palácio do Catete, e um pouco depois desta, para quem visita da cidade, basta dizer, a fim de que se compreenda sua importância, que ocorreram, em diferentes épocas, personalidades como Filipeberto Caldeira Brant, Marquês de Barbacena, o Marquês de Paraná, Carlos Salgado Maranhão e o Conselheiro Cândido de Oliveira. Com a urbanização de terras que se vê na fotografia, os modestos bangalôs e sobrados que apareceram à direita referem-se vez a palácios que sobramançava e enobreceram arquitectonicamente, na freguesia do Morro da Viúva, que constituições de nobre mudearam inteiramente, o a início da obra na praia, para a paisagem da Avenida da Ilhaque, hoje Avenida Oswaldo Cruz.



Muralha da Beira-Mar, Flamengo, 1906.

.5.

O FLAMENGO E O NOVO SONHO DE VIVER DO FUTEBOL

O caminho que o futebol segue na década de 1920 diferencia-se muito do tempo heróico da fundação dos clubes. Nestes primeiros anos, o futebol começa a manifestar mudanças que irão marcar a história do esporte. Os dez anos percorridos entre 1920 e 1930 concretizam-se no ápice da propagação e popularidade do futebol nos clubes, fábricas, indústrias, mudando o cotidiano das cidades. Este envolvimento coletivo estabelece um nexo entre o espaço físico da cidade e o esporte. A imprensa e os jornais desempenham tanto um meio de informação dos encontros esportivos, quanto possuem uma ação didática. Para Sevckenko (1992, p. 54), essa didática marca a década quanto à importância da preparação física obtida pela prática metódica e cotidiana de uma série encadeada de exercícios físicos. Houve sugestões que podiam e deveriam ser adotadas por todo e qualquer cidadão, para serem desempenhadas no próprio interior dos seus lares, associando o esporte coletivo com a vida doméstica, a rotina diária e a existência individual e privada de cada habitante da cidade. As expectativas rondavam em torno do *boom* esportivo do final da década de 1920. Era o que exigiam os clubes e associações, era sobre o que a imprensa chamava a atenção, a partir do Campeonato Sul Americano de Futebol, vencido pelo Brasil, em 1919.¹

O final da década de 1920 ainda marca rompantes e afirmações. As mais variadas reações encontram na imprensa desta época suas distorções em busca de uma afirmação nacional, focos de rompimentos dos modelos que

atravessariam o tempo. O fenômeno esportivo em geral e o futebol em particular são uma manifestação plenamente urbana, que palpita de um modo ou de outro, por todos os desvãos da cidade e preenche o tempo ampliado das horas de lazer. Para Sevcenko,

Ele é ubíquo na fisicalidade concreta das atitudes e expressões que difunde na variedade abstrata dos estados emotivos que desperta e alimenta. A cidade dissipada no caos de um crescimento tumultuoso encontra nele a enfiatura de correntes que organizam pela exaltação. Essas correntes conjugam focos de alinhamentos coletivos que se sustentam pela adesão voluntária e a comutação do entusiasmo em doses cotidianas. A cidade não assiste ao esporte como um episódio isolado e externo: ela lhe dá vida, corpo e voz. Ela não o vê de fora, ela se vê nele. (1992, p. 57-61)

É na aproximação de Sevcenko que retratamos o fenômeno esportivo da década de 1920, onde podemos expressar que a política dos *footballers*, ativos ou platônicos, é tão acirrada que chega a fazer sombra aos políticos da época. Estes encontros eram ainda entre amadores heróicos do futebol do Rio de Janeiro, onde o jornal *O Estado* trazia o tempo em que os jogadores não se poupavam, as atividades esportivas não eram organizadas e, muitas vezes, coincidiam com provas e exames ou com tarefas exaustivas. Os jogadores eram estudantes, quando não funcionários ou empregados no comércio e na indústria. Sem observâncias médicas, no limite do esforço, o esporte era praticado sem um conhecimento específico, sem treinamento adequado, sem método, sem planejamento e táticas pré-estabelecidas, de modo platônico, no peito e na raça. Com admirável espírito de luta, dedicação e sacrifício, como narra Alencar:

Da história do futebol deste tempo podemos citar muitos exemplos nestes moldes, como o Gilbertão do Flamengo: este pesava mais de noventa quilos e

era beque. Dentro da concepção da época, que só compreendia zagueiro parrudo, barreira humana, e como geralmente acontece com estes tipos de “jogadores”, procurava suprir o que não tinha de técnica com o peso, a força e o tamanho no estilo “valentão”. A bola comumente passava por ele; mas o adversário ficava... estirado no chão, contudo, considerava-se um “colibri”... Voava por cima de todos. Outros acabaram depressa para o esporte em seus sentimentos de dedicação e sacrifício. Tanto no Flamengo como nos demais clubes predominava o sentido de defesa da camisa, o orgulho de associações e associados que faziam o esporte pelo esporte. Febre e resfriado nunca impediram jogadores de figurarem em partidas disputadas em muitos campeonatos e jogos daquela época, como Paulo Buarque, que teve a clavícula fraturada e continuou jogando, até quase o final de um Fla-Flu, em 1927. Outros, como Píndaro de Carvalho, entram em campo em 1922, depois de muitos anos sem atividade física. Sem condições físicas ou técnica, tática, etc., etc. Alegando que o que faz o jogador é o sentimento e a emoção de se jogar pelo seu clube, temos o caso de Baldanni do Flamengo, que certa vez jogou com uma ferida aberta por intervenção cirúrgica recente. Moderato teria gesto idêntico em 1927. (1970, p. 96-100)

Entre outros, Norbert Elias (1992) proporciona um quadro nítido das situações citadas. Mostra também que a função de produzir uma excitação emocional controlada, mas agradável, não se limita ao desporto, esta perpassa dos jogadores aos espectadores. Para este autor, no caso de um jogo de futebol, movimento e emoção estão intimamente ligados um ao outro, pelo menos na situação dos jogadores. Mesmo o público tem um campo de possibilidades maior para transmitir os seus sentimentos entre si e aos jogadores por intermédio de movimentos, incluindo da língua, dos lábios e das

cordas vocais. Não só o futebol, mas o desporto mimético controlado e não violento. Uma fase de luta, ou conflito de tensão e excitação que pode ser exigente em termos de esforços físicos e de técnica, pode ser também, em si mesmo, hilariante; uma libertação das tensões e dificuldades da rotina exterior ao lazer é, habitualmente, seguida de uma fase de decisão e de alívio do conflito das tensões, quer seja pelo júbilo da vitória ou pelo desapontamento da derrota. Segundo Elias,

Uma tensão que causa prazer, uma agradável excitação que culmina num clímax deleitante e a libertação de tensão é bem conhecida como traço característico do ato sexual. Podemos ser tentados a considerar a agradável tensão e a excitação de uma luta que culmina em vitória como um derivativo das forças naturais em ação. Isto não é improvável, mas talvez não seja suficiente. Estou mais inclinado a considerar a agradável excitação desencadeada num confronto como a satisfação de uma necessidade básica, por certo induzida socialmente de uma necessidade humana em si mesma, particularmente se o confronto exige esforços corporais, como se verifica no caso do desporto. Por outras palavras, o que procuro dizer é que a sociedade que não oferece aos seus membros e, em especial, aos mais jovens, oportunidades suficientes para a excitação agradável de uma luta que não exige, mas pode envolver força e técnica corporal pode, indevidamente, arriscar-se a entorpecer a vida dos seus membros; pode não proporcionar corretivos complementares suficientes para as tensões não excitantes produzidas pelas rotinas regulares da vida social. (1992, p. 82-95)²

O futebol, como outras modalidades esportivas e de lazer, apoiam-se no equilíbrio entre a tensão e a excitação, entre o enfado, a alegria e a

tristeza. O drama de um bom jogo de futebol, segundo a forma através da qual se manifesta, e explorando a descrição de Elias, possui qualquer coisa de comum com uma boa peça de teatro. Por um lado, esta constrói durante algum tempo uma agradável tensão mimética, talvez a excitação, orientada para o clímax e, deste modo, para a resolução da tensão. Porém, por outro lado, a peça teatral é, em quase todos os casos, o resultado de um trabalho delineado para um determinado fim e por uma determinada pessoa, enquanto que no jogo de futebol, nem sempre o resultado do trabalho se concretiza em vitória, quase sempre não se determina quem fará o gol, ou seja, quem é o artista de hoje. As muitas ações durante o jogo de futebol são construídas de improviso, perante o que a situação exige, atingindo no decurso um desenvolvimento não planeado, deixando claro a situação incerta.

Outro ponto salientado por Alencar (1970, p. 97) é um certo desleixo pelo campo esportivo que haveria de se formar. Mostra a confirmação do sentimento displicente da época em relação à organização do esporte no Brasil. Mas jamais poderíamos colocar que seria desamor ao pavilhão do clube, mas excesso de mocidade livre e sem obrigações profissionais para com a entidade, ou seja, “jogador algum se privava de bailes, serenatas e farras. Gostavam de exhibir-se às mulheres, envergando suas camisas dos clubes, suas mini-calças e sempre bem penteados”.

A atenção dos jornais da época, aos quais nos referimos sucintamente, voltava-se aos casos de envolvimento em brigas homéricas. Apesar das descrições pouco formais da imprensa, encontramos na relação os “sururus”, cujos registros são freqüentes desde 1911. Podemos conceituá-los de extremos e violentos por alguns textos, como: “Alvo de uma manifestação a pau”, “O encontro não terminou devido a cenas degradantes”, “Ataques violentíssimos aos sócios” e “o pau comeu na casa do Noca”, onde os objetivos eram sempre nobres: “defender as cores do pavilhão”.

Encontramos também nos métodos de treinamento outro ponto questionável. Como por exemplo, quando o Vasco da Gama iniciou o futebol. Seu time era composto de empregados do comércio, com uma preparação intensa e sem precaução, podendo ser considerada, até certo ponto, abusiva. O treinamento era diário, muitas vezes em três turnos, ainda quando o jogador trabalhava para o patrão e não era sócio do clube.

Neste período, em que reinavam as brincadeiras e molecagens dos atletas-sócios e freqüentadores dos clubes, outros já buscavam assegurar seu espaço dentro do contexto esportivo por outros meios, ou seja, pelo treinamento exaustivo e sem fundamentação, mas ambos os lados concorriam para a profissionalização do futebol.

Em 1927, eram poucos os jogadores que, de alguma forma, não recebiam para jogar. Dinheiro vivo ou emprego. Presentes caros. Uma onda que jamais iria cessar. Neste ano, o Flamengo vence o último campeonato carioca considerado amador. (Alencar, 1970. p. 104-105).

Nos anos 1930, o novo regime governamental transforma o cenário esportivo. O futebol mercantiliza-se. O jogador se valoriza e se poupa. Mas não podemos deduzir que o profissionalismo fez diminuir o entusiasmo e a paixão. O que houve foi uma alteração, ou alterações importantes, embora com seu pouco de transcendental e carecendo de estudo e pesquisa nesta área, ao invés da tônica do jogador, a paixão da torcida viria a se sobrepor a tudo e se tornaria a grande força, não somente material e custeadora do esporte, mas ainda, e principalmente, moral e ideológica, com raízes profundas no entusiasmo e no amor pelo clube. Se o jogador, o defensor do clube no gramado, perdeu como símbolo de dedicação o amor à camisa, o sagrado, para se avultar como elemento de valia, na condição de quase que exclusivamente material, econômica, publicitária e rendosa, a admiração da torcida ganhou em densidade e volume. O considerável aumento da paixão pelo futebol, como bandeira, como todo e não como quadro que conta um, dois ou mais jogadores de grande cartaz.

Tanto assim, que as transferências de jogadores de fama e de alto custo passaram a ser simples transação comercial e sem os impactos que causavam nos primeiros anos de implantação do profissionalismo na década de 1930. Teve ainda o novo regime de estabilizar o futebol como congregação, acabando de vez com as sucessivas aparições e desaparecimentos de entidades e ligas. Não terá sido apenas o seu advento a contribuir para esta estabilidade; outras medidas, inclusive de intervenção estatal, também influíram, mas o certo é que os clubes, sofrendo na própria incerteza dos problemas econômicos, obrigados a investimentos vultuosos, teriam que agir ou reagir com mais segurança e menos arrebatamento.

É neste momento que, segundo Caldas,

O amor à camisa é um mito. É uma visão romântica e passadista que se tem do futebol de outros tempos. Mesmo na fase amadorista, o jogador queria ser pago para jogar, senão ameaçava não entrar em campo como fizeram muitos atletas durante os anos 1920 e 1930. O próprio movimento profissionalista, de certo modo, desmistifica a crença do amor à camisa (...) esta década, particularmente o ano de 1933, representa ainda um grande marco no nosso futebol. Ele significa de fato, o momento de ruptura com a fase do futebol romântico, quando alguns dirigentes ainda só pensavam no ‘esporte pelo esporte’. (1990, p. 228)³

Neste período, muda a imagem do jogador brasileiro. Com o progresso de abertura política no início do governo Vargas, o próprio atleta torna-se mais reivindicativo o que, de certa forma, acelera o profissionalismo. É também a partir deste momento que o futebol aumenta o prestígio internacional, após a modesta participação na Copa de 1930, reitera-se nos anos 1950 o caráter de união e identidade nacional através do futebol que, a essa altura, já estava definitivamente incorporado à cultura popular brasileira.

A força que o futebol assume nos leva a uma outra colocação: o futebol se profissionaliza e, a exemplo do samba e do carnaval, torna-se um dos mais significativos e importantes produtos da cultura lúdica brasileira. Entretanto, surge um idílio, uma relação de amor poética e suave: de um lado, o torcedor brasileiro, ao longo da história do futebol no Brasil, desencadeou um entrelaçamento que hoje é quase impossível imaginá-lo separadamente, uma relação de paixão, amor, sentimentos de emoção, mágoa, incompreensivelmente excitantes e popularmente românticos, com relação aos clubes do coração, no pensar, agir e torcer. Por outro lado, os clubes hoje, no Brasil e no mundo, dentro do sistema remunerado são verdadeiras

empresas agregadas em prol da defesa dos seus interesses materiais. É um fato que ninguém poderá negar, a expansão extraordinária do futebol, que deixou de ser divertimento e paixão de alguns moços idealistas para se tornar o esporte nacional por excelência. E é neste avanço iniciado nos primeiros anos da década de 1930, que a seguir destacamos as transformações marcantes no futebol.

5.1 Flamengo: Amador + Profissional + Popular = ISMO

No Rio de Janeiro, o movimento de criação de uma liga profissional foi liderado por Oscar da Costa, presidente do Fluminense, curiosamente, o clube mais tradicional da época, que se opunha à direção política da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), presidida por Rivadávia Meyer, do Flamengo. Apesar da popularização do futebol, alguns clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo relutavam em aceitar a profissionalização do esporte, boicotando qualquer medida administrativa nesta direção, onde tanto jogadores quanto público pertenciam às classes mais abastadas. Desta maneira, não havia motivos para se profissionalizar o futebol. Afinal, este esporte poderia se manter somente com a venda dos ingressos ao público elitizado.⁴

Do outro lado da cidade, os clubes dos subúrbios começavam a roubar a cena, ou mais apropriado, o espetáculo, apresentando bons jogadores e, acima de tudo, popularizando-se. O Vasco da Gama, por exemplo, nesta época já levava pequenas multidões aos seus jogos. Por mais que relutassem alguns presidentes de clubes, como do Flamengo e do Botafogo, não impediam a trajetória que seguia o futebol rumo ao profissionalismo. O máximo que estes puderam fazer foi adiá-la por um tempo. (Antunes, 1994, p. 33).

No caso do Flamengo, a relutância partiu do presidente do clube. Os jogadores recebiam os “bichos” e presentes dos sócios para jogar, mas estes também estavam dispostos a assumir salários. O presidente do Flamengo e da AMEA, Rivadávia Meyer,⁵ colocou-se como forte defensor do amadorismo, não admitindo o direito e o desejo dos jogadores se profissionalizarem. Certa ocasião, Meyer reagiria violentamente, ao ser entrevistado pelo jornal *Diário Carioca*, em 26 de janeiro de 1932, um ano antes de ser decretado oficialmente o profissionalismo no futebol, expressando sua ira:

Eu considero o jogador que quer se profissionalizar como um gigolô que explora a prostituta. O clube lhe dá todo o material necessário para jogar e se divertir com a pelota e ainda quer dinheiro? Isso eu não permitirei no Flamengo, o profissionalismo avilta o homem. (*Diário Carioca*, 26 jan. 1932)⁶

Após muita discussão, Fluminense, América, Vasco e Bangu criaram a Liga Carioca de Futebol, em assembléia de 23 de janeiro de 1933. Antes mesmo do primeiro campeonato da LCF, Flamengo e Botafogo aderiram ao profissionalismo. Em São Paulo, a transição foi menos traumática: após a extinção do futebol no Paulistano em 1929, apenas Santos e Ponte Preta permaneciam contrários ao profissionalismo. Diante da iniciativa carioca, a APEA (Associação Profissional de Esportes Atlético) adotou oficialmente o futebol profissional em 3 de março de 1933. A partir daquele momento, a vitória da nova configuração seria inexorável, de acordo com Caldas:

Em consonância, APEA e LCF criariam, portanto, a “Divisão Especial de Profissionais”. Assim, qualquer clube a ela filiado poderia, ao mesmo tempo, ter sua Divisão de Amadores e de Profissionais. Essa foi a forma, a meu ver, mais inteligente de acabar com o amadorismo. Primeiro, porque a Divisão de Amadores não tinha praticamente nenhum apoio administrativo. Além disso, diante do profissionalismo tornara-se desinteressante e sem brilho. Segundo, porque todo bom jogador não pensava em jogar na Divisão Amadora, ele desejava mesmo era se profissionalizar. Assim, em pouco tempo, o amadorismo tornar-se-ia um acontecimento do futebol romântico de um passado recente. (1990, p. 214-215)

As ligas do Rio de Janeiro e São Paulo juntaram-se para formar a primeira liga de futebol profissional do Brasil – a Federação Brasileira de Futebol (FBF) – que não foi reconhecida oficialmente pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), órgão máximo do esporte na época. A cisão durou até 1937, quando a CBD decidiu reconhecer oficialmente o regime profissional. Esta situação comprometeu o prestígio do futebol brasileiro, causando o impedimento da participação dos melhores jogadores na seleção na Copa do Mundo de 1934, já que a CBD não reconhecia a FBF que, por sua vez, reunia os maiores jogadores do país.⁷

As duas principais entidades esportivas estaduais (Rio de Janeiro e São Paulo) romperam com a CBD e fundaram a Federação Brasileira de Futebol (FBF). Entre 1933 e 1937, conviveram lado a lado duas federações com poderes sobre o futebol, dois modelos de organização esportiva, um amador e outro profissional. A CBD não tinha assegurado o apoio da FIFA, porque a FBF reivindicava representar as principais equipes brasileiras. Em 1937, chamado de “ano da pacificação do futebol brasileiro”, a CBD finalmente reconheceu o profissionalismo, em troca da preservação de sua posição de legítima representante do esporte no país.⁸

Talvez tenha ocorrido uma pacificação do futebol em termos de administração estatal. Mas quanto à administração dos clubes, estes mantinham uma guerra permanente. Clubes como Flamengo, Fluminense, Botafogo e América, a partir da profissionalização, compravam os melhores jogadores do Vasco e do Bangu, oriundos do comércio e do operariado das fábricas, cobrindo os salários e aumentando os “bichos” sem controle, criando certas ingerências no início da construção do campo esportivo brasileiro, refletindo no país inteiro, desde o início do regime profissional do futebol, incidindo nos dias atuais (Antunes, 1994, p. 34).

Queremos também enfatizar o fato da opinião pública ter prontamente aderido aos torneios profissionais, apoiando a emancipação do jogador de futebol, o viver do futebol e em função da influência exercida pela imprensa escrita e falada, que ajudou a consolidar uma linguagem futebolística e a transformar a modalidade em esporte-espetáculo. Temos assim um esporte moderno, que passou de amador a profissional, mais popular, virou bem cultural apropriado pela indústria, pela política e pela economia. Entretanto, a singularidade do futebol ultrapassa a lógica destas descrições.

Demonstramos mais uma vez que a popularidade do Flamengo é formada por conjunturas. Destacamos também que o encontro de circunstâncias possui reverses de situações que contradizem os próprios estatutos do clube, ou ainda poderíamos afirmar que as mudanças de certas concepções políticas de dirigentes não fizeram diferença para a notoriedade popular do Flamengo.

5.2 O Futebol que Ultrapassa a Simbiose dos “ISMOS”

Até os anos 1930, a ação estatal resumia-se em apoiar a prática esportiva, mas sem um maior empenho ou qualquer sistemática efetiva. Esta proximidade ocorreu a partir do momento em que o futebol passou a ter popularidade.

O dinheiro público que chegava ao esporte ainda não era significativo, uma vez que continuava sendo investimento de caráter essencial do setor privado, não havendo uma política esportiva em apoio ao esporte e em defesa das empresas como, por exemplo, o abatimento de impostos e outros benefícios. (Manhães, 1986, p. 34)⁹

O processo de profissionalização do futebol ainda não se mostrava consolidado em meados da década de 1930. As dificuldades continuavam presentes na disputa pelo controle da direção dos esportes. Muitos clubes perderam seus jogadores para outros nacionais e para o exterior. Por fim, no ano de 1936, a Seleção Brasileira retornou ao Campeonato Sul Americano, realizado na Argentina, com uma excelente campanha, pois estava afastada desde 1925. O Brasil perdeu a partida final, porém com a recepção ocorrida no Rio de Janeiro, o espírito do heroísmo nacional passou a ser alimentado:

(...) já não eram jogadores e sim soldados que voltavam – em parte vitoriosos – da guerra. Foram recebidos com uma grande festa de caráter cívico, e os jornais louvaram menos o resultado final e mais

a disposição de luta dos atletas nacionais. (...) A festa foi marcada pela forte presença simbólica da bandeira nacional, sendo o hino pátrio tocado diversas vezes e os discursos precedidos pela salva de 21 tiros. (Negreiros, 1999, p. 228)¹⁰

Outra aproximação marcante do poder político foi na participação brasileira na Copa de 1938, na França. O clima que se criou mostrou que o futebol já havia adquirido um papel fundamental, articulador da unidade nacional. O momento da Copa de 1938 contribuiu de forma decisiva para fazer com que o futebol aumentasse seus vínculos com a sociedade brasileira, aumentando a paixão pelo esporte e capaz de suscitar inúmeras questões acerca da própria concepção de nação. Mas nada veio a se comparar à Copa do Mundo de 1950, no Brasil. Temos como fonte de análise o livro de Gisella Araújo Moura.¹¹ Este evento, no Rio de Janeiro, dá-nos o respaldo para o entendimento da construção da conjuntura da popularidade do futebol e, conseqüentemente, dos clubes. Podemos afirmar que no desenrolar da Copa de 1950 está contida a identificação com o futebol, pois mesmo sem ser necessariamente alguma alusão sobre a preferência clubística, cuja expressão do torcer e do contorcer por algum time está inserida no cotidiano popular de cada brasileiro desta época, o pertencimento e a simbologia representam os valores instituídos ao povo, no povo, do futebol e no futebol. Encontramos as singularidades que ultrapassam as lógicas da economia e da política, afirmando o início de uma religiosidade.

Nas mais variadas exacerbações dos espíritos, os sentimentos de emoção desencadeados neste evento são vistos sob três ângulos: o poético, o crônico e o interpretativo, quando deixamos de lado os “ismos” do mecanicismo, do profissionalismo, do politiquismo, etc., e partimos para uma valorização da paixão, na transfiguração acometida pelo futebol. Transformam os “tons” dos conceitos assumidos da identidade, populismo e nacionalismo em direção ao brasileiro. Que dos conceitos abrangentes direcionam para um jogo em que o esporte dos “ismos”, como fim, não responde mais aos anseios do povo. Parece que estes são despertados quando encontramos todos pertencendo a um único estado de espírito como o desencadeado na Copa de 1950.

O que mais chamou a atenção nas muitas obras consultadas foram às reverências a este evento. Muitos autores reclamam até hoje: a Copa do Mundo do Brasil como o “dia da derrota” na decisão entre o selecionado de futebol brasileiro e uruguaio, no dia 16 de julho de 1950, no Maracanã. Entretanto, o enfoque que buscamos é o relacionado às mudanças ocorridas no país, antes e depois da sua realização e, também, como mais uma das referências da era Vargas e sua participação na construção do campo esportivo brasileiro, numa analogia diferenciada com relação à participação do time de futebol do Flamengo.

5.3 Política, Religiosidade e Futebol

A Primeira Guerra Mundial já dera algumas demonstrações da importância da preparação física no mundo moderno, não só para o bom desempenho, mas para o aumento da produtividade. Com o desenrolar da Segunda Guerra, não restaram dúvidas acerca do valor de um povo disciplinado, preparado e fortalecido pela educação física na defesa e na luta de um país.

O exemplo deveria ser seguido pelo Brasil e, neste quadro, a construção de uma praça de esportes e um estádio no Rio de Janeiro representava o reconhecimento do papel dos esportes e um movimento por sua difusão, no objetivo mais singular para o país, sediar a IV Copa do Mundo de Futebol. (Moura, 1998, p. 26)

O grande desafio era dotar a capital federal de um estádio digno do campeonato e, por isso, não se pouparam esforços para construí-lo. O estádio serviria de cenário para a primeira vitória brasileira num campeonato mundial e perpetuaria a memória de um país empreendedor e bem sucedido, onde cada conquista nacional afirmava as características positivas do povo e ainda reforçava sentimentos coletivos, num mundo em que, segundo Hobsbawm,

(...) os lugares da história são substituídos por lugares de memória, destacando-se eventos,

monumentos e comemorações como *loci* privilegiados de produção de determinadas memórias coletivas. (1997, p. 284)¹²

No caso da Copa de 1950, o país passava por um momento especial. O mundo acabara de sair de uma grande guerra e achava-se dividido, polarizado.

O Brasil precisava encontrar seu lugar nesse mundo. Buscando o progresso e o crescimento econômico, investia também na conquista de sua integração nacional, requisito básico para garantir o desenvolvimento. (Lever, 1983, p. 40-41)¹³

José Murilo de Carvalho percebe “que as fontes de identidade nacional no Brasil não são instituições centrais da ordem social, e sim manifestações culturais como o carnaval, as festas e o futebol” (1987, p. 26).¹⁴ O futebol tornou-se o esporte capaz de propiciar à população a criação de alguns laços comunitários e, a partir daí, seu papel integrador não parou de crescer. Até mesmo as autoridades, que a princípio olhavam com certo receio às manifestações suscitadas pelos jogos de futebol, pouco a pouco, passam a estimular e a incentivar esses momentos de catarse e de união nacional.¹⁵

Relacionando o momento da Copa do Mundo de 1950 ao projeto de difundir o futebol no Brasil, particularmente na cidade do Rio de Janeiro, e de incorporá-lo como um dos traços mais característicos da cultura brasileira, como um momento de afirmação da identidade nacional é que jornalistas, literatos, intelectuais, dirigentes esportivos, jogadores, pessoas de formação e posicionamento político dos mais diversos ocuparam espaço na imprensa. Registraram sua contribuição e expressaram suas opiniões não somente sobre o momento da Copa, mas revivendo em torno da época em que o país se encontrava com tanta transparência às sensibilidades, aos sentimentos, às paixões do momento e tudo aquilo que permitia identificar o rosto brasileiro na história, no início da década de 1950, concretizando-se nas narrativas em geral, que construíram o cenário em que o futebol se fundamentou.

Se a década de 1930 foi marcada pelo grande interesse despertado pelas “coisas brasileiras”, a descoberta do futebol brasileiro seria mais um elemento a reforçar a construção dessa identidade nacional, como sugere Gilberto Freire,

(...) os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e outros europeus jogados angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (1945, p. 421)¹⁶

O presidente da Federação Metropolitana de Futebol apresenta também o modelo de país desejado: jovem, atlético, forte e trabalhador. Em suas justificativas, escreve que o esporte é mais do que diversão do povo, é “a escola de democracia e fonte de saúde das massas” (*Jornal dos Sports*, 22 ago. 1947). Nesse caso, o esporte não é considerado apenas sinônimo de saúde, mas também espaço onde a população vivenciaria experiências democráticas. Lugar de confronto e encontro de diferentes atores sociais que, juntos, partilham uma emoção comum. Reforçava-se, assim, a idéia do estádio como bem do povo, como símbolo do poder do trabalho dos brasileiros, onde João Lyra Filho reafirma esta construção como sendo

O estádio uma dádiva das gerações presentes ao bem das gerações futuras, para fazer ainda mais forte, ainda mais ativa a riqueza humana do Brasil. O estádio será a contribuição de cada um de nós. Será a esperança cheia de vida com que reafirmaremos a consciência de que o poder do trabalho, também se conjuga na força do ideal. (*Jornal dos Sports*, 28 dez. 1947)¹⁷

Em outro discurso proferido na ocasião, Mendes Moraes ressalta que a construção do estádio atendia a uma necessidade urgente da cidade, a uma aspiração do povo, que “(...) busca nas pugnas desportivas e na prática do desporto o derivativo que amortece as angústias desta quadra de recuperação social” (*Jornal dos Sports*, 21 jan. 1948). O esporte aparece aqui como canalizador dos sentimentos e paixões populares, como espaço autorizado para o extravasamento. O esporte conquista também outro papel na sociedade, não apenas diversão em contraposição ao trabalho, não é exclusivamente preparação física ou metáfora social, é o lugar reservado para que a população experimente adequadamente uma série de emoções interdidas em outros aspectos da vida moderna. E o prefeito do Rio de Janeiro conclui:

Assim o carioca também encontrará onde satisfazer sua paixão pelo desportista, na transbordante manifestação de alegria e de entusiasmo a que já habituamos, desviadas de canalizações ou orientações outras, em que a maldade, a decadência e o veneno estariam presentes para denegrir-lhe a alma, embrutecer-lhe a inteligência e fermentar-lhe o espírito. (*Jornal dos Sports*, 21 jan. 1948)

Este tipo de excitação desencadeado pelas práticas esportivas é identificado por Norbert Elias (1992), que defende as bases de uma sociologia do esporte, ao inserir a gênese dos esportes modernos em sua teoria do “processo civilizatório”. Esse processo de desportivização pode ser identificado com alterações mais amplas na sensibilidade e na própria regulamentação da sociedade. Nas sociedades industriais, onde a sobrevivência dos indivíduos depende muito de sua capacidade de controle emocional público e privado, tornam-se necessárias instâncias de liberação das restrições que lhes são impostas. O lazer e os esportes surgem então como lugares de produção de uma excitação agradável, capaz de liberar os indivíduos das tensões e da monotonia cotidianas, desde que não ameacem a vida real. Os esportes propiciam a experimentação de sentimentos semelhantes aos produzidos pelas circunstâncias reais da vida, podendo portanto ser considerados atividades miméticas. Representam ocasiões em que as emoções e tensões são

evocadas de maneira controlada e equilibrada, produzindo um efeito catártico e liberador, fundamental para o mundo moderno. Essas representações miméticas dos jogos e das atividades de lazer não são apenas representações do mundo, e sim partes constitutivas deste.¹⁸

A cidade necessitava de um monumento que fosse capaz de estabelecer vínculos com sua população, de criar elos identitários. Teria até pensado em construir um grande estádio de clube no Rio de Janeiro, a ampliação de São Januário ou um novo estádio para o Flamengo, mas naquele momento essa iniciativa não satisfazia. A cidade necessitava de um estádio que fosse dela, que todos, independentemente de filiações clubísticas, pudessem reconhecer como seu. Essa também era a idéia de José Lins do Rego: “O que precisa a cidade é de seu próprio estádio, onde não mande o interesse de um clube, o privatismo particularista, onde só prevaleça o interesse do povo” (*Jornal dos Sports*, 13 maio 1948). A cidade do Rio de Janeiro, conhecida por seu carnaval, teria agora outros meios de divulgação: o estádio e a Copa do Mundo. Estádio, carnaval e futebol seriam elementos centrais da capital da nacionalidade, centro de futebol, metrópole do carnaval. Sublinham-se as diferentes fontes de identidade da cidade, reforçando a idéia de que, no Brasil, as fontes de identidade social não são os canais formais de participação política, mas manifestações populares como, por exemplo na passagem de “Zé Januário”, em um comentário sobre a disputa da Copa do Mundo, retratada em “O Moço do Samba”, citado por Moura (1998, p. 57), onde apresenta a expressão do clima que surgia:

O Moço do Samba é bem um reflexo do nosso football, diferente, em todos os sentidos, do que se pratica em todo mundo.

O football brasileiro tem alegria, vibração, entusiasmo e patriotismo.

As cuícas, os pandeiros, os reco-recos e os violões nunca se afastaram dos nossos campos de football.

Não somos um povo que vai para as praças desportivas chorar. Somos alegres até na hora da derrota. Seguimos à risca o velho lema: “Malandro não estri-la” (*Zé Januário, Jornal dos Sports*, 1º abr. 1950).

O Estádio Municipal foi inaugurado uma semana antes do início da Copa. Restava apenas orientar a torcida. Para esta tarefa foi escalado Jaime de Carvalho, fundador da torcida “Charanga Rubro-Negra” do Flamengo em 1942, como chefe da torcida brasileira. A realização do campeonato na casa brasileira era um dos motivos apontados para o favoritismo; a torcida precisava então compreender seu papel e agir como o décimo segundo jogador justificando sua presença. Fazia-se necessário ainda mostrar para o mundo que o Brasil era um país civilizado, que o público sabia se comportar e não cometer excessos. A conquista do campeonato seria a consagração futebolística brasileira, mas o comportamento da população e da torcida eram elementos importantes para a divulgação de uma imagem do país no exterior. Portanto, aconselhava-se que “(...) nada de laranjas, foguetes ou garrafas nos jogadores estrangeiros, os que nos visitam precisam saber que somos civilizados” (*A Noite*, 24 jun. 1950).

O último treino da Seleção Brasileira de 1950 aconteceu no Estádio Municipal (Maracanã) no dia 22 de junho, dois dias antes da estréia com o México. Os nacionais enfrentaram o Flamengo, que começou ganhando por 2 a 0. Mas passados quarenta minutos o selecionado vira o jogo e vence por 3 a 2. O comportamento da torcida compromete e incomoda. Ao invés de olhar de modo “civilizado” e construtivo o que se passava, saiu logo tomando partido, a gritar e vibrar, a aplaudir e vaiar, em favor do Flamengo. Enquanto isso, José Lins do Rego, torcedor do Flamengo, dá razão aos operários e penetras, afirmando “que não se deve brincar com as paixões das massas”. (Silva, *Jornal dos Sports*, 23 jun. 1950).¹⁹

O estádio começava a concretizar seus objetivos: abrigar a diversidade da população brasileira, realizando o sonho de construir uma democracia. Sua forma elíptica contribuía para essa tarefa, colocando os espectadores diante uns dos outros, apesar de locais com preços e conforto diferenciados. Ali dentro o público se igualava, irmanado pelo desejo de assistir a uma vitória

da seleção. “Até o presidente da República esquecia momentaneamente sua posição e comportava-se como um simples torcedor, aproximando-se da torcida brasileira” (Moura, 1998, p. 64-65). A cidade fora tomada pela festa, “não havendo exagero em afirmar que todos os outros problemas, inclusive os de natureza política, conhecem uma trégua de incontestável vantagem”, que ainda para José Lins do Rego,

(...) a cidade mudou com a Copa do Mundo. Por toda parte se vê uma mudança de fisionomia. As bandeiras desfraldadas, e por toda parte a ansiedade por mais um jogo, mais uma conquista brasileira. O Rio se entregou de corpo e alma aos visitantes que aqui chegaram, para ver de perto uma autêntica maravilha da natureza. O Rio não esconde um pedaço de mar, um recanto de floresta, uma nesga do céu. A cidade se preparou com suas melhores festas, aí está como nunca. (*Jornal dos Sports*, s.d., apud Moura, 1998, p. 64-65)

As primeiras partidas do campeonato do mundo confirmam a vocação prevista para a praça de esporte de promover a comunhão popular. As famílias, antes afastadas dos estádios pela falta de conforto, dirigem-se ao Maracanã, sentam-se nas cadeiras e arquibancadas e dão vida ao gigante de concreto. Assim, como para Hobsbawm,²⁰ “fatos vividos coletivamente abrem caminho para a elaboração de um sentimento nacional” (1998, p. 64), é o que seria bastante explorado em relação ao confronto final de 16 de julho de 1950. Se a vitória garantiria ao Brasil a passagem para um estágio mais avançado de sua história esportiva, em contrapartida, uma derrota poderia macular a própria história nacional. Tenta-se inculcar na população o sentimento de participar de um momento vital para o Brasil e, assim sendo, a atuação do público presente ao evento dá exemplos de disciplina e civilidade na entoação do hino nacional,

onde mais de 150 mil vozes em um único coro, numa postura ereta, abraçavam-se à causa, e lágrimas corriam de seus olhos, num turbilhão de

emoções, numa longa e ensurdecidora salva de palmas abafando os últimos acordes. (*Jornal dos Sports*, 2 jul. 1950)

A eficácia do futebol para inculcar sentimentos nacionais ao estabelecer uma identificação entre a pessoa e a nação, conforme assinalada por Hobsbawm (1998), é plenamente comprovada na mobilização em torno da última partida da Copa. Este tipo de evento oferece inúmeras oportunidades para que se revelem os sentimentos cívicos do povo, que através do esporte vivencia o contato com os símbolos nacionais, cantando o hino brasileiro. Reforça-se o significado do hino na representação sonora da pátria e seu poder de unir o público com os atletas, num traço de amor entre o povo e seus heróis. E em 16 de julho de 1950, de “Moço do Samba”, o malandro, o Rio de Janeiro e o Brasil chorariam; a publicação, coincidentemente, a 1º de abril de 1950, “malandro que não estrila”, estrilou.²¹ Tanto diante do abatimento popular depressivo quanto da euforia da possível conquista, ao viver uma tragédia, o país não perde a unidade nacional alcançada através do esporte. Para Moura,

(...) pelo contrário, reforçam-se os laços desta triste união. O Brasil inteiro sofrendo o revés do Maracanã. Tanto pranto por um motivo talvez não tão nobre, mas capaz de emocionar todo o país. Pois tudo não passava de uma partida de futebol e o resultado fora adverso. Assim como as vitórias foram supervalorizadas, a derrota também foi imensamente sentida. (1998, p. 129)

E Frederico Schmidt, jornalista da coluna esportiva do jornal *Correio da Manhã* (19 jul. 1950), relata que depois da derrota

(...) havia qualquer coisa de infantil, de muito juvenil nesses adultos, nessas mulheres, nesses seres naturalmente com seus problemas mais

graves, há qualquer coisa de infância, de felicidade perdida, de brinquedo quebrado, nesse desenlace, nessa aspiração roubada no fim de tudo, depois de tanto brilho, de tanto orgulho (*Correio da Manhã*, 19 jul. 1950)

Este autor compartilha com a posição de Elias (1992), quando se refere que a “infantilização trata de atitudes juvenis desenvolvidas no esporte e utilizadas pela sociedade, (...) infantilização não parece colaborar ativamente com a modificação das situações, ao contrário, parece constituir um longo repertório que exime da responsabilidade da ação”.

Entretanto, o Brasil ganhou mais com a derrota do que com a vitória. Segundo Moura “a opinião mundial sobre o futebol brasileiro se modificara, uma vez que deslumbrou a todos, conquistando admiração pela postura irrepreensível da população”. A conquista uruguaia coroava o Brasil, que dera mostras de ser um país culto e disciplinado. Mário Filho aponta que “só os grandes povos seriam capazes de dar tais exemplos de maturidade esportiva. O país perdera a Copa mas ganhou o certificado, o status desejado de civilização” (*Jornal dos Sports*, 19 jul. 1950, apud Moura, 1998, p. 128-129, 145-146). Embora a vitória uruguaia tivesse sido muito dura para o povo brasileiro, lições positivas também seriam tiradas deste fato. O futebol mostrara sua capacidade de unir a população, de fazê-la vibrar, participar e chorar.

Mesmo assim, jamais o futuro do futebol brasileiro seria ameaçado. Passada a Copa do Mundo, a derrota é dissipada pelo comparecimento do público a um amistoso entre o Flamengo e o Bangu, realizado no Maracanã exatamente uma semana depois do último jogo do Mundial. O objetivo da partida era arrecadar fundos para pagar o passe de Zizinho, um dos maiores jogadores do evento e que havia sido transferido para o Bangu, pouco antes do mundial – e o rubro-negro queria-o de volta. Os dias que antecederam o encontro dos dois clubes foram marcados por um certo temor pela imprensa esportiva. Achava-se precipitado porque o Estádio Municipal era grandioso demais para a partida e deveria ter sua magnitude preservada. Não podia permitir que uma pequena assistência o desmoralizasse, mas a multidão afluiu ao estádio. O Maracanã estava lotado. Os ingressos colocados à

venda foram insuficientes. Os craques da Copa foram aplaudidos e reverenciados. Apesar da decepção suscitada pelo 16 de julho e das juras de muitos torcedores de que nunca mais voltariam a por os pés no Maracanã, o que se verificou na década de 1950 foi um aumento do público nos estádios brasileiros. A praça de esportes construída para atender a um desejo do povo, erguido pelo povo brasileiro, monumento simbólico e palco de muitos encontros emocionantes, jamais assistiu o Brasil ser Campeão do Mundo de Futebol. Todavia, a cidade do Rio de Janeiro voltou a vibrar e a sorrir com o Maracanã nas tardes de domingos e feriados: transformou-se em capital mundial do futebol. O Maracanã é seu cartão postal e o Flamengo reitera na vanguarda de sua popularidade, a paixão de reviver no palco do Maracanã o aforisma pelo futebol.

A derrota de 1950 jamais será esquecida e o futebol continua sendo uma referência positiva para muitos estudos, e com o qual podemos reafirmar a consciência brasileira, no entendimento de que uma derrota no esporte jamais foi tão imensamente compartilhada por uma nação. Podemos dizer também, que o “Moço do Samba”, brasileiro, pode em alguns momentos “estilar”, mas nunca deixar de dar a volta por cima, sempre alegres, seguindo o velho lema: “Malandro não estrila”, pois malandro que é bom malandro vai dar uma volta por cima na Europa. Refirimo-nos mais uma vez ao Flamengo. No ano de 1951, o Flamengo excursiona com o time de futebol por vários países europeus, retornando ao Brasil invicto. Este é recebido como campeão do mundo pela torcida brasileira, que segundo José Lins do Rego, acompanhante do clube à Europa, atribui a conquista do Flamengo “a uma vingança da derrota na Copa do Mundo de 50”, concluindo que o “Brasil estava vingado, florescia a confiança e o entusiasmo pelo futebol brasileiro, um Flamengo do povo e para o povo” (Coutinho, 1990).²²

Um pertencimento emocionante, carregado de sentimento que se desencadeia como uma peça de teatro, cujo incremento é o drama e a tragédia. Do romance, onde supostamente tudo acabaria, mas o sentir, torcer, agir do brasileiro, contagiante no desembaraço da expressão da alegria, ao desespero desencontrado da perda e da dor. Da incompreensão dos acontecimentos, ao mesmo instante, revive-se com o mesmo ardor de que a vida recomeçava, com outros valores e outro sentido de uma outra busca. A sobrevivência social e individual existe a esse preço. A transformação dos

indivíduos em “personas” ou, no melhor dos significados, como “máscaras”, são pessoas / personagens que só existem e podem progredir assim, mascarados. A duplicidade que usa de astúcia contra o sistema, que conta para si mesma belas histórias, que se conta pelas histórias, que se vira frente ao trabalho, ao consumo, ao sexo, que se fascina pelo espetacular em todas as suas formas, mesmo que não tenha a menor importância, essa duplicidade é um dos fatores essenciais da criação de um espaço e de um tempo mágico da vida cotidiana. Portanto, em face de uma gestão da existência que é sobretudo linear e planejada, cheia de sentido racional, o duplo introduz a descontinuidade, o não senso à acentuação do presente. Aí reside um paradoxo iluminador, essa fragmentação da existência então desencadeada remete a um desejo de eternizar, que o bestiário, a iconografia, a poesia, a literatura e a produção jornalística apreendem amplamente. Viver o instante é vivê-lo plenamente sem se preocupar com o futuro, onde o espetacular se reúne ao mito que recapitula, recorda, repete, reporta-se na simultaneidade àquilo que a história dispersa no tempo linear. Assim, a fantasia é o duplo da vida cotidiana que faz sentido neste instante.

Não é surpreendente que se tenha podido qualificar o futebol de “ópio do povo”. Fundadas sobre o fantástico, o imaginário, o ficcional, as representações esportivas não podem, de modo algum, favorecer nos espectadores um desenvolvimento progressista e produtivista que atinge seu ápice no século XX. Não se pode negar que a participação nos afetos e situações transcorridos no espetáculo esportivo, as identificações e as rejeições sejam metáforas da sociabilidade de base, também estruturada a partir de ficções, histórias, circulação de afetos. A teatralidade da vida social não precisa mais ser demonstrada, pois hoje o jogo é seu *habitat* e reconhecido como elemento estruturante dos modos de vida. Ora, nesse jogo, o fato de perder, ganhar, em todas as situações, inclusive as relações interpessoais, tudo isso repousa sobre esta estrutura antropológica que são o imaginário e suas modulações, uma faceta expressa por uma suposta rivalidade como ápice do momento extasiante. A fascinação e a contemplação encontradas nos poemas, contos, arte, fotografia e histórias alusivas aos clubes e ao Flamengo em questão, paralelamente à vida social são as modulações da visão mágica do mundo.

Na verdade, etnólogos como Maffesoli (1984) e Girard (1990) e alguns historiadores mostram que os indivíduos e as situações sociais sempre se

estruturam de maneira múltipla, fragmentada (territórios = territorialidade e desterritorialidade). A ordem da separação intervém quando um aspecto da pluralidade se impõe e se torna hegemônico, como uma sociologia do cotidiano evidencia, ainda que se possa observar uma permanência do pluralismo, da duplicidade, o que Max Weber (1999) chama de “politeísmo dos valores”, o surreal no sentido que lhe atribuímos, esse surreal que constitui a trama de todo dia é, de fato, um misto de magia e prática. Esse misto não é perceptível apenas em situações paroxistas e/ou patológicas (compunção), mas é através dos mínimos atos da vida que se deixa ver – o comer, o vestir, a apropriação do espaço são compostos de sonhos, de estetismo, de instrumentalidade, prosaísmo e magia.

Se não houvesse uma carga mágica na vida de todo dia, o aspecto mortífero da automatização, do tédio, venceria a pulsão do querer viver. A maravilha suscitada pela imagem, pelas palavras escritas em verso e prosa, romanescamente vivida, existe na medida de seu conteúdo cotidiano. A imagem estranha, fantástica, prospectiva, utópica, utoépica vale pelo que possui de banal.

A própria função imaginada não é essa “loucura da imaginação”, segundo a expressão clássica, da qual é preciso se proteger ou que seria a mesma coisa valorizar e abstrair, mas uma função que melhor exprime a imbricação orgânica do banal e do fantástico, do cotidiano e do ficcional. Tal organicidade vivida com maior ou menor brilho é, de alguma forma, uma reserva, um tesouro secreto que permite compreender que o tédio e a melancolia, diante das coerções sociais e naturais, jamais preponderam de maneira absoluta no transcurso da existência. Pode-se mesmo dizer que a sociabilidade em suas várias manifestações repousa sobre essa organicidade mais ou menos aceita e reconhecida.

A organicidade e o simulacro do espetacular, cuja importância na estruturação social desencadeia um estilo de vida, encontram sua expressão na poesia, na crônica, na literatura, na teatralidade do cotidiano. Podemos dizer que estes cronistas, poetas e jornalistas expressam-se aproximando o futebol e o Flamengo das formas mais concretas do ritual social, fazendo com que um reflita no outro – como se fosse real e irreal simultaneamente. Para Maffesoli, “mesmo nos níveis mais racionais e sérios, todos os atos humanos estão impregnados de ‘semelhança’ e de ‘parecença’” (1984, p. 131). Entretanto, não

emitimos um julgamento moral, mas tentamos ver de que maneira se trata de uma estrutura teatral que independe da consciência ou das intenções destes autores frente aos atores sociais, que estão vinculados ao clube. Ao nos atermos a uma visão geral dos discursos dos cronistas, jornalistas, torcedores ou não, podemos constatar (o que é uma banalidade que convém ser repetida) que a paixão e o drama possuem uma importância nas falas destes, na descrição de atitudes de triunfo e de suplício nos jogos e suas adversidades. Esses agrupamentos literários, expressam paixões e dramas, lidos e relidos, cujo interesse de orgulho dos autores sobre o futebol é encontrado numa inscrição de Huizinga (1980), ao mostrar como a paixão se encontra na base de múltiplos conflitos ligados às histórias humanas, as quais tratam de encenações de ações e atitudes *stricto sensu* e não lógicas. É importante ressaltar este aspecto do dado social, pois ele ilustra e fortifica o que pode ser dito sobre a aparência, o simulacro. O autor chega a afirmar que

a compreensão da paixão na história possibilita a melhor apreensão de toda a riqueza e concretude da vida cotidiana. É possível analisar uma estruturação social a partir das categorias econômicas ou culturais, mas estas categorias não passam de um esqueleto social, se não possui sua consistência fornecida pela paixão. A importância da paixão no transcurso das histórias humanas nos permite fornecer o fundamento da teatralidade cotidiana, onde podemos citar muitos exemplos. (1980, p. 133)²³

Para o autor,

A alegria, a tristeza, na glória e na derrota, no suplício, na execução, tudo faz parte do espetáculo, onde também explicita, se reconhece que o aparecer, a teatralidade constitui a própria essência da sociedade, na medida que é indispensável ao jogo cruel do gladiador, o crime e a tortura, como ne-

cessariamente romanesco; no patriota, a deidade humana do simbólico amor à família, ao país e à própria vida – no drama, na aventura, na ficção que não é mais que a realidade. (idem, p. 134)

Neste momento, na impressão imagética, crime e castigo nada mais são do que momentos privilegiados do *grand finale*, onde os mitos cosmogônicos da fundação teatral se fundem e se exprimem. Estas reproduções de processos históricos nos mostram que remeter estes fatos à teatralidade, como dados sociológicos e antropológicos do social, inscrevem-nos na ordem do simbólico, ou seja, as respectivas representações são da ordem do sagrado e, por isso, exprimem-se num cerimonial que está em constante relação com a desmesura da questão – a característica social do povo como ser humanizado.

Não existe rito positivo que não constitua um verdadeiro sacrilégio, pois o homem não pode comerciar com os seres sagrados sem liberar a barreira que normalmente os separa. O que importa é que o sacrilégio seja realizado com precaução. Para o nosso propósito é necessário lembrar que tudo o que liga o sagrado e o jogo é o fato deste só poder se desenvolver no espaço do primeiro. Ora, o jogo é *stricto sensu* domínio do irreal, do fictício, embora seja importante que esse “irreal” não constitua um obstáculo a mais nas representações sociais. Na verdade, nos referimos a etnólogos e/ou antropólogos como Girard (1990), Maffesoli (1984), Eliade (1992), Halbwachs (1996)²⁴ e Moulin (1996)²⁵, para quem a irrealidade não é uma objeção ou uma apreciação pejorativa, muito ao contrário, é na facticidade que o homem se sente muito próximo do essencial e do autêntico. Pode-se até dizer que o jogo e a teatralidade são certamente as vias mais eficazes de atingir a mais autêntica ordem do mundo. Sem dúvida, esta sensibilidade ontológica oculta-se, progressivamente, com o desenvolvimento de uma civilização tecno-científica, mas resta ainda ver se para além de uma ideologia produtivista, que preconiza o trabalho e suas conseqüências como valor dominante, não existe um tanto para si – o lúdico que constitui um pólo de resistência eficaz. Senão, como explicar que a sociedade não sucumba à imposição mortífera de um valor unidimensional? Do mesmo modo, podemos supor, em nível social, ao lado de uma ideologia comercial, outros investimentos estão operando, permitindo a criação de um pseudo-equilíbrio.

Deste modo, foi possível observar que, em pleno apogeu dos mitos progressistas e prometéicos do século XIX e início do XX, assiste-se ao aparecimento em contraponto de *Dionísio e seu cortejo de símbolos intimistas*, onde o dinamismo do ludismo só é possível para resistir ao titânico prometéico. Esse antagonismo interno é que pode possibilitar a compreensão da permanência teatral na vida cotidiana, seja como entidade reconhecida, seja como compensação no sentido freudiano do termo. Trata-se, no caso, de um antagonismo que remete e que funciona numa troca sem fim. Assim, repetição é uma astúcia que, apesar da heterogeneidade absoluta das consciências, permite a coexistência, como por exemplo, os gregos repetem, retomam, comentam interminavelmente as palavras carregadas de sentido, que fundam a existência.

Numa ótica similar, a história da religião, da política e a arte geram conhecimentos válidos, apesar de privados da rigidez do método científico. Mais próximas do “jogo”, as regras se impõem aos participantes sem, por isso, inibir sua capacidade de inovar dentro dos contextos dados. História e arte permitem compreender o mundo em reelaboração contínua de vividos, no qual se insere ativamente a própria elaboração da tradição, considerada parte de uma “história dos efeitos” que não diz mais respeito a fatos “nus”, mas a acontecimentos já interpretados, ou seja, objetos impregnados de subjetividades e subjetividades mediadas por objetividade, a partir de novas formas reinventam-se os modelos sociais vigentes. As metáforas não podem escapar do conceito, fazem parte necessariamente do cortejo das antinomias metafísicas do Flamengo, de sentido próprio ou não, de substância e acidente, de pensamento e linguagens, do inteligível e do sensível, um “por que” inacabado, expressado nos versos e prosas, nas músicas e poemas, na literatura e na mídia, na realidade cotidiana incrustada e absorvida pelo social. Segue o rastro de uma questão histórica e sociológica para a explicação da popularidade do time de futebol do Clube de Regatas do Flamengo como tradição inventada.

Notas

¹ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

² ELIAS, N. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

³ CALDAS, W. *O pontapé inicial*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

⁴ Cf. CALDAS, W. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP*, n. 22, 1994, p. 45.

⁵ Conforme algumas fontes, acredita-se que Rivadávia Meyer foi presidente do Botafogo, após presidir o Flamengo. Em Botafogo: O Glorioso é considerado o mais “botafoguense” dos torcedores do clube, pelo trabalho prestado àquela entidade, durante os anos 1930 e 1940. Da década de 1940 à de 1950 foi presidente da CBD e, durante a Copa de 1950, no Rio de Janeiro, fez parte da organização do evento. In: *Botafogo: o glorioso*. Rio de Janeiro: Gráfica do Jornal do Brasil, 1996, p. 88. Talvez encontre-se aí a explicação para a coincidência dos clubes Flamengo e Botafogo se colocarem contrários ao profissionalismo do futebol.

⁶ Ver também CALDAS, W. Dossiê do futebol. *Revista da USP*, 1994, p. 45 e CALDAS, *Pontapé inicial*, 1990, p. 121 e 213-223.

⁷ O profissionalismo foi a maneira encontrada para resolver a crise do futebol nos anos 1920, marcada pelo êxodo dos jogadores para o exterior. O futebol firmou-se como o símbolo maior da integração nacional e uma fonte de identidade popular no Brasil. Após 1937, o futebol brasileiro começou a ganhar prestígio internacional e foi se tornando cada vez mais popular. Em 1942, os clubes de futebol atrelaram-se involuntariamente ao governo federal, como parte do programa centralizador de Getúlio Vargas. O decreto-lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941 criou o Conselho Nacional de Desportos – CND, com o objetivo de orientar, fiscalizar e incentivar a prática de desportos no país. Se, por um lado, a criação do CND pode ser vista positivamente, ao colocar o futebol como algo relevante aos olhos daqueles que dirigem a nação, por outro, o CND era uma entidade governamental não identificada com os clubes, e sua missão era servir aos interesses políticos do governo (CALDAS, 1990).

⁸ O desenrolar das disputas em torno do comando político do futebol no Brasil seguiram um caminho em muitos aspectos semelhante ao ocorrido na Argentina, onde a introdução do profissionalismo também causou uma cisão que durou quatro anos (1931-1935), até o surgimento da Asociación de Fútbol Argentino (AFA). Cf. REY, A. *El fútbol argentino*. Ediciones Nogal, 1947, p. 34.

⁹ MANHÃES, E. D. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

¹⁰ NEGREIROS. *Construindo a Nação: futebol nos anos 30 e 40*. In: *Futebol espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

- ¹¹ MOURA, Gisella A. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ¹² HOBBSAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.
- ¹³ LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Recorde, 1983.
- ¹⁴ CARVALHO, J. M. . São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ¹⁵ Segundo Sevckenko (1994, p. 36), Washington Luís foi o primeiro presidente a perceber as possibilidades propiciadas pelo futebol para se obter a união nacional quando, em 1919, o Brasil sagrou-se campeão Sul-Americano de Futebol pela primeira vez.
- ¹⁶ FREIRE, Gilberto, op. cit., p. 421 e ss. A transformação do samba, da música perseguida pela polícia e pelas autoridades no início do século, e agora símbolo da cultura brasileira, até a capoeiragem estaria associada à valorização do mestiço, sobretudo após a publicação de Casa-Grande e Senzala, em 1933. O livro de Gilberto Freire provocou grande impacto, especialmente pela ruptura com a reflexão até então corrente sobre a cultura no país. Ao inverter o papel do mestiço e da mestiçagem na sociedade, identificados outrora como causas dos males do Brasil e agora apontados como motivo de orgulho nacional, o autor inaugurou uma nova possibilidade de construção de identidade para o Brasil: a cultura brasileira, mestiçamente definida, não é mais causa do atraso do país, mas algo a ser cuidadosamente preservado, pois é a garantia da especificidade diante de outras nações e do futuro, que seria cada vez mais mestiço.
- ¹⁷ LYRA FILHO, João. Uma cadeira no estádio. *Jornal dos Sports*, 28 dez. 1947.
- ¹⁸ ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- ¹⁹ SILVA, Geraldo Romualdo da. Véspera do dia “D”. *Jornal dos Sports*, 23 jun. 1950.
- ²⁰ HOBBSAWM, E. *Nações e nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- ²¹ Cf. “O Moço do Samba”, de Zé de São Januário. *Jornal dos Sports*, 1º abr. 1950.
- ²² Ver COUTINHO. *Flamengo: Nação Rubro-Negra*. Fundação Nestlé de Cultura. 1990.
- ²³ Temos muitos exemplos da tradição ocidental, como o processo da morte de Joana d’Arc, onde seu julgamento e sua trajetória reencenam, com fausto e teatralidade, a reconstituição da soberania da França. As

exações do ogro, que fascinam e repugnam, aconteceram em pleno dia, contadas e recontadas através da história, por isso a encenação do resgate histórico é da mesma ordem, de medidas novas e objetivamente para não ser esquecida, mas renascida na memória do povo (1984, p. 133-134).

²⁴ Cf. OUTHWAITE, W & BOTTOMORE. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro, 1996, p. 249-251.

²⁵ Cf. BOUDON, R & BOURRICAUD, F. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo, 1993, p. 191-193.

PARTE III

A invenção popular do Flamengo

.6.
**A EXPRESSÃO ARTÍSTICA
DO FLAMENGO**

As artes plásticas brasileiras não são indiferentes ao fenômeno do futebol, havendo muitas homenagens, citações, interpretações e referências à paixão nacional. Reafirmamos que o esporte número um do país estimula, seja como objeto ou como inspiração para o lúdico e onírico, ele está presente em Dias Gomes e Oduvaldo Vianna Filho, em livros de José Lins do Rego, Gilberto Freire e Rubem Fonseca, em poemas de João Cabral de Melo Neto e Oswald de Andrade, em filmes de Nelson Pereira dos Santos e Ugo Giorgetti, em músicas de Chico Buarque de Hollanda e Jorge Benjor, entre tantos criadores de tantas formas de expressão. Está também nas artes plásticas, em telas de craques como Chambelland, Portinari, Djanira e Gerchman, artistas que expressam, em diferentes linguagens e estilos, o universo complexo e fascinante do futebol, reverenciando seus clubes de preferência.

Entretanto, sabemos que da popularidade e da mística destes clubes muito se tira partido. O comércio, a indústria, os políticos, os artistas, os literários, os jornalistas, etc., produtos e produtores que se tornaram conhecidos pelas imagens, símbolos, ou simplesmente no uso do próprio nome da instituição, como por exemplo “Flamengo”, são encontrados em qualquer estabelecimento comercial ou turístico como camisas, meias, bandeiras, insígnias, brinquedos, copos, utensílios de cama, mesa e banho, emba-

lagens de alimentos (latas de cerveja e papéis de balas), *souvenirs*, onde o encarnado e preto é considerado sucesso de venda. A gama destas mercadorias é obra de muitos profissionais e entre eles estão os artistas plásticos: desenhistas, fotógrafos e pintores.

Estes artistas da fotografia, da pintura e do desenho também contribuíram para a invenção popular do Flamengo. Se os músicos, cantores, jornalistas, cronistas e poetas escreveram e reverenciaram o clube, cada um a sua maneira, temos como hipótese para a análise da expressão artística do Flamengo que estes profissionais, através das imagens e juntamente com seus sentimentos, ajudaram a fixar os símbolos já existentes e criaram novos, inserindo-os no cotidiano popular. O caricaturista combina os seus desenhos e charges (expressões corporais, faciais, gestos e verbos) com diálogos picantes e anedóticos, que dão vazão às frases feitas e aos ditos escrachantes, colocando na ponta do lápis sua visão de mundo. O fotógrafo registra com seu *flash* automático os instantes de apreensão e comoção de jogadores e torcedores. E o pintor transporta para a tela as impressões singulares da emoção. Ética e esteticamente, os artistas registram com seus estilos irreverentes e clássicos, uma maneira distinta de homenagear o Flamengo e contribuem para formar parte de uma tradição, reinventando e inventando personagens- símbolos, captando imagens e objetos significantes que enaltecem o nome do clube, reafirmando sua popularidade.

A força e alegria do Flamengo são glosadas nas caricaturas, nas piadas das charges, nos quadros, nas revistas como *Placar* e periódicos como *Jornal dos Sports*, nos programas de rádio e televisão. Recorrem à criação de tipos como o Popeye, as caricaturas de Lan e Henfil e chegam aos bichos, que têm servido de símbolos ou de mascotes do clube: jibóia, sapo, urubu, galinha morta, etc. O “Peladinho” foi um dos tipos mais divulgados composto pelo cômico Germano, figurando um “torcedor doente”, ora exultando de alegria na gozação dos adversários, ora chorando mágoas através de ironias. A infindável lista de histórias e historietas, contos e “causos”, passando perto da anedota da vida nos campos, no mar, nas quadras e no futebol, chegando ao estrelato nos salões e até nos recintos mais sérios, como o científico. Temos, como ponto ilustrativo, algumas destas artes que expressam o apreço pelo Clube de Regatas do Flamengo na visão de artistas, desenhistas, fotógrafos e pintores que o enaltecera.

6.1 Flamengo das Caricaturas

As primeiras expressões das artes plásticas ilustradas aqui são as caricaturas de Henrique de Souza Filho, o Henfil ou ainda, “O Pai do Urubu”. Autor de vários livros, a maioria deles de charges – *Hiroshima, meu humor*, *Henfil na China*, *Cartas à mãe*, *Diário de um cucaracha* e *Diretas já* – e de um filme, *Tanga, ou deu no New York Times*. Escreveu ainda a peça de teatro *Tem um pinto no meio do caminho* e fez televisão, participando do programa TV Mulher, com o quadro *TV Homem*.

Antes dos livros, filmes e do sucesso nacional da Graúna e de sua turma politizada,¹ Henfil já era famoso entre os leitores do *Jornal dos Sports* com um grupo de divertidos personagens, liderados por um alucinado torcedor rubro-negro – o Urubu. Entre os personagens estão o Bacalhau (naturalmente, torcedor do Vasco da Gama), o Pó-de-Arroz (Fluminense), o Cri-Cri (Botafogo) e o Pó-de-Souza (um papagaio que tinha como principal diversão jogar penicos cheios na cabeça de seus desafetos). Através deles, Henfil retratava e criticava o futebol brasileiro dos cartolas, dirigentes esportivos e juízes como principais alvos.

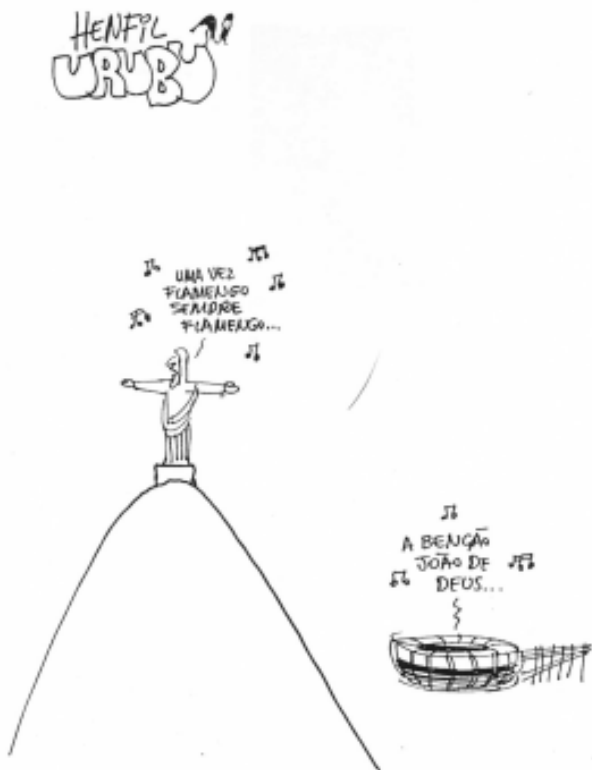
Segundo Prado (1996, p. 5),

Henfil era um rubro-negro fanático (alter-ego do próprio urubu) e começou a fazer charge esportiva em tempos difíceis – ao menos para os flamenguistas. Seus primeiros cartoons aparecem no final da década de 1960, época em que o Botafogo de Gérson, Jairzinho, Roberto e Paulo César Caju ganhava tudo, e quase sempre dando grandes surras no Flamengo.²

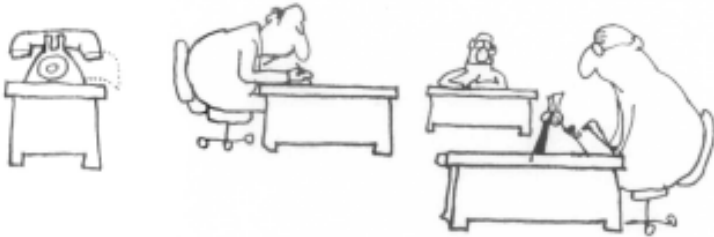
Expressões como “sacanagem”, “baralho”, “top-top”, “putzgrila”, “cacilda”, “qiuspa”, “cambuda de feladapata” e outras consagradas eram comuns no vocabulário não só dos torcedores do clube, mas também do cotidiano carioca. Outras como “Não me acordem!!!”, onde o urubu aparece de olhos fechados, sorriso escancarado na boca, no final da década de

1970 e no início da de 1980, era mais que uma charge. Representava fielmente um estado de espírito do autor com relação ao Flamengo, naquele tempo composto por Raul, Leandro, Marinho, Mozer e Júnior, Andrade, Adílio e Zico, Tita, Nunes e Lico – era o auge do clube.

O Flamengo da era Zico, retratado por Henfil na Revista *Placar* e no *Jornal dos Sports*, é o ponto central para compor a amostra dos diálogos inspiradores do artista e o seu subjetivo apreço pelo Flamengo. Henfil traduziu o sentimento da torcida nas charges e utilizou-as não somente para gozações ou críticas, mas também para campanhas como “Não à Violência”, “Mulheres na Torcida”, “Leve sua Bandeira”, mostrando o retrato de uma época específica do futebol do Clube de Regatas do Flamengo, compondo também uma visão singular que o artista tinha do país do futebol.



Henfil
URUBU









Hey! **OUTRA VEZ FLAMENGO...**




Hey! **CAMPEÃO! CAMPEÃO! CAMPEÃO !!!**



Henfil





 JOGA PEDRA NA GENI...



HENFIL
URUBU
FLA
X
GAMA

A TÁTICA DO GAMA PRA
SEGURAR O FLAMENGO É
A SEGUINTE: NO QUE ELAS
PEGAREM NA BOLA, VOCÊS
SE ADIANTAM E PEDEM
AUTOGRAFO...

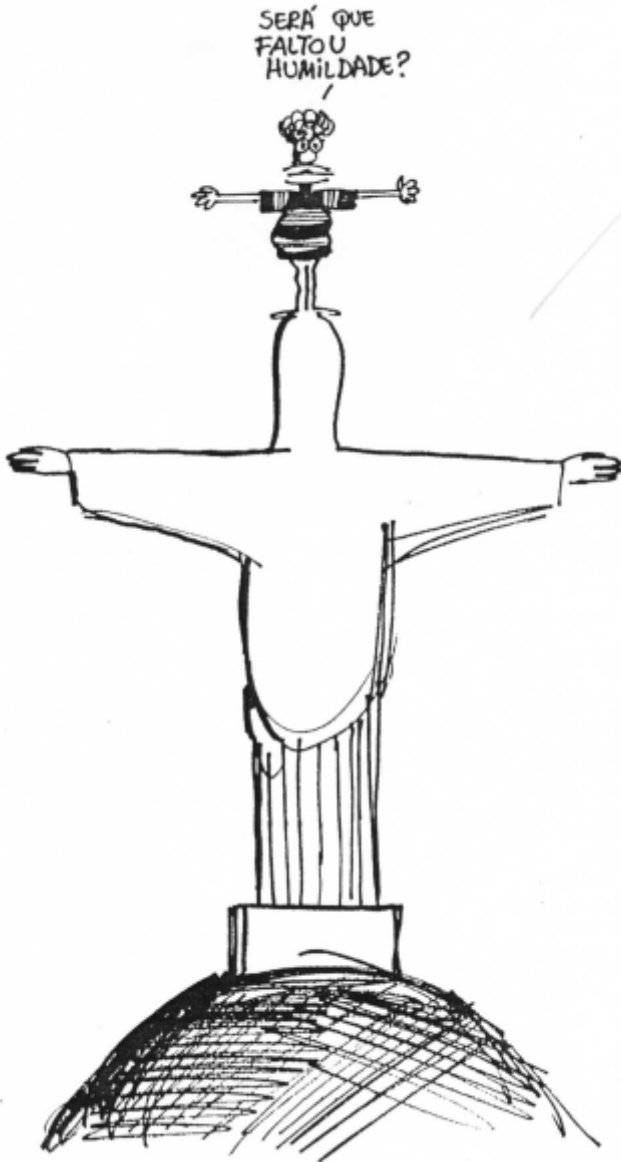


EU NÃO
AGUENTO
MAIS...
UMA DERROTA
PELO AMOR
DE DEUS!









Humor URUBU x BACALHAU





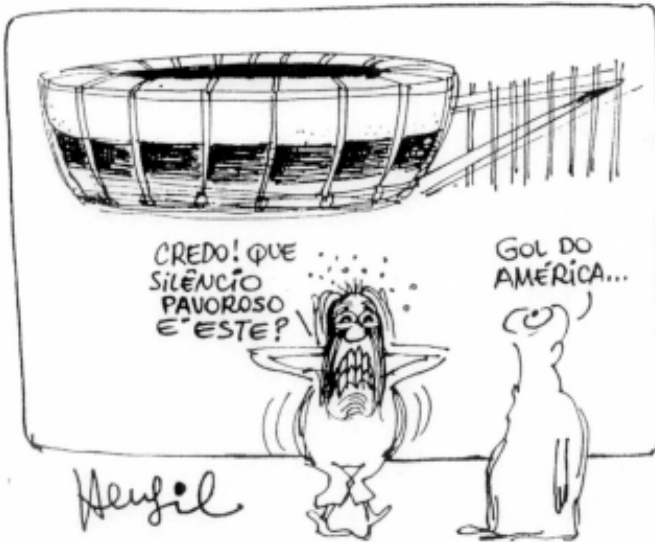


HENFIC
e a renda?



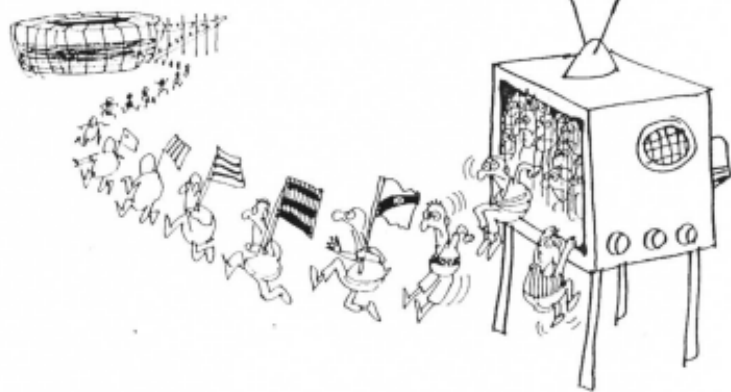
TORCEDOR
DO AMERICA
PAGA MEIA?

ARQUIBANCARRA

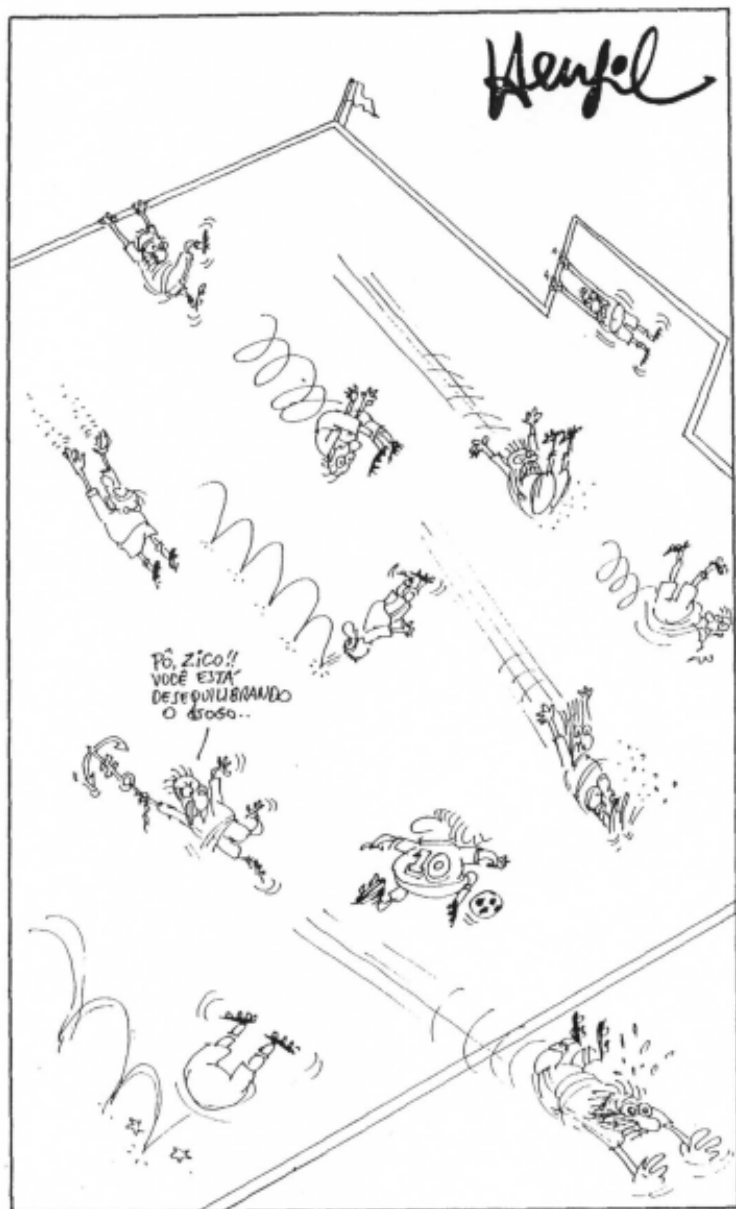


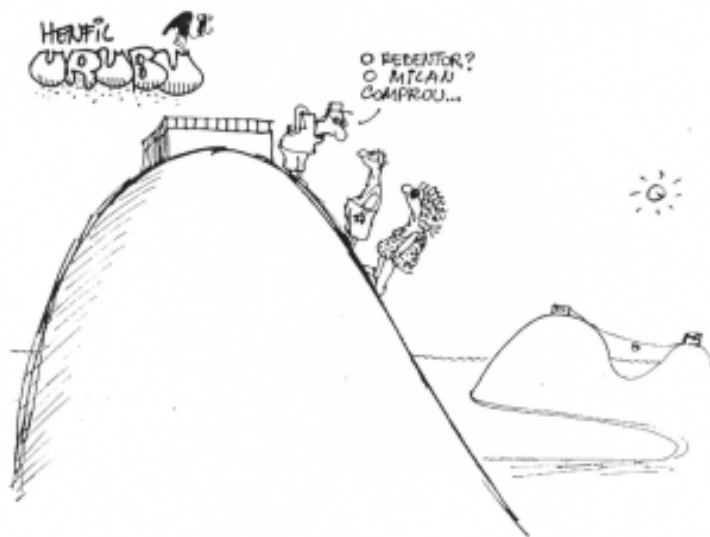


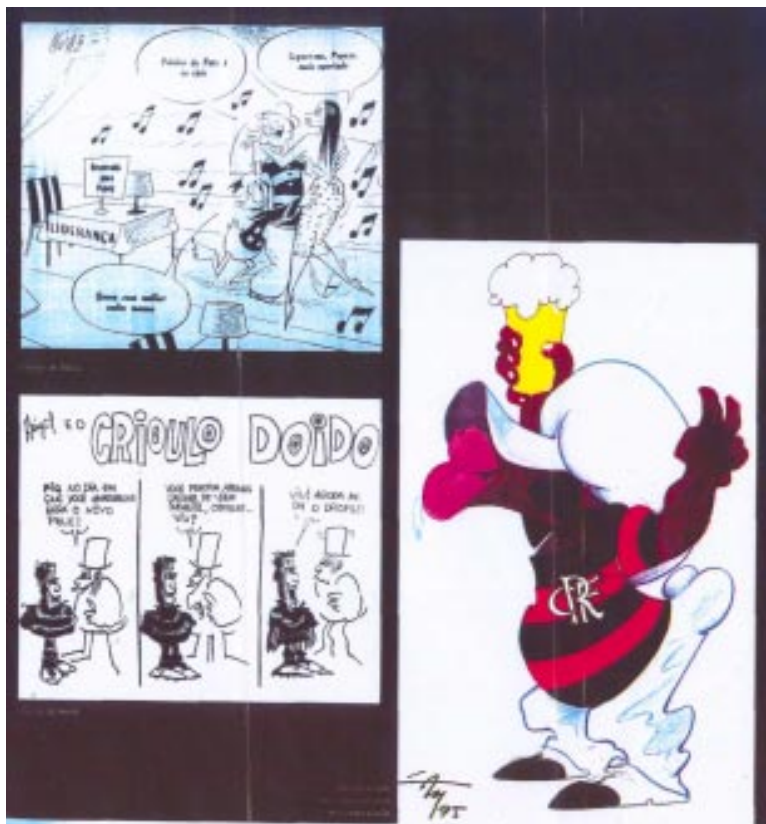
CBF PROIBIU
TRANSMISSÃO
DIRETA DE TV!













HINO ORICAL

Flamengo, Flamengo
Tua glória é lutar;
Flamengo, Flamengo,
Campêlo de terra e mar (bis)

Saudemos, saúdes
Com muito ardor
O pavilhão de nosso amor
Fretos e encarnado,
Madrado,
Dois mil campêlois
Do vencedor

Flamengo, Flamengo
Tua glória é lutar
Flamengo, Flamengo,
Campêlo de terra e mar

Lutemos sempre com valor,
Ardentemente, com denodo e fé
Que o futuro ainda será
Mais lindo,
Que o teu presente
Que tão lindo é.

Flamengo, Flamengo,
Tua glória é lutar;
Flamengo, Flamengo,
Campêlo de terra e mar (bis)

O Flamengo tem dois hinos: o oficial e o popular. O primeiro foi composto pelo jornalista, escritor e teatrólogo Paulo Magalhães, mas foi o segundo, criado por Lamarine Bates, que saiu no gosto do povo.



HINO DE LAMARINE

Uma vez Flamengo,
Sempre Flamengo,
Flamengo sempre tu hei de ser
É o meu maior prazer

Vê-lo brilhar
Seja no terra,
Seja no mar
Vença, Vença, Vença!
Uma vez Flamengo,
Flamengo até morrer!
Na vitória,
De me mata,
Me mata, mata,
Me amata

De emoção,
No coração,
Consignado
No gramado,
O mais cotado
Nico Fla x Flus
É um Avjexal
Tu tena

Um desgosto profundo,
Se faltar
O Flamengo no mundo,
Ele vibra,
Ele é fibra
Muta fibra
M peço
Flamengo até morrer
Eu sou

6.2 Flamengo das Fotografias

Onde a arte separa e o futebol une, a fotografia é um elo artístico. Popular aos olhos de todos é o lugar onde toda a nudez da sociedade será permitida. A nudez somente é proibida quando não vista. Permitida quando apreciada, esclarecida quando suas formas reveladas dão formato intencional à história. A imagem não deformada, mas ousada e poucas vezes sutil, ao contrário da arte da pintura, a fotografia perde o valor econômico com o passar do tempo e torna-se patrimônio público. É acessível a todas as classes sociais e mantém seus valores históricos e culturais. De forma contraditória em relação à escultura e à pintura, a fotografia tem a ver com a vida na sua totalidade. Colabora e intensifica valores (sociais, culturais e econômicos) da sociedade, intensifica também a elaboração e distribuição de informações e forma opinião.

Com a fotografia se realiza a história das metamorfoses sociais alimentadas de sonhos e temores, de fadigas e apreensões. O transbordamento da visão do fotógrafo do Flamengo é a própria visão da paixão, da qual absorve as ações dos torcedores, o caráter e o temperamento, os efeitos e as atitudes, o conjunto de traços aos quais associamos a memória da história do clube. Entre o deus das tragédias e o herói das sagas, o indivíduo é exacerbado, poderoso e marcante. Figura da completude, ele sintetiza as virtudes opostas e, como captador daquilo que na música contribuiria para a eufonia, ele mostra uma ética em atividade e se instala no real para dele fazer sua propriedade. Para Braune, “a fotografia aponta para a vertente natural de uma linguagem que compreende o lado social urbano, assolado por uma infinidade de contrastes e perturbações” (2000, p. 15).³

Hoje notamos que a destreza fotográfica é tanto verbal quanto esportiva, no malabarismo com as situações e dificuldades. Até admiramos Maquiavel na força e na coragem, assim como o seu tom nobre e suas maneiras que o designam como um indivíduo por exceção – o apaixonado. Todos os seus gestos mostram um dinamismo e uma estratégia eminentemente voluntária e compulsiva para produzir um sujeito que fica entre o soberano, prudente, o valoroso e o cínico. No seu convívio, sabe-se que é carinhoso com seus amigos e terrível com seus inimigos, pois possui o sentido da distinção, pratica as afinidades eletivas e não crê nesse igualitarismo

tolo, em nome do qual um ser humano valeria um outro ser humano – a vítima, o seu carrasco. Aí se vê o aristocrata, aquele cuja tensão visa a paixão por excelência, a distinção e a diferença.

As imagens fotográficas do Flamengo são eminentemente surrealistas; encontra-se nelas a ressonância do envolvimento emocional e da comoção da cena fotografada, transformando-se numa questão interna que vai depender das experiências e vivências culturais, sociais e psicológicas de cada observador, sem permanecer atrelada a um conceito externo e absoluto. Esse investimento no surreal fotográfico nos remete a uma situação de mobilização interna, de proximidade e envolvimento com a cena fotografada, arrancando-nos do estado passivo e distante que nos foi dado como modelo para o relacionamento com o mundo do fotógrafo e dos que foram fotografados em situações específicas do torcer pelo clube, ou seja, segundo Nietzsche, “o que vale é o embalo que desperta a paixão, o ardor, a flama, a vontade de viver”, que através de Zarathustra nada mais pretende do que remeter a nossa criatividade por meio das manifestações espontâneas (1998, p. 34).⁴

Para Deleuze, “a arte do virtuoso reside na capacidade de extrair pontas do tempo” (1995, p. 217).⁵ A ponta aqui é a eminência da duração como sua excelência concentrada. Ela se manifesta nos gestos ou nas palavras, em situações de silêncio, sua qualidade consiste num fulgor e numa imparidade a toda prova. Quem a produz é o artista do tempo, da ocasião, da hora, do instante – o fotógrafo do acaso. O acaso, inerente à própria linguagem fotográfica, funciona através de espasmos que, por vezes, deixamos escapar da armadura racional que nos impomos, é a nossa passagem para uma outra realidade diferente daquela que estamos acostumados a vivenciar, bloqueada e permeada por regras. Se, por um lado, a fotografia é a forma mais próxima da representação da realidade, por outro é ela quem desvenda o que há de mais desconhecido e surpreendente no ser humano – sua expressão.

Através do acidente fotográfico exercemos a nossa instância inconsciente, reveladora de nós mesmos, de toda a nossa vaidade escamoteada, a face oculta se manifesta e desnuda a realidade. Como desdobramento, a foto será tanto mais arrebatadora quanto mais profundamente conseguir atingir

esse universo do observador, já que ele se abrirá ao lúdico, ao maravilhoso, ao desconhecido, enfim, tudo o que há de mais primário dentro de si e que remeterá a sua própria existência.



Torcida rubro-negra.



Cerveja Flamengo, 1928.



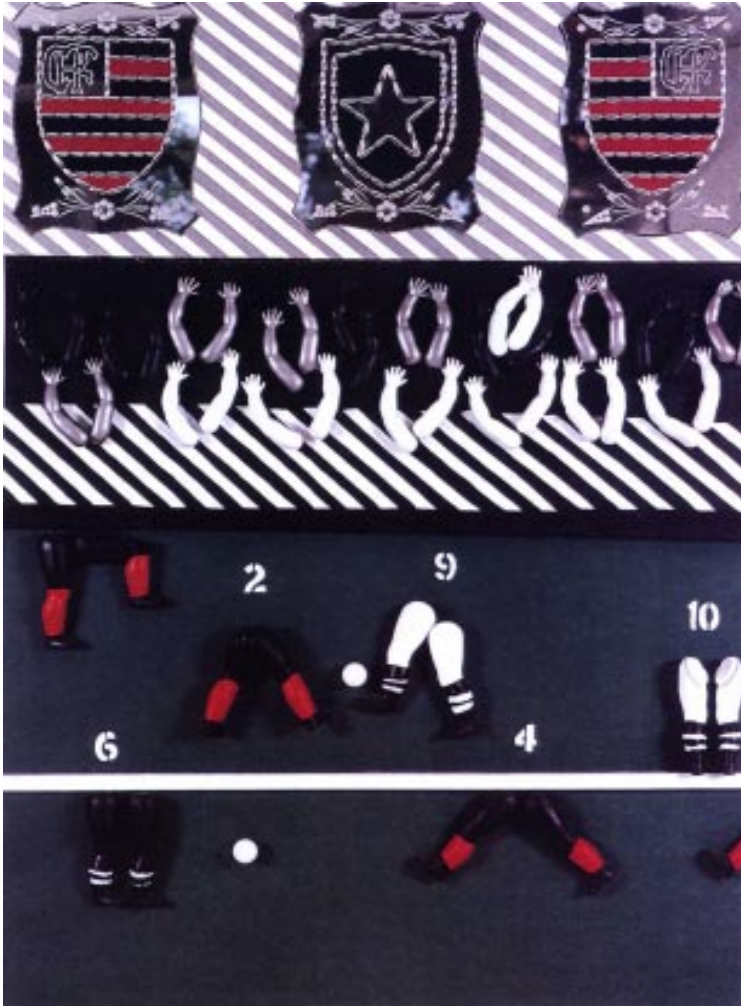
Cervejas Flamengo, 2000.



Baús funerários, 1998.



Jogo de botão, 1998.



Pebolim, 1998.



Zico, 1998.



Zico, 1998.



Jogo de mesa (palitos de sorvete, cabo de vassoura), 1998.







Vou ao futebol e soffro como um pobre diabo. José Lima de Rego

O torcedor do Flamengo, 1998.





Há de chegar talvez o dia em que o Flamengo não precisará de jogadores, nem de técnicos, nem de nada. Bastará a camisa, aberta no eroo. E, diante do furor impotente do adversário, a camisa rubro-negra será uma bastilha inextinguível.

Nelson Rodrigues

A camisa rubro-negra, 1998.

6.3 Flamengo das Pinturas

A “tela”, como obra de cultura, expõe o sentimento através das mãos do artista que acredita expressar, pela forma, o que o pensamento extraiu do momento de emoção. Sua subjetividade está no escrever e pensar, está no agir, no fazer, no expressar o som do tom da coisa. A cor não é a mesma, une, não separa, está lá e colabora, não é opaca, é a sensibilidade. Sente e consente.

A imagem consagrada em tela é um conluio da imagem humana e dos sentidos, parece limitada num primeiro instante, não expressa a totalidade. Estes muitos traços talvez somente demonstrem, superficialmente, o momento específico. Quando conseguimos ver o sentido da sua representação, surpreendemo-nos com a sua força que define a forma da imagem humana escolhida para estar lá. Assim, o momento de criação dos que pintaram o Flamengo em tela parece-nos uma primeira aproximação entre o significado subjetivo do artista e o sujeito da ação. Abre-se um leque de sentidos, mas é apenas raso no tempo em que demonstra a manipulação dos traços, não pela falta de sensibilidade e coesão do pensamento a ser explorado, mas pelo conjunto de dicotomias humanas, que ficam entre a procura de uma obra de arte plástica e as significações que ela representa. Este conjunto dicotômico abrange a paixão – amor, drama, história, imaginário – abstrato e concreto e, o mais importante, o cotidiano, como por exemplo a tela “Um Gol do Flamengo (vermelho e preto)” de Cláudio Valério Teixeira.

O artista permite que o observador percorra continuamente a figura a partir de qualquer ponto, ou mesmo se depare com o todo simultâneo do quadro. Isso não significa que a tela seja fechada em si própria, mesmo que o espaço representado preso ao tema, à literalidade característica que envolve o Flamengo fuja do classicismo sem que as sensações de vivo e de movimento vêm exatamente dessa antítese (movimento vivo, explosão e classicismo): a tela vibra, transmite dinâmica pelo caos instalado, transcendente do espaço representado que não se esgota por si só, tornando-se um simulacro de visão. Assim, o olhar agitado do torcedor (pintado) encontra o olho do observador, que procura no espaço virtual do artista a continuidade do momento inaugurado na tela, que serve apenas de estopim para arrancá-lo do torpor contemplativo (estranhamento), para fazê-lo viajar em si. Conduz o observador a ver o que está além de seus olhos, a expressão facial convida a uma

viagem para além da realidade explícita da imagem representada, para transportar o observador ao desconhecido subjetivismo do artista, ao enigmático de pertencer a um universo distante de sua realidade habitual, cotidiana, cuja passividade, na maioria das vezes, bloqueia os instintos e o impede de viver o maravilhoso momento de explosão e de alegria.

A técnica pode ser óleo sobre tela, escultura, desenho, fotografia – a originalidade e a beleza das cores estão comprometidas com a complexidade, com a alienação dos valores sociais, económicos (ostentação de propriedade) e culturais do momento. A importância da arte do Flamengo é uma construção que se apoia nos valores emocionais. A liberdade de criação, a compulsão, o instante, o comprometimento tomam dimensões que representam um instante apenas do artista. Em contrapartida, a obra – a tela, o quadro, a charge, a foto, como seja – quando completada, distancia-se do autor. A imagem momentânea do instante de inspiração e criação artística é única (alegria, tristeza, caos, paixão, alienação, compulsão), expressada por lembranças – lugares, coisas, pessoas, emoções e paixões – sentimentos de identificação de bons e maus momentos, fantasias, sonhos e realidade compõem a memória de um clube, fazendo-se tradição.



Flamengo, José Sabóia [s.d.].



Zico, Roberto Magalhães, 1984.





Flamengo tricampeão, Rubens Gerchman, 1982.





Gol do Flamengo (Vermelho e Preto), Cláudio Valério Teixeira, 1982.

6.4 Ética, Estética e Subjetividade na Expressão Artística do Flamengo

Vale a pena repetir que as categorias da arte se diferenciam dos valores em relação aos sentimentos do artista, na intenção da criação da obra e da interpretação sociológica. O abstrato transformado em real pertence a outras categorias subjetivas de interpretação da imagem representada. A obra de arte jamais se repetirá pela mão do próprio artista, mas poderá ser copiada e imitada. Sua originalidade é reconhecida quando ultrapassada e despercebida, pois já pertencerá à posteridade e seu valor econômico nem sempre corresponde à fidelidade cultural e histórica da sociedade ou da época vivenciada pelo sujeito. Ou seja, transformada em objeto de consumo, a obra de arte passa a representar um privilégio de posse de poucos, como por exemplo as esculturas e pinturas que não são populares e, com o passar do tempo, aumentam seu valor e se refugiam na ostentação e/ou decoração e, por fim, têm valor cultural e histórico.

Para Berlin,

Se ao pintor permite-se um excesso, a impressão é exaltada em detrimento do detalhe histórico, então “todos somos artistas”. A figura do real só tem sentido na medida em que ela solicita genealogias inéditas que são, por si só, convites aos estímulos para produzir novas formas inspiradoras. De um lado, o modelo racionalista e a idéia de que uma metafísica futura poderá apresentar sob os argumentos de uma disciplina rigorosa e ética como um complexo de axiomas, de postulados, de demonstração, de escólios, de lemas e de proposições. Do outro, o modelo da forma intuitiva, rica e de que a estética se constrói pelo peremptório, atitudes, exacerbações, pelo afirmativo, pelo poético, pela inefável perfídia. As criações humanas – leis, instituições, religiões, rituais, obras de arte, linguagem, canções,

normas de conduta, etc. – não são produtos artificiais criados para agradar, exaltar ou transmitir sabedoria, nem são armas propositadamente inventadas para dominar ou manipular os demais, ou para promover segurança ou estabilidade social, e sim formas naturais de auto-expressão, isto é, de comunicação com os outros seres humanos ou com Deus. (1982, p. 9)⁶

Na análise dos artistas do Flamengo, notamos que suas expressões podem ser libertárias e aristocráticas, voluntaristas e lúdicas. O gesto é o atalho que leva às conclusões éticas nos melhores prazos; ele se define, antes de tudo e, como em toda época histórica, quem quer que o coloque à frente, sua subjetividade encontra nas formas sociais a expressão de sua singularidade, de sua unicidade e conduz à afirmação de uma identidade. Poderíamos colocar que a subjetividade de uma imagem fotográfica só pode ser buscada fora (embora a partir) dela, uma vez que o que está no papel é parte da realidade. Então, da mesma maneira que o referente, o dado de realidade é incondicional à fotografia, a sua virtualidade também o é. Já na pintura, por ela não ter qualquer comprometimento com a realidade, esse processo se dá de forma diferente, por se constituir de uma representação, mesmo que seja a representação de um sonho, de uma visão, de um estado de espírito, a realidade apresentada em uma tela carrega dentro de si a própria subjetividade do artista e sua visão de mundo.

A poesia, a música, o desenho (as caricaturas também), a pintura e a própria encenação teatral da torcida lidam com linguagens subjetivas, enquanto que a fotografia é a única das artes plásticas em que a realidade é parte integrante e inquestionável de sua linguagem. A única em que a subjetividade, a instância inconsciente encontra-se fora dela. Assim, subverter a realidade de forma a se criar uma outra, mais profunda a partir dessa própria realidade, isto é, atingir uma supra-realidade calcada diretamente na realidade existente, exige uma outra aproximação, principalmente por se saber que esse estágio de supra-realidade em fotografia depende de uma participação mais direta do observador, já que a potencialidade de uma imagem fotográfica se concentra, acentuadamente, na sua virtualidade que, obviamente,

depende da vivência de cada observador. Essa realidade a que nos referimos constitui-se, primordialmente, pela relação espacial que o ser humano guarda com o mundo que o cerca.

Superpondo as figuras estéticas produzidas sobre o Flamengo exacerbava-se uma energia de aplicação ou a tentativa da realização de um equilíbrio entre Dionísio (a exuberância) e Apolo (a forma). Tudo em benefício de uma individualidade, de uma exceção: a figura eminentemente faustiana. Faustianos são o pintor, o escultor, o talhador de pedras, o bronzista, o sinfonista, o cavaleiro, o arquiteto, o electricista, o poeta, o músico, o jogador, o torcedor, etc. Todos submetem a energia de acordo com sua vontade e desta energia fazem obras e as inscrevem em uma estrutura destinada a domar o tempo e o espaço, a matéria e o real. Faustino também é o ético, o praticante de uma moral sem moralina⁷. Todos têm em comum o desejo feroz de trabalhar para apreender uma essência do dinamismo, a vibração pura da atividade informe. Ora, dentro deste voluntarismo surge um otimismo, apesar da potência evidente do trágico. Não ignoramos a formidável exigência da necessidade, as imensas pressões do destino sobre as individualidades. Conscientes de serem prisioneiros dos laços estreitos e apertados, os artistas conhecem a zona ínfima e bem determinada que se oferece ao seu olhar. É um jogo de sedução em todos os sentidos, um efeito de ajuste entre as exigências do real e o imaginável – a fantasia.

Para Vico,

A fantasia é uma forma de conceber o processo de mudança e desenvolvimento social, correlatando-o com, ou vendo-o de fato transmitido pela mudança paralela ou desenvolvimento do simbolismo através do qual os homens procuram expressá-lo, já que as estruturas simbólicas formam parte e são parcela da realidade que simbolizam e com a qual se alteram. Este método de descoberta, que tem início com a compreensão dos meios de expressão e procura atingir a visão da realidade que eles pressupõem

e articulam, é uma espécie de dedução transcendental (no sentido Kantiano) da verdade histórica. Ele não é um método para chegar a uma realidade imutável através de suas aparências mutáveis, mas a uma realidade em mudança contínua – a história dos homens – através de seus modos sistematicamente mutáveis de expressão. (apud Berlin, 1982, p. 10)

Humano, demasiado humano (Nietzsche, 2000)⁸, com certeza, ninguém foge de ser um artista. Ninguém foge a esta condição e o desejo não exclui, todavia, as necessidades e os recuos, as impotências e os limites do torcedor que posa nu de suas dignidades. O caos, a desordem e o fragmento são a lei e os seres se perdem na mais inocente das danças. A tarefa faustiana é demiúrgica. Ela é originada por atividades que precisam das destrezas mais despojadas, das aptidões mais delicadas para se colocar em perspectiva, sem falar das capacidades para fazer da energia cotidiana uma potência.

O gesto como informante fornece a base e o fundamento, extrai do nada e faz advir a subjetiva identidade. Tudo isso se inscreve numa história, uma variação sobre o tema do tempo. Habilidade, sensibilidade e destreza lhe são necessárias. Sem esses traços de alegria que permitem a leveza, não há virtuosidade possível ou sequer imaginável. Assim, o desenhista, o fotógrafo e o pintor são mestres da dialética, reis do tempo, promotores dos jogos de sedução com duração de sentidos. Com eles advêm as intensidades e as potências magníficas e os fluxos virtuais. A virtuosidade é a alma dos artistas transformada em obra.

Se sobre a tela e sobre o desenho do caricaturista pratica-se o reajuste, o arrependimento, a demão, reescrever sua biografia, corrigir sua história no momento em que se está a fabricá-la, ou carregar, sobrecarregar para esconder, mascarar o passo em falso ou a indelicadeza, o contrário é a fotografia. O fotógrafo é o que funde o concreto e o abstrato para produzir filetes de realidade com cores inesperadas, embora desejadas. E o resultado integrará a beleza, o equilíbrio, a harmonia, o charme e a graça. Zombam da razão

racionalizante, a ela preferem a intuição fina e fulminante do momento. O verbo vem sempre em segundo lugar, pelo menos deveria sempre vir. Qualquer um que põe a emoção antes da reflexão é artista. Uma tela para o pintor, o silêncio e os sons para um músico, o lápis e a borracha para o desenhista, o mecanismo da imagem momentânea para o fotógrafo e a vida para um ético. (Primeiro os projetos, as intenções. Depois os esboços, as primeiras dinâmicas, as linhas de fuga, perspectivas para trazer à luz sólidas linhas de força que serão como estruturas para se revestir. O todo contribuindo para a obra).

Encenações de energia, coreografias para as forças, danças e fluxo. A vida ganha forma sob a pressão da vontade na mão do artista, que esculpe e conduz sua própria existência. Conduzir seria então aparentado a seduzir, levar para longe ou para fora das veredas batidas, entretanto, o seu destino, encarnações das múltiplas direções, confederando as almas penadas atrás de seu querer, ou seja, o artista pratica o enunciado performativo do hedonismo. O pacto com o outro nunca é outra coisa além de um pacto consigo mesmo. Trata-se de se estar à altura, não tanto da promessa que faz ao outro, mas daquela que faz a si próprio, tomando o outro por ocasião e não por testemunha, tomando o outro como seu modelo.

O artista, querendo ou não, fabrica a história. Seu trabalho não é técnico, com ele o real se modifica, aparece sob uma nova luz na qual primam a novidade e a excelência. Eles fazem o mundo que os outros habitam. Fabricantes de visões de mundo são fabricantes de sonhos e extirpam o pesadelo das imagens de uma indústria de formas. Mas, afinal, como se é artista? Quem é o artista do Flamengo? Quais são seus combates? Onde há os perigos, cóleras e caos? Quais os campos de batalhas determinantes e que precisam ser usurpados?

A vida, simplesmente, o cotidiano da cidade e do clube. A mais banal das existências que um mero olhar atento basta para mostrar a sua natureza agonística. Um humano comum, cujo principal objetivo é o êxito da sua vida entediada contra o caos, o informe. As facilidades de todas as ordens. Seus inimigos são o abandono e a flacidez dos sentidos. Suas guerras buscam as vitórias da firmeza e da tensão, do querer e da singularidade. É ele querer fazer da sua vida uma obra de arte como qualquer ser humano

comum dentro de qualquer sistema social. O mais comum dos seres sonha. Para Onfray (1999, p. 72),

Só o homem da arte é apto para conduzir, primeiro sua própria pessoa, e é isso o que importa, por caminhos que permitem escapar ao niilismo: ele é prometéico, quer e age, impacienta-se com os impasses e prefere enganar-se de saída a não tentar encontrar uma abertura. E, se é um pouco esteta, o inverso não é verdadeiro.

Acrescenta que

(...) ele é a encarnação da potência, animal de tração que por nada se distrai. A atitude espetacular caracteriza o impotente perdido no cafarnaum de seu tempo, de sua época. Mas é ele o prisioneiro, não importa o que pensa disso, imaginando escapar da história onde está atolado. Trabalhando, o artista se extrai em grande parte da contingência histórica, antes de marcar sua época e fazê-la curvar-se à sua alma. Ele estabelece as virtudes, cria uma nova ordem, subverte e destrói, manuseia e não se preocupa com os seguidores e oportunistas. Se sua hora deve chegar, ela chegará, mas ele não está obcecado por esta perspectiva. (...) o artista mostra uma imensa paciência e calma olímpica. Seu propósito não é o vestígio dentro de uma época. A não ser como um acréscimo, como um acidente. A exuberância o possui, ele não pode agir de outro modo senão consentindo com as forças que o habitam. Olhar o mundo como um espetáculo não é pensável, sua vitalidade lhe proíbe. Ele é ativo e não poderia se satisfazer com uma passividade e uma inatividade dolente. (Onfray, 1999, p. 73)

O artista arrisca-se nas singularidades suscetíveis de serem integradas nas relações sujeitas ao contrato de afinidades eletivas, ele escolhe, seleciona, quer as relações que mantêm com o outro e, na tentativa da relação de equilíbrio, a individualidade é capaz de produzir um sentido de distância, da medida que permitirá o apoio do equilibrista. Ou do cavaleiro, se for lembrado que este é um mestre em adestramento, um especialista em situações seguras. Nietzsche dizia: “As morais nada mais são do que a linguagem simbólica das paixões” (s.d., p. 141).⁹ Toda relação com o outro é mediatizada por uma paixão e não se pode escapar, na hipótese de uma nova moral, de uma patética singular. A relação com a construção, com a vida e com o positivo, os instintos, as paixões, pulsões, as forças são virtudes com a ajuda das quais se fazem e desfazem as relações humanas, dentro da perspectiva de uma dinâmica coincidindo com o movimento da vida, que se torna uma questão ética para o artista. O hedonismo permite uma resposta? Digamo-lo de um primeiro modo indicativo, antes de precisar ir mais adiante – tudo que busca o prazer é aceitável, tudo que gera sofrimento é condenável.

Em virtude do movimento natural e universal que empurra os homens a buscar o prazer, a seguir em direção a ele, a desejá-lo e, ao mesmo tempo, a fugir do desprazer, a se afastar da dor, do sofrimento e do tédio, trata-se de realizar uma inter-subjetividade contratual na qual os sujeitos consentem, tanto quanto o outro, a uma álgebra dos prazeres que se instrua das partes malditas. Uma patética é então uma estética das paixões, uma poética das partes malditas. Tudo isso acontece porque nunca se abandona a própria sombra. Tem-se o apoio que entre os seres humanos circulam então signos, traços quase imperceptíveis em um rosto, uma máscara, um esboço de um sorriso, um olhar fixo que investiga, um silêncio fundado, uma rigidez na imagem, uma docilidade dentro da alma, um fio metálico na voz, longe daquilo que é dito, mas inteiramente no modo, na maneira, uma volúpia no gesto da tela, uma intenção solícita e mil outras paixões transformadas em informações. Todas elas (as paixões) exigem a sagacidade, a coragem, a celebridade e o espírito de delicadeza. Não há ética possível sem essas virtudes necessárias à decodificação fulgurante.

Entretanto, apoiamos o olhar nas modalidades de uma estética mais precisa, que coloque em cena corpos, seres, pessoas em situações desejadas, fabricadas de propósito. Transfiguramos suas atitudes em forma e extraí-

mos da estética da existência a estetização da vida. A arte contemporânea, em sua versão dionisíaca, é um laboratório para a experimentação de novas maneiras de ser, de viver, de agir, de pensar ou de considerar seu corpo, sua vida e sua singularidade.

A arte (caricaturas, fotografias e pinturas) e o teatro são parentes. A cena artística e o espaço estético são locais miniaturas para experiências, que não são pura nem simplesmente reproduzíveis dentro do real, tal e qual, mas que, todavia, podem se alimentar das incidências que terão podido produzir. A região onde são praticadas as ações do artista ensina sobre o que podem ser as transfigurações aplicadas ao domínio da existência singular e da vida cotidiana da cidade. As novas possibilidades de biografia são desse modo determinadas, ensaiadas, testadas e experimentadas em condições destituídas de obrigações sociais, logo éticas, religiosas, metafísicas. São práticas que se identificam com (os corpos, o tempo, os gestos, as palavras, as ações, o espaço), o real por inteiro e são considerados como materiais dos quais é preciso extrair formas. Uma dinâmica que anima o real com um fluxo de desvios em prol do propósito estético – usar o real tal qual ele é, para aproximar de uma outra instância – a transfiguração.

Em conseqüência disso, a idéias fazem apelo às sensações, às emoções, uma patética dispensando palavras, a unicidade de um gesto, de um traço, de um silêncio, de uma expressão ou de um acontecimento, de uma personalidade, de um temperamento ou de um caráter, de uma figura elabora-se a arte, desses hápaxes (coisas ditas pela primeira vez) emanam emoções às quais se consente por encantamento, ou seja, pontos de ancoragem para estruturar uma identidade, uma busca e/ou entendimento da subjetividade.

O inter-relacionamento, a interdependência entre o tempo e espaço é inerente a qualquer imagem, assim como a combinação entre o tempo individual do autor, o tempo relativo às articulações dos elementos culturais e da experiência (vivência) do observador e o tempo referente à memória coletiva do meio quando da observação da imagem, não havendo, assim, a possibilidade da apreensão instantânea, imediata, de uma obra de arte. Embora o espaço compreenda convergência, unificação, concentração (já que implica em localização) e o tempo pertença ao universo da divergência, da dispersão, da distribuição (por implicar em desenvolvimento entre passado, presente e futuro por

compreender memória), o binômio espaço-tempo não pode ser visto como uma dicotomia e sim como uma unidade constituída de entidades recíprocas, uma atuando com a outra. Assim, podemos afirmar que o tempo lendário contemporâneo, muitas vezes, mistura-se em uma mesma composição, havendo aí a introdução de um tempo relativo à memória, onde o que se vê é diferente do que se sabe. Uma vez que as representações das pinturas, desenhos e fotografias sobre o Flamengo incorporam elementos da experiência individual, do acontecimento cotidiano, remeterá o observador para fabulações e articulações ligadas ao seu arsenal de conhecimento, a sua bagagem cultural, refletindo, assim, em uma alteração na análise e na absorção da obra de arte (pintura e fotografia, principalmente), pois que o tempo agora deixa de estar atrelado exclusivamente a uma referência única para incorporar a experiência coletiva, transportando as imagens de uma geração à outra, na renovação e invenção de símbolos que marcam a história do clube, formando parte da tradição do futebol da cidade e do país.

Notas

- ¹ Personagens dos tempos do regime militar, que já faziam o Brasil rir das próprias mazelas e refletir sobre elas: Fradins do Zeferino, a Graúna, o Bode Orelana, o Orelhão e Ubaldo, o Paranóico.
- ² PRADO, R.M. *Henfil e o Flamengo*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- ³ BRAUNE, F. *Surrealismo e a estética fotográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- ⁴ NIETZSCHE. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ⁵ Apud ALLIEZ, E. (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- ⁶ BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília: UNB, 1982.
- ⁷ Neologismo próprio de Nietzsche: aquilo que transforma a moral em moralismo.
- ⁸ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ⁹ NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos*. mimeo, s.d. O texto trata do hedonismo ou utilitarismo jubiloso e das “partes malditas” (o riso, as lágrimas, o erotismo, a morte, a sujeira, a transgressão, o sacrifício, o sagrado).

.7.

FLAMENGO COMO REFERENCIAL MUSICAL

A partir deste capítulo, faremos o mapeamento dos referenciais discursivos que participaram ativamente da construção da popularidade do Flamengo. Temos como hipótese que o referencial literário (jornalístico, artístico, poético, musical, etc.) contribuiu para a construção da identidade do Flamengo com valores populares. Na análise dos discursos notamos que há literatos que formam parte de um clube, assim como outras categorias sociais. Aceitamos que estamos diante de um processo circular: o esporte e, especialmente, o futebol tornou-se fonte de inspiração e suas materializações, por sua vez, contribuem para a criação de um fenômeno, desde simpatias até a força de um magnetismo.

Para Berlin (1982, p. 149),

Os grupos humanos, grandes e pequenos, são produto do clima, da geografia, das necessidades físicas e biológicas, e outros fatores similares; eles estão formados unitariamente pelas tradições e memórias comuns, das quais o principal elo e veículo – aliás, mais do que veículo, a verdadeira encarnação – é a linguagem. (...) Nela reside a

totalidade de seu mundo, constituído pela tradição, a história e princípios de vida; toda a sua alma e coração. Isso é assim porque, visto que pensar é usar símbolos, os homens pensam necessariamente utilizando palavras e outros símbolos, e suas atitudes diante da vida se incorporam em formas simbólicas: cultos religiosos, poesia, música e ritual. Seja o que for o que se lê procuram satisfazer: gostos ou necessidades, como a dança ou a caça, as formas primitivas de solidariedade social, isto é, todo o conjunto de crenças e comportamentos que relacionam mutuamente os homens, expressado e preservado pelo mito e a representação formalizada, somente pode ser explicado em termos de algum simbolismo público e comum e, especialmente, pela linguagem.¹

E afirma que

Todos os povos cantam e agem; cantam sobre o que fazem e desejam e, assim, cantam histórias. Suas canções são arquivos dos seus povos, o tesouro de sua ciência e religião... um quadro de sua vida doméstica na alegria e na tristeza, ao lado do leito nupcial e da sepultura. Nelas todos se retratam a si mesmos e aparecem como são. A linguagem, o contentamento, o tom, nos dizem mais sobre o ambiente, crenças, origens, história e mistura das nações que os relatos dos viajadores. (op.cit, p. 155).

O material literário cria vínculos com o futebol, não raro, atribuindo-se a expressão dos sentimentos de uma sociedade. Adjetivos como “nação” e “estado de alma”, versos e reversos de glórias e derrotas expressam os senti-

mentos populares e confluem para a criação da “paixão nacional”. O brasileiro torna-se um ser do futebol. Mais ser ainda quando visto na doença, na crítica, na inveja, na idolatria, no sofrimento. Desde Olavo Bilac a Vinícius de Moraes o futebol, como linguagem, é motivo de paixão e de arte.

Como procedimento metodológico, separamos três referenciais tópicos para análise:

1 – *Flamengo e as Canções Populares*. As canções populares são músicas destinadas ao Flamengo, cujo repertório foi realizado de maneira voluntária por autores, adotadas e cantadas por simpatizantes, ativistas e torcedores e evocadas pelo público.

2 – *Flamengo dos Carnavalescos aos Poetas*. Sambas e músicas destinados ao Flamengo que animaram as festas no interior do clube e tomaram parte do carnaval tradicional da cidade do Rio de Janeiro.

2.1. Neste tópico passamos dos carnavalescos aos poetas em *Meus versos... são versos teus... Flamengo* – Homens e mulheres que poetaram o clube e heróis do futebol do Flamengo.

3 – *A Expressão Pública e a Invenção da Tradição do Flamengo*. Cronistas, religiosos, escritores, literatos e jornalistas que foram torcedores, críticos e analistas do futebol do Flamengo.

Objetivamos em “Flamengo como Referencial Musical” fazer uma análise comparativa do poema musicado, a marcha-hino de Lamartine Babo e outras canções populares destinadas ao Flamengo. A ênfase foi colocada na articulação dos discursos utilizados pelos autores no enaltecimento do clube/time. Superficialmente, evocamos a análise semiológica e sintática, uma vez que realça algumas das nuances em relação à construção dos discursos. Além dos conectores teóricos das músicas e canções, atemo-nos ao encadramento dos temas tópicos: o clube como instituição e os atores sociais como pressupostos dos recursos retóricos; sua utilização no propósito de persuasão e adesão de simpatizantes e ativistas como articuladores da argumentação coerente em torno do Flamengo. Coerência, não no sentido de uma lógica absoluta ou formalismo abstrato, mas aquela que se constrói e aparece como tal, se considerada a ligação entre as relações sociais e as práticas

de linguagem (a articulação entre o autor da canção, o argumento retórico, torcedores e o público). A argumentação é um meio de adesão, que desenvolve um raciocínio, mediante premissas, a partir de valores e de crenças partilhadas pelo público.

Procuramos evitar a oposição entre objetivismo no estabelecimento de regularidades como estruturas, leis e sistema de construção das canções e o subjetivismo no conhecimento interior do autor, relativo a sua prática como torcedor do clube ou não. O determinante, entre outros aspectos, foi a necessidade de articular o social e o lingüístico no contexto das obras – temas e/ou as condições sociais de produção da retórica do discurso, fazendo aparecer questões estruturais e questões de sentidos como coisas separadas.

No encadeamento das interações, configurações e interdependências do discurso do hino e das canções, os autores desaparecem e a autoria passa a pertencer aos novos atores sociais, ou seja, à comunidade de torcedores. Por mais que se enfatize a dimensão estrutural dos fenômenos sociais, têm-se desenvolvido formas de dar conta das interações próprias da recontextualização das identidades, bem como do processo da construção de sentidos através das práticas de linguagem. Esta última caracteriza uma atividade que, em alguns casos, pode ser vista como ressemantização e, por sua vez, está vinculada a práticas de comunicações particulares, como no caso dos discursos encontrados nas canções do Flamengo, os quais interagem com as estruturas simbólicas originando uma construção social específica.

Herder dá como certo que:

Para ser completamente um homem, isto é, plenamente criativo, é necessário pertencer a algum lugar, a algum grupo ou alguma corrente histórica, que não pode ser descrita, a não ser nos termos genéticos de uma tradição, um ambiente e uma cultura, geradas, por sua vez, através de forças naturais, isto é, o *Klima* ou mundo externo, e a estrutura física e necessidades biológicas que, interagindo com a mente e a vontade de todos os indivíduos, criam o

processo dinâmico e coletivo chamado sociedade.
(apud Berlin, 1982, p. 175)

A linguagem do discurso encontrado nas canções possui um lugar central na constituição dos grupos específicos, como no caso do Flamengo. Aliás, mais precisamente, são as práticas desta linguagem específica, que estão na origem das diferentes formas de relações, que constituem a especificidade do grupo. A posição assumida é de que a linguagem do discurso engloba a linguagem verbal (oral e escrita), a gestual descrita (participação do corpo), entendida aqui como comunicação. Entretanto, para sua utilização na análise comparativa, há necessidade que se faça duas observações:

1 – o gestual – grito, choro, riso, como comunicação da emoção, exige uma abrangência na forma de entender a linguagem como portadora de sentimento partilhável no interior de uma comunidade ou um grupo. O significado do sentimento deve estar em cada palavra e em cada som. Não se trata de agradar, mas de saudar. Não tem somente a necessidade de dizer, mas de bradar. Enfim, não canta, mas entoa o grito. O grito não só rompe o silêncio, mas assume, breve e primordial, o limite extremo na tarefa elementar da relação sujeito individual e sujeitos coletivos – todos sós, mas todos juntos. Cada um faz seu solo, mas é o todo que produz o coro. Todos diferentes, coincidentemente, todos semelhantes. Da parte ao todo, do todo em parte se faz a legião de torcedores.

2 – Conceber a linguagem verbal e gestual encontrada nas canções como forma propriamente humana de conhecimento, modelando e imprimindo pensamentos, sentimentos, vontades e desejos, ações e emoções, identificando a linguagem indissociável da prática social imanente aos laços, às relações e aos modos de co-existência dos seres sociais que compõem a comunidade. Assim, podemos afirmar que a linguagem é responsável pela constituição de grupos sociais específicos.

7.1 Flamengo e as Canções Populares

Ao invés de estabelecer critérios por meio dos quais podem ser definidas as fronteiras para obter um objeto palpável e delimitado, adotamos o

procedimento de buscar apreender as características imbricadas em cada canção, enfocando o processo de agrupamento das semelhanças e diferenças/inclusão e exclusão. Num primeiro momento, defendendo que o clube/time se fez literatura. Os autores utilizaram-se do Flamengo como objeto-sujeito de sua literatura. Num segundo momento, a utilização das canções e músicas como um fim para construir a popularidade do clube/time. Afirmamos, então, que o produto implícito na literatura contribuiu para objetivá-lo, para fazê-lo parecer um produto social e popular.

Na comparação das canções do Flamengo, a simbologia reveste as práticas de linguagem. A entoação do canto é legitimada por gestos, gritos, invocações, formas de cumprimentos, tons de voz e utilização de adereços (bandeiras, flâmulas, camisas coloridas) ressaltando, obviamente, o nome do clube. Todo esse processo de comunicação é responsável pela construção do grupo e por sua identificação com algo objetivado como vemos no próprio Hino do Flamengo *Uma vez Flamengo, sempre Flamengo*’:

Uma vez Flamengo, sempre Flamengo,
Flamengo sempre eu hei de ser
É meu maior prazer, vê-lo brilhar,
Seja na terra, seja no mar.
Vencer, vencer, vencer,
Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer.
Na regata
Ele me mata
Me maltrata
Me arrebatou
Que emoção
No coração
Consagrado
No gramado
Sempre amado
O mais cotado
Nos Fla-Flus
É o aí Jesus
Eu teria um desgosto profundo

Se me faltasse o Flamengo no mundo.
Ele vibra
Ele é fibra
Muita libra
Já pensou
Flamengo até morrer
Eu sou.
(Lamartine Babo, 1953)

Nesta marcha-hino temos a combinação de sintaxes e metáforas,² cuja imagem implica em ação e pertencimento. Optando pela hermenêutica social, defrontamo-nos com as seguintes categorias: as *instituições* – denominadas pelas características integrantes da cultura e da linguagem específicas, bradadas em nome do clube, além dos *personagens reais e de ficção*. Assim, um dos objetivos primários da análise será estabelecer as correlações entre essas categorias: compreender os discursos como acontecimentos, os acontecimentos envolvendo as instituições e as instituições portando os personagens, sem esquecer o paralelismo com o social e as intersignificações que se observam na música, pois esta não se refere apenas ao futebol: a letra possui uma expressão generalista, é o ser Flamengo.

7.2 Sociabilidade e Pertencimento

A marcha-hino do Flamengo, como discurso, concentra significados distintos no interior do grupo de simpatizantes e ativistas. Destacam-se formas ritualísticas na identificação das estruturas funcionais e dinâmicas. Temos momentos do cotidiano enaltecendo a vida esportiva do clube, da festa do carnaval, incluindo o drama da derrota e, ainda, o ambiente de sociabilidade que norteia os sentimentos de emoção e as afetividades. A demonstração como essas instituições e seus momentos de emoção afetaram/afetam o mundo social (cotidiano/trivial), transformados em símbolos de uma comunidade, permitem engendrar um momento específico e extraordinário no caso do Flamengo.

Lamartine Babo, como autor/poeta revela e elabora as expressões que unem as fantasias e as tensões fundamentais do cotidiano dos torcedores.

Digamos que as colocações em destaque, atreladas aos aspectos da vida cotidiana, este revelar das coisas, ou seja, o dizer coisas através do discurso interessam primordialmente como um sistema de comunicação entre o time e o torcedor num estreitamento de relações, definidos pela retórica, pelas mensagens, pela relação que se estabelece entre os indivíduos e/ou entre estes e o personagem do autor do hino, numa intencionalidade estética da linguagem.

O pólo do discurso do Flamengo é um eixo subjetivo, que não pode deixar de ser o “desejo”: “*É meu maior prazer...*”, um formidável senso egoísta seguido de uma multiplicidade indefinida de termos fáticos, onde os números repetidos das ocorrências gramaticais operam um simulacro, compartilham com a polarização binária em que se pontuam opostos: o prazer e o desprazer (Freud), o prazer e a dor (Epicuro e Lucrécio), a alegria e a tristeza (Spinoza), a felicidade e a infelicidade (Diderot) (Bodei, 1995, p. 198-202)³ e a “sedução” de Baudrillard⁴ ao afirmar

(...) que a vertigem da sedução, assim como qualquer paixão, reside antes de tudo na predestinação. Somente ela confere essa qualidade fatal que está no fundo do prazer – essa espécie de tirada espi-rituosa que liga antecipadamente qualquer movimento da alma ao seu destino e a sua morte. (2000, p. 127)

Oposições simplistas: o trágico como a morte e a vida eterna – *Uma vez Flamengo/ Para sempre Flamengo/ Flamengo até morrer*. A linguagem expressa que não há problemas cotidianos que não sejam angústias imaginárias. O que repercute no discurso é que não há vida verdadeira senão sonhada, mesmo falando da morte. O sofrimento e a morte não são problemas a princípio, são fatos de que o corpo sabe se defender. O problema aqui e agora é a morte do time, o fracasso – o “Eu” com relação a “meu time”. A atrocidade presente é antecipada pela poética e força a conviver com a tortura continuada da angústia – “*Para Sempre Flamengo*”, “*Eu sou*”, haja o que houver “*Sempre eu hei de ser*”. O torcedor na predestinação da vitória ou da derrota continuará eternamente torcendo pelo time.

Na canção de Marcos e Paulo Sérgio Valle (1973), observamos que passados mais de cinquenta anos, o “Flamengo bairro” já não é mais o mesmo: o mar desapareceu no aterro e o “Clube de Regatas do Flamengo de 1919”, não está mais hospedado em lugares alugados, mas fixado na Gávea como o clube mais popular do Rio de Janeiro e do Brasil. Já estamos apenas no campo específico do futebol que popularizou o Flamengo, pois o remo não conseguiu tal façanha. Assim mesmo, a canção dos irmãos Valle espelha a preocupação com a situação do time apesar do passar dos anos. Os autores remetem para as “Águas de Março” de Tom Jobim e, também para a marchinha de Lamartine Babo, aludindo serem torcedores do *Flamengo até morrer*:

Parece que finalmente, resolvemos o dilema,
 Dario e Doval jogando juntos sem problemas
 Eu como um prato a menos
 Trabalho um dia a mais
 E junto uns trocadinhos
 Pra ver o meu Flamengo
 Que sorte eu ter nascido no Brasil
 Até o Presidente é Flamengo até morrer
 E olha ele é Presidente do País
 Rogério na direita
 Paulinho na esquerda
 Dario no comando
 E Fio na reserva
 E o resto a gente sabe, mas não diz
 E o resto é pau, é pedra, águas de março ou de abril,
 Mas tudo é paz nesse País, nesse Brasil,
 A gente já cresceu
 E é tempo de aprender
Que quem nasceu Flamengo é Flamengo até morrer.

(Marcos e Paulo Sérgio Valle, 1973, grifo nosso)

O discurso musicado não dispensa do sofrer e promete a felicidade, mas esta não se deve ao acaso nem é um presente do destino. Ela se inscreve

na esperança e na nostalgia. A simplicidade da composição é reconhecida no cotidiano. Uma certa ingenuidade que pode ser definida como virtude. Outra percepção é que apesar de trágico, existe um princípio de justaposição desencadeado por uma tensão desagradável, penosa ou de sacrifício (*Eu como um prato a menos/ Eu trabalho um dia a mais*), que se efetua de forma a redundar numa diminuição dessa tensão para a substituição não só por um estado agradável (*E o resto é pau, é pedra, águas de março ou de abril*), mas por um arrebatamento emocional (*Que quem nasceu Flamengo é Flamengo até morrer*).

Existe o lado iluminado da existência em todos os sentidos do termo, o qual constitui a objetivação do instante, entretanto, existe o lado de sombra, escondido, feito de múltiplas e minúsculas situações práticas, onde a produtividade é o lugar da conservação de cada indivíduo. Essa dicotomia não é certamente tão nítida quanto indicamos aqui com relação à cultura brasileira. Ela não é forçosamente consciente, funciona de maneira quase intencional como um saber-fazer incorporado, um mecanismo de defesa. “Na verdade, se o indivíduo é condicionado por esta ou aquela instância – educação, meio ambiente, economia – pode-se igualmente dizer que ele transforma esse condicionamento. A dicotomia entre o diabo e o bom Deus, o paraíso e o inferno, o espírito e a carne – é o exemplo completo e particularmente instrutivo disso (Maffesoli, 1984).⁵ Muitas dessas situações se fazem presentes no repertório das canções do Flamengo, como por exemplo quando Chico Buarque⁶ canta uma homenagem à torcida:

Salve a Torcida

Da lavagem de roupa
Do biscate que transa
Do apito da fábrica
A buzina do fusca
Todos eles trabalham
Todos eles investem
Na poupança pro Mengo
Uma vez por semana (...)

(Carlos Fernando, 1981)

A dupla atitude não possui outro sentido, ela é o indício da transformação que o indivíduo impõe ao seu condicionamento exterior para torná-lo vivível. A paixão como drama, como romance, fantástico e ficção não possuem outro sentido senão organizar um espaço vital, tornando o cotidiano aceitável. Como exemplo, temos Wando na música “*Mengo...*”, onde propõe o verbo “mengar”, de fácil conjugação e arremete para a questão: quem faz a alegria do povo?

Quem é que faz a alegria do povo?
 Mengo!
 Sacode a galera?
 Tem Mengo de novo
 Mengo
 Meu Deus, meu peito vai explodir,
 Meu Deus é muita emoção
 Esse preto e vermelho
 Sacodem meu coração
 Sou forte, fraco, oprimido,
 Sou rico, pobre, sou cor,
 Eu sou delírio, sou massa,
 Raça, ginga e amor,
 Sou brilho, força e magia,
 Sou alegria, sou dor,
 Eu sou o grito de gol
 Eu mengo, tu mengas, ele menga,
 Quem não mengou?

(Wando, 1982)

Podemos sugerir a hipótese de que é graças a defasagens que atuam em todos os níveis – individual, social e coletivo – que se introduzem os diversos enredos oníricos, pelos quais se exprime o imaginário. Neste domínio, como no exemplo acima, assiste-se a um processo de transformação que explica o fato de que, para além da coerção e das imposições, existe também um interesse do aqui e do agora, para o íntimo da trama cotidiana – paixão e drama.

Em suas contribuições para a sociologia do esporte, Elias (apud Garrigou & Lacroix, 2001, p. 39) atribui ao jogo um papel singular no campo das emoções e das descargas das tensões.

Diante de um processo civilizador que imporia o autocontrole das emoções e o distanciamento temporal e ritual da satisfação das vontades fisiológicas e psicológicas, o esporte se torna um campo onde a psique humana poderia operar as demandas tanto do emocionar-se quanto da descarga emocional.

Queremos destacar que, sob esta perspectiva, a marginalidade, a anormalidade, a loucura, a exceção descritas pelos literatos em alusão ao Flamengo encontram seus lugares no transcurso da existência de um bairro e de uma cidade. As histórias e estórias, os contos e anedotas, fantasmas e monstros são excepcionais somente no quadro de uma visão normalizada, asséptica e niveladora da vida cotidiana. Na vida diária, essas histórias constituem o substrato dos “discursos normais” que distanciam o cotidiano da ficção romanesca. Elas desempenham o papel de senhas, sinais de reconhecimento, permitindo a comunicação de base. Trata-se de um discurso paralelo ao discurso político, científico, racional, e que, através dos rumores, dos mexericos, traduz a angústia coletiva do tempo. Lovisolo⁷ defende a idéia singela de que

quando o tempo não passa o tédio se apresenta. O fantástico, o extraordinário forma uma dimensão permanente dos passatempos. É difícil passar o tempo, ir além do tédio sem eles. O esporte tem se dito, é antes, durante e depois. É um passatempo antecipado, presente e se prolonga quando o jogo já acabou. (2000, p. 19-20)

Na verdade, em todos os atos da vida cotidiana existe a possibilidade de um desdobramento, uma expressão de mobilidade existencial no seio da rotina diária que nos leva em direção ao tédio. Introduzir a ficção na vida cotidiana é

uma manifestação de resistência àquilo que nos entedia, que nos deixa sem fibra, sem raça, sem entusiasmo, enfim, que faz declinar o sentimento de estarmos vivos e cujas metáforas, por excelência, são o grito carregado de emoção (drama) e a gargalhada que explode (comédia), sem que os possamos conter. A ficção é vibração. Metáforas da dor e da alegria, da morte e da vida, enfim, a tensão que seja o que for, entendemos como contrária do tédio. Se não houvesse uma carga mágica na vida de todo dia, o aspecto mortífero da automatização, do tédio, venceria a pulsão do querer viver. A maravilha suscitada pela imagem, pelas palavras escritas em verso e prosa, romanescamente vividas existem na medida de seu conteúdo cotidiano. A imagem estranha, fantástica, prospectiva, utópica, utóópica vale pelo que possui de banal.

Ao retomar a canção clássica em homenagem ao Rio de Janeiro – *Cidade maravilhosa*, de André Filho cantada por Aurora Miranda no Carnaval de 1935 – Luiz Ayrão homenageia o clube com *Flamengo maravilhoso* contribuindo para mais algumas dicotomias que, embora explícitas na observação da montagem sobre *Cidade maravilhosa*, recusa a explicar *O que é Flamengo...*, alegando que “*A gente só pode sentir...*” o *Flamengo Maravilhoso*:

Vamos fazer desse samba
 Oração
 E do clamor dessa massa
 Procissão
 Vamos buscar nos sonhos
 Na filosofia, na ciência,
 E na magia
 Explicação pra essa religião
 Flamengo não dá palavras
 Com que eu possa definir
 O que é Flamengo
 Não há palavras com que eu possa exprimir
 O que é Flamengo
 A gente só pode sentir
 Flamengo da dona-de-casa
 Do povo sofrido,
 Do trabalhador

Flamengo do jovem esperto
Da moça bonita e do meu amor
Flamengo do sul e do norte
De toda nação
Flamengo do asfalto e do morro
De Deus e do povo
Do meu coração
Flamengo maravilhoso
Cheio de encantos mil
Flamengo maravilhoso
Campeão do meu Brasil

(Luiz Ayrão, 1982)

O futebol e a religião aparecem, num duplo sentido, o da paixão e da diversão nas palavras do cantor – “*Vamos fazer desse samba, Oração... E na magia, Explicação para essa religião... Flamengo do asfalto e do morro, De Deus e do povo...*”. Estas ambigüidades são repetidas várias vezes de diferentes formas e encontramos sempre a mesma alternância dicotômica, tornando a cair sobre o desespero que é pelo menos um sentimento sistemático de esperança ou o gosto extremo do pela coerência do que já se foi, uma nostalgia, ou ainda pelo fato de convergir palavras por parte do autor da canção que, para expressar o “todo” vive aqui e agora, deslocando os mil vestígios das ações e dos sonhos em foco – o desejo.

7.3 O Desejo: carência ou potência

O retrato da literatura do Flamengo também possui seus furores e suas expensas. Estas nada mais são do que o relevo do prazer e da dor através das metáforas do desejo do bom, do belo e do justo. Signo do corpo tomado e feita linguagem musical. Um signo que nunca é arbitrário, ou vence ou perde, o empate na matemática do jogo não existe sob o domínio dos pontos. A vantagem é para um dos times. “O simbolismo é duplo”, escreveu Hegel⁸ em Estética: “Símbolo: um signo exteriormente e sentido é o que compreende o conteúdo da representação que quer evocar” (1996, p. 470). Assim, o ideal desejado e o corpo compreendem um ao outro pela expressão do discurso, se pertencem.

Existe também um idealismo que não faz esquecer o vínculo do autor da canção como intérprete, não mais do seu desejo, mas do desejo de todos, não mais de suas vontades, mas de todas as vontades. São os ideais que atraem e o desejo imple, cujo idealismo é exemplificado nesta canção:

Flamengo meus olhos estão brilhando
 Meu coração palpitando
 De tanta felicidade
 És uma raça, uma força sem igual
 Oh, meu querido Flamengo,
 Cada jogo uma vitória
 Cada vitória um carnaval
 Preto Velho já dizia àmeninada
 Existe um clube que sacode a arquibancada
 Sua história, sua glória,
 O seu nome é tradição
 A minha maior alegria
É ver o Mengo campeão
 Sou urubu e o que é que há
Sou do time mais querido
 Aquele que faz vibrar
 Clube consagrado pelo povo
 E a galera a cantar, diz:
 Bola pra frente
 Lá na Gávea é assim
 Na vitória ou na derrota
 Sou Flamengo até o fim, oi!
 Sou Flamengo sim
 Por toda a vida
 Zum, zum, zum,
 Zum, zum, zum!
A torcida quer mais um
 Flamengo, Flamengo.

Obs.: Coube à torcida rubro-negra de Barra Mansa (RJ) adaptar o samba enredo de Bala e Manuel, que Wilson Simonal gravou em 1974, com esta letra [Grifo nosso].

O desejo cria um vínculo entre clube e o torcedor. Portanto há um “alto” que é desejado – *vencer*, também há um baixo expressado pela derrota – *amargura / tristeza*, mas não há um meio termo sem o calor da paixão e sem o frio do drama. Existe um combate entre o desejado e o não desejado. Nada está à frente, nem ficou atrás – o que importa é o presente “o aqui e o agora”. Estes altos e baixos criam o drama e estão sempre presentes nas canções do Flamengo. São oposições em toda extensão poética que constituem uma só esperança – o desejo real e o querer vencer. É o universo que balança entre a inclinação vitoriosa (prazer e alegria) e a falha da derrota (dor e tristeza) – a própria paixão.

Podemos sugerir duas hipóteses para o teor do “desejo” encontrado nas canções analisadas:

1 – O desejo em querer é o efeito do objeto governado pelo que o indivíduo visa e que o atrai. Se submetido à lei de sua negação “é o de não ser”, “de não ter”, é o que falta. Os objetivos do “desejo” em termos de “carência” são, segundo Cassirer (2000, p. 33), “a religiosidade, ou ao mesmo tempo, o idealismo e o finalismo”.⁹

Se o desejo é falta de seu objeto, ele só existe para o sujeito, que é ao mesmo tempo sua causa e seu fim, ou seja, todo desejo remete a uma outra coisa que o explica e justifica e finda-se à coisa última – o objeto supremo do desejo – causa das causas e fim dos fins – prazer e dor – (*Vencer, Vencer, Vencer e/ou Ele me mata, Me maltrata, Me arrebatá*). Tudo vem de cima, tudo desce. O baixo tende para o alto à proporção de sua própria carência, porque o alto o atrai e porque provém dele e dele se lembra, dele se afasta e sente saudade – processão (procede) e conversão (converte). O fundo da religiosidade é o desejo como carência que, seguindo a orientação temporal que damos aqui, definimos como esperança e nostalgia (o que buscamos e/ou que não temos mais). (Muitas vezes, observando os poemas, músicas, crônicas do Flamengo, a esperança e a nostalgia se conjugam e se fundem – “*Sempre Flamengo*”. O que será é o que foi, o que virá é o retorno – “*Para Sempre (...) (...) até morrer*”).

2 – A segunda hipótese é o desejo governado por ele mesmo, pelo que ele tem de positivo. Ele não é um ser menor, uma carência, mas uma

potência. É uma força que faz da desejabilidade do objeto o seu efeito e não a causa do desejo que se tem por alvo. O desejo intrínseco que impede: “*Innata potestas*” escreveu Lucrecio, “*potentia conatus*” para Spinoza,¹⁰ não é um objeto que possui valor que é desejado, mas sim, porque é desejado ele possui um valor sem preço – ele gera prazer, como mostram os versos abaixo transcritos:

O meu maior prazer é vê-lo brilhar
 (...)
 Consagrado
No gramado

Ou:

Sou Flamengo, Cacique e Mangueira.
 Sou cacique, sou Mangueira.
 Deixa falar quem quiser, quem quiser.
 Moro na linha do trem
 Sou Flamengo também
 Trago o samba no pé
 Sou eu que desço a avenida
 Carrego a massa e fico prosa
 Durante o dia Vermelho e Preto
 De noite Verde e Rosa
 Isto que é viver
 O meu maior prazer é ver o Mengo campeão
 O cacique e a Mangueira na avenida
 Embalando a multidão
 Mais uma vez
 Uma vez Flamengo, sempre Flamengo.
 Flamengo eu hei de ser
 Sou cacique, sou Mangueira.
 E Flamengo até morrer
 Mais uma vez
 Uma vez Flamengo, sempre Flamengo.

(Luís Carlos/Fundo de Quintal, s/d, grifo nosso)

Há uma amálgama dos valores populares da identidade carioca que se fez brasileira, pois cada sociedade coloca sua marca na festa que lhe está associada, e isso tanto em sua configuração quanto em seu significado.¹¹ Nesta canção, o futebol do Flamengo e o carnaval do Rio de Janeiro, em nome da Escola de Samba “Mangureira”, foram elevados à posição de imagem concreta das qualidades do povo. Suas autenticidades tornaram-se representações da nação, não como um país ou um estado, mas como povo que vem expressar o caráter nacional. A transformação do futebol e do carnaval em símbolos de uma nação mostra que identidade e tradição constituem dois conceitos que se completam.

Esta força da identidade carioca que se fez brasileira é o desejo da afirmação de fundo materialista, o desejo como potência, o desejo como presença. O amor físico, esta alegria plena do instante. Carecer? Jamais! Desejo agora! Amanhã não! Talvez!... Nunca! Mas o desejo presente. Há tão somente alegria, esta força tensa e poderosa. O desejo máximo de potência que, na lucidez do torcedor, não há nada mais que o desejo e, na sua dignidade, ele deseja como merecimento, como expressa Chico Buarque “o que a torcida merece” em *Salve a torcida*:

(...)
Toda jogada bonita merece gol
Por isso salve as bandeiras no Maracanã
Toda torcida cantando merece um fã
Merece amor
Merece gol
Toda torcida cantando merece gol
Merece amor
Merece fã.
(Carlos Fernando, 1981)

Assim, a verdade é ilusória, mas o real é o paradoxo, porque esta ilusão existe como verdade, pois é a própria vida sonhada, desejada e real. Apenas a derrota é a morte e imortal é o prazer da vitória para sempre.

O paradoxo é iluminador quando a fragmentação existencial é desencadeada arremetendo a um desejo de eternizar como a exemplo do bestiário, da iconografia, da poesia, da literatura e da produção jornalística que apreendem amplamente os instantes distintos, sem preocupar com passado nem futuro, unindo o espetacular ao mito que recapitula, recorda, repete, reporta-se, na simultaneidade, àquilo que a história dispersa no tempo linear. Uma mesma história de vitórias e derrotas, obstinada, dramática, singela, obscura, mas o que se deseja é contar a história novamente, *sempre e sempre, até morrer*. Uma luta num processo de luto.

Esse processo de luto está presente no jogo, porque na excitação entre o vencer e o perder está o prazer a conquistar, como segue o poema:

Uma vez Flamengo, sempre Flamengo.
 Vencer, vencer, vencer... [presença – aqui e agora]
 (...)
 O meu maior prazer é vê-lo brilhar [excitação]
 Ele me mata [o drama]
 Me maltrata
 (...)
 Consagrado [o prazer]
 No gramado
 Sempre amado
 O mais cotado
 (...)
 Eu teria um desgosto profundo [dor e luto]
 Se me faltasse Flamengo no mundo
 Flamengo até morrer
 Eu sou

Para Bodei,

este progresso no processo de luto provém de um aprofundamento da relação com os objetos internos da felicidade de os encontrar depois de

os ter perdido. Trata-se de dominar o que se perde, de enlutar-se e aceitar essa ausência de si para si que é a morte. (1995, p. 103)¹²

Para esse autor estamos entre a nostalgia e a esperança.

7.4 Nostalgia e Esperança: romance e religiosidade

Na poética musical do Flamengo, o passado permanece atual no presente e tende a um porvir. Esperança e nostalgia se encontram num lapso do tempo – no aqui e agora – num jogo em que se conjugam a renúncia e o sofrimento, na busca pela satisfação com a permanente ronda de uma dor – a nostalgia que é um prazer, apesar de muitas vezes amargo. Neste contexto, o poeta encontra no “Eu” o meio de superar o que acabrunha. A felicidade e a infelicidade desfrutam o que o mata tanto quanto o que faz viver. Prazer e dor compactuam sua realidade romântica e religiosa. De acordo com Sponville,

(...) romântica é toda estética para a qual a obra de arte é dada, em vez de produzida é o efeito de uma graça, não o resultado de um trabalho. E religiosa, em outras palavras, é toda estética do entusiasmo, isto é, da inspiração e dos transportes divinos, que põe os transe do gênio mais alto que a lucidez do artesão e os mistérios sibilinos que dele emanam mais alto que a humilde e obstinada clareza que compraz à razão (...) que talvez não seja outra coisa que a arte proteiforme de Dionísio, segundo a imagem fornecida pela mitologia grega, que via nele o deus do delírio e da posse, isto é, das forças no homem, meio divinas, meio bestiais, que o superam. (1997, p. 290)

Para este autor, o romantismo é uma concepção religiosa, uma religião sem Deus e que continua sendo religião e que podemos dizer que uma obra de arte, como o poema feito música, alcançou seu finalismo:

Num mesmo movimento de altos e baixos, vida e morte, prazer e dor, alegria e tristeza, são processão e conversão. Se todo princípio criador é superior a coisa criada, à criação é a revelação e nostalgia – refração – a parte e o todo do ditado mágico do poema poetado (Sponville, 1997, p. 297-298).

O autor ainda revela que:

A atração exercida pelo poema é de um dia ter feito eco ao que se é tentado cogitar de uma certa consciência universal, sem a rigor penetrar o sentido de algumas palavras que caíam da boca de sombra dos poetas. Que caíam, porque todo poema inspirado nasce do desejo inconsciente, logo, o inconsciente contém todos os elementos e os supera pela luz. O poeta a tudo sobrepuja – do alto... a sua profundidade. A palavra cai dele como de um céu (processão) e é uma chuva que sobe (conversão). Um repuxo cujo entendimento é uma curva que parece acompanhar. Os versos se elevam e tornam a cair, são retomados com a mesma força num elã interrompido e assim indefinidamente. (Sponville, 1997, p. 298)

Assim, temos que o autor da marcha-hino do Flamengo foi muito sutil e inteligente naquilo que ele deixou como herança, talvez inconsciente, na sua nostalgia ele repetiu, lembrou e rimou, mas nunca da mesma forma o sentimento que o ligava ao “*Uma vez Flamengo, sempre Flamengo*”. Pode até ser cantado da mesma forma, mas cada momento é encontrado incorporado àquele instante característico, presente no cotidiano do time com relação aos simpatizantes inteiramente dependentes da emoção – alta e baixa – como as próprias palavras que compõem os versos relativizam a processão e a conversão:

Uma vez Flamengo, sempre Flamengo
[procede]
Flamengo eu hei de ser [converte]
É meu maior prazer, vê-lo brilhar
Seja na terra, seja no mar
Vencer, vencer, vencer, [procede]
Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer
[converte]

Ou:

Eu sou Flamengo [procede]
E a torcida que se preza
Faz macumba, chora e reza, [converte]
Pro Mengo ser campeão

E ainda:

Oração de um Rubro-Negro
Quem é Flamengo me acompanhe [procede]
Eu vou fazer minha oração.
Um Rubro-Negro
Ganhe ou não ganhe
Deve manter a devoção [converte]
Deus proteja noite e dia
O Mengo
E o conserve campeão
Feche o arco do Garcia
Proteja o nosso Dequinha
E o delicado Pavão.
Me perdoe a exigência,
Porém
Eu sou Flamengo de fato, [procede]
Prenda o passe da moçada,
Para mim não quero nada, [converte]
Pro Mengo, tri-campeonato.

(Billy Blanco, 1955, grifo nosso)

A nostalgia presente é a força que cai e volta expressando uma perda. A história e as estórias automatizam os infortúnios, paixão e drama são primordiais à construção da escrita da poética da canção: uma perda, um pesar, uma lembrança permanentemente evocada como uma coisa do passado, mas toda tendida para o presente (porvir), cujo tesouro é a religiosidade, que permanece central no essencial, no inacessível por uma graça do divino (invoca Deus) se volta por conta própria, ou seja, procede, nasce dele. Essa processão tende tão e somente a se aproximar da conversão e a escrita poética é, ao mesmo tempo, sua origem e seu fim, sua condição de possibilidade é o limite da religiosidade.

A poética efetivada na canção define o autor em seu jeito de pertencer ao clube e, mesmo assim, não anula a si próprio, ou seja, entre religião e religiosidade, o autor como um poeta é um carola sem Deus, um místico sem misticismo, um santo menos a santidade – *“Me perdoa a exigência, porém, eu sou Flamengo de fato”*. Um otimismo largamente antecipado sem ir até o fim da esperança que é a fé, pois, é uma religião inacabada, cuja posição do poeta é ser ateu sem ser indigno.¹³

Se a oposição sagrado/profano mudou o conteúdo, a tal ponto que engajamentos que teriam sido considerados mundanos mobilizam hoje o ardor dos simpatizantes e ativistas, a religiosidade nada perdeu de sua pertinência. Boudon & Bourricard afirmam que “O que subsiste de religio- so em nossas sociedades, a respeito do enfraquecimento da hierarquia ecle- siástica é a pertinência do efeito carismático no qual podem reconhecer três dimensões fundamentais (...)”. E ainda,

Primeiramente, o carisma, que é a marca que dá importância propriamente extraordinária a uma mensagem e à pessoa que dela é portadora. Em segundo lugar, a mensagem carismática, que é um apelo (uma boa nova) emitido para ser ouvido. Portanto ela é ao mesmo tempo princípio de responsabilidade para o mensageiro e fonte de obrigação e de engajamento para o destinatário (...). Enfim, a mensagem carismática é um proje-

to que prepara um futuro. (Boudon & Bourricard, 1993, p. 470-471)

Quando o autor do hino do Flamengo diz “Eu” e “Ele”, envolve-se por inteiro em seu discurso. Como sujeito, ele assume e se compromete com a fala e com o time. Expõe os sentimentos e enuncia fortemente sua posição – aqui e agora – o desejo de vencer, vencer e vencer, se isto não acontecer o poeta “morre” com o time, ou o “Eu” se finda em “Ele” e finalmente, seu discurso cria um vínculo, uma relação comprometida com o público.

A consumição e a comoção emotiva de “*Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer*” sugere uma paisagem autônoma da natureza, onde a cena se transforma e ganha sentido, animando a ação serena e trágica do corpo num jogo de sons e tons. Na marcha-hino, essa paisagem se torna o pretexto para expressar sentimentos de alegria, tristeza, piedade, drama, uma profundidade quase indivisível – poeta e poética se pertencem. A rima simples e ricamente explorada num jogo de improvisação e experimentação tão intenso, que a quebra de convenções gestuais subordina a criação de continuidade e a interpretação aos propósitos dramáticos, na tentativa de convencer o torcedor da realidade dos acontecimentos, convidando-o a decifrar o mistério, participando do jogo da multiplicidade das máscaras da alegria e da tragédia. O autor se acusa e triunfa saindo da artificialidade, para se fazer pertencer ao jogo das palavras.

É na encenação da vida cotidiana, apreciada nos discursos dos autores analisados que, do mais grotesco ao mais patético, na ordem do produtivo ou na ordem do lúdico, assistimos a um encaixe de sobressaltos e situações maleáveis e pontuais que obedecem menos a uma construção intelectual do que a uma figuração imaginária ou imaginal, ao mesmo tempo, contraditória e constituída na aparência, ou seja, repetindo a teatralidade de todos os dias, o trivial, o diário, a própria banalidade, remetem ao misturarem palavras, papéis e cenas à essência de todo projeto de vida.

Podemos apreciar essa observação de modo metafórico em outras alusões ao Flamengo. As palavras repetidas, encontradas na origem do verso, do ritmo, do dito agudo e espirituoso permitem uma organização social

que não pode ser considerada como um modelo a realizar, permanecendo a referência para a tradição de uma urbanidade, que mesmo em sua crueldade e em seus excessos, se faz harmoniosa. Ora, as conotações das palavras encontradas, por exemplo: “*Vencer, vencer, vencer, (...) Ele me mata, Me maltrata, Me arrebatata (...) Consagrado (...) Sempre amado (...)*” (nos ditos populares, nas quadrinhas, nas frases, nos versos e no vasto *corpus* de provérbios e vaticínios), constitui o fundamento da teatralidade.

O próprio traçado da repetição, se tentarmos representá-la visualmente, recai sobre si mesmo, desenha uma figura, não existindo um fim a ser alcançado, mas um espaço a ser arranjado. O vaivém, as evoluções espaciais da repetição fazem pensar num cenário que se coloca e vai permitir o transcurso do poema e a repetição do teatro, que é o cadinho do parecer social. Teatralizando, poetando as coisas e pessoas, o Flamengo se apresenta em seus aspectos vários e móveis, não se constituindo em arestas compartimentadas, mas em múltiplas facetas que podem se articular, se acomodar entre si e perante o social.

Na cadeia sem fim das palavras repetidas, a dialética do reconhecimento que se funda, a sociabilidade se realiza concretamente. Neste sentido é que a teatralidade e o espetáculo não são acréscimos relativamente secundários, mas a cola, o cimento, o apoio, o elo capaz de permitir que o conjunto social seja um todo, mesmo que contraditório, mas ordenado. Nesta perspectiva, o que se pode dizer é que o discurso musical não constitui um domínio separado – encontra-se estreitamente imbricado na vida de todos.

O que chamamos de encontros de casualidades na relação afetiva da linguagem poética das canções, mais simplesmente, tudo o que possui o traço da vizinhança ou que é da ordem da relação, sem falar desse complexo altamente trágico que é a família, tudo isso constitui uma encenação mais ou menos consciente, onde se misturam num conjunto fragmentado, o grotesco, a tragicomédia, ou mesmo o patético e o épico. A crônica banal dessa vida diária é um terreno rico e diversificado que abriga todas as informações necessárias a uma análise da sociabilidade.

Sem dúvida, poderíamos sustentar mais algumas verossimilhanças, como por exemplo os termos carregados de sentido, que bastaria empregá-

los uma única vez para colorir o texto. Os autores das canções utilizam expressões que relacionam as fantasias e as tensões fundamentais dos torcedores e simpatizantes com o nome do time/ clube e suas cores. As letras das músicas e a entoação, entre outras coisas, são a substância das expressões que ligam os autores aos torcedores em torno dos seus times preferidos.

Lovisoló (2001, p. 90) associa a uma corrente o vínculo entre jogadores e torcedores. Para este autor,

(...) Entramos no jogo competitivo, embora seja na rua, para ganhar ou ganhar. Por não sermos profissionais não teremos outros custos se perdemos. Mas, o próprio profissional, quando ainda avaliado como tendo o melhor de si mesmo não é punido, nem ainda quando seu time perde. Há uma certa generosidade entre os torcedores que não raro afirmam: o time jogou bem, perdemos por azar; e uma corrente que mistura tristeza, carinho e solidariedade vincula jogadores e torcedores.¹⁴

O futebol no Brasil representa uma identidade democrática, pois quem não joga assiste, participa, vive, chuta junto, vibra, chora, joga na praça, vê o jogo da praça, do campo da pelada, da várzea, na praia, porque quem assiste é porque também ele acontece em qualquer lugar e a qualquer hora do dia e da noite. Ele pertence a todos e, acima de tudo, quem não joga torce por algum time. O futebol é acima de tudo um jogo esportivo. Vigora mais a civilidade do que a regra. Releva mais a glória do time do que a sua própria vitória na vida, como cita a canção “*Flamengo Maravilboso*” de Luiz Ayrão: religião é meu time. Oração é bandeira. Ora-se para conjugar o risco da ferida narcísea que o fracasso imporia, pois do jogo depende seu ser, que no cotidiano do agora se expressa em nome do clube como em “*Sou Flamengo*”.¹⁵

Eu sou Flamengo
Não desfaço de ninguém,
Mas em cinco brasileiros

Seis fãs o Flamengo tem¹⁶
 Sou fã do clube
 Não sou mascarado
 E acho que o jogo
 Se decide no gramado
 Eu não dou bola
 Quando o jogo é para valer
 Sei ganhar, não sei perder,
 Sou doente meu irmão.
 Eu sou Flamengo
 E a torcida que se preza
 Faz macumba, chora e reza
 Pro Mengo ser campeão.

(Pedro Caetano e Carlos Renato, 1954.)

O torcedor torna-se, de repente, o jogador, o árbitro, narrador, tudo ao mesmo tempo. Há quem transforme em pinturas de rua, esculturas de barro. Há quem cultive e apreenda ídolos, colecionando figurinhas, recortes de revistas, selos, camisas, *souvenirs* revestidos de fantasia, escudos, “pinces” e os personagens viram totens da sociedade a que cada um pertence. Gilberto Freire (1998, p. 339) já falava que “(...) por trás da instituição considerável que é o futebol em nosso país, se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca de sublimação”.¹⁷

Mas é nas palavras de Reynaldo Alvarez¹⁸ que encontramos um exemplo típico desses impulsos:

(...) o mago, o ritinido,
 O rebelado e bom – o grande quadro
 O coração na glote, a espinha freme.
 Eis o sol, eis o céu, o som, o censo.
 Asfixiado amor, paixão sorvida,
 Cores na artéria, sobressalto no olho.
 Teu nome recupera as margaridas,

Revolve a água sombria o claro nome,
Estilhaça o morrer, semeia o Rio.

(Cidade em Grito – Nação Rubro-Negra, 1990,
p. 328.)

Na expressão do autor, um turbilhão invade e confunde o torcedor. Ao mesmo tempo, a identidade e o pertencimento encontram-se incrustados nos versos do poeta. A identificação do povo com os jogadores e o clube é integral, na euforia todos gritam na primeira pessoa: “*Vencemos*”.

Há quem diga como Décio de Almeida Prado: “Existem poucos prazeres comparáveis ao pular e gritar com a multidão, comemorando um gol que passa a ser de todos, por direito de contigüidade emocional” (Coutinho, 1980, p. 370). Torcida, paixão, euforia, fúria, embriaguez. Estes elementos elaboram uma tensão claramente evidenciada pela demonstração dada à criatura: o torcedor. Aquele que torce, se retorce, se contorce, como se seu corpo fosse uma caixa de ressonância, reproduzindo e ampliando cada movimento, gesto, esforço, violência ou façanha desempenhada no campo, como cita Álvaro Moreira:

(...) o futebol é o sonho e o devaneio, é o instante mágico da criação em que o jogador em transe recebe do divino a graça dos anjos e a benção dos deuses do estádio. Neste momento, como na dança, os pés desenham no gramado a saga dos artistas mortais, e a platéia extasiada em delírio, explode coletivamente, libertando seus desejos mais reprimidos. Ser, pertencer, torcer por algum clube. Ser Flamengo, por exemplo. Estirpes, classes, castas? Equívocos mania de fichar! Ser Flamengo! Por quê? Como?

Todos arrumamos ou desarrumamos a vida.
Alguns sofredores. Nenhum culpado.

Filhos de Deus.

Gosto de todos, mas sou Flamengo. Ser Flamengo é ser eternamente moço, sem geléia real. Sem novacaína, pílulas, gotas, poções.

Na alegria de estar juntos do povo. Andar, feliz, com pobres e ricos, com os que possuem o encanto da gente carioca, dizendo as coisas mais sérias com ar de riso, coração aberto, inteligência acesa. E tocando para frente, firme e legal.

Ser Flamengo, graças a Deus, ter sido amigo de José Lins do Rego, ser amigo de Ary Barroso.

Uma história de outrora conta que o homem feliz não tinha camisa. A história deste tempo conta que o homem feliz veste a camisa: a camisa do Flamengo.

(“Flamengo em notícias”. Álvaro Moreira, Rio de Janeiro, 4.10.1964, p. 7.)

As maneiras de falar do discurso ou de entoar o canto não são ausentes de sentido, para além de sua aparente neutralidade, revelam estruturas mentais diferenciadas, modos de perceber e de organizar a realidade, denominando-a uma espécie de “luta” contra um “inimigo” ou “adversário” aterrador invisível. Tratando-se de uma mesma batalha, os autores assinalam e delimitam o campo de suas simpatias, interesses e paixões, frisando as passagens espirituosas e outras simples e serenas. Nas canções traem-se os preconceitos e os tabus por seus estereótipos e silêncios. Os resultados são particularmente convenientes, no sentido de que a identificação da fala do autor com o clube pertence à norma para a qual devem tender os filiados como revela a canção *A fera*.

Mengoooooooooooooooo!!!
 No peito e na raça
 No jeito da massa

Eis a história do **Mengão**

No canto do povo

Se ouve de novo:

Salve, salve o campeão

E sempre após os momentos de espera

Se ouvirá por todo canto do país:

Você Flamengo é a fera

Que faz a galera

Contente e feliz.

(Roberto Ney, 1979; cantor: Oswaldo Nunes.
Grifo nosso.)

A nenhum clube terá sido dedicado maior número de composições musicais. Talvez nenhum possua mais legendas e dísticos: Mengo, Mengão, Fla, Fra, Rubro-Negro, Flamengo, entre outros. Tantas as camadas de maior gabarito mental ou social como as legiões populares que se inflamam na defesa das suas cores parecem sempre inspiradas para a frase adequada, para o dito espirituoso, para o revide escrachante. Tais manifestações não se verificam apenas nos instantes de euforia das vitórias e glórias, como descreve Alencar (1970, p. 178):

O torcedor flamengo é o único “talvez” a não diminuir o seu entusiasmo, a não deixar esmorecer a sua flama. Não foge da liça. Não arrepia carreira. Se for sócio não rasga a carteirinha. Não enrola a bandeira. Sabe, e como, enfrentar a adversidade. E o mais curioso: não se humilha nem se abate com o insucesso. Ao revés, aqui e ali o proclama, alto as reservas de coragem e confiança da inesgotável e valorosa torcida. (...) as derrotas Rubro-Negras, na pior das hipóteses, dão sambas ou pileques. Mas dão principalmente uma constante esperança nas pugnas de amanhã. Um desejo de desforra que é meia vitória. Este segre-

do, o quase privilégio do Mengo, louvado seja São Judas Tadeu. Assim, *o clube da força de vontade, da camisa que joga, da grandeza até na adversidade, é também o clube da alegria. Por isso mesmo, o mais carioca da terra carioca.* (grifo nosso)

O futebol do romance, do pertencimento na evocação de um mesmo nome na multidão, cuja identidade de valores, de ser, torcer e expressar o nome do clube contribui na afirmação do brasileiro como povo. Do carnaval, do samba, do fascínio por este esporte, num país com a riqueza e a diversidade cultural do Brasil, todos os temas do cotidiano acabam encontrando sua tradução nas expressões artísticas. Mais do que refletir a visão desses artistas e intelectuais sobre o esporte mais popular; utilizamos suas canções dedicadas ao Flamengo para consolidar a estimativa qualitativa na compreensão da abrangência da popularidade do time de futebol do clube.

Na utilização das imagens que as canções apresentaram, não tratamos aqui apenas do enfoque de um jogo esportivo, mas de uma demonstração que situa o futebol como uma das mais importantes manifestações da maneira de ser brasileiro, tal como se mostra no conjunto da nossa cultura: no romance e nas músicas, mais precisamente na poética das canções. Da cultura de massa à erudição acadêmica, na articulação deste esporte nos três níveis: no erudito, popular e de massa, passamos aos carnavalescos e poetas que contribuíram para a invenção popular do Flamengo.

Notas

¹ BERLIN, I. *Vico e Herder*. Brasília: UNB, 1982.

² Na realidade, nem mesmo o pensamento mais abstrato pode deixar de recorrer às metáforas, por mais que não se reduza completamente a elas. Qualquer afirmação tem, pois, sentido porque corta na perspectiva de um universo simbólico simplesmente pressuposto. Para Bodei, “(...) enquanto os conceitos têm a ver, pois, com a consciência focalizada, as metáforas, ao contrário, referem-se ao mundo da vida, são golpes de luz transversal que iluminam nexos significativos não analisáveis diretamente. As metáforas gozam, pelo contrário, da ambigüidade de ter um âmbito de

referência extremamente vasto, de poder, no limite, conectar-se com o mundo da vida em toda a sua extensão, mas pagando este benefício com uma imprecisão maior” (BODEI, R. *Filosofia do século XX*. São Paulo: Universidade Sagrado Coração, 2000, p. 224-225).

³ BODEI, R. La arqueología del querer: primera sección / coherencia y autocontrol – coherencia y constancia: pasiones y deseos. In: *Geometría de las pasiones: miedo, esperanza, felicidad – filosofía y uso político*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

⁴ BAUDRILLARD, J. *Da sedução*. São Paulo: Papirus, 2000.

⁵ MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, esp. o cap. IV.

⁶ A interpretação de Chico Buarque é antológica e se incorporou a uma espécie de antologia do Flamengo, como uma das melhores músicas populares dedicadas ao Flamengo. No LP “*Sempre Flamengo*” da Som Livre, feito especialmente para homenagear o Campeão do Mundo de 1981, consta essa música. Documento que, ao lado das músicas, possui depoimentos de Cyro Monteiro e de Zizinho, além da narração de um gol de Nunes por Waldir Amaral, constam desse LP: *Piranha*, hino oficial da embaixada das Piranhas de Armando Fernandes, Castro Barbosa, orquestra e coro RCA (1937); *Coisas do Destino*, de Wilson Batista Vassourinha (1942); *Depoimento de Zizinho*; *Memórias de Torcedor* de Wilson Batista e Geraldo Gomes, cantada por Aracy de Almeida (1946); *Sempre Flamengo*, de Lamartine Babo (1953); *Quatro Azes e um Coringa* (1945), *Depoimento de Cyro Monteiro*, *Ser Flamengo* de F. Gomes, Bruno Gomes e Ayrton Amorim e canta Geraldo Pereira (1951); *Samba Rubro-Negro* de Wilson Batista e Jorge Castro – canta Jorge Benjor (letra atualizada com os nomes dos jogadores); *Vitorioso Flamengo* – compositor e intérprete Moraes Moreira; *Salve a Torcida* de Carlos Fernando, canta Chico Buarque; *Torcida no Maracanã* (decisão de Flamengo e Vasco, em 06.12.1981, narração de Waldir do Amaral e cor da galera: *Campeão, Campeão* e *Sempre Flamengo*, de Lamartine Babo – Orquestra e cor; CID.

⁷ LOVISOLO, H. Esporte competitivo e esporte espetáculo. In: MOREIRA, W. W. & SIMÕES, R. (org.). *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: UNIMEP, 2000, p. 15-24.

⁸ HEGEL, G.W.F. *O belo na arte. A poesia descritiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁹ CASSIRER, E. A evolução das idéias religiosas. In: *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2000. Este tema também é tratado por SPONVILLE, A. C. Os labirintos do eu: o sonho de Narciso/ Os labirintos da arte: um

grande céu imutável e sutil. In: *Tratado do desespero e da beatitude*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. E ainda por LÓWY, M. *Romantismo e messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

¹⁰ BODEI, R. La gran esperanza: virtud, sentimiento e interés. In: *Geometría de las pasiones: miedo, esperanza, felicidad – filosofía y uso político*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 367-370.

¹¹ Ver HOBSBAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 271-316.

¹² BODEI, R. Amor mortis: rumiar de las pasiones/ La filosofía como meditación de la muerte. In: *Geometría de las pasiones: miedo, esperanza, felicidad – filosofía y uso político*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

¹³ O desenvolvimento recente das “religiões seculares descentralizadas” ilumina retrospectivamente a evolução do conteúdo da tradição religiosa. Essa tradição, de início, talvez diga respeito principalmente à natureza física da qual, através dos ritos mágicos e dos relatos místicos, ela constituiu uma primeira e frágil tomada de posse. Assim, num outro exemplo, com a religião formou-se entre os gregos uma noção de destino trágico do homem, submetido ao combate dos deuses e de suas próprias paixões – também incompreensíveis para ele – e entre os hebreus, a noção de uma lei que fundamenta as obrigações num pacto com Deus. A síntese cristã combinou esses diversos elementos, reorganizando-os, já que os associa numa teodicéia, numa filosofia da história e numa moral (cf. WEBER, *Economia e sociedade*. Brasília: UNB, 1999, p. 323-407).

¹⁴ LOVISOLO, H. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R.; SOARES, A. J. & LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

¹⁵ O choro *Sou Flamengo*, de Pedro Caetano e Carlos Renato, gravado por Jorge Veiga..

¹⁶ Esses versos (apenas os versos) foram incluídos pelo cantor Simonal na composição *País tropical*, de Jorge BenJor (adiante transcrita).

¹⁷ SOUZA, J. et al. *Futebol-arte: a cultura e o jeito brasileiro de jogar*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

¹⁸ ALVAREZ, R. Cidade em grito. Em homenagem ao Flamengo. In: COUTINHO, E. *Nação Rubro-Negra*. Fundação Nestlé de Cultura. 1990, p. 328.

.8.
**FLAMENGO DOS
CARNAVALESCOS AOS POETAS**

8.1 O Carnaval do Flamengo: paixão e diversão

O carnaval constitui parte das interpretações da cultura brasileira, com grande destaque, por exemplo, na obra de Roberto DaMatta (1982).¹ Um berço histórico e interpretativo do carnaval foi o da cidade do Rio de Janeiro, com seus famosos banhos de mar à fantasia, as marchas e o desfile das escolas de samba. Dos temas consagrados a esta festa não ficaram de fora as críticas ao social, ao político e ao econômico, mas também não estaria completo se não fizesse jus à paixão pelo futebol, aos seus ídolos e suas instituições clubísticas preferidas como, por exemplo, o Flamengo.

Para Alencar, “o hino do clube tornou-se uma das marchas carnavalescas preferidas pelos torcedores” acrescentando que

(...) de qualquer forma o carnaval do Flamengo tem suas tradições. E uma delas eram os animados banhos de mar à fantasia que se realizavam no local fronteiro à sede 66/68, antigo 22, com extraordinária concorrência. Vinha gente dos bairros e subúrbios. Possuíam blocos como: “Eu Sozinho”, “Tenentes do Diabo”, “Uma Vez

Flamengo, Sempre Flamengo”, “Piranhas e Flamengos de Verdade”, “Guarda Rubro-Negra” e outros tantos, animavam e disseminavam o hino do clube, mais tocado e ouvido em todos os carnavais do Rio, no Municipal e Brás de Pina. (1970, p. 207-8)²

Seus bailes de carnaval foram, no passado e no presente, festas exuberantes de paixão e divertimento.³ O carnaval do Flamengo e a tradicional *Guarda Rubro-Negra* inspiraram o compositor Naylor Sá Rego (Yoyô) a compor o hino do mesmo nome que animou a festa de 1938:

Somos da Guarda Rubro-Negra
Cheios de esperanças mil
Pertencemos ao Flamengo
O mais querido do Brasil.
Estamos sempre alegres
Na folia, nos esportes,
Quer de terra quer de mar
E por isso é que a Guarda
Está sempre na vanguarda
Nesta vida salutar
Estamos sempre unidos
E a tudo resolvidos
Em defesa ao pavilhão
Uma vez Flamengo, sempre;
Uma vez Flamengo, sempre
Flamengo do coração

O destaque da canção gira em torno das formas da identificação (*Somos da Guarda Rubro-Negra*) e do pertencimento ao clube (*Pertencemos ao Flamengo*). Apesar de todos os fatores centrífugos:⁴ alegria, tristeza, prazer, dor, amizade e inimizade, agressividade, conflito e individualismo, observa-se uma força de atração inegável. Trata-se de um processo estruturalmente duplo: de um lado, as alternativas anunciam que está presente a paixão pelo clube, como vemos na estrofe:

Estamos sempre unidos
 E a tudo resolvidos
 Em defesa ao pavilhão
 Uma vez Flamengo, sempre
 Uma vez Flamengo, sempre
 Flamengo do coração

E, do outro lado, na sua verbalização pode fazer referência à representação que tem a sua disposição e que emprega com coerência um divertimento sadio:

Estamos sempre alegres
 Na folia, nos esportes
 Quer de terra quer de mar
 E por isso é que a Guarda
 Está sempre na vanguarda
 Nesta vida salutar

Podemos notar que numa aglomeração estudantil, uma greve ou uma manifestação causalística, nesse ou naquele meio profissional, vão utilizar um conjunto de reivindicações racionais e funcionalistas, enquanto que nas adesões esportivas e religiosas a preocupação essencial é o desejo de estar-junto e o prazer lúdico de exprimi-lo.

As músicas carnavalescas utilizadas como matéria-prima desta análise não se restringem unicamente ao carnaval do clube. A emoção coletiva dos simpatizantes e ativistas do Flamengo marca a história da cidade do Rio de Janeiro pela vestimenta, os hábitos e comportamentos juvenis, na composição das cores do clube e, certamente, nas músicas populares e de carnaval dedicadas a ele. As letras destacam um valor subjetivo em torno do qual se agregam os torcedores do futebol, pois no seu conjunto, as ações, os sentimentos, as paixões, os preconceitos que regem as relações sociais são relevadas em favor da diversão. Os bailes e o desfile de rua são organizados diferencialmente pelos componentes das classes, podendo comportar a adesão de classes diferentes, mas dificilmente todas as classes costumam entrar nas festas dos clubes. O que ocorre, entretanto, no carnaval é o

compartilhamento do espírito lúdico, do gosto pela dança e pela música, do culto da alegria e do esquecimento da realidade da vida por todos que participam dos festejos. Em vários eventos de rua, todos dividem o mesmo espaço, dançam, cantam e tocam juntos instrumentos musicais sem aparente discriminação de raça, idade, sexo ou classe.

Tanto o carnaval quanto o futebol, no Brasil, são produções pluriculturais e pluriétnicas que se consolidam como festas populares de ampla participação durante o processo de urbanização do Rio de Janeiro na virada do século XX. A introdução de elementos da cultura africana – como a música e a dança – realçou o estilo da festa. Os traços das culturas européia ocidental e africana convivem até hoje, sendo claramente perceptíveis nos desfiles das escolas de samba e nas comemorações futebolísticas que envolvem os clubes esportivos. Nesta perspectiva, o futebol e o carnaval para DaMatta seriam populares no Brasil “porque permitem expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepções e elaborações intelectuais com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos”. Segundo o autor,

Numa sociedade internamente dividida em múltiplas esferas, cada qual com uma ética diferenciada, e até mesmo opostas (embora complementares entre si), instituições que permitem essas junções da casa com a rua, do cidadão com o pai-de-família, do membro do governo com a massa de pessoas da cidade, dos deuses que tudo sabem e podem com os homens que pedem aqui em baixo, são instituições fadadas ao sucesso e a servir como meios privilegiados pelos quais a vida se define com sua força e sua plenitude em sociedade como a brasileira. Se tudo, então, conduz à divisão do universo social no cotidiano, carnaval e futebol e as festas em geral juntam todas as coisas, permitindo, por um momento, ver o mundo repartido por meio de “escolhas”, desempenhos e leis universais. (1982, p. 40)⁵

Cada autor, a seu modo, justifica o aspecto, ao mesmo tempo fundamental e existencial, de uma perspectiva? Trabalharemos com a hipótese de que o Flamengo começa a ser reconhecido, como parte da tradição local e nacional, a partir do momento em que passa a ser referência de um evento do mesmo nível no eixo das músicas do carnaval. Enquanto as canções estavam somente destinadas a enaltecer o clube, permanecia num território restrito de simpatizantes, ativistas e torcedores. Como enredo do carnaval mudam-se as perspectivas e o clube torna-se público e parte da tradição carioca e do carnaval como tradição nacional.

É preciso insistir no aspecto heurístico destas proposições. Não é um modelo que permite estabelecer leis sociológicas fixas, mas antes uma hipótese ou instrumento, elaborados a partir de elementos que, embora heterogêneos (futebol e carnaval) não deixam de se ajustar entre si. Talvez o que Max Weber⁶ chamava de “efeito de composição” no deslocamento dos símbolos festivos e das práticas da fé cristã: os primeiros seguem caminhos próprios, derivam, obedecem reempregos diferentes, como se as palavras das frases musicais se dispersassem sobre a página e entrassem em outras combinações de sentidos. Já a linguagem cristã funciona como representação de insígnias sociais, professadas por aqueles que assumem alguma pertença religiosa ou legitimada por quantos reconhecem a religião como referência social (Freund, 1987, p. 196-200).⁷ Trata-se de efeitos de composição que assumem a forma de efeitos de soma: considerando que os indivíduos se encontram numa mesma situação, todos se comportam ou tendem a se comportar da mesma maneira, o que acarreta um efeito agregado, ou seja, a agregação dos comportamentos individuais que podem produzir efeitos *sui generis*, não obstante, em sua simplicidade, esses efeitos de soma sejam de importância crucial para a análise sociológica. São, na realidade, fundamentais quando afirmamos que os fenômenos sociais mais importantes são geralmente o efeito de uma soma de comportamentos. A noção de efeito de composição, que possui o atrativo da simplicidade, é o efeito desencadeado de forma inteiramente voluntária e assumido de bom grado por aqueles que os produzem. Consiste com frequência em tomar medidas que incentivem o cidadão a servir o interesse geral, seguido do seu interesse particular.

Para nossa intenção de análise, interessam as questões levantadas e o reemprego destes pontos de vista na linguagem social diversificada e esten-

dida a outros campos do discurso poético das músicas carnavalescas, da afetividade, da paixão e emoção, interpelam-se fortemente. Quanto à religiosidade, requer perspectivas de análise que enfatizem essas especificidades, sem as quais pouco ou nada se avança no acompanhamento do deslocamento de fronteiras entre os campos de pensamento e ação, como o social, o religioso e o emocional, transformando o Flamengo parte da tradição carioca na expressão das músicas carnavalescas.

A modernidade, fruto das transformações tecnológicas e sociais, assim como as formas de aderir aos grupos sociais apresentam novas formas de adesão que compõem o sistema de significados incorporados nos símbolos que formam a crença na coesão grupal pela qual a sociedade é responsável. Levando-se em conta os agrupamentos que o pluralismo dá lugar, notamos que esta reflexão sobre a modernidade exclui a religião produzindo, ao mesmo tempo, formas renovadas de religiosidade. Estas precisam ser consideradas a partir da relação entre religião e culturas particulares às formas de linguagens da organização social na qual se apoia a elaboração da nova religiosidade no interior da sociedade.

No caso do carnaval e do futebol, o discurso assume uma dupla função: a doutrinária-espiritual e a político-ideológica, mostrando a eficácia da linguagem metafórica na mobilização do imaginário popular. A eficácia dessa linguagem metafórica musical coloca as questões levantadas no capítulo anterior, concernentes tanto às distintas relações com a linguagem e com o mundo quanto às pessoas integrantes dos espaços de socialização. Estes laboratórios comunitários onde ela (linguagem) se constrói e os segmentos da população aqui considerados (os carnavalescos e os torcedores de futebol do Flamengo) expressam um “efeito de composição”. O aspecto importante desse processo é o fato de que a linguagem religiosa, cada vez mais usada entre os fiéis, prolifera em outros setores, fornecendo-lhes símbolos e metáforas.

O futebol brasileiro, sem dúvida, faz parte de uma evolução moderna de caráter inteiramente profano. Sente-se, entretanto, sua secreta tendência a ritualizar sua orientação para as esferas de sentido que parecem lhe caber. Isso não é de se estranhar onde são mobilizadas as paixões tão profundas, onde tanta coisa está em jogo e a deusa “fortuna” tem influência tão decisiva, ou seja, para uma imensa torcida, como a do Flamengo, a vitória do seu

time, que se transmite para o grupo inteiro, significa um triunfo coletivo e, ao mesmo tempo, uma revelação do curso feliz das coisas. Assim o jogo torna-se objeto de um cerimonioso coro alternado de cantos de escárnio e zombaria, se um grupo ganhou, faz parte do ritual da torcida vencedora gozar a derrota do outro, que dias a fio ostenta a “cabeça inchada” e, acima de tudo, dar vazão a esse gozo em refrões.

Participar desse jogo da torcida é obrigação séria do cidadão integrado, quando se considera a imensa carga de sentimento que se irradia da torcida para os times, entende-se que eles busquem abrigo em esferas sobrenaturais, para se certificarem da estimulação benévola, num lugar onde tanta coisa depende do acaso e da sorte. Forças manifestamente míticas ou para que caiba ao adversário o desfavor de forças demoníacas. O sincretismo das entidades invocadas é característico, os mesmos São Jorge, Santa Bárbara, São Borja, São Damião ou São Cipriano que, antes do jogo, fazem promessas na igreja e o sinal-da-cruz quando entram em campo, realizam, ao mesmo tempo, gestos mágicos que influenciam magneticamente a bola e traçam linhas misteriosas para fechar o gol. (Às vezes equipes inteiras, antes que o jogo comece, são objetos de rezas e defumações.)

Na análise comparativa das canções carnavalescas, cujo destaque é o próprio torcer pelo clube, parece que os autores escapam cada vez mais do utilitarismo que foi o estilo da modernidade que, segundo Baudelaire (1997),⁸ deveria nos incitar mais a representar as utilidades, porém observa-se uma certa resistência para com esta realidade. Sua imbricação estreita na construção de uma sociedade complexa, onde todos os elementos interagem uns com os outros, o simples princípio causal não vem mais ao caso, bem como o finalismo racionalista, mas uma estética que ronda o sonho e o prazer no imaginário popular.

Lovisolato relata que “(...) o próprio Spencer considerava que a utilidade era uma tendência e que o estético era dominante e, (...) desde Smith trata que nos guiemos pela utilidade, contudo, parece que resistimos”. Acentua que

Há uma poderosa valorização em Spencer da saúde entendida como vitalidade, como alegria de viver, como energia que flui adequadamente sem

travas. Há também uma valorização da fisiologia e da higiene. Entretanto, quando chega a vez de formular regras práticas, Spencer inclina-se por aquelas que distanciam da dor e aproximam do prazer e da felicidade. O hedonismo e o utilitarismo de Spencer poderiam ser interpretados rapidamente como funcionais, para uma sociedade de mercado. Uma hipótese dessa natureza tem seu trânsito bastante garantido em nosso meio intelectual, sobretudo quando domina o funcionalismo crítico de raiz marxista. Contudo, as coisas não parecem ser tão funcionais assim. O jogo e o esporte pareceriam sugerir um modelo alternativo, dominado pelo prazer, pela emoção, pela não-utilidade e pelo imprevisto, enfim, pela abertura para a criatividade que foram, de forma bastante romântica, imortalizados por Huizinga. (...) se desde crianças acostumamo-nos a atividades que dão prazer, que são estimulantes, como suportaremos, quando adultos, o trabalho rotineiro, repetitivo, não estimulante, nem prazeroso? (2000, p. 64-65).⁹

Para Bodei, “assiste-se à volta de um tempo imóvel, de um presente eterno: o do mito e do simbolismo”, acrescentando que:

Na nova metafísica da idade moderna, não mais baseada no reflexo das presumidas estruturas objetivas do mundo, o mito é produzido pela vontade de acreditar, constitui uma máquina que captura e articula combinações de novas energias inconscientes e as emoções dos homens com vistas a ações e sublevações sociais. Ele não está ligado a nenhuma prova de realidade ou coerência lógica, mas somente aos desejos de redenção, das paixões, das aspirações e das lutas das multi-

dões na imanência de mudanças radicais: “os homens que participam dos grandes movimentos sociais concebem sua próxima ação sob forma de batalhas, da qual sairá o triunfo da própria causa”. Por meio de um falso movimento descobre-se o essencial no inessencial, fixando o centro de nossos interesses na periferia da vida cotidiana: no marginal, no excêntrico, nas possibilidades não saturadas que nos chegam como um dom ou como resultado de uma atividade não inteiramente nossa, não inteiramente desejada – a aventura, os sonhos, as obras de arte – atravessando espaços logicamente intransitáveis. Transpõem-se com o desejo as paredes do espelho que separa o real do imaginário, penetra-se num mundo sem espessura que parece mais significativo do que aquele tridimensionalmente e efetivamente que vivemos. Estabelece-se um jogo de proximidade e de afastamento. Somos impelidos para a zona de irrealidade voraz ou de desrealização que satisfaz, para uma ilusão mais verdadeira que toda a realidade que nos circunda (verdadeira no sentido perceptível ou lógico, mas enquanto nos agrada, porque a intuimos como lugar de realização de possibilidades inatingíveis no mundo). Abrem-se janelas de sentido imprevistas e improváveis, mundo e enclaves extraterritoriais à realidade e ao tempo cronológico, que aludem a uma outra existência mais digna de ser vivida, a uma pedra preciosa engastada na banalidade do cotidiano, a uma eternidade como “cessar das relações temporais”. (Bodei, 1997, p. 27)¹⁰

Essa sinergia atuante na interpretação das músicas carnavalescas sobre o Flamengo é a realidade mítica ou a surrealidade sendo, antes de tudo, um símbolo vivo e é nele que se vai buscar as motivações? Há, em elementos como

o futebol e o carnaval, uma parte de sonho que se reconhece na troca simbólica com a realidade cotidiana. Trata-se, de certo modo, de uma estrutura antropológica servindo de fundamento a todas as construções sociais, sejam elas da ordem do construído ou puramente simbólicas, enquanto momentos vividos em comum, enquanto situações em que se exprime o tempo imóvel e o prazer do instante eterno, remete a uma outra concepção de tempo, não é mais imóvel e uniforme, mas o da duração que varia segundo as pessoas e seus agrupamentos, onde o jogo transcende o cotidiano do torcedor como no exemplo da canção de Antonio de Almeida e J. Batista, *E o juiz apitou*.

Eu tiro o Domingo para descansar
Mas não descansei, que louco fui eu.
Regressei do futebol
Todo queimado do sol
E o Flamengo perdeu pro Botafogo
Amanhã vou trabalhar
Meu patrão é vascaíno
E de mim vai zombar
Foram noventa minutos
Que torci como louco
Até ficar rouco.
Zizinho passa a Nandinho
Que preparou para chutar
Aí o juiz apitou o tempo regulamentar
Que azar!

(Antonio Almeida e J. Batista, 1942. Grifo nosso.)

As diversas relações sociais, do mesmo modo que as relações com o ambiente natural, valem pelo que são. Os carnavalescos lembram a história cotidiana apoiando-se numa sensibilidade alternativa. Trata-se, em todo acaso, de uma força viva que sem descanso fortalece a sociedade, a fim de que ela não se esqueça que um valor consumado, que um valor perfeito, um valor que não luta contra o seu contrário é um valor morto socialmente, expressado tão fielmente pelo autor da canção: *“Amanhã vou trabalhar, Meu patrão é vascaíno, E de mim vai gozar/ Foram noventa minutos, Que torci como louco, Até ficar rouco”*.

Certamente a paixão renasce sempre numa outra concepção que vai privilegiar o que os romanos chamavam de *otium*, uma espécie de férias, ou melhor, de disponibilidade social, que deseja compor o lazer, a criação e o prazer. Este *otium* pode ser os mais diversos gostos culturais, ideológicos, afins e é perceptível na religiosidade contemporânea que não se relaciona com um futuro a fazer, mas com um presente a viver de uma maneira empática com os outros. Max Weber,¹¹ fala de “uma coisa que pode não ser bela, nem santa, nem boa e, contudo, pode ser vivida como tal, não estar relacionada a uma outra coisa, nem doutrina nem idealidade” (1999, p. 331).

Sucessão de situações, mais ou menos aceleradas, em que cada um vale por si próprio redundando num inegável efeito de composição. Algo que dá a intensidade ou pelo menos, a excitação da configuração caleidoscópica na qual o Flamengo está inserido. Pode-se dizer que tudo isso se inspira na notícia do jornal, nas crônicas, na novela, nas extravagâncias, nos escândalos, nas conversas de botequim ou em todos estes elementos unidos pela banalidade. Assim, se encontra criado um conjunto de representações que, de diversas maneiras, determinam o ambiente geral da época: o ato e a palavra – o que permite manter relações fecundas com tudo o que é vivo – coesão do vivo – estar-junto e divertir-se, torcer por um time de futebol é o que leva o indivíduo a fazer uma escolha e comprometer-se com um grupo, como em *Memórias de um torcedor*:

Eu ontem vim da Gávea
Tão cansada¹²
 Com a cabeça inchada
 Pois o Flamengo
Tornou a perder
 Confesso com tristeza
 Em mim é mato
 Pois lembro dos áureos tempos
 Do Amado, Pena, Hércio e Moderato.
 Faço sacrifício
 Venho lá do Realengo
 Uma vez Flamengo,
 Sempre Flamengo

Tenho um escudo
Rubro de ouro
Não me desfaço por nada
Brigo na arquibancada
Se alguém me fala em marmelada.

(Wilson Batista e Geraldo Gomes, 1946. Grifo
nosso.)¹³

A experiência aparece não como a soma de situações individuais, mas o acúmulo dos dados e fatos coletivos na maior parte do tempo não conscientes que delimitam a vida em comunidade. A experiência é a partir daí que fundamenta a paixão, que reativa as emoções, as afetividades, em suma, toda essa dimensão estética que constitui o fato de experimentar em comum. Poderíamos dizer que o desencantamento do mundo, próprio da modernidade, havia apagado tal estética ou pelo menos a havia reduzido a lugares ou a tempos delimitados e separados da vida corrente. O movimento é inverso com o reencantamento deste mesmo mundo que se opera hoje, onde a experiência coletiva é certamente o vetor deste processo. Ela lembra, em particular, que a memória repousa, para o melhor ou para o pior, sobre a vida dos sentidos e sob um hedonismo popular que se inscreve num prazo mais longo, que lembram a ligação da experiência vivida e da diversão envolvida e os bons momentos exprimem o sensualismo do grupo que funda a relação com a alteridade, base de toda a sociedade. A cidade, a instituição, o torcedor e o público fundam um compromisso com o clube, como expressam as canções:

Torcedor do Mengo
Eu sou torcedor
Do velho Mengo
Enfrento chuva
Enfrento sol
Não faço dengo
Seja de noite
De tarde ou de manhã
Seja em Bangu

Em Bonsucesso
 Ou em Maracanã
 Não faço dengo
 Uma vez Flamengo
 Sempre Flamengo
 Eu vou ao futebol
 Vou ao basquete, ao voleibol
 Vou ver Dequinha
 Algodão e Rosinha
 Eu moro longe
 Mesmo assim não faço dengo
 Uma vez Flamengo
 Sempre Flamengo.

(Luiz Dantas e Blecaute, 1955.)¹⁴

E *Alegria do povo*:¹⁵

Já pensou
 O que é torcer pelo meu clube,
 Ver meu Flamengo
 Perder lutando?
 É é é é
 É a maior dor
 Mas eu não me engano
 Já pensou?...
 Flamengo, Flamengo
 Não agüento mais sofrer
 Eu quero ver você vencer
 Flamengo, Flamengo
 Não agüento mais sofrer
 Flamengo, Flamengo
 Eu sou Flamengo até morrer
 Já pensou?...

(Genaro da Bahia, Alcione Bessa e Talvi Vilaró, s/d.)

Das serestas e noitadas do início do século XX, dos reco-recos estrondantes da garagem, das estúrdias da república “Paz e Amor”, à turbulência do Café Rio Branco, das torcidas ululantes da beira da lagoa à imensa torcida no Maracanã, o Flamengo é tema para os carnavalescos que, através de suas canções, exprimem também nas melodias suas desditas e gozações sobre as derrotas do clube que os versos de exaltação e a legenda “*Tua Glória é lutar*” ou “*Uma vez Flamengo, sempre Flamengo*” reafirmam a paixão pelo clube com compromisso e fidelidade: *até morrer, na vitória e na derrota, sempre...*

De Wilson Batista, temos o “*Samba Rubro-Negro*”, de parceria com Jorge de Castro, em 1954, ao revés, fixa um momento de euforia do Flamengo e, ao final da composição, afirma que se o clube perder o torcedor sacrifica até suas refeições:

Flamengo joga amanhã
Eu vou pra lá
Vai haver mais um baile
No Maracanã
O mais querido
Tem Rubens, Dequinha e Pavão,
Eu já rezei pra São Jorge
Pro Mengo ser campeão
Pode chover
Pode o sol me queimar
Eu vou pra ver
A charanga do Jaime tocar:
Flamengo! Flamengo!
Tua glória é lutar!
Quando o Mengo perde
Eu não quero almoçar
Eu não quero jantar.
(Grifo nosso.)

Nos carnavais da década de 1970, três composições aparecem destacando o rubro-negro. Uma é a marcha de Monsueto e Hugo Brando, “*Flamengo na Lua*”:

Flamengo vai jogar na lua
 Inaugurando o estádio lunar
 Quero a minha torcida gritando
 Flamengo campeão de terra, mar... e ar.
 Pra acabar com a tristeza na lua
 A minha escola de samba vai também
 E a mulata vai ser Miss na lua
 E o meu nome na favela vai ser rua
 Uma vez Flamengo
Flamengo até na lua
 (Grifo nosso.)

Nesta composição, a alteridade do Flamengo é exaltada até no espaço e o autor subjugua merecedor de uma dádiva para a posteridade da mesma maneira que o clube é expressão de popularidade; ele quer ser nome de rua: *“E o meu nome na favela vai ser rua, Uma vez Flamengo, Flamengo até na lua”*.

O samba da Unidos de São Carlos para o carnaval de 1977 é uma homenagem ao rádio, em que não falta o futebol aonde o Flamengo vem na figura do Peladinho. Dominginhos do Estácio é autor e puxador de *“Alô, Alô Brasil: quarenta anos de Rádio Nacional”*, que traz os versos:

O Peladinho dava pulo da vitória
 Depois de cada jogo do Mengão
 Balança, balança, balança, mas não cai
 Balança, balança, balança...

E a marchinha de Felisberto e Fernando Martins *“A Charanga do Flamengo”* foi cantada em muitos carnavais do clube:

Eu vou chamar
 A charanga do Flamengo
 Pra tocar
 Tengo tengo tengo.

Tengo tengo tengo
Pois outra coisa
Eu não deixo ela tocar
Tengo tengo tengo
Tengo tengo até cansar.
Quando a charanga
Começa a tocar
Os convidados
Alegres vão cantar
Tengo tengo pra cá
Tengo tengo pra lá
E a charanga do Flamengo
Não se cansa de tocar

Muitas outras letras carnavalescas poderiam ser enumeradas na composição da presente análise. Entretanto, as repetições argumentativas dos temas seriam redundantes. Entre muitas, citamos “*Baião do Mengo*” de José Leocádio e a “*Marcha do Flamengo*” de Armando B. Reis, Carneiro Filho e M. Martins. Algumas passaram despercebidas, outras ajudaram a alegria dos foliões que as cantam nos bailes, os sambas que enaltecem o Flamengo como expressão de alegria, extroversão e entusiasmo.

Esta torcida avassaladora, dominadora, festiva, charangante (barulhenta), corajosa e carnavalesca, que arrasta velhos, mulheres, adolescentes e pirralhos não será um sugestivo retrato da imprensa também? A imprensa, jornais, revistas, sempre tiveram espaço para as crônicas, críticas e reverências ao Flamengo com seus versos, discursos de torcedores ou não. Mas haveria espaço para muitos que queriam expressar o que sentem e o que não sentem com relação a um entendimento de porque o Flamengo chama a atenção de tantas pessoas e por tanto tempo, de tal forma que consolidou seu prestígio, sua popularidade tanto na vitória como na adversidade, que nem dissensões, entrechoques e amarguras diminuem a pujança e a empolgação de sua torcida. Por que tantos escreveram e descreveram os seus sentimentos pelo Flamengo?

8.2 Meus Versos... São Versos Teus... Flamengo

Os poetas músicos, cronistas, jornalistas assim como os artistas pensam primeiro em imagens antes dos conceitos, e atribuem aos corpos sentidos e paixões tão vastas quanto o céu, a terra e o mar. Esta linguagem romanesca constitui o uso mais ou menos consciente de artifícios retóricos como meio de ordenar, relacionar e transmitir o que sentem, observando, imaginando, e na espera angustiante, temem e adoram os momentos extasiantes de prazer e dor.

As imagens maravilhosas, as frases imortais forjadas pelos literatos do Flamengo não são devido a vãos inconscientes e/ou mera fantasia, mas ao fato de que a imaginação e sua capacidade de sentir diretamente as sensações são maiores que nos outros indivíduos, diferentes no seu caráter. Enquanto sua capacidade de observação científica, de estabelecer analogias precisas escapa das idéias lógicas e definidas, explorando e transformando simples mortais em deuses e heróis do momento, a fama ultrapassa as vitórias de um jogo a conquistas com coragem, sacrifícios em favor da pátria e da família. Emoção, paixão e drama são termos comumente básicos na voz dos literatos, concebidos e corretamente utilizados socialmente através dos quais pode ser reconstruída a história de uma época.

Para Vico:

O matiz “poético” da mente, ou seja, da linguagem poética, da lei poética, da moral poética, da lógica poética e assim por diante, por “poético” entende-se que os poetas tendem a atribuir ao povo ou à gente, os modos de expressão já usados pela massa ainda não sofisticada. (...) As fábulas e os mitos, ou melhor, os caracteres neles existentes, são tentativas universais e imaginativas, magnificamente descritos, válidos tanto para si mesmos quanto para toda sociedade. (...) O uso da metáfora é a maneira poética ou sofisticada de embelezar ou sublimar os caracteres com o

propósito de proporcionar ou criar efeitos vívidos e imaginativos. (apud Berlin, 1982, p. 51-52)

Segundo Berlin (1982, p. 52-53) “Vico chama isso de impossibilidade acreditável”, considerando como material adequado da poesia. A “metáfora”, o símile e até a alegoria, não são artifícios deliberados, mas formas naturais de expressar uma visão de vida diferente da nossa. E cita que

Isso que Vico chama de “lógica poética”, o modelo de linguagem e do pensamento da Idade dos Heróis, o uso metafórico precede e deve forçosamente prender-se ao uso literal das palavras, da mesma forma que a poesia deve vir antes que a prosa, e a canção antes da linguagem falada.

As idéias, as imagens e os símbolos, como expressados na literatura do Flamengo não separam poeta e poema, nem mesmo na imaginação. Esta é uma observação altamente sugestiva não somente nos poemas; englobam também as crônicas, músicas, onde os indivíduos compactuam com as tradições de linguagem e escrita colaborando para a formação da sociedade, considerando que todas as tradições populares devem possuir fundamentos de verdade, isto é, alguma visão de mundo que elas encarnam.

Segundo Vico (apud Berlin, 1982, p. 65),

As crenças populares e o “senso comum” de uma sociedade, o julgamento em reflexão é “sentido em comum” pelo conjunto de um povo. Ordem, nação, ou toda a raça humana, tem sua mais vívida expressão em seus momentos literários. A humanidade está fielmente refletida na mídia, na música, na arte e na poesia, com seus orgulhos, avarezas e crueldades, qualidades típicas de todas as sociedades e das culturas que elas geram.

O “sentido comum” (pelo qual Vico entende algo como atitude social coletiva) de cada povo harmoniza leis diferentes, sem que uma nação siga o exemplo da outra. O “sentido comum” de cada povo ou nação regulariza a vida social e as ações humanas de tal forma, que elas se ajustam a quaisquer que sejam os sentimentos comuns de identidade social.¹⁶

8.3 Identidade: coesão e identificação

Da música popular ao carnaval, entramos aqui na seleção dos poetas também torcedores ou não, entretanto, tratamos de publicações de poemas e prosas sobre o Flamengo. Nestes recortes encontramos o crítico literário Gilberto Mendonça Teles que se ocupou do Flamengo no livro *Camões e a poesia brasileira* (1973). O autor demonstra como até no futebol encontra-se a influência do autor de *Os lusíadas*. O futebol, na sua análise, tem também suas histórias gloriosas e os jogadores que deixaram fama, tal como na epopéia camonianiana:

Assim, o torcedor culto, mas exaltado, contente com as vitórias do seu clube, ou para incentivá-lo nas crises, ou ainda, nas discussões entre companheiros, se apoia nas personagens do poema e as arremete em direção às dimensões gloriosas dos craques de seu time. Acrescenta que, vendo no Adamastor do poema épico a imagem de um craque como Fio ou como Dario e vendo por certo, na versatilidade de Baco, as vacilações de juízes e bandeirinhas.¹⁷

A identificação é um dos mitos pós-modernos e uma das características do mito é a repetição. Ao retomar à história das religiões de Weber e suas lições “a repetição é cada uma das partes que dentre delas é menos uma fase, uma etapa numa evolução assegurada do que um elemento de um conjunto orgânico que ao mesmo tempo, cada parte é a totalidade da qual ela participa” (1999, p. 341). Parece mais uma estrutura hologramática de composições de certo modo, que define o universal concreto que faz todo o sentido.

De fato, uma corrente do pensamento social fundamentou-se nessa visão jurídica e psicológica de um indivíduo senhor de si, associado contratualmente com os outros indivíduos para construir a vida social. Parece haver um consenso de composição no qual manifesta-se a vontade de se unir em associação. Esse consenso por composição aproxima do contratualismo clássico por engajamento voluntário, visando a objetivos de uma escolha social própria. De acordo com Abbagnano (2000, p. 206-7),

Hoje, com o uso que as ciências sociais e a filosofia fazem de conceitos como convenção, acordo, compromisso, a noção de contrato talvez pudesse ser retomada para a análise da estrutura das comunidades humanas com base na noção da reciprocidade de compromissos e do caráter condicional dos acordos dos quais se originam os direitos e deveres. (...) Hume notava que a convenção, nesse sentido, deve não ser entendida como promessa formal, mas como “um sentimento de interesse com que cada um encontra em seu coração”.¹⁸

Os conceitos sociológicos essenciais, como os de classe, de categoria sócio-profissional, de indivíduo, de função são diretamente oriundos do postulado identitário. O problema parece possuir certa duplicidade, pois há uma identidade do contrato talvez por identificação de interesse e há também uma identidade de comunidade prévia ao indivíduo e ao contrato. Vale a pena lembrar que os gregos chamavam de “*paidea*” a formação do homem, o mecanismo que integra (sem que ele esteja forçosamente consciente) o indivíduo a um conjunto de práticas, de costumes, de representações constitutivas de seu ambiente social, efetuando-se a transmissão dos valores de uma geração a outra e, para o indivíduo se integrar, é preciso identificar-se com esses valores. A identificação opera de um modo microscópico, destila-se numa multiplicidade de práticas anódinas que, de um extremo ao outro, fortalecem o corpo social. É justamente para compreender essas identificações que se analisa a vida social do carioca e do brasileiro com

relação ao Flamengo, insistindo na “dinâmica do Ocidente”, de acordo com Elias (1995, p. 132):

Existiram ou existem, em outros tempos ou em outros lugares, conjuntos sociais que não se compreendem a partir do pivô da identidade. Isso está carregado de conseqüências, pois essa indiferença da identidade vai se reportar a cada membro da comunidade, e torna-se por isso, uma estrutura social. Quero dizer que a relatividade da identidade vai condicionar a essencial ligação de todos os elementos do conjunto uns com os outros. Em qualquer que seja o domínio, afeto, economia, religião, a vida comum vai ser privilegiada. Sem poder dizer que se trata de algo de melhor ou de pior que o que prevaleceu na autonomia moderna, pode-se reconhecer que, de um lado, a indiferença identitária gera uma solidariedade específica que tem uma força inegável, e que, por outro lado, a heteronímia (cada um só vale pelo outro) engendra e mostra que pode existir uma outra forma do laço social a que não faltam exemplos na atualidade.¹⁹

Encontramos, talvez, os aspectos distintos da experiência partilhada: a coesão e a coerência. Além das grandes maquinarias institucionais, macroestruturas mecânicas, há as “relações interlocutivas”. Estas relações podem ser verbais – das conversas eruditas às do bar – ou não verbais; podem ser também todas as situações cotidianas, posturas, hábitos, técnicas do corpo, que constituem a matriz social. Acontece que essas relações comportam as diversas formas de comunicação, concedem lugar de destaque também à experiência, tanto individual quanto coletiva. A coesão que, por um lado, é incontornável diante da evidência da experiência e por outro, ela se organiza em lógica, ou seja, remetem umas às outras numa só organicidade e esse conjunto, a partir do pivô da experiência que permite à solidariedade se

organizar contemporaneamente, é estético, não de uma estética puramente artística ou mesmo filosófica, mas de uma estética ampliada na perspectiva dos diferentes domínios da tradição. A coesão procura sublinhar as dimensões subjetivas: as paixões, as representações, os interesses que ligam os homens entre si; entretanto, a coerência designa as dimensões objetivas do fenômeno, por meio dos diversos elementos que compõem a tradição, ou seja, que cimentam os indivíduos e os grupos permitindo-se perpetuar como sociedade: o sensível, a imagem, o corpo, o doméstico, a comunicação e a afetividade, coisas que se enraízam na experiência, essa estética é essencialmente ética. Ela permite a invenção e a criação e isso é que faz dela um ângulo privilegiado para compreender a coesão e a identificação com o clube no enaltecimento de uma postura ética e estética para fazer do Flamengo o mais popular.

É a partir da sedimentação desses valores que se opera a valorização das atitudes típicas. Essas serão ilustradas por figuras, situações características, cores, sons, tons, pelo herói, o gênio e/ou o santo, como por exemplo, no poema “*Utoépico*”, cuja idéia central remete à utopia e à epopéia. Escrito por Sônia Forte Orlando em honra ao Flamengo (o Urubu), faz também referência ao Botafogo (chamado de Branca Estrela)²⁰ e cita, além de Fio e Doval (o Gringo), Paulo Cezar (Caju) nas figuras dos heróis:

As cores e os negrões caluniados
Que lá na Gávea, a oeste da lagoa,
Por campos que já foram bem gramados
Venceram muita gente que era boa,
E enfrentando juízes que já foram muitos errados
Colocaram na testa uma coroa
Que de louros já foi, e se sentaram
Neste trono que tantos cobiçaram;
E a lembrança do Fio e até do Gringo,
Paulo César (mais caro que um milhão)
E outros tantos heróis que, num Domingo,
Chegaram a valer menos que um tostão;
E aquele torcedor, mortal que (eu vingó)
Sentado, ou na geral, diz palavrão,

Gritando, contarei...
 Se o chefe não mandar prender-me a muque.

 Parem do bonitão e do monstrengo
 As vitórias de outrora, que alcançaram;
 Emudeçam no padre e no avoengo
 A decantada glória que cantaram,
 Que eu danço o samba alegre do Flamengo
 Ao qual todos os clubes se curvaram;
 Pare! A glória passa: há de esquecê-la
 Que o Urubu brilha mais que a Branca Estrela!

(Sônia Forte Orlando, s/d.)

O que parece apenas como uma expressão de um narcisismo coletivo, de certo modo, apresenta os diversos tons da mesma cor, no caso, as diversas modulações da passagem da identidade à identificação, com o signo que assume a forma paroxística da religiosidade. E poder-se-ia, com evidência, falar do ecletismo ideológico, da versatilidade política ou da mestiçagem dos modos de vida. Entretanto, não falamos de qualquer coisa. São modelos que vão estar constantemente presentes na vida cotidiana, suscitando a tradição. Nesse sentido, a cultura é uma grande matriz, onde no processo de reversibilidade, os indivíduos, os valores, as tipicalidades agem e retroagem uns sobre os outros e uns com os outros, processo que delimita o que se pode chamar de heteronímia, como a característica da alteridade, citada por Elias. A ilustração pode ser dada pela evolução dos versos e prosas sobre o Flamengo. Os romancistas chegam a descrever figuras que se tornam cada vez mais tipos: o Malandro, o Pobre, o Burguês, o Cartola, o Negro, o Forte, o Fraco e o Oprimido, uma estátua – o Peladinho, Deus o santo, e o jogador o herói, são ilustrados e constituídos segundo uma lei formal que não está limitada a um caso único. Encontra-se nas palavras a evolução do corolário iconográfico que vai da cultura à tradição jornalística (como veremos mais adiante), passando por afinidades eletivas, onde progressivamente se libertam figuras supra-singulares que não estão mais limitadas a uma história particular ou a uma época precisa, mas podem servir de modelos e tornam-se ideais tipos transcendentais, nos quais cada um poderá se reconhecer.

A respeito desses tipos, Freud²¹ mostra a ilusão necessária que faz com que um grupo só possa se constituir e perdurar a partir de um pólo idealizado. Este pode ser um ser dominante como a deidade, ou um ser intermediário (o santo, o herói), o comum, a instituição – o clube, isso não faz diferença para a identificação. “Identificação que num duplo movimento em reversibilidade constante, será vertical (o outro) e horizontal (nós)” (Freud 1999, p. 113). As figuras idealizadas suscitam um mecanismo de atração, uma estética tendo uma função ética como bem exemplificam os versos:

As cores e os negrões caluniados
(...).
Venceram muita gente que era boa
(...).
Colocaram na testa uma coroa
(...).
E os outros tantos heróis, que num Domingo
Chegaram a valer menos que um tostão.
(...).
A decantada glória que cantaram,
Que eu danço o samba alegre do Flamengo
Ao qual todos os clubes se curvaram;
Pare! A glória passa: há de esquecê-la
Que o Urubu brilha mais que a Branca Estrela!

(Sônia Forte Orlando, s/d.)

Essa função ética da fascinação que as palavras exercem como uma fonte de inspiração de uma atitude também suscita a coesão social. Seria impossível compreender a adesão ao Flamengo sem isso, ou seja, ele não existiria como tribo ou como um elemento agregativo, pois aí que se afirma a identificação – *ele é o elo* – o laço social entre o carioca e o futebol.

No registro psicanalítico, mas aplicado à reflexão política, lembramos que a relação do político com os eleitores repousa sobre o mesmo processo

de identificação. Isto diz respeito ao chefe carismático enquanto forma paroxística, ou seja, quando remetemos à multidão de pequenos chefes, como por exemplo os líderes das torcidas organizadas que possuem uma função pública, a estrutura é a mesma. Trata-se de se reconhecer um pólo idealizado (a *imago* parental), segundo analogia freudiana. O que importa ressaltar é que, de um lado, esta identificação relativiza o sujeito autônomo e senhor de si. E, de outro lado, é isso que integra o sujeito relativizado a uma dinâmica social. Ou ainda podemos afirmar que a figura ideal e a imagem idealizada favorecem o contexto integrativo do indivíduo num sistema de comunicação e de inter-relações, que é a causa e o efeito de toda a sociedade na relação cultura e tradição.

Em termos sociológicos, acrescentamos que o chefe carismático, a exemplo do líder da torcida organizada, de quem a história nos dá muitos exemplos, atualmente a “*star*” midiática e musical, a vedete esportiva, o milionário abençoado pela sorte ou o guru religioso ou intelectual, fica claro que cada um destes deuses terrestres tem seus santos ou delegados locais, regionais ou nacionais. Em cada um dos casos, há em torno deles “totens” e/ou uma aura que lhes dá força atrativa que serve de legitimação à agregação em que se está envolvido: nação, agremiação, organização, tribo ou seita. Aí concebe o termo “reversibilidade” novamente para descrever este fenômeno. O pólo idealizado só vale pelo que lhe trazem seus fãs. Trata-se de uma alquimia complexa e delicada e a história está coberta de figuras emblemáticas.

Em resumo, a lógica da supra-singularidade é menos esse ou aquele indivíduo idealizado – o que importa é o efeito da estrutura de que torcedor é partícipe. O essencial é o estar-junto suscitado pela identificação. O objeto pólo a que se refere é a fascinação, que tanto pode saturar e perder seu poder de imantação e, então ele será abandonado, como pode perdurar somente a estrutura, que faz com que esse poder seja atribuído a um outro objeto que desempenhará, por sua vez, a função de agregação. Assim, mesmo não se inscrevendo na perenidade, o processo de identificação é uma seqüência de sinceridades sucessivas que só têm como único objetivo de longo prazo o perdurar do corpo social enquanto todo. Podemos ver no poema “*Flamengol*”, de Zilka Mamede (1978),²² a expressão de um corpo social específico, identificado numa seqüência de sinceridades atribuídas ao Flamengo:

(...).
Charangas
Bandeirinhas
Gandulas
Jurisdição
No olé dos eleitos
Nos seus troféus
Nos seus efeitos
O movimento
Desensofrido
Do povo
Massa de alegria
Agitada no ritmo sincrônico
Das bandeiras
Dos estandartes
Das fitas
Dos mil passos
Das cem mil cores
Dos cem mil olhos
Das cem mil dores
Desgovernando-se
Da arena
Ao matador
Anjo bêbado
O coração da galera
Em rubro-negro
Se libera
Gooooooooooooooooo!

(Zilka Mamede, 1978.)

De fato, numa espécie de ardil antropológico ou ainda por uma atitude *per via*, a identificação toma o caminho que se desvia de um objeto a venerar para se instaurar e fortalecer uma comunidade particular. É nesse sentido que o Flamengo faz-se sociedade como um vetor cultural de importância. Na análise da história das idéias, pode-se perguntar o que explicaria a adesão

a uma ideologia que, por outro motivo, havia provado sua nocividade e agora desponha como aceitável socialmente? Isto se deve, certamente, ao fato de que o ideal envolvido valha menos enquanto valor objetivo, que enquanto favorecimento da fusão grupal é o mesmo processo que encontramos na adesão da ação militante.

É possível interrogar-se sobre a eficácia ou a pertinência da estratégia empregada, mas não é isso o importante, já que também nos preocupamos mais com a comunidade de adesão do que com o sucesso produtivo do clube. No fazer junto alguma coisa ou levando em conta a ação de não fazer nada, o que dá no mesmo ao assistir uma partida de futebol, há um elemento essencial que se encontra na base de todas as reuniões sociais singulares, que na atualidade fervilham, considerados esses atos: torcer por um time de futebol, tribos, ou pequenos grupos carismáticos de zelo apologético deslocados em relação à sociedade global, sem falar da multidão de festivais musicais que florescem em todos os lugares. Todas essas manifestações usam o pretexto de uma ação a fazer, de um ideal a propor para favorecer a reunião através da tradicional comunicação. Não há talvez nada a dizer, nem grande coisa a comunicar, mas o importante é tornar visível essa coisa invisível que é a pulsão da troca, o desejo de viscosidade, como mostra o poeta Teles em louvor ao Flamengo no poema *Rubro-Negro*, inserido no livro *& cone de sombras*:

Gosto de ser flamengo como gosto
 Do flangrante das flâmulas,
 Do grito
 De vitória flamejando
 Nas tardes de doMengo
 Uma flama me insufla e sou flamengo,
 Sopro de brisa, tempestade,
 Flámen
 go: de gozo e de luz,
 GO de Goiás,
 De fogo e jogo,
 O go do gol e do gole-
 O flevo da cerveja amaciando
 A garganta inflamada de emoção

Enquanto nas gerais sobe ainda mais
O balão inflamável da inflação.
Mas uma vez flamengo,
Sou flabelo
Labareda e tição,
Sempre flagelo
É descejo flamívono nas vozes
Arquitorcidas nas arquibancadas.
Pulo como um saci: de rubro e negro
Visto meu som de flauta e flajolé.
Minha verdade é terra devoluta
A minha perna dribla, passa e chuta
Com muito estilo na ponta do pé.
Um saci que se inflama, deita e rola
E põe mandinga na palavra bola
Quando vê o Flamengo dar olé.

(Gilberto de Mendonça Teles, 1990.)

Essa viscosidade inspira um pensamento frágil, cuja pertinência é ressaltada além e aquém das grandes legitimações e dos grandes discursos de referência. Elas inspiram um lugar comum. Na banalidade da vida corrente, o senso comum e a experiência são coisas que repousam na participação. Podemos acrescentar, no quadro do nosso propósito, que a nova tradição implica na fragilização das grandes teorias, mas não faz com que haja seu desaparecimento, antes de tudo, ocorre a relativização. Elas são relativas umas às outras e relativas juntas na relação ao conformismo que segregam. O papel exercido pelo futebol, expressado no poema dedicado ao Flamengo por TELES, é um fator determinante na construção da participação efetiva da comunidade carioca. A participação ou ação coletiva sempre foi colocada como um ideal de difícil realização, sobretudo quando implica trabalho construtor de alguma coisa. Porém, aqui parece que estamos no pólo oposto. A participação é fácil quando se trata da festa. Esse poderia tomar forma de um paradoxo, mas nos parece simples: o argumento é que sendo o grupo ativista ou de simpatizantes, o elemento central da organização social – a adesão ao novo estilo de festa – produziu um fenômeno cultural de ampla participação,

cujo objetivo é o culto ao prazer e à alegria. Indivíduos e outros grupos de convívio, que não a família, por si sós, não teriam força suficiente para transformar o futebol numa expressão da identidade coletiva onde a participação impregnada pela música e pela dança definiu o caráter social da celebração religiosa, conjugando os valores tradicionais com a atração pelo divertimento. A ruptura do isolamento doméstico, eliminando a barreira simbólica entre o espaço privado da casa e o público da rua, despertou na sociedade como um todo a vocação do lazer. As comemorações esportivas tornaram-se manifestações intensas dessa inclinação popular, aonde a interação da família e dos grupos sociais com a cidade criaram elementos legitimadores da construção do símbolo da identidade da cultura brasileira.

Desta maneira, o freudismo, o marxismo e o pensamento católico perderam suas hegemonias, mas, ao mesmo tempo, com a cultura de massas podemos suscitar grupos de alto nível participativo; deste modo, nada mais resta da ortodoxia das ideologias citadas, elas não têm mais uma verdade a propor. Em compensação, florescem as interpretações e com elas, as seitas, as tribos, com forte carga emocional em concorrência, se não em batalhas abertas uma com as outras, mas não uma contra a outra. O fenômeno viscoso é flagrante no meio acadêmico, onde a “guerra” se desencadeia, mas também é evidente no meio esportivo, no trabalho social, nas organizações políticas ou no serviço público, onde as reuniões se operam em função das interpretações do que se deve pensar, dizer, fazer ou gerir. Assim, o pensamento frágil da viscosidade, sobre o qual cada um ressalta a multiplicidade das tribos interpretativas, em torno de heróis epônimos. Estas vão favorecer a simbiose de um território simbólico a defender ou conquistar uma comunidade de adesão.

O chefe, o guru, o ídolo não são importantes sendo somente necessários. Basta a esse respeito referir-se à situação contemporânea para se convencer disso. Cada partido político divide-se em tantos “clãs” (ou correntes) quantas figuras de primeiro plano tiver. As disciplinas acadêmicas constituem “igrejinhas” que vão se reconhecer neste ou naquele pensador do momento e as seitas religiosas com seus gurus. Acontece o mesmo com as instituições da moda, da publicidade, do esporte e da música. Em cada um desses domínios pode-se, nacional ou internacionalmente, estabelecer o “*Who’s Who*” das figuras emblemáticas. Elas são a causa e o efeito de uma multiplicidade do “nós” que eles próprios vão se agenciar em redes, consti-

tuindo comunidades de importância variável. Trata-se de casos de experiência corrente na observação empírica da vida cotidiana e profissional. As notações feitas em torno da identificação podem ser resumidas pela noção da estética, cuja atualidade sociológica pode se traduzir por empatia.

A identificação ressalta que a pessoa é composta de uma série de estratos que são vividos de um modo seqüencial, ou mesmo que podem ser vividos concorrentemente ao mesmo tempo. É essa estratificação que engendra todos esses territórios delimitados pelas diferentes tribos contemporâneas. Num esquema simplificado, cada um dos elementos – pessoa, tribo e território – arrasta o outro e todos retroagem uns com os outros, uns sobre os outros. O fato de estar-junto, o social, o racional e o contratual compreendem uma perspectiva linear e histórica da modernidade. A sociedade emocional e empática tem necessidade de um espaço para existir. É o que falamos sobre a coesão estreita que existe entre o lugar e a identificação que se ligam à tradição. Há entre eles uma sólida organicidade descrita nos poemas de autores como Orlando (s.d.) (*“Que lá na Gávea, a oeste da lagoa, Por campos que já foram bem gramados, Venceram muita gente que era boa”*...), ou Mamede (1978) (*“Do povo, Massa de alegria,...O coração da galera, Em rubro-negro, Se libera, Gooooooooooooo!”*), ou ainda Teles (1990), com os versos:

De vitória flamejando
Nas tardes de doMengo
(...)
E desejo flamívono nas vozes
Arquitorcidas nas arquibancadas.

Encontra-se aí uma temática barroca interessante para quem cultua a sensibilidade estética. Ela acontece, em particular, quando aplicamos a dimensão da encenação: como exemplo, a entrada triunfal do time de futebol no estádio. Ansart mostra como além dos conflitos, das querelas de precedência,

essa marcha barroca opera-se segundo uma ordenação espacial que integra cada indivíduo num

conjunto diferenciado. As vinculações aos diversos corpos do estádio, as facilidades e os clientelismos exprimem-se numa hierarquia complexa, mas tudo isso se funda na vinculação do corpo da realeza. (apud Bodei, 1995, 404-406)²³

Concepções de realeza centradas no deus-homem, nas idéias de justiça e lei, nas corporações de coletivos políticos, de dignidades religiosas e institucionais foram desenvolvidas, sucessiva e alternadamente, com muita sobreposição e empréstimos íntimos, por teólogos, juristas e historiadores, como Peter Burke,²⁴ e filósofos políticos, como Ernest Kantorowicz.²⁵ Restava ao poeta estabelecer uma imagem de realeza que fosse meramente humana e da qual o homem, puro e simples, fosse o centro e padrão. Homem efetivamente, em todas as suas relações com a deidade e o universo, com a lei, a sociedade e a cidade, com a natureza, conhecimento e fé, percebida em suas numerosas nuances simbólicas da duplicidade.

O time, de modo simbólico, é o corpo da nação e enquanto tal é comparável à festa das grandes ocasiões que nos oferece a atualidade, as cúpulas industriais, as comemorações diversas e os funerais. Para entender que essas cenografias lembram que o território real delimita o corpo nacional e exprime potência, a teatralidade territorial modula-se internacional, nacional ou regionalmente. Em cada um dos casos cria uma fusão e a empatia serve de anamnese do que foi tradicionalmente o momento fundador da comunidade em questão.

Mas a tradição não se limita somente às ordens citadas. Muito pelo contrário, ela difrata-se em todos os canais da vida corrente. Diremos que o cotidiano é o seu terreno natural. É aí, de fato, que nos perdemos na multiplicidade das práticas, dos pequenos hábitos, dos diversos rituais, dos modos de ser que adotamos sem prestar atenção. Isso já foi indicado, mas é preciso sublinhar que só é possível graças a um espaço que une. Por isso, uma verdadeira função da matriz tradicional é o espaço socialmente marcado da vida cotidiana. Tanto é notório que as ruas, os cursos e percursos, os edifícios, os trajetos que pontuam a passagem dos simpatizantes e ativistas constituem, por sua sedimentação, o solo nutriente no qual se enraíza a lembrança sempre e de novo fundadora da tradição identitária dos torcedores.

É talvez essa experiência que permitiu ao Flamengo que o enraizamento espacial se tornasse uma das referências para a sua popularidade, como um molde que, comum a todos, fortalece a criação do “nós”. A referência do Flamengo ao carioca, ao bairro do mesmo nome, à cidade, coisas mais ou menos míticas, estão para lembrar a nostalgia da origem que assedia o clube. E, em regra geral, a nostalgia é a camaradagem do familiarismo dos velhos tempos, cuja carga emocional não se propõe a esquecer o gênio do lugar que tudo isso impulsiona. Talvez possa ser compreendido num outro sentido, ou seja, é o que garante proteção e segurança, mas também, que perdura além da evanescente ilusão do efêmero.

A busca das raízes e o retorno ao passado, que de diversos modos se exprime particularmente a uma associação ao lugar de origem, remete certamente a essa perduração territorial. A imagem desse tempo a que cada autor (músico, carnavalesco e poeta) retorna imaginariamente é o mesmo espaço de identidade entre ele e o clube, onde se perdeu no tempo das mudanças, mas é o que permite que renasça e cresça num conjunto mais vasto aonde uma parte da história do “nós” manter-se-á viva.

O enraizamento dinâmico da matriz espacial favorece a dinâmica da coesão através da experiência coletiva. Pode-se observar como no exemplo da experiência cotidiana que repousa, ao mesmo tempo, no componente sensível e na acentuação do mundo fenomenal, concede à noção de lugar uma grande importância. E isso, precisamente, está ligado à experiência ou a um fato. O lugar em que se mora, em que se trabalha, que se visita é que favorece a experiência em grupo e que tem uma forte carga empática como, por exemplo, freqüentar um estádio. A experiência neste espaço não será igual as minhas outras experiências de já estar no estádio, nem comparável a do outro sujeito.

Mesmo se isto é um pouco esquecido na civilização urbana ocidental, pelo menos na que encarnou a modernidade, essa ligação do espaço e da experiência coletiva pode ainda se ler na arquitetura tradicional das construções esportivas. E podemos nos perguntar se seu aspecto concentrado, a impressão de organicidade das arquibancadas imbricadas umas sobre as outras, não é símbolo da identidade que liga a comunidade. Escorando-se umas nas outras, as pessoas exprimem a potência da coesão e o espírito de comunhão é causa e efeito da identificação.

Descrevendo essa agregação como um conservatório de linguagens que transcendem os indivíduos, marca a multiplicidade das figuras fáticas que se encontram à vontade, descritas nas páginas referidas ao Flamengo. O que se pode reter dos exemplos, além de sua diversidade ou por causa dessa diversidade, é que a identificação é, de certo modo, uma maneira de deter o tempo que passa. Procura-se fazer durar o bom momento e as diversas empatias. Na fusão, o instante torna-se eterno. É assim que o território, corporificando esse tempo imóvel, concretiza e encarna a potência unitária que é seu exemplo acabado. Ela percorre distâncias em segundos e se transporta. Concentra num único momento o estar-junto e/ou no meio da coisa, como se expressa João do Rio, descrevendo as arquibancadas do campo do Flamengo, em 1916:

O campo do Flamengo é enorme. Da arquibancada eu via o outro lado, o das gerais, apinhado de gente, a gritar, a mover-se, a sacudir os chapéus. Essa gente subia para a esquerda, pedreira acima, enegrecendo a rocha viva. Em baixo a mesma massa compacta. E a arquibancada – o lugar dos patrícios no circo romano – era uma colossal, formidável corbelha de belezas vivas, de meninas que pareciam querer atirar-se e gritavam o nome dos jogadores, de senhoras pálidas de entusiasmo, entre cavalheiros como tontos de perfume e também de entusiasmo. Está uma arquibancada estupenda – murmurou-me Isaac Elbas (João do Rio, Pall Mall Rio, 1916).²⁶

Ou como cantou Luiz Ayrão, em 1982:

Flamengo do Sul e do Norte
De toda a nação
Flamengo do asfalto e do morro
De Deus e do povo
Flamengo do meu coração.

Colocado como parte o *ethos* romântico, não se poderia dizer melhor, que o mecanismo da identificação contemporânea encontra no território da natureza o princípio de realidade. Pode-se também perguntar: será que essa identificação que exprime o Flamengo está relacionada à tradição naturalista? Sem querer abordar de frente esse problema, podemos sublinhar que a natureza é esse grande todo ao qual pertencemos. É neste sentido que ela é o conservatório do estar-junto que, de um modo quase inconsciente, vai-se buscar nela energias ou renová-las.

De fato, periodicamente a natureza renasce, por exemplo, no romantismo, na ecologia e na gastronomia, a sensibilidade sublinha o acordo com os outros, ou seja, no que as relações sociais e a natureza são pólos de uma mesma realidade. No caso do Flamengo, cultua-se a tradição de alguns animais: o urubu como símbolo do time de futebol, a galinha morta como gíria futebolística (que golear um time fraco é chutar galinha morta), Galo, Galinho, apelido de um dos melhores jogadores de futebol do Flamengo (Zico). Temos referências da natureza nas poesias como demonstramos nos exemplos transcritos: Zé Ventura (1983), “*o Flamengo é um Leão ferido*”.

Já para David Nasser (1970), o Flamengo, “(...) É uma paixão como um rio, que tivesse nascido e rolasse por um continente, crescendo, avolumando-se num monstruoso curso d’água de paixões, de esperança, de vibrações, de mágoas, de decepções (...)”.

A natureza é, com certeza, a expressão mítica acabada. Mítica no sentido em que serve de referência polissêmica a todas as formas de especialização, como na culinária, na natureza comestível do Flamengo, de acordo com Ricardo (1983):

Hoje tem Mengão na passarela
Vai ter festa na galera
Tem comes e bebes,
Tem samba legal
Vai ter sopa de siri

Pirão e muito arroz
 E bolinho de bacalhau
 Um samba muito esperto
 Com pandeiro e tamborim

(Cristiano Ricardo, 1983)

Natureza mítica na forma de especialização na ciência e na religião, para Ayrão (1982), citado anteriormente:

Vamos fazer deste samba
 Oração
 E do clamor dessa massa
 Procissão
 Vamos buscar nos sonhos
 Na filosofia
 Na ciência
 E na magia
 Explicação pra essa religião
 Flamengo não dá palavras
 (...).

(Luiz Ayrão, 1982)

A natureza também é mítica porque representa o ponto paroxístico da comunhão de todos os que convivem nesses espaços. Mítica, enfim, pois alia esses contrários que são o estático (enraizamento, solo, corpo) e o dinâmico (crescimento, vitalismo, fecundidade). Remetendo à consciência oposta que se pode compreender a curiosa alquimia do Flamengo, que a identificação nada parece mover-se nas grandes massas amorfas, mas numa intensa efervescência que as anima do interior, como indício de uma criatividade específica à invenção do Flamengo como uma tradição carioca e brasileira, construída pelos músicos, carnavalescos e poetas.

Notas

- ¹ DAMATTA, R. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- ² ALENCAR. *Flamengo alegria do povo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1970.
- ³ Ver QUEIROZ, M. I. Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999. A autora faz o relato das festas de carnaval dos clubes da cidade do Rio de Janeiro, inclusive de uma exuberante do clube de Regatas do Flamengo (p. 129).
- ⁴ Quanto à referência aos “fatores centrífugos”, utilizamos este termo para expressar a função da “Guarda Rubro-Negra” como bloco carnavalesco, mas também incumbia-se de policiar o ambiente contra os excessos dos foliões. Era do carnaval, mas também da ordem. De briga. Turma disposta, do remo e dos pesos. Consta que sua criação foi inspirada pelo presidente Bastos Padilha: depois de uma festa carnavalesca na sede da praia, o presidente teria visto rapazes pertencentes à Guarda Alvinegra do Botafogo dançando frevo no salão e mandou que alguns dos seus auxiliares fossem pedir aos moços da vizinhança que parassem com aquela dança alucinada (dança mais de rua do que de salão), pois estorvavam os outros. Os rapazes do Alvinegro não atenderam. Para não criar caso ou incidente que se refletiria na animação da festa e para não haver reação, naquele ano ficou como estava. Logo se criou a “Guarda Rubro-Negra” que, no ano seguinte, colocou ordem no salão e nos jogos do clube, enaltecendo a alegria e o comedimento (ALENCAR, 1970, p. 208).
- ⁵ DAMATTA, R. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- ⁶ SAINT-PIERRE, H. L. *Max Weber: entre a paixão e a razão*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- ⁷ FREUND, J. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1987.
- ⁸ BAUDELAIRE, C. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- ⁹ LOVISOLO, H. *Atividade física, educação e saúde*. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.
- ¹⁰ BODEI, R. *Filosofia do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- ¹¹ WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 1999.

¹² Gravado por Aracy de Almeida.

¹³ O ano de 1945 tinha sido ruim para o Flamengo. Depois de espetacular tri-campeonato de 1942, 1943 e 1944, o Mengo parece que continuava a dormir sobre os louros. Neste ano aconteceram vários insucessos que foram parar em sambas para o carnaval de 1946. Um deles é *Memórias de um torcedor*, de Wilson Batista e Geraldo Gomes. Samba e também curiosidade, porque chora as mágoas, porque talvez seja a única torcida do mundo que sofre suas derrotas cantando, isto é, sambando. Sem complexos, foi sucesso do carnaval daquele ano (Alencar, 1980).

¹⁴ Possivelmente da mesma época serão *Marcha Rubro-Negra*, de M. Barreira e Ari Bueno, e *Ser Flamengo*, de Pereira Gomes, Bruno Gomes e Ailton Amorin. Também de Luiz Dantas e Blecaute é o samba *Torcedor do Mengo*, de 1955.

¹⁵ Este samba possui o nome idêntico à canção do capítulo anterior, porém tem outro tema e autores diferenciados.

¹⁶ Ver BERLIN, I. *Vico e Herder*. Brasília: UNB, 1982, p. 82.

¹⁷ COUTINHO, 1980, p. 313.

¹⁸ ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

¹⁹ ELIAS, N. *Processo civilizador II: a formação do Estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

²⁰ O chefe, referenciado pela autora, era o padre jesuíta Ormino Viveiros de Castro, conhecido como alucinado da galera do Botafogo e que chegou a ser reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, possivelmente estudava na instituição e desafia, camonianamente-flamengamente inspirada, a Estrela Branca do torcedor do Botafogo (cf. ALENCAR, op.cit.).

²¹ FREUD, S. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999; também *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

²² Em seu livro *Exercícios da palavra*, Zilka Mamede, paraibana e rubro-negra, como José Lins do Rego, Índio Kanela e Júnior, publica um longo poema dedicado ao Flamengo, cujo título é *Flamengol* (mesmo título da música de Bebeto e Nelson Kaê, gravada em 1985-1988), que pode ser lido em *Navego: poesia reunida* (1978). Transcreveremos somente os versos finais.

²³ BODEI, R. *Geometría de las pasiones: miedo, esperanza, felicidad – filosofía y uso político*. México: Fondo de la Cultura Económica, 1995.

²⁴ BURKE, P. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

²⁵ KANTOROWICZ, E. *Os dois corpos do rei*: um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²⁶ Descrição inserida, em seguida, na crônica do mesmo autor (ver capítulo IV).

.9.
**FLAMENGO DAS CRÔNICAS
E DA LITERATURA**

**9.1 A Expressão Pública e a
Invenção da Tradição do Flamengo**

Como expressão pública, encontramos um Flamengo reverenciado por religiosos, escritores, cronistas, jornalistas e políticos, cujas consagrações são relatadas de várias formas; desde devotadas e fervorosas evocações, simples expressões românticas às paixões desenfreadas. A história do Flamengo, como da maioria dos clubes esportivos brasileiros, é centenária e vem acompanhada de palavras significando raça, taça, conquistas, ídolos e heróis que marcaram presença no tempo e no espaço do cotidiano do Rio de Janeiro, reconhecidos pelo estilo de vida e revividos por cronistas, com sensibilidades necessárias à construção romântica do Flamengo como, por exemplo, Homero Homem (Mov. 21, do poema *Rei sem sono*):

Rei no Maracanã
Alma
Garra
Flama
Gana
Rubro é meu mal

Negro seu sinal
Alma
Garra
Gana
Flama
Na tribuna e na geral
Rubro-negro é meu mal
Alma
Garra
Gana
Flama
Sou cem mil na arquibancada
Mais cem mil na social
Alma, Garra, Gama, Flama
Alga-
Zarra
Car-
Naval
No gramado e no placar
Sou um zero triunfal.

O realismo das crônicas, dos discursos jornalísticos, o prosaísmo dos poetas, o espetacular, o trivial e o sonho se misturam numa pintura matizada sobre o Flamengo, onde se encontra toda a riqueza da vida social carioca. O espetáculo onde as massas são conduzidas pela sedução e não pela argumentação, o proletário, o aristocrata, o humanista, o sábio, o gozador, o mau caráter, o sensível, o protetor, o patriota, os anti e os pró-esporte, basta olhar a imprensa, o jornal, a televisão ou o rádio para reconhecer, entre os protagonistas, estes vários papéis em que os efeitos cósmicos e dramáticos se sucedem. Como em toda peça teatral, o espetáculo se aplaude e se reconhece na ação em questão, embora mantendo a distância e o recuo crítico que lhe é inerente, esse mecanismo não deixa de lembrar a ronda dos deuses e heróis da Grécia Antiga. Os mitos e lendas, narrados por poetas, a tragico-média de suas existências e das muitas aventuras que as pontuam.

A encenação divina de aventuras bem humanas possui uma função simbólica de marcar os diversos momentos da existência, isto é, permitir as

identificações e os fenômenos catárticos e constituir um dos elementos da sociabilidade. Neste sentido, a representação não é um substituto ou transferência para a vida, é um meio eficaz de assegurar a articulação do pluralismo social. Assim, dizer que o artista, o poeta, o cronista, o jornalista, o músico se inscrevem numa função teatral, não significa invalidá-los a priori; ao contrário, significa reconhecer-lhes um papel social de importância, mas talvez não aquele que seus diversos leitores atribuem. Sua seriedade provém da função de simulacro, apesar do que pensam os atores e seus detratores, pois aqui, o que chamamos de real é bastante insignificante, embora seja justamente essa insignificância do “real” que constitua a grandeza do Flamengo. Ou seja, o encontro do acaso fez do Flamengo um acontecimento no âmago do “real”; entretanto, há um “irreal” irredutível, cuja ação está longe de ser desprezível – uma tradição inventada do Flamengo.

Hobsbawm assegura que:

A propósito, deve-se destacar um interesse específico que as “tradições inventadas” podem ter para a história moderna e contemporânea. Elas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente à “nação” e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o Estado nacional, os símbolos, as interpretações. Todos esses elementos baseiam-se em exercícios da engenharia social muitas vezes deliberados e sempre inovadores, pelo menos porque a originalidade histórica implica inovação. (...) Os conceitos devem incluir um componente construído ou “inventado”. E é certamente porque grande parte dos constituintes subjetivos da “nação” moderna consiste de tais construções, estando associada a símbolos adequados e, em geral, bastante recentes ou a um discurso elaborado a propósito (tal como o da história nacional), o que o fenômeno nacional não pode ser adequadamente investigado sem dar-se a atenção devida à “in-

venção das tradições”. Finalmente, o estudo da “invenção das tradições” é interdisciplinar. É um campo comum a historiadores, antropólogos sociais e vários outros estudiosos das ciências humanas e que não pode ser adequadamente investigado sem tal colaboração. (1997, p. 22-23)¹

Isto significa uma inegável mudança no modo de viver as relações sociais. Todos os pontos a partir dos quais a modernidade as concebera – indivíduo, identidade, organizações contratuais, atitude projetiva – dão lugar a uma outra realidade muito mais sensível e emocional, de contornos pouco definidos no ambiente evanescente. É o que leva a propor uma mudança de perspectiva epistemológica que, utilizando noções como pluralismo, tribo, atração, participação, queremos atrair a atenção para as “afinidades eletivas” de modo que, empiricamente, inúmeros são os casos de experiências que estão aí para nos lembrar que o pertencer a uma comunidade, a busca de uma proximidade fusional, os processos de imitação, o contágio afetivo, retornam com força na vida pública.

O ressurgimento dos movimentos carismáticos, o fanatismo religioso, o fundamentalismo islâmico, a embriaguez musical, os encontros esportivos, para citar alguns desses fenômenos, colocam a tônica na prevalência de uma religiosidade onde o todo prevalece sobre as diferentes partes que o compõem. Isso não acontece sem lembrar a sensibilidade barroca, como tradição reinventada, que justamente colocará a tônica na instabilidade, na mobilidade, na metamorfose dos diversos elementos que compõem um dado conjunto (pictural, arquitetural, escultural da sociedade). Esse barroco não está mais, atualmente, acantonado à arte *stricto sensu*, mas antes determina um ambiente específico feito de religiosidade e de fusão no todo. É isso que pode incitar a ver a lógica da identidade substituída por uma lógica da identificação da tradição em vias de (re)elaboração.

De modo mais ou menos nítido, a sociabilidade contemporânea é tomada por um verdadeiro transe onde, num movimento sem fim, circulam as aparências (*look*), as pertinências, as diversas personalidades sincretistas e a multiplicidade das culturas que a trabalham no corpo. Isso pode ser visto em

maior escala, nos carnavais, nas ocasiões festivas, nos concertos musicais, nas assistências de futebol e em outras danças lascivas que, pontualmente, explodem na atualidade e sublimam a implosão de um social dominado pela racionalidade. Esta racionalidade também é encontrada em menor escala na vida cotidiana, cada vez mais dominada pela imagem, pelo sensualismo, pelo espiritual, pelo desejo de viver “aqui e agora” os prazeres do presente, expressado tão fielmente por João do Rio (Pall-Mall – Rio de Janeiro, 1916):

Hora de Foot-Ball

É o novo ground. O Clube de Regatas do Flamengo tem, há vinte anos pelo menos, uma dívida a cobrar dos cariocas. Dali partiu a formação das novas gerações, a glorificação do exercício físico para a saúde do corpo e a saúde da alma. Fazer sport há vinte anos ainda era para o Rio uma extravagância. As mães punham as mãos na cabeça, quando um dos meninos arranjava um altere. Estava perdido. Rapaz sem pince-nez, sem discutir literatura dos outros, sem cursar academias – era homem estragado. E o Clube de Regatas do Flamengo foi o núcleo de onde irradiou a avassaladora paixão pelos sports. O Flamengo era o parapeito sobre o mar. A sede do clube estava a dois passos da casa de Júlio Furtado, que protetoramente amparava o delírio muscular da rapaziada. As pessoas graves olhavam “aquilo” a princípio com susto. O povo encheu-se de simpatia. E os rapazes passaram de calção e camisa de meia dentro do mar a manhã inteira e a noite inteira. Então de repente, veio outro club, depois outro, mais outro, enfim, uma porção. O Bouqueirão, a Misericórdia, Botafogo, Icaraí estavam cheios de centros de regatas. Rapazes discutiam em toda parte. Pela cidade, jovens, outrora raquíticos e balofos, ostentavam peito-

rais e a cinta fina e a perna nervosa e a musculatura herculeana dos braços. Era o delírio do *rowing*, era a paixão dos *sports*. Os dias de regatas tornavam-se acontecimentos urbanos. Faltava apenas a sagração de um poeta. Olavo Bilac escreveu a sua celebrada ode “Salamina”.

- Rapazes! Foi assim que os gregos venceram em Salamina! Depois disso, há dezesseis anos, o Rio compreendeu definitivamente a necessidade dos exercícios, e o entusiasmo pelo foot-ball, pelo tennis, por todos os outros jogos, sem diminuir o da natação e das regatas – é o único entusiasmo latente do carioca.

Rendamos homenagem às Regatas do Flamengo!

O meu velho amigo, fraco e pálido, falava com ardor. Interrompeu-se para tossir.

Continuou:

- Pois é este club que inaugura hoje o seu campo de jogos. Haverá acontecimento maior? O Rio está todo inteiro ali... Engasgou-se.

O automóvel que passara a correr pelo palácio de José Carlos Rodrigues, onde se realizava a primeira recepção do inverno do ilustre jornalista, estacara. Estávamos à porta do novo campo de jogos. E o meu velho amigo precipita-se. A custo acompanhei-o por entre a multidão e, imprensado, quase esmagado, icei-me à arquibancada. Mas o aspecto era tal na sua duplicidade, que logo eu não soube se devia olhar o jogo do campo em que Galo triunfava ou se devia como-ver-me diante do frenesi romano da multidão.

Não! Há de fato uma coisa séria para o carioca: – o foot-ball! Tenho assistido a meetings colossais em diversos países, mergulhei no povo de diversos países, nessas grandes festas da saúde, de força e de ar. Mas absolutamente nunca eu vi o fogo, o entusiasmo, a ebbriez da multidão assim. Só pensando em antigas leituras, só recordando o Colosseum de Roma e o Hipódromo de Bizâncio.

O campo do Flamengo é enorme. Da arquibancada eu via o outro lado, o das gerais, apinhado de gente, a gritar, a mover-se, a sacudir os chapéus. Essa gente subia para a esquerda, pedreira acima, enegrecendo a rocha viva. Em baixo a mesma massa compacta. E a arquibancada – o lugar dos patrícios no circo romano – era uma colossal, formidável corbelha de belezas vivas, de meninas que pareciam querer atirar-se e gritavam o nome dos jogadores, de senhoras pálidas de entusiasmo, entre cavalheiros como tontos de perfume e também de entusiasmo.

Está uma arquibancada estupenda! – murmurou-me Isaac Elbas.

Eu procurava conhecidos. Estava todo o Rio e reconheci apenas a Sra. Nair Teixeira, com um delicioso vestido, e Gastão Teixeira, que fazia gestos entusiásticos; a Sra. E. a senhorinha Hime, as senhorinhas Beatriz Tasso Fragoso e Maria Lima Campos e Regina Trindade, a Sra. João Felipe e as senhorinhas Lassance Cunha, Mariz e Barros, Ivani Gonçalves, Maria Pinheiro Guimarães, Souza Leão, Pereira da Silva, Araci Moniz Freire, Souza Alves, Ritinha Candiota, Otto Shilling, Maria Augusta Airoso, Hilda Kopeck, Dora Soares, Sofia Tavares de Lira, Rocha Fragoso, Mibieli, Bento Borges.

Pinto Lima, no outro extremo, com as duas gentilíssimas filhas, dizia-me adeus, e o Dr. Arnaldo Guinle, do Fluminense, parecia almejar a vitória do Fluminense.

Os gritos, as exclamações cruzavam-se numa balbúrdia. Os jogadores destacavam-se do oca-so. E de todos os lados subiam o clamor da turba, um clamor de circo romano, um clamor de hipódromo no tempo em que era basilissa “Teodora, a maravilhosa...”

Nervoso, agitado, sem querer, ia também gritar por Galo, que vencia e que eu via pela primeira vez. Mas o delírio chegara ao auge. O meu velho amigo dizia, quase desmaiado:

- Venceu o Flamengo num score de 4 x 1...

À porta quinhentos automóveis buzonavam, bufavam, sirenavam. E as duas portas do campo golfavam para frente do Guanabara mais de seis mil pessoas arrasadas da emoção paroxismada do foot-ball.

Esse transe difuso e concentrado como experiência poética e erótica do cotidiano aparece nos estados limites da consciência individual, mas constitui a aura circundante na qual a sociedade renova suas energias. E nesse cotidiano, na certeza do senso comum dos poetas, jornalistas, cronistas, fazem tudo isso reduzir a dicotomia abrupta que a modernidade estabelece entre a razão e o imaginário, ou talvez, o real e o irreal ou entre a razão e o sensível. Mas podemos dizer que o que todos estes conceitos têm de frívolo, tanto a emoção, a aparência, tudo pode se resumir ao falar da “sensibilidade da razão”, a saber, o que em todos os domínios do político, profissional, moral, não justifica pela razão o Flamengo ser o mais popular. Entretanto, por estas forças sensíveis de fazer parte tanto da vida privada quanto

da vida pública do carioca e do brasileiro, argumentamos que há um hedonismo irreprimível e poderoso no cotidiano que subentende e sustenta toda a vida do time de futebol do Flamengo e como uma tradição inventada, co-habita uma estrutura antropológica contada em verso e prosa, crônicas, poemas e obras de arte, numa versão histórica e sociológica. Pois, em certas épocas, esse hedonismo é marginalizado e ocupará um papel subalterno. Em outras, ao contrário, o Flamengo será o pivô hedônico quando se organiza de modo extensivo a vida do clube. Nesses momentos, o que chamamos de relações sociais, as da vida corrente, das instituições, do trabalho, do lazer, não são mais regidas unicamente por instâncias transcendentais, a priori e mecânicas, não são mais orientadas por um objetivo a atingir, sempre longínquo – em suma, delimitado por uma lógica econômica, política ou determinado em função de uma visão moral. Essas relações com o Flamengo tornam-se relações animadas por e a partir do intrínseco, vivido no dia-a-dia de um modo orgânico. Além disso, elas tornam a se centrar sobre o que é da ordem da proximidade, do pertencimento, ou seja, o laço social torna-se emocional. Assim, elaborase um modo de ser – um *ethos* flamengo – onde o que é experimentado com os outros é o fomento principal da construção da tradição do clube conforme José Lins do Rego (*O Globo*, 5.2.1955):

Era o Flamengo

Todas as cordas do meu coração se afrouxaram com se num cabo-de-guerra um dos lados cedesse, de repente. Senti-me capaz do grito da vitória e podia abrir o peito no desabafo total. Era o Flamengo na última cartada para o título que só podia ser mesmo dele. Lembrei-me de outras datas, dos anos de 1939, de 1944, na tarde gloriosa do tricampeonato. Mais uma vez dobrávamos as forças do adversário que fora um leão no estádio. Agora repetia-se o feito de 1953. Lá embaixo recolhia-se o Vasco para voltar no próximo campeonato como o rival de muitas bocas de fogo. Tudo fora feito conforme o valor

da nossa gente. Éramos bicampeões legítimos, embora houvesse chorinho de quem não tem fôlego para agüentar as horas amargas.

Então eu pude ver a cidade na alegria maior. As estrelas faiscavam no céu e uma lua cortada ao meio aparecera bem em cima da praça de esportes, uma lua que jamais esquecerei porque viera de propósito, para beijar os heróis da contenda. E com as estrelas e a lua, a doce música carioca baixou dos morros, das praias, das ruas, para louvar aos que lhes eram amigos do coração. Era o Flamengo no mastro da vitória, no convívio do povo que é ele próprio. Vi a alegria de uma cidade que se dava inteiramente aos seus eleitos, aos que lhe ofertaram, naquela noite de conto oriental, uma vitória soberba. Por toda parte o povo na efusão de uma alegria maciça, de uma alegria capaz de fazer esquecer as desgraças do mundo e as incertezas do Brasil. Há no Flamengo esta predestinação para ser, em certos momentos, uma válvula de escape às nossas tristezas. Quando nos apertam as dificuldades. Lá vem o Flamengo e agita nas massas sofridas um pedaço de ânimo que tem a força de um remédio heróico. Ele não nos enche a barriga, mas nos inunda a alma de um vigor de prodígio.

Vinha descendo para o centro da cidade o povo na cantoria feliz, gente de todas as cores. Cadillacs arvorando bandeiras, e a “moçada” do debique de inveja no ruído consagrador do triunfo. Não era uma classe, nem uma raça, que se rejubilava. Era aquilo que se chama povo que é mais alguma coisa. Era o meu Flamengo, na sua universalidade brasileira, clube que não tem donos ricos nem pobres reclamam. Todos só querem o

Flamengo na ponta [grifo nosso]. E quando nos infligem derrotas, não nos entregamos ao pessimismo molengo. Ao contrário, crescemos na adversidade. E não nos degradam as lutas internas que nos possam conduzir a sucessões suicidas. Brigamos em família para nos unirmos nos momentos precisos, nas horas de borrasca. Quando contra nós se acirram os ódios, os flamengos se fazem um bloco que a tudo resiste.

Passava-me tudo isto pela cabeça na interrupção do tráfego. A conquista do título me saturava a alma, dando-me sangue-frio para olhar o Flamengo em corpo inteiro. Lá ia ele na negrada dos morros, nos automóveis caros, no entusiasmo de uma classe média que o tinha na conta de um bem de família. O Flamengo campeão era mais alguma coisa que um feito esportivo; era uma alegria nacional. Não há exagero naquela hora. Por todo o Brasil, dos territórios aos confins do Rio Grande, havia gente assim como aqueles que batiam nos tambores com o coração lavado de júbilo pela glória daquela noite. Flamengo! A cidade inteira gritava. Lá havia flamengos pelas ruas, pelas janelas, pelos cafés. O Rio de Janeiro, na noite quente de fevereiro, cantava, bebia, dançava, para festejar o seu clube, como se ele fosse um santo padroeiro. Era o Flamengo. E bastava dizer que era o Flamengo.

As crônicas, como obras de cultura, nas suas interpretações contaminaram o político, a vida da empresa, a comunicação, a publicidade, o consumo e, é claro, a vida cotidiana. Do quadro da vida urbana até a propaganda do *design* doméstico, tudo parece se tornar obra de criação. Certamente, não é o caso de julgar se se trata de uma realidade ou de uma fantasia, ou de uma simples exigência comercial. Basta ver que os sons, as cores, os odores, as

formas são gerenciadas de tal modo que favorecem um sensualismo coletivo de adesão. Talvez seja o trunfo do Flamengo – a arte: dos artistas, dos poetas, cronistas e jornalistas, ela trivializou o clube através da expressividade do futebol e com isso a estrutura se banalizou, isto é, fez-se sociedade, em consequência, o Clube de Regatas Flamengo adquiriu importância social e fez-se o Flamengo.

A efervescência da cidade expressada pelo povo e nele, a excitação do prazer musical e esportivo, sem esquecer o jogo das aparências, o estilo de vida onde o corpo exhibe uma teatralidade contínua e onipresente, as maneiras de ser, os modos de pensar, os comportamentos, decididamente o sentir comum, parecem ser os melhores meios de denominar o consenso que se elabora, a nossos olhos, aos sentimentos partilhados ou às sensações exacerbadas. Uma ordem descompartmentada estipulada pelo Flamengo permite compreender este estar-junto desordenado, versátil e completamente inatingível que funda uma tradição. A imagem de todos os discursos do social, comunicação verbal das músicas, linguagens dos corpos, explosão dos afetos, as revoltas pontuais, os discursos dos cronistas e dos sociólogos não deixam de deslizar por estas expressões. O que não impede que, num e noutro caso, a reflexão desses dados possa interromper uma continuidade do sentido, mesmo esses sendo pluralistas, como assinala Pongetti (*O Globo*, 30.11.1955) em:

Ser Flamengo

O Flamengo é um clube de emotivos. Ninguém consegue torcer por ele sem por em jogo o coração. Para ser do Flamengo não basta a estima: é indispensável a idolatria. Tenho querido explicar a mim mesmo – que não pertença a nenhum clube e conservo a cabeça fria – a razão desse ardor contagiante e diverso. Há paixão e torcida em todos os clubes, e alguns se destacaram por campanhas esportivas memoráveis. De acordo. Mas não produzem os fenômenos sentimentais do Flamengo.

Quando o Flamengo vence, seus adversários se sentem menos derrotados, e quando perde, se sentem mais vitoriosos. O General Eurico Gaspar Dutra remoça vinte anos nas fotografias batidas na sede do rubro-negro. Seu rosto se faz menos austero e um sorriso insólito se deixa fixar pela câmara. Quem poderia imaginar o lacônico, tímido, ensimesmado soldado noutra clube? Ele ali está à paisana como de pijama entre seus netos. O Flamengo faz de cada sócio um parente e seus interesses são constituídos como os de uma família. Quem quer de um clube apenas a sensação esportiva e as recreações sociais, não o compreende. O rubro-negro exige do sócio, emotividade, coração, capacidade de sentir. Com dinheiro pode-se fazer um “team”, mas sem coração não se faz um grande clube nem se prolonga a combatividade e o moral do “team”. Há jogadores de discreto rendimento que vestindo a camisa flamenga se revigoram, se desdobram e se superam. Onde o dever profissional se desfaz dos seus aspectos mercenários e se torna um ideal. “Uma vez Flamengo, sempre Flamengo”. Parece fanfarronada e é o registro axiomático de um fato.

Gilberto Cardoso morreu flamengamente como vivera. Seu coração parou sob o impacto forte demais de uma emoção clubista. O empate certo: a vitória de surpresa, a legendária força de vontade rubro-negra derrotando o quinteto rival e o relógio adverso nos minutos extremos. Não era velho: era sensível, tinha um coração flamengo esbanjado em amor ao clube, gasto por uma sobrecarga de zelos e de sacrifícios. “Era cardíaco?” – perguntou-me um vascaíno. “Não, era flamengo” – respondi-lhe, respondendo um pouco a mim mesmo. – Quando a gente ama demais uma coisa, o mais perfeito dos corações pode ser

pequeno para tanto amor e pode não resistir a uma surpresa, mesmo se grata. Os homens insensíveis, sem capacidade de amar uma obra e de se dedicar a uma causa, jamais morrerão por causa de uma partida de bola ao cesto. Gilberto Cardoso foi vítima de um acidente sentimental. Os cardiologistas podem dar um nome complicado ao acidente reduzindo-o a um mero caso fisiológico. Eu acho que foi amor ao rubro-negro num coração insuficiente, coração de qualquer outro ser humano. Doença não havia: havia falta de espaço.

A frase do dia – de um Flamengo:

Há mortes tão coerentes e harmoniosas que parecem escolhidas como se escolhe um modo de viver.

É na descrição dessa complexidade que retomamos o termo “orgânico” ou “organicidade”, a saber, aquilo que mantém juntos elementos contrários, até opostos. Assim, o objetivo dessa análise se volta à sinergia ou, às vezes, a simples conjunções observáveis: por um lado, a comunidade carioca em forma de tribos com suas preocupações territoriais, a atenção à natureza, a religiosidade e o prazer dos sentidos e, por outro lado, o desenvolvimento tecnológico e sua utilização, o pluriculturalismo das grandes cidades, a atividade comunicacional e os diversos sincretismos religiosos e ideológicos. Um processo feito de atrações, repulsões, emoções e paixões. Coisas que possuem uma forte carga estética, uma sutil alquimia das afinidades eletivas descritas pelos autores que se transportam para a ordem do irreal, cuja simpatia universal pelo Flamengo reforça a empatia com o ambiente social. Isto pode parecer abstrato, entretanto, várias atitudes associativas da divisão do trabalho, pequenas sociabilidades de vizinhanças ou de encargos no quadro das proximidades são compreensíveis. Acontece o mesmo com a constituição de grupos das pequenas comunidades eletivas, bem como das culturas de empresa ou outras formas de espírito doméstico que, em todos os domínios, se desenvolvem de um modo mais efêmero. Enfim, o foco

concentra-se nas manifestações esportivas, religiosas, algumas fanáticas e, sabe-se guerreiras, que não são sem significações na ordem da política nacional e internacional. Tudo isso está imerso num ambiente afetuoso, emocional, que Mário Filho² diz ser um carnaval fora do tempo.

Carnaval na Primavera

Só agora o campo se esvazia. E Jaime de Carvalho correndo de um lado para outro, avisando todo mundo. A torcida do Flamengo irá a pé, da Gávea até à sede do clube, como um rancho, a Estação Primeira, a caminho da praça Onze. Nada de bonde. Os bondes, os lotações estavam bons para a torcida do Vasco, que voltava de cabeça baixa. O torcedor do Flamengo tinha de levantar a cabeça, de empinar o queixo, de estufar o peito. Nada disso! O torcedor do Flamengo tinha era de se espalhar, de sambar, de pular, de puxar cordão, alegrando todas as ruas, fazendo escancarar todas as janelas. E Jaime de Carvalho, já rouco, continuava a dar ordens.

A multidão encheu a praça. Os lotações fonfonavam. De longe se viam os bondes carregados de gente. Os bondes iam para a cidade, levando os vascaínos e os flamengos que não sabiam esperar. À vontade de Jaime de Carvalho era fazer parar todos os bondes. Quem fosse flamengo que saltasse. “Vai na Bola” batia com um prato de metal no outro, sem ritmo, só para fazer barulho. Os clarins tocavam. Havia gente dançando. Os cartazes subiam e baixavam como estandartes. Os cartazes eram estandartes do bloco do Flamengo. Jaime de Carvalho deu o sinal, todos a caminho. E a multidão movimentou-se, cantando e dançando.

Os automóveis e os bondes passavam na frente do bloco do Flamengo. Havia gente que saltava para engrossar a multidão, entrar no brinquedo. As janelas se abriam: Jaime de Carvalho tinha certeza que elas iam se abrir. Abriam e enfeitavam-se de sorrisos. Havia flamengos em toda parte: a cidade era do Flamengo. Garotos corriam na frente do bloco – “Vai na Bola”, batendo com os pratos – um hino aqui, um samba acolá. E a sede do Flamengo ficava longe, quase junto ao jardim do Palácio do Catete, São Clemente, a praia do Botafogo, a avenida da Ligaçãõ, a praia do Flamengo. Ninguém, porém, achava longe. Parecia até que a sede do Flamengo era ali. (1946, p. 233-257. Grifo nosso.)

Reforçamos aqui, que a distinção entre grupos se deve, sobretudo, ao totem em torno do qual se agregam os torcedores, este poderá ser um herói, uma estrela esportiva, um santo, um jornal, um guru financeiro, um fantasma ou um território, uma instituição como objeto, este tem pouca importância neste contexto. O que é essencial para a presente análise é o ambiente mágico que ele segrega, a adesão que suscita – a viscosidade do ar que Nelson Rodrigues observou tão bem em 1956 (*Última Hora*, 5.4.1956):

As Bodas de Sangue do Flamengo

Diante de vós, está o campeão ou mais do que isso, o tricampeão da cidade. Ao entrar em campo ontem, sangrava ainda de recentíssima goleada. Sofrera na carne e na alma a humilhação dos 5 x 1. Mas eis o mistério do Flamengo: – a derrota o transfigura, a derrota o viriliza. E se me perguntassem qual a Joana D’Arc que empunhou a imbatível bandeira rubro-negra, eu responderia: – foi a goleada. Façam tudo com o Flamengo, tudo. Vençam-no de 1, de 2 ou no máximo de 3.

De cinco não! Eis a verdade, amigos: – há qualquer coisa de fatal e, mesmo, de suicida no adversário que crava cinco “goals” no Flamengo.

Se o América tivesse vencido de pouco, de menos, talvez fosse, neste momento, o campeão da cidade. Pois, a noite de ontem, que foi rubro-negra, devia ter sido simplesmente rubra. De fato, há vinte anos que dura o idílio do América com o campeonato. É um longo e pungente namoro, que se arrasta e que se eterniza, sob o signo da frustração. Pois bem: – parecia que ontem, finalmente, o América teria o prêmio de sua dilacerada obstinação: – as bodas sempre adiadas. Por mim, eu confesso: – fui para o estádio, como tantos outros, na certeza de que assistiria às núpcias do América com a vitória sonhada em vinte anos de contido desejo.

Desta vez, ele não apareceu desfigurado. Pendia-lhe do peito a verdadeira e passional camisa. Em suma: – era o América cor-de-sangue e cor-de-fogo preparado amorosamente para a vitória. Todos nós víamos, todos nós saudávamos como favorito. E esquecíamos que estava ali, o Flamengo, ensangüentado, ainda, dos 5 x 1. Quatro dias antes, o América incidira no erro fatal de golear o Flamengo. Fosse este um outro time e estaria de rastros, de cócoras, a enxugar, no lábio, a baba do terror e da impotência.

Desde os primeiros momentos, porém, sentiu-se, no estádio, que o Flamengo é o time inaufragável. A goleada recente, em vez de afogá-lo, de asfíxiá-lo, pelo contrário: – serviu-lhe de insuperável afrodisíaco. Como controlar o seu tremendo impulso para o triunfo? Começa o jogo e o ex-goleado, o ex-humilhado, o ex-deprimi-

do, desgrenha a própria juba e se arremessa na luta, com uma voracidade medonha. Houve momentos em que pareceu-me que até a bola estava intimidada e subserviente, de que até a bola andava atrás dos jogadores rubro-negros com uma humildade e uma adulação de cade-linha. Alguém objetará que Alarcom se contun-diu. Outros dirão que, com Alarcom, talvez o América vencesse.

Mas um jogo é o que foi e não poderia ter sido. Não temos o direito de julgar um “match” já acabado, já consumado, na base de hipóteses re-trospectivas. Eis a verdade: – o Flamengo ven-ceu porque era dele, e não do América, a noite de ontem. Era dele, e não do América, a tremenda, a pública, a incontível volúpia com que perse-guiu a vitória e, por fim, a possuiu. Duzentas mil pessoas viram o espasmo do time rubro-negro diante de cada “goal”. Mas justiça se lhe faça: – o América sofreu uma linda, uma viril, uma briosa derrota. Perdendo de 3 x 1, ele ainda hipnotizava as duas torcidas – a própria e a adversária – com sua obstinação selvagem. A torcida rubra não o abandonou, não arredou o pé do estádio, assistindo à empolgante agonia do seu clube. Poucas vezes terei visto, em fute-bol, um quadro cair assim nobremente como um César apunhalado.

E não tenhamos dúvidas: – o Flamengo humi-lhado é imbatível. Teve, sobre o América, a supe-rioridade do desespero. Ao passo que o América foi um bravo adversário, mas sem a loucura, o delírio e, mesmo o amok do Flamengo. Digo “amok” e já me ocorre um quase trocadilho: – amor. Para tricampeão, o jogo de ontem, acima

de tudo, uma noite de amor. De Chamorro a Zagalo, todos tinham um pouco ou, antes, todos tinham muito de Gilberto Cardoso. Cada jogador rubro-negro foi, ontem, um jovem Gilberto Cardoso, com a mesma sofrida, exasperada fidelidade ao clube. Sim amigos: – Gilberto Cardoso deu a vida pelo Flamengo. E ontem, se fosse preciso, o Flamengo morreria pelo tricampeonato.

É assim que, num movimento circular sem fim, a ética, o que agrega o grupo, torna-se estética, emoção e senso comum. O espetáculo generaliza-se e o espectador pede bis. Eis aí definida a área do lúdico, do prazer. Não há forçosamente ocasião para se lamentar, é possível que isso induza a uma cultura, uma maneira de ser específica em cada instante. O que podemos afirmar é que cada um é definido, tem suas idéias, mas é claro, não são nada além de pessoais. Essas são encontradas de diversos modos em todas as expressões societárias como a literatura, os modos de vida, as múltiplas formas culturais, sem esquecer as ideologias, sejam elas políticas ou não. Uma dessas idéias que, de maneira transversal, percorre todas as referências sobre o Flamengo está no sentido da vida moral, o que fundamenta e permite o estar-junto. Às vezes, esta idéia exprime-se enquanto moral *stricto sensu*, isto é, assume a forma de uma categoria dominante, universal, rígida, e privilegia com isso, o projeto, a produtividade e o puritanismo ou a lógica do dever ser. Outras vezes, ao contrário, vai valorizar o sensível, a comunicação, a emoção coletiva e será, então, mais relativa, completamente dependente dos grupos ou tribos que se estruturam enquanto tais; será então esta ética um *ethos* que vem de um estado de espírito, como diz Pongetti (*O Povo*, Fortaleza, dezembro de 1964):

Um Estado de Alma Chamado Flamengo

Rio – De repente o mundo perdeu o valor e a vida ficou vazia de sentido. Crepe nigérrimo devia ter descido do céu, como luto da terra, e tira-

do a alegria inútil das cores de todas as coisas. Meu compadre José tinha prometido consertar seu barraco da Ladeira dos Tabajaras, mas adiou a tarefa para Domingo indeterminado. Minha comadre Gildete veio na Segunda-feira reassumir a cozinha e me contou como foi tomada a dramática decisão. Foi quando o juiz apitou dando o jogo por terminado e ninguém mais poderia cancelar a fatalidade do um a zero.

- O Flamengo perdeu: que se dane a peste do telhado!

Consertar o telhado tinha sido um modo de comprometer ainda mais São Judas Tadeu, padroeiro do rubro-negro? Tinha sido uma promessa? Inalcançada a vitória, ficou dito por não dito? A comadre não me soube explicar, mas deve ter sido assim. Ninguém neste mundo promete tanto como o torcedor do Flamengo em véspera de jogo decisivo. Suspeito desta vez São Judas Tadeu somou as promessas não cumpridas: “Ah, vocês me passam para trás quando o Mengo vence? Pensam que é só desfraldar a bandeira, soltar bombas e cantar o hino do Paulo Magalhães? Pensam que santo que se preza leva “beicho”? Moura: ajeite o pé! Roberto, calibre a cabeça!”

Por falar no hino do Paulo Magalhães, sua popularidade extravasa dos estúdios e invade os salões de bailes carnavalescos. Seus primeiros compassos prestam-se admiravelmente para “intermezzo” da seqüência de marchinhas, reabastecem a euforia rítmica dos dançarinos, são como uma rajada de “Marselhesa” em seus ouvidos já meio automatizados. Quando os clarins irrompem, o espírito do Mengo e o espíri-

to de Momo dominam as almas e o demônio volta a entrar nos corpos travestidos. Eu não sei quanto rendeu a Francisco Manuel, de direitos de execução ou de cessão total de direitos, o Hino Nacional, ao som do qual tantas arrancadas pacíficas temos partido, mas vencido. Mas duvido que, mesmo com correção monetária, ele possa ter alcançado as boladas que eu vejo o Paulo Magalhães embolsar na SBAT, alguns dias depois de Cinzas, quando terminaram a arrecadação e a distribuição dos direitos autorais do Carnaval. Eu acho que se o autor da “Marselhesa” fosse vivo proporia ao Paulo uma parceria para a composição de hinos esportivo-carnavalescos: o do Bangu, por exemplo, que está a ponto de hinar-se.

E por falar também em rendimentos, reproduzo aqui uma conversa que tive com um técnico estrangeiro, diretor de produção de uma poderosa indústria metalúrgica do Estado da Guanabara.

- Pode responder à minha pergunta com toda a franqueza: seu nome jamais foi revelado. O operário brasileiro é inferior em rendimento ao seu equivalente de países de grande tradição industrial?

- Absolutamente! O operário brasileiro assimila os ensinamentos com uma rapidez espantosa, e produz tanto como seus melhores colegas estrangeiros, desde que obtenha a mesma assistência moral e material. Paz de espírito, paz do coração, paz do estômago. Mas é profundamente emotivo, e pode produzir menos sob o impacto de um acontecimento qualquer, sem ligação direta com seu destino ou de alguém de sua família.

- Por exemplo.
- Uma derrota do Flamengo.
- Ahn...
- Greves emocionais sem interferência de sindicatos: mais lágrimas do que suor; um grande e respeitável sofrimento...

De fato, impera aí o fim de uma moral universal de adesão ao Flamengo. O relativismo moral que se observa de um modo empírico, a eclosão de modos de vida alternativos, tudo isso não significa que não haja códigos específicos. Pode-se admitir que o que era marginalizado em um período difrata-se em uma multidão de marginalidades centrais por uma única questão de causalidade: a massificação das culturas, mas também porque todas as situações e práticas minúsculas constituem o terreno sobre o qual se elevam a invenção de novas tradições. Pode-se então afirmar que no Flamengo as aparências, os momentos festivos das comemorações, as deambulações diárias e os lazeres não podem mais ser considerados como elementos sem importância ou frívolos da vida social. Enquanto exprime emoções coletivas, constitui uma verdadeira centralidade subterrânea, um irreprimível querer viver. O estar-junto moral ou político, tal como prevalece na modernidade, não é senão a forma profana da religião. A divindade não é mais uma entidade tipificada e unificada, ela se dissolve no conjunto coletivo para se tornar o divino social. É quando o mundo é dissolvido a si mesmo, quando vale o instante que vai acentuar o que liga ao outro, cuja tradição deste fato se afirma nas diversas situações sociais, nos modos de vida, nas experiências que são consideradas múltiplas expressões de um vitalismo poderoso e imortal que Nelson Rodrigues (*O Globo*, 2.5.1964) encontra nas chuteiras dos jogadores brasileiros a expressão para um povo:

À Sombra das Chuteiras Imortais

Amigos, eu sempre digo nesta coluna que a multidão nunca teve cara. E, sem cara, nada tem a ver com o ser humano. Sim, a multidão é outra coisa. Ontem, porém, o Maracanã abriu todos os

seus portões. Ninguém pagou nada. Talvez por isso nunca se viu uma multidão tão terna, comovida, lírica e úmida. Éramos 130 e tantos mil caronas, gratíssimos e deslumbrados.

Por outro lado, o jogo valia a pena, íamos ver o Santos, que voltou a ser o melhor time do mundo; e o Flamengo, o clube que é apenas Flamengo, e repito: basta-lhe ser eternamente Flamengo e só. Eu diria do Santos que é o mais carioca dos clubes paulistas. A grande equipe nasceu, evidentemente, no lugar errado. Vila Belmiro é um equívoco. Tudo, no Santos, é carioca e daí o imenso e voraz carinho com que carregamos no colo. E que dizer do Flamengo? **Cada brasileiro é um pouco rubro-negro. O sublime na tarde de ontem foi o seguinte: – cada “goal” do Santos era um estouro e cada “goal” do Flamengo era outro estouro.** (Grifo nosso.)

O estádio veio abaixo quando Pelé, no primeiro minuto da partida, cabeceou um centro prodigioso de Pepe. Foi um leve, um imponderável toque, que nem a bola deve ter sentido. Mas tanto bastou para um dos “goals” mais límpidos, exatos e macios que o Maracanã já viu. Todo mundo vibrou com o lance irretocável. E, mais tarde, o estádio rebentou, novamente quando Paulo Chôco enfiou o seu. Uma reação atroz. Podia supor-se que, ali, todo mundo era Santos e todo mundo era Flamengo.

Foram noventa minutos de tensão dionisiaca. Depois o Santos desempatou para o Flamengo empatar, novamente. Para o quadro de Pelé, o empate seria a vitória, o fim do Rio-São Paulo. Mas quando se pensava que o certame estava morto, enterrado, Airton faz o terceiro “goal” rubro-negro, um golaço

que assombrou o Maracanã. E, então, ocorreu a cínica, a deslavada ressurreição do Rio-São Paulo. Ao mesmo tempo, o “goal” de Aírton salvou o Botafogo.

Antes de prosseguir, porém, eu queria dizer duas palavras sobre a brutal euforia flamenga. Supõe-se que todas as alegrias se parecem. Mas na verdade é que a alegria rubro-negra não se parece com nenhuma outra. Não sei se é mais funda, ou mais dilacerada, ou mais santa. Só sei que é diferente. Quando Aírton enfiou o terceiro “goal”, eu vi, perto, de mim, um crioulo cair de joelhos. Abria os braços para o céu. Seu olhar vazava luz. E do seu lábio grosso pendia como que uma baba elástica e bovina. Sim, aquele admirável negrão estava atravessado de luz como um santo vitral.

Eu sei que o jogo foi muito bonito e teve, por vezes, lances de alto patético. Mas nada se comparou à pura, total, monstruosa alegria rubro-negra. Sujeitos subiam pelas paredes como lagartixas profissionais. Outros queriam se pendurar nos lustres. Mas eu pergunto: – foi justa a vitória flamenga? Mais do que justa. O Santos, que é, novamente, um time em plenitude, caiu nesta ingenuidade suicida: – subestimou o adversário. Por sua vez, o deus das batalhas armou um alçapão miserável: – o “goal” ao primeiro minuto. A partir da cabeçada de Pelé o Santos fazia, em campo, uma exibição, um desfile. Nenhuma velocidade e, sobretudo, nenhuma paixão.

Ora, o Flamengo nasceu em 1911, ou 1912, sei lá. Era o tempo do Kaiser, de Mata-Hari, tempo em que as senhoras tinham tais quadris que precisavam se pôr de perfil para atravessar as portas. Mas o que

eu queria dizer é que desde então, o Flamengo tem sido o clube das reações furiosas. Muitas vezes, parece agonizar em campo, e, de repente, eis que se levanta dos seus estertores deslumbrantes. Ontem, nós o vimos arrancar para a vitória. Cada jogador do Santos, certo do triunfo deslizava pela grama, como um cisne do Itamarati. Ao passo que o Flamengo estava a um milímetro da paixão. Fez 2 x 2 e, por fim, 3 x 2. Quando soou o apito final, o Maracanã era rubro-negro, da cabeça aos sapatos.

Outra maneira de exprimir o politeísmo de valores desta relação estar-junto é o fato de experimentar em comum aquilo que suscita um valor de comunicação como a faculdade de sentir, seja na maneira e na matéria de se vestir, de se alimentar, no que diz respeito à qualidade de vida, sem esquecer as filosofias e os modos de conduta e comportamentos e, antes de tudo, o indício de uma profunda simpatia por um time de futebol. Despreza-se a separação, os processos de distinção e repousa-se na correspondência afetiva. A emoção não é mais como simples fenômeno psicológico, ou como suplemento da alma sem conseqüência, mas é como na estrutura antropológica, seus efeitos ficam por apreciar. Isso nos leva a considerar a idéia do estar-junto como sendo essencialmente uma mítica com objeto particular, onde é possível enxergar o Flamengo como uma faculdade de agregação. É nesse sentido, que o Flamengo se conduz a partir de elementos objetivos: a ação militante, festas grupais, adesão a um grupo, uniformes, ações de solidariedade, pretextos que legitimam a relação com outrem na afetividade e no conjunto, quando o clube e a cidade são unívocos nos sentimentos, como define Anderson Campos (*Jornal do Brasil*, 3.6.1969).em:

Quando o Rio é Mais Alegre

Quando o argentino Doval fez o segundo gol do Flamengo, ainda no primeiro tempo, Carlinhos Niemeyer não conseguiu gritar: limitou-se a rir e chorar ao mesmo tempo, estático, como uma expressão quase de incredulidade no

rosto. No mesmo instante, um humilde torcedor rubro-negro, Aimberê Bernardo dos Santos, de 21 anos, sentiu-se onipotente e saltou de uma altura de seis metros na arquibancada, como se fosse um urubu: fraturou a perna e os molares, mas ainda no hospital mantinha o sorriso.

As reações do Carlinhos Niemeyer e do anônimo Aimberê Bernardo servem para definir o estado de espírito da cidade, que ontem amanheceu sorrindo: rubro-negros, tricolores, vascaínos e americanos se irmanaram numa frente ampla esportiva para comemorar a derrota do Botafogo – até então imbatível pelo Flamengo há quatro campeonatos.

Na saída do estádio, um torcedor não conseguia mais gritar e demonstrava seu delírio rolando no asfalto com uma bandeira rubro-negra atada às roupas; em Irajá, na Zona Suburbana, o estoque de cervejas acabou meia hora depois do jogo; no restaurante Varanda, em Ipanema, seus freqüentadores deixaram de lado as músicas de Tom Jobim para entoar a paródia do samba do Salgueiro: “Zum-zum-zum, zum-zum-zum, o Flamengo mata mais um.”

O que os sofisticados chamam de tropicalismo é a expressão mais autêntica da ingênua alegria popular: na rua Visconde de Pirajá, em Ipanema, dois jovens rubro-negros recém-casados saíram da igreja e desfilaram sentados no capô do automóvel, distribuindo beijinhos para o alto dos edifícios, onde bandeiras do Flamengo os saudavam. Ela vestida de noiva e ele num elegante terno negro estilo Pierre Cardin. Dali seguiram para o programa de televisão, onde o animador

homenageou o vencedor de Domingo e ainda premiou com NCr\$ 200,00 a maior bandeira rubro-negra levada ao auditório.

O consumo de bebidas na cidade quadruplicou no Domingo e a produção nas fábricas ficou reduzida quase à metade na Segunda-feira; inimizades foram esquecidas e novas amizades feitas entre a gente humilde das arquibancadas, irmanadas pelo sentimento comum de amor ao clube mais popular do Brasil. Do urubu levado a campo à lua que surgiu no finzinho do jogo sobre os refletores, todos homenagearam a vitória do Flamengo, que devolveu ao Rio de Janeiro o sorriso do seu povo.

Em cada um desses casos, e ainda em muitos outros, parecem estar em confronto com um verdadeiro impulso instintivo que incita a se reunir por tudo e por qualquer coisa, importando apenas e afinal, o ambiente afetivo que cada um está imerso. É essa ligação de um grupo que a vitalidade serve de fundamento a uma forma específica de sociabilidade. Isso significa reconhecer a importância do “imaterial” no próprio “material”. Eis que não deixa de ser prospectivo em um momento em que, graças ao desenvolvimento tecnológico, a eficácia das imagens imateriais através da mídia e o corolário iconográfico dos escritores, poetas, cronistas, as próprias empresas de propaganda e *marketing* esportivo, dirigem seus esforços em direção aos “investimentos imateriais” para se tornarem mais competitivos. Isto é comum nas sociedades complexas em construção e onde formiga uma multiplicidade de valores perfeitamente heterogêneos. Essas sociedades são evidentemente politeístas, mas não resta dúvida de que um ambiente específico as caracteriza. Elas segregam também um espírito de tempo particular, ou seja, sem ter uma unidade, não deixam de ter unicidade como expressa Eliézer Rosa (*O Dia*, 29.6.1969):

Carta a João Antero de Carvalho

Nesta manhã de chuva e sol, cheia de frio, ao som cantante dos martelos dos operários numa

obra próxima, lembrei-me de escrever-lhe para matar saudades. Ainda não volvi a mim, à minha calma interior, desde aquele tormentoso Domingo em que o Flamengo perdeu para o Fluminense. Não que eu seja flamengo, como você e todo mundo sabe, mas a verdade é que eu gosto do Flamengo e não sinto prazer quando ele perde. Nisso de futebol, sou ecumênico, se a palavra tão amável cabe em tal assunto. Gosto de todos os clubes, embora tenha minha religião pelo nosso América.

Ouçã bem, meu caro Antero: o Flamengo não é somente um clube, uma agremiação esportiva. O Flamengo é uma religião, uma seita, um credo, com sua bíblia e seus profetas maiores e menores. O Flamengo é um amor, uma devoção, uma eterna comunhão de sentimentos. Por ele muitos deram a vida, alienaram a liberdade, destruíram amizades, arruinaram lares, com homicídios e suicídios. O Flamengo, o flamenguismo, para ser mais exato, é uma cardiopatia. O Flamengo dá febre, dá meningite, dá cirrose hepática, dá neurose, dá exaltação de vida e de morte. O Flamengo é uma alucinação. Deveria ser feita uma Lei Federal que obrigasse o Flamengo a jogar em todo o Brasil, toda semana, e ganhar sempre. Quando o Flamengo vence, há mais amor nos morros, mais doçura nos lares, mais vibração nas ruas, a vida canta, os ânimos se roboram, o homem trabalha mais e melhor, os filhos ganham presentes. Há beijos nas praças e nos jardins, porque a alma está em paz, está feliz. O Flamengo não pode perder, não deve perder. Sua derrota frustra, entristece humilha e abate. A saúde pública, a higiene nacional exige que o Flamengo vença, para o bem de todos, para a felicidade geral, para o bem-estar nacional.

Aqui vai um anteprojeto de lei.

Lei n. °...

Dispõe sobre normas de saúde pública

Art.1º – O Flamengo jogará semanalmente em todos os Estados da Federação.

Art.2º – O Flamengo vencerá todas as partidas.

Art.3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Saiba que esta é uma Lei necessária. Ela deverá vir o quanto antes. Algum dia, ela poderá ser revogada em favor do América. O importante é o precedente legislativo.

Enquanto a unidade exprime uma entidade fechada e homogênea (identidade, indivíduo, estado-nação), a noção de unicidade traduz a abertura, o heterogêneo (identificação, policulturalismo). Assim, a prática de redes, ou tribos, ou ainda, categorias sócio-profissionais como, por exemplo, os clubes esportivos se elaboram transversalmente por signos de reconhecimento, práticas culturais, faixas etárias, participação de grupos afetivos, num processo de massificação constante, operam-se condensações, organizam-se tribos mais ou menos efêmeras que comungam valores e, num balé sem fim, entrechocam-se, atraem-se, repelem-se numa constelação de contornos difusos e perfeitamente fluidos. A unicidade da constelação flamenga em questão é feita do entrecruzamento e da correspondência de microvalores éticos, religiosos, culturais, sexuais, produtivos, que por sedimentação constituem o solo da comunicação entre os seus, que tem por função ressaltar a eficácia das formas de simpatia e seu papel de elo e/ou laço social no novo paradigma que se esboça, que os imaginários de diversas espécies irrigam em profundidade a vida em sociedade através do Flamengo, onde a atividade comunicacional prevalece à idéia de estar-junto.

A temática da atração das sensibilidades engendra novas formas de sociabilidade. Essas atrações, e porque não as repulsões que aparecem para

desenhar a carta de uma astronomia social complexa, onde sob a aparente divagação dos trajetos pessoais e tribais encontrar-se-iam códigos, regras, costumes, deixando pouco espaço para o cálculo racional.

Já a temática da liberação, que sob suas diversas modulações animou a modernidade do fim do século XIX, sucederia a temática da atração com uma conotação um pouco animal, ou com o seu ambiente pelo menos não racional das coisas que remetem a interatividade cara à teoria da comunicação e à interpenetrabilidade dos corpos, cuja importância é a atração e a corporeidade caminhando juntas. Pode-se indicar que isto somente traduz a conjunção de elementos sensuais: ênfase na aparência, importância do hedonismo, desenvolvimento festivo esportivo e musical, coisas que só se compreendem com a presença do outro, coisas que também conduzem a elaborar um sistema de conhecimento baseado na tradição. De fato, a temática da atração leva a sério a idéia de corpo social, isto é, o que faz de cada um, um elemento do conjunto global. É instrutivo observar a importância que retoma o bestiário na vida cotidiana: na publicidade, através da multiplicação dos animais símbolos como o urubu, galinha, galo, leão, sem esquecer os clichês (palavras repetidas, como afirmativas), que pontuam as relações afetivas do torcedor com o clube. Há ainda aí um naturalismo que lembra a função emblemática que pode representar o corolário em outros períodos holísticos. É preciso também fazer referência, sem lhe atribuir um valor pejorativo, ao fetichismo do espaço e dos lugares por onde o Flamengo passou. Inúmeras dessas expressões não deixam de ser criticáveis, como a mitificação que constitui o bairro, não resta dúvida que sua emulação é uma reconstrução poética. Do mesmo modo, a multiplicação de residências secundárias, no início da fundação (das raízes) do clube. Reencontramos aqui a carga antropológica da “*domus antiga*”, a dimensão ctoniana do espaço, o que o liga à terra e as suas divindades, cujo vetor é a tradição como expressa Paulo Comide na crônica publicada em “Flamengo é o Maior” (1956):

Flamengo
Preto e vermelho
.....
Flamengo sempre Flamengo
Os de outras praias que passem.
.....

Flamba Flamengo
 Flamengo dos craques dos grandes torneios, re-
 gatas, boleios
 O Tricampeão
 Flamengo dos Rubens Doutor nos goleios do
 “esporte bretão”
 É o sangue dos negros que pulsa e se agita – que
 glória inaudita
 Jogar no Fla-Flu!
 As cores do clube – dos Onze do Mengo – não
 há quem derrube!
 Crepita Flamengo.

Entretanto, há quem pense como Blumenberg,³ como um dos adversários da secularização mítica. Este autor acredita que o pensamento moderno não esteja em relação de continuidade com o medieval no sentido em que as idéias laicas, elaboradas no seu âmbito, sejam uma tradução ou uma adaptação de dogmas teológicos ou metafísicos precedentes e reitera sua crítica que “(...) o homem copernicano introduziu no seu mundo novidades inauditas e, interrompendo as ligações com a tradição, deixou realmente o passado livre para passar, abrindo o novo tempo, ou seja, a modernidade” (apud Bodei, op.cit., p. 227-235).

Em defesa do nosso propósito, consideramos que não poderemos nos livrar da tradição. A consciência do indivíduo não constitui, com efeito, um centro auto-suficiente isolado com relação à realidade da história que o circunda. Faz parte do mundo com o qual se comunica por meio das linguagens. Interpretamos os acontecimentos somente do interior do horizonte determinado pelo pertencimento a uma tradição, aos seus específicos, aos seus encantamentos e antes inexplicáveis pressupostos. O entendimento não é, logicamente, puro, neutro e incondicionado. É ilusório imaginar que somos uma *tabula rasa* livre de condicionamentos ou de certezas pregressas mais obstinadas que sejam. Quem quer duvidar de tudo não chegaria nem mesmo a duvidar. O próprio jogo da dúvida pressupõe uma certeza, um processo recorrente e não acabado de sucessivas retificações e aberturas.

Todos são indelevelmente marcados pelas heranças e pelo que se absorve das tradições. Mesmo querendo, não podemos nos depurar dos pré-condicionamentos históricos. Não podemos apagar o que foi escrito pela e na nossa história. Eliminados os traços, desaparecidas as impressões da tradição não sobra nada. Mesmo a mais autêntica e sólida das tradições não se desenvolve naturalmente em virtude da força de persistência do que uma única vez ocorreu, mas tem a necessidade de ser aceita, de ser adotada e cultivada. Ela é essencialmente conservação, aquela mesma conservação que se opera do lado e dentro de toda mudança histórica. Podemos reescrevê-la e reelaborá-la incessantemente, até mesmo onde a vida se modifica de maneira tempestuosa como por exemplo nas épocas das revoluções, na pretensa mudança causalística de todas as coisas conserva-se do passado muito mais do que se imagina e solda-se junto ao novo, adquirindo uma validade renovada.

Mais do que se libertar da tradição considerada um peso, ocorre redescobrir sua riqueza íntima, pelo fato de ela nunca ser unívoca, muito menos lacrada. O que preenche a consciência histórica é uma multiplicidade de vozes nas quais ressoa o passado. Somente na reutilização e readequação de tais vozes no presente, o passado pode existir. Isso constitui a essência da tradição da qual somos e tornamo-nos partícipes.

Pertencer a uma história significa o reconhecimento de outras histórias e de outras pessoas. Deixar que vozes diversas e discordantes se contraponham do interior e compreender a alteridade é colocar à prova a condição de reedificação e alargamento dos horizontes e contribuir para a própria história. Conhecer justamente que a verdade não é monológica, mas dialógica porque não desvela algo que preexiste — é o resultado do entender e interpretar em comum.

Isto implica que de toda a literatura e situações interpretadas, comparadas, analisadas não podemos dar conta por inteiro da tradição, pois esta mostra que a evidência é a coisa mais escondida que o excesso de clareza pode obscurecer. Somente as diferenças, as nuances, as comparações permitem compreender que não nos despimos da metafísica do Flamengo e da sua composição mítica. Ela se mantém mostrando suas infinitas ramificações dos modos de pensar, sentir e agir, as hesitações, as ambigüidades, as reverberações e os deslocamentos sociais do povo, que o esporte, através do futebol e este em relação a sua trajetória na sociedade carioca e brasileira,

efetivaram a reelaboração da tradição, que agora remetemos aos cronistas como parte coadjuvante dos poetas, músicos e carnavalescos como enaltecedores do comum e os animadores da formalização da tradição inventada que é o Flamengo.

Os exemplos abundam e, é fácil a cada um encontrar ilustrações empíricas. Basta assinalar que, além das quais associamos um pensamento da separação na filosofia (natureza/cultura), uma análise da distinção na sociologia está cada vez mais fortalecida por uma série de curtos-circuitos permanentes, por variáveis constantes que nos forcem a pensar a trajetibilidade na obra pós-histórica, ou seja, o clube acaba de ser absorvido num conjunto mais indiferenciado. São incertezas de diversas espécies, exprimindo-se na identidade ideológica, política, profissional e, sobretudo, essas que podem ser imorais em relação às normas estabelecidas, não deixam de ser promissoras. Enfim podemos explicar, ou de acordo com David Nasser (“Diário de um Repórter” – TV Tupi e *O Jornal*, Rio de Janeiro, s.d.):

O Flamengo Não Se Explica

De volta para casa, quando a multidão deixava o estádio, na ruidosa comemoração de mais uma vitória do Flamengo, eu que sou Fluminense, vinha pensando no estranho fenômeno que é a doença rubro-negra. É algo que não se explica, cujas origens ninguém conhece, qualquer coisa parecida com religião, feitiçaria ou auto-hipnose coletiva.

Ser Flamengo não é o sentimento de amor clubístico, de paixão esportiva, de predileção pela camisa, pelas cores, pela história deste ou daquele clube.

Ser vascaíno se explica, de alguma forma, com as raízes sentimentais do clube da Cruz de Malta, raízes cravadas na história portuguesa. O botafoguense é como o tricolor, um quase aristocrata.

crata da torcida, o americano é devoto de um credo quase particular de um bairro, o São Cristóvão tem seus remanescentes, o Bonsucesso, o Bangu, o Campo Grande, o Olaria se explicam pelos próprios nomes, que são de seus bairros, de seus subúrbios. Mas o Flamengo, não. É o nome de um bairro, sim, porém, muito rubro-negro convicto pensa que o bairro nasceu do clube.

É uma paixão como um rio, que tivesse nascido como um fio d'água numa cordilheira e rolasse por um continente, crescendo, avolumando-se num monstruoso curso d'água – de paixões, de esperanças, de vibrações, de mágoas, de decepções. Assim é o mistério do Flamengo. Sua torcida é a maior do Brasil embora seu quadro social seja dos menores entre os grandes. O Scassa explicaria facilmente, dizendo que o Flamengo salta nas manchetes dizendo que dá um bilhão por Pelé – O Flamengo não está arrotando peru.

Se duvidarem aquele povinho moreno, humilde, sofrido, deixa de jantar, deixa de beber, as escolas de samba contêm despesas, os operários fazem misérias de economia – mas se deixarem, se o Athiê vender, se o crioulo de ouro quiser, o dinheiro aparece e o Flamengo compra Pelé. Esse um bilhão de cruzeiros será mais exatamente um bilhão de esperanças e de jejuns sagrados.

Mas se o jogador ou o técnico não se constituem nas peças essenciais do Flamengo, nem mesmo as diretorias que passam, o Dragão negro que fica, nada disso são decisivos na história do clube.

Embalado por um vento que ninguém sabe de onde vem o time que estava por baixo, que perdia

descaradamente, que se desmoralizava em terras da Espanha, que caía de quatro ante um Mandacaru Futebol Clube lá nos confins-dos-judas, esse time de fantasmas, um time sem nomes, quase sem craques, sem que se saiba como de repente se levanta em campo e parece levado de roldão por mãos invisíveis, por um clamor inaudível que vem das arquibancadas e mais ainda das gerais.

É o 12º jogador que está de fora, na torcida do campo, na torcida em casa, é o apelo em massa de milhões de preces, porque sempre que o Flamengo joga por um título é para um rubro-negro como o Brasil jogando pela Copa do Mundo.

E se o Flamengo perde, o torcedor humilde não enrola a bandeira, não rasga a carteira, só volta para casa, quase sempre um cortiço, uma favela, um subúrbio, guarda o pavilhão humilhado para a próxima vitória – Que há de chegar, que às vezes chega, que ontem chegou.

E então é aquele festival de noite e de sangue no ar, sangue de alegria, noite de festa rubro-negra. Vá você explicar uma coisa destas! Vá dizer que o Flamengo é a alegria do pobre, que o Flamengo é o ópio do povo, que o Flamengo é isto ou aquilo, que é mistura de carnaval, Flamengo é macumba, Flamengo é cachaça, Flamengo é esperança, Flamengo é reza, samba, trem da Central, sinuca, caixa de fósforos, asfalto, Flamengo é padeiro, bandeira alegre, bandeira triste, palavrão, superstição, decepção, bofetão, frangueiro é a mãe, rabo-de-arraia, capoeira, briga no barbeiro, tudo isto um Flamengo que se um fluminense quiser explicar – acaba maluco e a família não sabe.

Notas

- ¹ HOBBSAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ² RODRIGUES FILHO, M. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1946.
- ³ Citado por BODEI, 1997.

CONCLUSÃO

Concluímos este trabalho afirmando ser o Flamengo uma tradição inventada por jornalistas, cronistas, poetas, músicos, literatos, torcedores ou não, ativistas e simpatizantes, que fizeram do time de futebol o pólo redentor de imagens absorvidas da história da fundação de um Grupo de Regatas e da realidade atual da instituição, sob a égide de Clube de Regatas do Flamengo, canalizadas e inseridas no cotidiano de uma cidade, sob a fórmula de uma imagem poética e romântica. Essa imagem aparece como uma nova interpretação de um time de futebol diferente, que em nada se compara, segundo o modo de uma metáfora comum, à válvula que se abriria para liberar-se das tensões do cotidiano. Os contos, em prosas e versos, os poemas e crônicas destacam a alegria, os sentimentos, a emoção que fariam parte da cultura popular de um povo.

Esta imagem romanescamente construída a respeito do clube pelos literatos, em sua novidade, abre um porvir popular a todos e para todos, prontos a colher imagens novas que, separadas do passado, são vividas entusiasticamente no aqui e agora à emoção de estar – juntos.

O Flamengo, nascido comumente como tantos outros clubes do final do século XIX tornar-se-ia o mais popular do Rio e do Brasil pela construção literária, utilizado política e religiosamente como símbolo de promoções, muitas vezes irreverente, outras não, mas com certeza, constituinte de

uma imagem reverenciada romanticamente pela boemia que marcou época pelos rompantes de uma juventude que iniciava o esporte no país. Esta imagem é aceita e difundida não de maneira equivocada na história centenária do futebol no país, onde inventou a tradição de um clube na voz dos literatos: “*Torcer pelo Flamengo é ser povo, é ser popular*”, “*Ser Flamengo é um estado de alma*”, ou ainda, como para Gilberto Cardoso “*O Flamengo não pára porque o Flamengo é uma força em marcha. Seu destino é a eternidade*” (Álbum Rubro-Negro, 1952).

O contexto que envolve a tradição não pode ser reduzido a um conjunto de significados ou a um sistema explanatório que seja o “certo”. O mundo social é irredutivelmente caracterizado por um complexo de significados, interpretações e modelos de crenças rivais e por vezes conflitantes. Os objetos da investigação são aquilo que as pessoas dizem e fazem, aquilo em que acreditam e que desejam, como elas constroem instituições e interagem entre si, suas complexas interseções entre diferentes planos de experiência e ação social, pois as relações básicas entre indivíduo e sociedade não têm uma causa ou natureza única. Entretanto, nas mais variadas versões interpretativas, definir as características do presente em relação ao passado tem sido uma problemática.

Segundo Giddens,

A modernidade do mundo é precisamente a constituição social da sociedade contemporânea em um mundo que superou seu passado, em uma sociedade não mais sujeita às tradições, costumes, hábitos, rotinas, expectativas e crenças que caracterizavam suas histórias. A modernidade é uma condição histórica da diferença, de um modo ou de outro, uma substituição de tudo o que vigorava antes. Não afirmo que não existam mais tradições. Se a transformação da modernidade é hoje mais visível do que nunca, é porque as conseqüências em longo prazo são agora mais extensamente vivenciadas e mais intensamente assumidas. Tampouco que as pes-

soas não acreditam nas coisas que nossos antepassados acreditavam. Ao contrário, o mundo de hoje é um mundo “pós-tradicional” na medida em que inúmeras tradições e costumes se misturam entre si. (2000, p. 19-20)¹

Tradições e costumes, crenças e expectativas constituem hoje recursos adaptáveis, flexíveis, plásticos, numa sociedade cosmopolita de culturas e estilos de vida inter cruzados. Portanto, o mundo moderno não implica na morte da tradição. Em vez disso, situa e contextualiza as tradições como contextos de tomada de decisões e como fontes alternativas de conhecimentos, valor e moralidade. Se antes vivíamos num mundo tradicional, hoje vivemos num mundo de tradições. De modo simplificado, concordando com Giddens que, quando

o passado perde sua influência, ou torna-se apenas uma razão, entre outras, para alguém fazer o que faz, os hábitos preexistentes representam apenas diretrizes limitadas para a ação, ao passo que o futuro, aberto a numerosos cenários, torna-se irresistivelmente interessante. (2000, p. 21)

Como nosso foco de análise é o futebol do Flamengo, como forma de ritual e de tradição, observamos que para muitos estudiosos citados, o futebol é o último remanescente da paixão no sentido religioso, e toda partida futebolística é uma cerimônia. A diferença da estrutura manifesta-se principalmente naquilo que fazemos de modo regular e institucionalizado, ou seja, muitos dos nossos atos cotidianos são regidos pela consciência prática, com as regras e convenções da vida social. De modo geral, as pessoas costumam conhecer melhor as razões de seus atos do que supõem muitos pesquisadores. Quando alguém diz porque torce pelo Flamengo ou qualquer outro time de futebol, podemos fazer outras perguntas, cujas respostas sejam: “Meu pai sempre torceu pelo Flamengo” ou “Moro no Aterro, sou do bairro”, ou ainda “Sempre tive esta ligação

simpática com o Flamengo”. Assim como sabemos que os índios Hopi acreditavam que a dança faz chover, sabemos, no entanto, que não faz e procuramos outra explicação para que todos ajam desse modo. E essa é explicação funcionalista – a dança da chuva e torcer pelo Flamengo – ambos tendo como pano de fundo um ritual tradicional, tem a função de garantir a coesão social. Entretanto, não sabemos se ambas as tribos têm consciência disso.

A tradição nos remete novamente à questão do tempo. É um meio pelo qual o passado vive no presente, moldando, portanto, o futuro. As tradições de acordo com Halbwachs (1990), apresentam as seguintes qualidades: a) dependem do rito que, geralmente, mas nem sempre, assume a forma de cerimonial coletivo; b) envolvem repetição e, logo, certo classicismo; c) implicam na noção de verdade ritual, cuja verdade da tradição é dada pelo conjunto de práticas que ela preserva. Esse é o ponto crucial das diferenças entre os modos tradicionais de agir e aqueles baseados na indagação racional ou científica. Evidentemente, certos tipos de atividade ou instituição podem envolver elementos de ambos: a prática da ciência, por exemplo, pode assumir feições tradicionais; d) a tradição é sempre coletiva: os indivíduos podem ter seus próprios rituais, mas as tradições pertencem ao grupo e a razão disso, como assinalou o sociólogo francês Maurice Halbwachs: “A tradição é uma forma de memória coletiva, ela transmite experiências através do ritual” (1990, p. 95).

Assim, o grupo de literatos, ativistas e simpatizantes, como grupos sociais informais e formados aleatoriamente, tomam o Flamengo como foco de referência literária e/ou para torcer por um time de futebol. Em seus ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, singulares ou não, mas incrivelmente transformadores, exigem novos instrumentos que assegurem ou expressem identidade e coesão social, estruturando novas relações sociais. Entretanto, consideramos difícil descobrir a origem de quando a tradição foi inventada, em parte desenvolvida por grupo fechado (como instituição, onde é menos provável que algum processo tenha sido registrado em documentos), ou por grupos mais abertos (torcedores, ativistas e simpatizantes) ou mais provável, de maneira informal, durante um certo período, ou ainda, é essencialmente um processo de formalização e ritualização caracterizado por se referir ao passado, mesmo que fosse apenas pela imposição da repetição.

Para Hobsbawm,

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, numa continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (...) O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo. (1997, p. 9-10)²

É preciso evitar certos equívocos com relação à idéia de tradição como, por exemplo, é ilusório supor que as tradições são imutáveis, que não se cristalizam. Isto quer dizer que, normalmente, a mudança é evolucionária, dada a importância fundamental do rito e da repetição. Também é equivocado supor que algum tipo de comportamento para ser tradicional deve ter existido por muito tempo. As tradições podem ser inventadas e firmar-se em pouco tempo. O historiador Eric Hobsbawm, em seu livro *A invenção das tradições*, afirma que “as tradições foram inventadas e reinventadas ao longo da história, com maior ou menor grau de intencionalidade” (1997, p. 10). Assim é preciso reconhecer que as tradições nem sempre são uniformes. Elas se prestam a diferentes interpretações, ainda que todos os envolvidos pretendam seguir caminhos clássicos ou que cada qual pretenda ser totalmente diferente na interpretação da tradição que se presta a ter um fim, é inimaginável que ela se finde em si mesma ou acabe.

A reinvenção de uma tradição não quer dizer que seja o seu fim, e que o mundo que ela descreve desapareça, mas que seu papel social se transforma. As culturas tradicionais, assim como os modos tradicionais de fazer as coisas persistem em todo o mundo, inclusive nas sociedades ocidentais. O processo de invenção e reinvenção da tradição continua.

No caso do Flamengo como tradição inventada, os relatos analisados e comparativamente dispostos na literatura dos jornalistas e cronistas elaboraram uma história do clube ressaltando a poética do cotidiano, cujas histórias e estórias são construídas romanescamente e permanecem na memória coletiva. Durante a pesquisa, observamos que muitas das histórias, até então algumas recentes, constituídas e reconstituídas na literatura romântica do Flamengo – aqueles lances narrados maravilhosamente com saudosismo – não têm qualquer registro na mídia jornalística ou fotográfica. Muitas talvez se perderam, outras foram esquecidas ou engolidas pela grande quantidade de informações e de imagens que são geradas atualmente pelos meios de comunicação. Em meio a esta torre de babel futebolística, o que sobra são os momentos mais simbólicos, mais fortes, mais geniais e/ou fantásticos, que muitas vezes nos chegam trazidos por um dos veículos de comunicação mais antigos do mundo: o boca a boca.

Para Lovisolo (2001, p. 81),

O saudosismo é um elemento presente na crítica do futebol dito moderno, comercial, espetáculo ou indústria do futebol e é localizável já em escritos produzidos no século passado. Há um coro de vozes que afirmam que o futebol do passado era superior, melhor, mais futebol. Nas versões menos elaboradas, o futebol do passado era melhor porque original, primeiro, sua evolução ou história apenas testemunharia sua decadência. O saudosista adere ao mito de que as coisas são puras e plenas quando nascem, depois começa o deterioro. O tempo passado sempre é o melhor, o saudosista sofre de desencanto do presente. Para as vozes mais elaboradas, esse passado – que sempre é possível de ser recuado ou infinitamente regredido, como foi demonstrado para o caso da vida simples e pura do campo na literatura inglesa de Raymond Willians, o futebol foi mais puro e simples e, sobretudo, vin-

culado ao prazer de se jogar pelo prazer de jogar. Na origem não havia dinheiro, nem juizes, nem relógios, nem regras.³

A memória do torcedor resgata aquilo que o maravilhou no dia em que foi ao estádio, ou aquilo que ele ouviu sobre os grandes feitos do craque que não joga mais, ou que jogou pelo seu clube, ou ainda escuta e transmite oralmente histórias e estórias daqueles que já não mais existem, recriando fatos, inventando lances e formalizando a poética romântica do herói. A lista é imensa também na literatura sobre o Flamengo, contadas e recontadas em versos e prosas, agregando fantasias e personagens de jogadores às instituições, colorindo as histórias de futebol, metodologicamente, onde os tempos eram outros.

Notamos ainda de acordo com Lovisolo que nem o advento do profissionalismo diminuiu a paixão popular pelo futebol. Podemos afirmar que, com o profissionalismo, ocorreu maior acesso e aceitação por parte da imprensa esportiva, advindo a popularização do esporte como espetáculo, como aponta o autor,

De fato, os clubes pagam caro pelos grandes jogadores, que constituem sempre uma baixa proporção total. São magnificamente pagos porque são grandes, porque têm um histórico de jogadas belas, inteligentes, criativas, enfim, porque fazem disparar os cavalos de nossa emoção de torcedores. Inútil, de fato, é o jogador que não contribui com a desandada dos cavalos da emoção. Não pagamos para ver esse tipo de jogador, pagamos, sim, para ver o jogador que em segundos realiza uma jogada genial. (...) O útil para o futebol espetáculo é o que gera lucros, para isso é necessário ter estádios cheios e telespectadores, assim os espaços publicitários se vendem ao melhor preço. Apenas se pode conseguir isso fazendo jogos que satisfaçam aos que pagam. En-

tão, o inútil é um jogo chato, sem emoções, enfim, o inútil é que abandonemos os estádios ou troquemos de canal. (2001, p. 85)

Observamos em nossa análise que a maior concentração literária sobre futebol e, principalmente, sobre o Flamengo dá-se após a profissionalização. Desacreditamos, portanto, que com o advento do profissionalismo do futebol diminuiu a paixão popular pelo esporte. Constatamos que, na década de 1930,⁴ a aceitação popular do futebol deu-se pelo acesso à imprensa pelos jornalistas, cronistas, poetas e músicos que contribuiu para a confirmação da invenção da tradição.

Outro ponto analisado na literatura sobre o Flamengo foi acerca da tradição mitopoética nas analogias da música popular e de carnaval destinadas ao Flamengo. Lovisolo (2001, p. 95) entende por reforço da invenção da tradição mitopoética “ao conjunto de esforços destinados a colocar em relação as características do estilo do futebol com características da cultura ou caráter nacionais. Mediante essa elaboração, o futebol, como outros esportes, foi convertido em dimensão da cultura nacional”. E afirma que:

A cultura nacional se solidifica nas analogias entre a expressão corporal no futebol, na dança e na música. É a construção poética dirigida à emoção, que demanda a unidade, o fundamento da operação. A operação é facilitada porque há apenas um esporte popular e nacional: o futebol. As coisas seriam bem diferentes se a construção da tradição do estilo tivesse que lidar com vários esportes. As analogias são fracas e etéreas, contudo, quase que incontestáveis sob o ponto de vista da emoção que demanda a unidade. Contudo, não estamos diante de uma construção científica, pois ela não pode ser refutada nem verificada, apenas relativizada se salientarmos que os mesmos mecanismos de

construção existem por toda parte e, em cada lugar, se tomam elementos locais que, para os intelectuais, seriam eixos de cultura popular que deverá se tornar em tradição nacional (idem).

Concordando com a posição de Lovisolo, citamos como reforço da invenção da tradição não somente a posição dos intelectuais, mas o discurso politicamente situado de Vargas Neto, Presidente do extinto Conselho Nacional de Desportos (CND): “O Flamengo é um estado de espírito da multidão. Possui a torcida mais típica da cidade, a torcida carioca por excelência, irônica e gozadora, é a representante da alegria brasileira” (*Gazeta* s/d). Vargas Neto transcende o seu discurso colocando o time de futebol do Flamengo representante do comportamento espiritual da multidão, passa-o à representação de uma cidade, logo do Estado do Rio de Janeiro ao se referir à “torcida carioca” e por fim, o Flamengo representa a alegria do povo brasileiro.

Para Hobsbawm:

O que circula pelo mundo é uma combinação de todas as diferentes tradições. A cultura popular global é o produto dessa disponibilidade para a mistura de elementos diversos provenientes de várias regiões do planeta. A cultura erudita não partilha desse dinamismo. No campo da cultura popular, estamos no final do século XX, diante de um grande sincretismo. O exemplo mais óbvio é o da música popular caracterizada pela assimilação de elementos diversos: a cultura dos negros americanos, a cultura branca da música *country*, a cultura latino-americana e, recentemente, também as africanas e indianas. Em suma, tudo entra nessa mistura. (...) Não, não parece contradição, a diversidade. Não vejo indício convincente de que as culturas locais estão reagindo

fortemente contra a globalização. Há alguns casos restritos desse tipo, mas não em uma escala ampla. O que em geral se dá nas comunidades de imigrantes é a crescente assimilação dos valores ocidentais, mas ao mesmo tempo, preservando práticas e tradições originais de gerações mais velhas. Não creio que a globalização tenha algo a ver com o fundamentalismo, além do fato de que qualquer coisa que pertence à tradição afeta os fundamentalistas, e sem dúvida a globalização é uma delas. O fundamentalismo é uma reação contra tudo que vem do mundo exterior. Não vamos misturar coisas diferentes: a globalização e a ruptura dos estilos de vida tradicionais. (2000, p. 132-138)⁵

É aqui que se tornam explícitas as relações entre a tradição e o Flamengo: a cristalização da tradição, como significado de construção da realidade, aproxima-se muito dos modos pelos quais a busca de ordem e de sentido obtém respostas. Busca esta que se situa nas raízes da atração pela atividade carismática de torcer por um time de futebol.

O grande mérito da atividade carismática é a relação racional com a realidade e, como complemento, uma satisfação imaginária, podendo assumir as mais diversas formas, desde as estruturas adaptadas do lapso e do sonho, até as estruturas inadaptadas da alienação religiosa e da loucura em forma de paixão, cujos instintos subsistem no inconsciente e tendem para uma satisfação simbólica que nem sempre é a posse de alguma coisa. Assim, explicar o Flamengo somente pelo torcer por um time de futebol como válvula compensatória para os compromissos que a realidade impõe aos sujeitos (torcedores, ativistas e simpatizantes), que facilita a sua inserção no mundo real, o que talvez constitua o fundamento sociológico da catarse coletiva e do preenchimento do ócio, não seria suficiente para justificar sua imensa popularidade. Entretanto, torcer pelo Flamengo é diferente. O Flamengo dos cronistas, dos jornalistas, dos poetas e dos músicos, está inserido nas coisas da cidade, nesse

espaço em que os sentidos das configurações sociais, longe de serem unidades independentes, isoladas, elaboram composições impregnadas de sentimentos. O Flamengo das relações espontâneas, do pertencimento e da coesão, manipula componentes singulares, desencadeia ondas de energia, de forças permanentes de movimentos, rompe muralhas do comportamento social para hastear bandeiras de emoções. Os vocábulos e as hordas das palavras irreverentes, muitas insolentes, invadem o imaginário popular, triunfam sob a raiz da comoção, elaboram um cenário matizado na memória coletiva formando parte da tradição da cidade que, culturalmente, está associada às características embrionárias de um povo aclamado pela sua alegria e paixão pelo futebol, especialmente pelo Flamengo elegendo-o, popularmente, seu representante.

Esta formação de padrões ou estruturação simbólica concentra várias áreas e objetos essenciais à própria natureza da experiência humana, da interação social e da realidade do clube. Esta formação de padrões organiza-se geralmente de vários modos: estético, emotivo, intelectual ou cognitivo, religioso, ideológico, filosófico, com as suas várias divisões, cujas combinações constituem as formas fundamentais de organizar a sociedade. Pertencem à tradição outros elementos e dimensões simbólicas: os elementos míticos, rituais, bem como a solidariedade social e a justiça, cada um dos quais é susceptível de elaboração racional, substantiva e pode servir de foco para a definição das identidades coletivas e pessoais, de base para a participação num ambiente provido de sentido.

Desta maneira, expressando os sentimentos com relação ao futebol, os literatos fizeram do Flamengo presença constante na vida do carioca e do brasileiro, como representante da formação de condutas sociais via esporte, inculcando valores, comportamentos e atitudes como: moralidade, religiosidade, atos (de violência ou não), costumes, modelos normativos e organizacionais singulares, ideais de honra e de nacionalismo, identidade, lealdade e paixão (emoção, sentimentos de afetividade e auto-estima), refletindo no caráter de formação de uma comunidade que estabeleceu como marca de sua preferência o Flamengo, tornando o clube um dos representantes da tradição da cidade do Rio de Janeiro e o mais popular do Brasil.

Notas

- ¹ GIDDENS, A. & PERSONS, C. *Conversas com Anthony Giddens – o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- ² HOBSBAWM, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ³ LOVISOLO, H. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R., SOARES, A. J. e LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- ⁴ Ver capítulos da PARTE III “A invenção popular do Flamengo”.
- ⁵ HOBSBAWM, E. *O novo século*. Entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

1. Documentos

Álbum Rubro-Negro de 1952, 1980, 1990.
 Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. História do Rio de Janeiro.
 Arquivo do Clube de Regatas Flamengo.
 Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
 Estatuto do Clube de Regatas do Flamengo.
 LEI N. 8.672, de 06.07.1993.
 Projeto de Lei nº 3633, de 1997.
 Rede Globo/Ibope – 11.05.99.

2. Jornais

A Noite, 24.06.1950.
Jornal do Brasil, 19.06.73. Política e Economia.
Jornal do Brasil, 1890 a 1990.
Jornal do Commercio, 1895 a 1951.
Folha de S. Paulo – 28.12.1997.
Folha de São Paulo – 1890 a 1950.
Gazeta de Notícias, 01.10.1921.
Gazeta de Notícias, 1900.
O Malho, São Paulo, 08.11.1902.
O Paiz, 1895 a 1904.
O Parafuso, São Paulo, 12.03.1919 .
Rio Jornal, em 13.03.1919.
Jornal dos Sports, 01.04.1950.
Jornal dos Sports, 01.05.1947 e 17.05.1947.
Jornal dos Sports, 02.07.1950.
Jornal dos Sports, 13.05.1948.
Jornal dos Sports, 17.03.1949.
Jornal dos Sports, 17.05 e 04.10.1947.
Jornal dos Sports, 19.07.1950.
Jornal dos Sports, 21.01.1948.
Jornal dos Sports, 22.08.1947.

3. Revistas

Contemporânea, em 15.02.1919.

Placar – 1997-2001.

Placar – Ibope – 93.

Semana, Rio de Janeiro, 13.10.1907 a 1950 .

Sportiva, 21.11.1908 a 1946.

4. Fonografia

4.1. LPs

Piranha, hino oficial da embaixada dos Piranhas, de Armando Fernades, Castro Barbosa, orquestra e coro RCA (1937); *Coisas do Destino*, de Wilson Batista, tendo como solistas Nandinho, Pirilo e Vevé, (1942); *E o Juiz Apitou*, de A. Almeida e J. Batista. Vassourinha (1942); *Depoimento de Zizinho*. *Memórias de Torcedor*, de Wilson Batista e Geraldo Gomes, gravada por Aracy de Almeida (1946); *Sempre Flamengo*, a marcha-hino de Lamartine Babo interpretada por Quatro Ases e um Coringa (1945). *Depoimento de Cyro Monteiro*. Ser Flamengo, de F. Gomes, Bruno Gomes e Ayrton Amorim. Geraldo Pereira (1951). *Sempre Flamengo*, de Lamartine Babo. Canta: Jorge Benjor. Samba Rubro-Negro, de Wilson Batista e Jorge de Castro. João Nogueira (letra que atualiza nomes dos jogadores). *Vitorioso Flamengo*. Compositor e intérprete, Morais Moreira. *Salve a Torcida*, de Carlos Fernando. Canta: Chico Buarque. *Torcida no Maracanã* (na decisão do Flamengo e Vasco, em 06 de dezembro de 1981: narração Waldir Amaral e coro da galera: Campeão, campeão). *Sempre Flamengo*, de Lamartine Babo. Orquestra e coro CID.

5. Fitas de Vídeo e Filmes

Flamengo – Rio Filmes – 1999 – (TV Cultura)

Flamengo Tri-campeão – 1983

Para Sempre Flamengo – História do Clube – 1990

Zico, 1987 (Acervo do C.R.F.)

FONTES

1. Obras citadas

- 85 ANOS DE GLÓRIAS – 1895 – 1980. Rio de Janeiro: Lidador, 1980.
- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALENCAR, E. *Flamengo, Alegria do Povo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1970.
- ALLIEZ, E. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- ALMANAQUE ABRIL BRASIL/MUNDO – 2000/2001.
- ALVAREZ, R. Cidade em grito. Em homenagem ao Flamengo. In: COUTINHO, E. *Nação Rubro-Negra*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1990.
- ALVES, I. *Uma nação chamada Flamengo*. Rio de Janeiro: Europa, 1989.
- ANDRADE, M. *Poesias completas*. Ed. crítica de Diléia Zanotto Manfio. Rio de Janeiro: Villa Nova, 1993.
- ARAÚJO, R. M. B. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ASSAF & MARTINS. *Fla-Flu: o jogo do século*. Rio de Janeiro: Letras e Expressões, 1999.
- BAUDELAIRE, J. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- BAUDRILLARD, J. *Da sedução*. São Paulo: Papirus, 2000.
- BERLIN, I. *Vico e Herder*. Brasília: UNB, 1982.
- BODEI, R. *Geometria de las pasiones: miedo, esperanza, felicidad – filosofia y uso político*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- _____. *Filosofia do século XX: filosofia e política*. São Paulo: Edusp, 2000.
- BOLLON, P. *A moral da máscara: merveilleux, zazous, dândis, punks, etc.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BOTAFOGO, O GLORIOSO: uma história em branco e preto. Rio de Janeiro: Gráfica Jornal do Brasil, 1996.
- BOUDON, R. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

- BOUDON, R. & BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- BRAUNE, F. *O Surrealismo e a Estética Fotográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- BRUNORO, J. C. & AFIF. *Futebol 100% profissional*. São Paulo: Gente, 1997.
- BURKE, P. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- CALDAS, W. *O pontapé inicial*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAMPBELL, J. & MOYERS, B. *O poder do mito*. São Paulo: Associação Pallas Athenas, 1990.
- CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados – o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASSIRER, E. *El problema del conocimiento: en la filosofía y en la ciencia modernas – el renacer del problema del conocimiento – el descubrimiento del concepto de la naturaleza – los fundamentos del idealismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- _____. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. *Filosofía de las formas simbólicas – el lenguaje*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- COHEN, A. & FRIDMAN, S. *Rio de Janeiro ontem & hoje*. Rio de Janeiro: Amazon, 1998.
- COLEÇÃO MEMÓRIAS DO BRASIL: história do futebol brasileiro, volume i, Flamengo 1895 – 1980. Rio de Janeiro: Sociedade Cultural/ Departamento de Pesquisa, Faculdades Integradas Estácio de Sá e Universidade Gama Filho, 1981.
- COMTE-SPONVILLE, A. *Tratado do desespero e da beatitude*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COUTINHO, E. *Zelins, Flamengo até morrer*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1995.
- _____. *Grandes clubes e seus maiores ídolos*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1990.
- _____. *Maracanã adeus: onze histórias de futebol*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

- DAMATTA, R. Dossiê do futebol. *Revista da USP*, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- DUARTE, O. Todas as Copas do Mundo. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora Ltda, 1998.
- ELIAS, N. O turbilhão de Maëlstron. In: _____. *Envolvimento e distanciamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. Um ensayo sobre el deporte y la violencia. In: ELIAS, N. & DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- _____. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *La civilización de los padres y otros ensayos*. Chile: Universidad Nacional, 1998.
- _____. *O processo civilizador: formação de Estado e civilização* (v. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- _____. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- FREUND, J. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FREIRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- GASSET, J. O. *A rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GIDDENS, A. & PERSONS, C. *Conversas com Anthony Giddens – o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOES JR., Edivaldo. *Os higienistas e a educação física*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

- HEGEL, G. W. F. *O belo na arte. A poesia descritiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- HELAL, R. *Nem sociólogo explica o gigantismo da Nação*. Artigo de Jornal, s.d.
- _____. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- _____. *Passes e impasses. Futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes: 1997.
- _____. *Uma tribo chamada Flamengo*. Artigo de Jornal, 19 jul. 1992, Xerox.
- HELAL, R.; SOARES, A. J. & LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HENFIL E O FLAMENGO. *Caderno de caricaturas*. Rio de Janeiro: Editora 34, s.d. (Xerox.)
- HOBSBAWM, E. *A era dos impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOBSBAWM, E. *Nações e nacionalismos: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- HOBSBAWM, E. *O novo século*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HOBSBAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOLANDA FERREIRA, A. B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- KANTAROWICZ, E. H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LEVER, J. *Loucuras do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- LINDHOLM, C. *Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LINS, D. et al. *Nietzsche e Deleuze: intensidade e paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LOVISOLO, H. *Atividade física, educação e saúde*. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

- _____. *Educação popular: maioria e conciliação*. Salvador: UFBA/ Empresa Gráfica da Bahia, 1990.
- _____. Esporte competitivo e esporte espetáculo. In: MOREIRA, W.W. & SIMÕES, R. (org.). *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: UNIMEP, 2000.
- _____. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- _____. *Educação física: arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- _____. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R.; SOARES, A. J. & LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- LÖWY, M. *Romantismo e messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- _____. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MALAFIA, M.; SOUZA, B. M. de; MATTA, F. H. da & ASSAF, R. *Vasco da Gama, C.R. Livro Oficial do Centenário. Estatístico*. Rio de Janeiro: BR Comunicações, 1998.
- MALCÓN & VIDAL. *Enciclopédia do futebol: Brasil*, n. 29-30, p. 583-601, 1973.
- MALTA, A.; REBELO, M. & BULHÕES, A. *O Rio de Janeiro do bota-abaixo*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.
- MANHÃES. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- MATTOS, C. *Cem anos de paixão: uma mitologia no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Tempo dos flamengos*, 1947. Arquivo Nacional/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- MOREIRA, W. W. & SIMÕES, R. (org.). *Fenômeno esportivo no início de um terceiro milênio*. Piracicaba: UNIMEP, 2000.
- MOURA, Gisella A. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

- OUTHWAITE, Willian & BOTTOMORE, Tom. *Pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1996.
- PEREIRA, L. A. de Miranda. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas.
- PRONI, Marcelo W. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas.
- PUBLICAÇÃO OFICIAL DO CRF – *Comemoração do I Centenário – Flamengo: um século de paixão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- QUEIROZ, M.I.P. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1946.
- RODRIGUES, N. A sombra das chuteiras imortais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 maio 1964.
- RODRIGUES, José Honório. *Civilização holandesa no Brasil*. (1940). Arquivo Nacional/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839 em diante). Seção de Documentos Privados e Seção de Documentos do Executivo e do Legislativo.
- ROSENFELD, A. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SAINT-PIERRE, H.L. *Max Weber: entre a razão e a paixão*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- SALDANHA, J. Estão matando o futebol. *Manchete*, n.938, abr. 1970.
- _____. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- SANTOS, J. R. Dossiê do futebol. *Revista da USP*, n. 22, 1994.
- SARAIVA, F. R. S. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- SCHWARTZMAN, Simon (org.). *O pensamento nacionalista e os Cadernos do Nosso Tempo*. Brasília: UNB, 1981.
- SEVCENKO, N. Futebol, metrópole e desatinos. *Revista da USP*, Dossiê Futebol, n. 22, p. 30-37, jun.-ago., 1994.
- _____. *Orfeu estático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- SOARES, A. J. *Futebol, raça e nacionalidade*: releitura da história oficial. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- SOARES, A. J. & LOVISOLO, H. O futebol é fogo de palha: a profecia de Graciliano Ramos. *Pesquisa de Campo*, Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, n. 2, 1997.
- SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção*: as seleções brasileiras de futebol, 1914/1994. Rio de Janeiro: Opera Nostra, 1995.
- SOUZA; RITO & LEITÃO. *Futebol-Arte*: a cultura e o jeito brasileiro de jogar. São Paulo: Ed. SENAC, 1998.
- SPONVILLE, A. C. Os labirintos do eu: o sonho de Narciso; os labirintos da arte: um grande céu imutável e sutil. In: _____. *Tratado do desespero e da beatitude*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SUSSEKIND, H.C. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- TOCQUEVILLE, A. *A democracia na América*: leis e costumes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- TOFFLER, A. *A terceira onda*. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- TOLEDO, Luiz H. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.
- WEBER, M. *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*. São Paulo: Edusp, 1995.
- WEBER, M. *Economia e sociedade*. Brasília: UnB, 1999. V. 2.
- _____. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1979.
- WILSON, E. *Literatura y sociedad*. Buenos Aires: SUR, 1957.
- ZAMBRANO, M. *Filosofía y poesía*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

2. Obras consultadas

- ALMINO, J. *Baixo Gávea*: diário de um morador. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- BAKTHIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: UNB, 1999.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BERLIN, I. *Limites da utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BLEGER, J. *Psicología de la conducta*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1972.
- BOLLON, P. *A moral da máscara: merveilleux, zazous, dândis, punks, etc.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. Elementos para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRASIL 500 Anos. São Paulo: Três, 1998.
- BUFORD, B. *Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- _____. *Vico*. São Paulo: UNESP, 1997.
- CALDAS, W. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP*, n. 22, 1994.
- _____. *Literatura da cultura de massa*. São Paulo: Musa, 2000.
- CANETTI, E. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CAÑIZAL, E. P. *Surrealismo*. São Paulo: Atual, 1987.
- CARONE, E. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1976.
- CASSIRER, E. *El problema del conocimiento: en la filosofía y en la ciencia modernas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- _____. *Filosofía de las formas simbólicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- CASTRO, Rui. *A estrela solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

- CESÁR, A. *Vargas: 40 anos depois*. Rio de Janeiro: Destaque, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CHAVES, G. *Feira de São Cristóvão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- COLETÂNEA FUTEBOL ESPETÁCULO DO SÉCULO. São Paulo: Musa/Puc-SP, 2000.
- COLETÂNEA PESQUISA HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: UGF, 2000.
- DAMATTA, Roberto. *Carnaval, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. *Torre de Babel: ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- _____. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAOLIO, J. *Cultura, educação física e futebol*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- DE MASI, D. *A emoção e a regra*. Brasília: UNB, 2000.
- _____. *O futuro do trabalho*. Brasília: UNB, 2000.
- _____. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextane, 2000.
- DELEUZE, G. *L'image-mouvement. Cinéma*. Paris: Minuit, 1985. V. 2.
- _____. *L'image-temps. Cinéma*. Paris: Minuit, 1983. V. 1.
- DIGGINS, J. P. *Max Weber: a política e o espírito da tragédia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- DUARTE, N. *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. São Paulo: Autores Associados, 1983.
- DUCASSE, C. J. *The philosophy of art*. N. York: Dover Publications, 1966.
- DUMÉZIL, G. *Do mito ao romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ECO, U. *A definição da arte*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- _____. *Em que crêem os que não crêem?* Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

- EINSENSTADT, S. N. *A dinâmica das civilizações: tradição e modernidade*. Lisboa: Cosmos, 1991.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELSTER, John. *El cambio tecnológico: investigaciones sobre la racionalidad y la transformación social*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1990.
- ENZENSBERGER, H. Magnus. *O curto verão da anarquia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil – ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- FERREIRA, M. M. *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FLAMENGO. *Bairros do Rio*. Rio de Janeiro: Fraiha, 2000.
- FREUD, S. *Psicologia das massas*. Texto xerox, s.d.
- FREUND, J. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Texto xerox, s.d.
- GALEANO, E. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. *O saber local*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- GERSON, B. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GOLDMAN, L. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- _____. *Pour une sociologie du roman* Paris: Gallimard, 1964.
- _____. *Sciences humaines et philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- GOMES, R.C. *João do Rio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- GOUSSINSKY, E. & ASSUMPCÃO, J.C. *Deuses da bola: histórias da Seleção Brasileira de Futebol*. São Paulo: DBA, 1998.
- GURYVITCH, G. *Las formas de la sociabilidad*. Buenos Aires: Lousada, 1941.
- GUTTMANN, A. *From ritual to record: the nature of modern sports*. Columbia University Press, 1978.

- HEGEL, G. W. F. *Curso de estética: o belo na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- HEINEMANN, K. *Sociología de las organizaciones voluntarias: el ejemplo del club deportivo*. Valencia: Tirand lo Blanch, 1999.
- HEIZER, T. *O jogo bruto das copas do mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- KANT, E. *Crítica da razão pura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1973.
- LAKATOS, E. M. *Sociologia geral*. São Paulo: Atlas, 1990.
- LANCELLOTTI, S. *Almanaque da Copa do Mundo*. São Paulo: L&PM, 1998.
- _____. *Olimpíadas 100 anos: história completa dos jogos*. São Paulo: Círculo do Livro/Nova Cultural, 1996.
- LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração*. A família: santuário ou instituição sitiada? São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- LASTÓRIA, L. A. C. N. *Ética, estética e cotidiano*. São Paulo: UNIMEP, 2000.
- LEITE LOPES, José S. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista da USP*, Dossiê Futebol, n. 22, p. 64-83, jun.-ago., 1994.
- LENK, H. Sobre la crítica al principio del rendimiento en el deporte. In: LÜSCHEN, G. & WEIS, K. *Sociología del deporte*. Miñón, 1979.
- MANDELL. R.D. *Historia cultural del deporte*. Barcelona: Bellaterra, 1986.
- MILAN, Betty. *Brasil, o país da bola*. São Paulo: Best Editora, 1989.
- MIRANDA, J. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- NOGUEIRA, A. et al. *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NORA, P. *Entre mémoire et histoire*. Paris: Gallimard, 1984.
- NOVAES, A. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NOVAES, C. E. *Mengo – uma odisséia no oriente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.
- OLIVEIRA VIANNA, J. F. *Instituições políticas brasileiras*. Rio de Janeiro: Record, 1974.
- OLSON, M. *A lógica da ação coletiva*. São Paulo: Edusp, 1999.
- PAES, A. J. *Um rubro-negro pelo mundo (crônicas)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.
- PARENTE, A. *Ensaíos sobre o cinema do simulacro*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1998.
- PARLEBAS, Pierre. *Perspectivas para una educacion física moderna*. Andalucía: Unisporte-Andalucía, 1987.

- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PELBART, P. P. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- POPPER, K. *A lógica da investigação científica*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine & VINCENT, Gérard (org.). *História da vida privada: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. V. 5.
- RAMOS, F. & MIRANDA, L. F. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Senac, 2000.
- RÉMOND, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- REY, A. *El fútbol argentino*. Buenos Aires: Nogal, 1947.
- RITO, L. *Zico*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- ROCHA, A. *A simbologia animal no esporte*. São Paulo: Scorteccei, 2000.
- ROCHA, E. *Cultura & imaginário: interpretações de filmes e pesquisa de idéias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SCHWARTZMAN, S. *Pensamento nacionalista e os Cadernos do Nosso Tempo*. Brasília: UNB, 1981. V. 6.
- SÉRGIO, R. *Maracanã, 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- TARDE, G. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- TITIEV, M. *Introdução à antropologia cultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.
- TOBIAS, J. A. *História das idéias no Brasil*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1987.
- TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/INL, 1978.
- VEBLEN, T. *Teoría de la clase ociosa*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- VIANNA, H. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: UFRJ/Jorge Zahar, 1995.
- ZICO. *Zico conta sua história*. Rio de Janeiro: FTD, 1996.

ANEXO

CONCLUSÃO PARTICULAR

CONCEPÇÃO SOBRE FUTEBOL

- 1) **FUTEBOL!** Não gosto de futebol. É uma afronta a uma análise científica.
- 2) **FLAMENGO:** um turbilhão de Maelström¹.
- 3) **UM MOMENTO DE FUTEBOL:** comédia, drama e teatro, quando vemos a Seleção do Brasil jogar. A torcida do Brasileiro é “amorosamente” contraditória: de acreditar desacreditando. Torcer se torcendo. Gritar emudecendo. Expor-se sem pudor. Com pudor despudoradamente. Abreviar expandindo-se. Sem razão racionalizando..... Teatralmente, rito, mito, romance, amor, ódio,.... simplesmente um momento de ser “all”: sentimental, emocional, nacional, flamengal.
- 4) **JOGADOR/TIME OU CLUBE:** não prefiro o jogador Amoroso (pelo amorosamente), sou mais um Taffarel, um Leão, um Dida; que posição indigna. Que situação fabulosa. Como jogador de campo, admiro o Rivaldo – ele é digno. Clube! Por enquanto nenhum.
- 5) **FUTEBOL BRASILEIRO:** prefiro responder com uma pergunta: se não existisse “o Futebol” para o brasileiro, que esporte o povo adotaria?
- 6) **SITUAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL:** “IPE”² – Instável – Promissor e Explorado. Depende das circunstâncias.
- 7) **SENTIMENTO EM RELAÇÃO AO FUTEBOL:** “IRA” – Identidade – Respeito – Adversidade.
- 8) **BEBIDA PREFERIDA DO JOGADOR DE FUTEBOL:** café no Brasil – a cor do povo – pé no chão – sagrado. No estrangeiro – Vinho – sonho/armadilha – profano.
- 9) **MOMENTO ATUAL DO FUTEBOL BRASILEIRO:** surrealista – como a música e a arte – jamais acreditar; INTERPRETAR.
- 10) **PREFERÊNCIA SEXUAL DO JOGADOR DE FUTEBOL:** Trissexual – primeiro sente a bola; depois o amante da bola – seu salário; por último, acaba transando com a esposa.

- 11) **REMÉDIO PARA O FUTEBOL TRAZER A TORCIDA DE VOLTA:** droga jamais. Voltar a ser o ópio do povo.
- 12) **É A CAMISA DA TORCIDA.**
- 13) **AZAR:** é o torcedor do Flamengo que mora em Niterói, esquecer o ingresso em casa; no dia da decisão; no portão do Maracanã.
- 14) **DIRIGENTE DO CLUBE BRASILEIRO:** transviado. Encurralado entre a sagrada torcida e os arranjos do comercialismo profissional do futebol.
- 15) **IMPRENSA:** mafiosa. Quem “tem que” vencer este jogo hoje? Qual é o público? Qual é a renda?
- 16) **TORCEDOR:** amanhã tem jogo do timão. “Amanhã será um lindo dia, a mais louca alegria que se possa imaginar. Amanhã redobrada força para cima que não cessa, (...)”³.
- 17) **FAMÍLIA DO TORCEDOR:** ai, meu Deus. Sinal da Cruz +. Amanhã tem jogo no Maracanã.....
- 18) **FAMÍLIA DE TORCEDORES:** amantes. Na minha ou na sua casa!!!!
- 19) **VITÓRIA DO TIMÃO:** prá sempre, sempre o Timão.
- 20) **DERROTA DO TIMÃO:** na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença, na vitória ou na derrota....
- 21) **EMPATE:** no próximo jogo; será na minha casa, dá mais sorte.
- 22) **COMPLETOU UMA SELEÇÃO – 22.** Mas tenho mais alguma coisa a falar.....

Agora gostaria de falar seriamente sobre a *construção da conjuntura metodológica-científica* para descobrir a popularidade do Flamengo. Se você não sabe do que está se falando, é a respeito de uma tese, ou já esqueceu. Bom então você perdeu um dos bons motivos para repetir a marchinha carnavalesca e dizer orgulhoso, que “*com o brasileiro não há quem possa*”.

Outros povos, outros cérebros, fundiram o átomo e explodiram a bomba atômica nas cabeças alheias. Outras línguas criaram infernos dantescos e geniais. De outras pranchetas voaram satélites. Nós inventamos o “drible da vaca”.⁴ Estufe o peito. Não é pouco.

É uma operação tão criativa quanto qualquer vacina Sabin, tão estupefaciente quanto um Mega Gates. O jogador, a bola, o adversário. Frente à frente. Jogue a bola por um lado, corra pelo outro, dando uma volta no

inimigo (ou na vaca). Alcance a bola novamente e invista contra o gol. Na Copa de 70, no México, Pelé deu um drible desses no goleiro Marzukevycz, do Uruguai. Ofereceu um *plus*: sequer tocou na bola, enganando o goleiro que foi no seu corpo, e esqueceu a redondinha, que fez tudo: o gol.

É uma cena do século; como a de Armstrong deixando as pegadas na Lua, o bafo do metrô descortinando as coxas de Marilyn, e neste momento deve estar passando em alguma TV a cabo do mundo. Arrepiante. Arte. Coisa de brasileiro. No bom sentido.

Ninguém sabe explicar onde os genes confluíram, em que momento as bolas trazidas por Charles Miller em 1894, começaram a ser tocadas de um jeito diferente daquele usual no resto do mundo. Todos reconhecem, no entanto, que a bicicleta do Leônidas, a folha seca do Didi, o drible elástico do Rivelino, as embaixadas do Paulo César Caju, o chute de três dedos do Gerson, o finge-que-vai-e-vai do Garrincha, o gol de calcanhar do Túlio, o drible da vaca do Pelé, todas essas maravilhas são suficientes para fazer um país.

Querem alguns que foi a confraternização racial ou o acesso dos pobres, já no começo do século, aos clubes elitistas que praticavam o esporte. Outros preferem falar dos campos esburacados de várzea, obrigando uma atenção maior nas jogadas ou a iniciação com incríveis pelotas de meias recheadas de papel. Não importa. Somos especiais no futebol, da mesma maneira que o João Gilberto é na música e Sônia Braga no jeito de descontrolar os quadris. Outros são bons em clonar ovelhas, mas grandes coisas; morrem de tédio por isso. Eles queriam mesmo é reproduzir o drible da vaca, e correr para um abraço romântico, forte, apaixonado, teatral, pertencente somente ao povo brasileiro, expresso de maneira cientificamente fidedigna, no método empírico e afetivamente confiável como o gol de Pelé.

Notas

¹ Ver ELIAS, N. *Envolvimento e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

² IPE – Instituto de Previdência do Estado do Paraná. Será que tem algo a ver?

³ Música de Ivan Lins, interpretada por Milton Nascimento.

⁴ Crônica de Joaquim Ferreira dos Santos. In: Futebol – Arte, op. cit., p. 102-109.



Rua Manoel Vitorino, 553 - Piedade
Rio de Janeiro, RJ - CEP 20740-280
Tel.: 2599 7187 - Fax: 2599 7242
editora@ugf.br